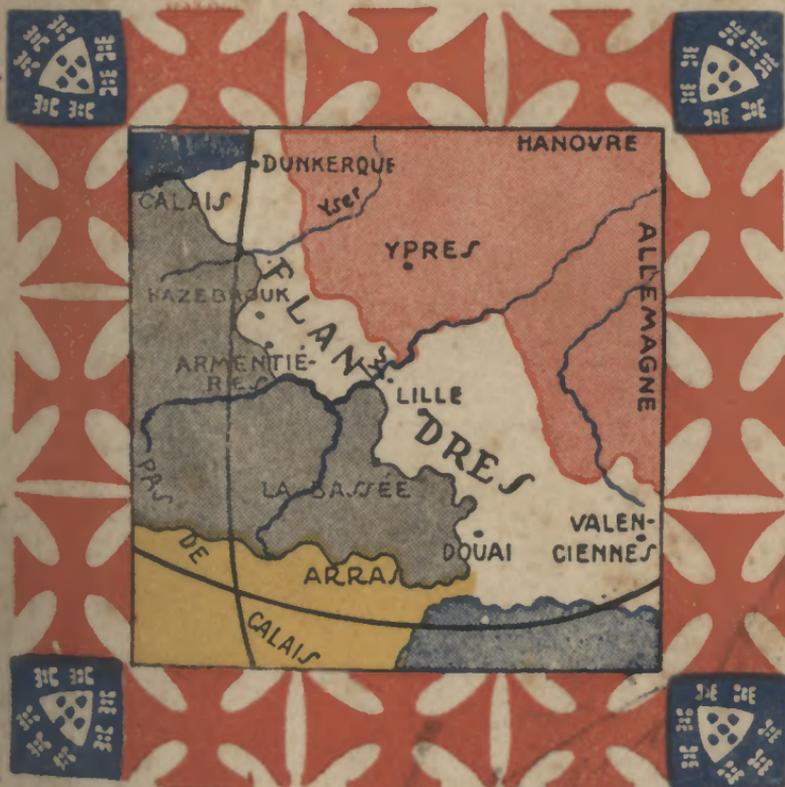


CORONEL ALEXANDRE MALHEIRO

# Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg

(NOTAS DUM PRISIONEIRO)



FERNANDES & C.ª L.ª — Editores  
33, Rua do Rato, 35  
LISBOA



Da Flandres

ORRAS DO AUTOR

Hanover e Mecklenburg

DA FLANDRES

Λ O

HANOVER E MECKLENBURG



L  
41941

## OBRAS DO AUTOR:

- Crônicas do Bihé*—1 volume ilustrado (esgotado).  
*A Fidalguinha da Levada*—Novela militar.  
*O Filho do Morgado*—Novela.  
*Longe da Vista*—Novela.  
*Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg*—2.<sup>a</sup> edição.  
*O Amor na Base do C. E. P.*—Comédia representada pelos oficiais portugueses prisioneiros de guerra na Alemanha.  
*Por Via da Guerra*—Contos.  
*Guia Tático*—3.<sup>a</sup> edição. (Obra premiada, na sua 1.<sup>a</sup> edição, pelo Ministério da Guerra.)  
*A Invisibilidade das Tropas na Guerra Moderna.*

CORONEL ALEXANDRE MALHEIRO

Da Flandres  
ao  
Hanover e Mecklenburg

(NOTAS DE UM PRISIONEIRO)

(2.<sup>a</sup> Edição)

*Saturação*

BIB. NAC.  
Livro N.º 271



FERNANDES & C.<sup>ª</sup>, L.<sup>da</sup> — Editores  
33, Rua do Rato, 35

LISBOA

CORONEL ALEXANDRE MALHEIRO

L  
41941

R. 161738

Da Flandres

Hanover e Mecklenburg



TIPOGRAFIA DA COMPANHIA  
PORTUGUESA EDITORA, Lda  
Rua da Boavista, 307 - PORTO

AOS OFICIAIS DA 6.<sup>a</sup> BRIGADA DE  
INFANTARIA DO CORPO EXPEDICIONÁRIO  
PORTUGUÊS, COM A LEMBRANÇA DA SUA  
: : : CAMARADAGEM AMIGA, : : :

*dedica,*

O AUTOR.





Officers prisniers de guerre des régiments de  
Belgique, Allemagne  
19-9-1918



**General Alexandre José Malheiro**

Na sua casa da avenida Antonio Augusto de Aguiar, 78, 2.º, faleceu ontem o sr. general Alexandre José Malheiro figura muito conhecida no nosso meio

literário, porque jornalista e escritor também foi.



Nasceu em Martim, concelho de Murça, em 23 de Outubro de 1870, e fez o curso de infantaria na antiga Escola do Exército, possuindo uma brilhante folha de serviços, com justificados louvores. Foi comandante geral da Guarda Fiscal e da Escola Central de Officiais e comandante da 6.ª brigada de infantaria em França, durante a Grande Guerra, tendo sido feito prisioneiro pelos alemães e libertado após o armistício. Foi também

General Alexandre José Malheiro

inspector de infantaria da 1.ª e 2.ª Regiões Militares. Possuía, entre outras condecorações, a medalha da Vitória, a comenda de S. Tiago e a Grã-Cruz de Avis.

Como jornalista colaborou em assuntos militares no «Seculo» e «Diário de Noticias» e deixou uma obra literária avultada e valiosa, dentre a qual citaremos os seguintes trabalhos: «Cronicas do Bié»; «De Flandres ao Hanover» e «Meklemburg», que é um livro das suas memórias como prisioneiro de guerra; «O amor na Base do C. E. P.», comédia representada por officiaes portugueses prisioneiros; os romances «A Fidalguinha da Levada», «O filho do Morgado», «O primo Mário», «Um homem de 50 anos», «Aquele segredo», «Amaram-se na selva»; «O morgado dos vales»; os volumes de contos «Por via da guerra» e «Honens de idade», este ultimo publicado no corrente ano; e sobre assuntos militares, «A invisibilidade das tropas na guerra moderna» e «Guia tactico», premiado pelo Ministério da Guerra.

(D. Natteis 9/II/1948)

## PREFACIO À 2.<sup>A</sup> EDIÇÃO

Esgotados, há seis longos anos, os 2.000 exemplares da 1.<sup>a</sup> edição desta obra, estava eu bem longe de supor que alguém quisesse abalançar-se a fazer, tão tardiamente, uma nova edição de um livro, que, como todas as publicações alusivas à Grande Guerra, perdeu um pouco a sua oportunidade..

Eu próprio quasi o havia já esquecido.

E' bem certo que, ainda hoje, é este livro procurado nas livrarias e, não raro, eu mesmo, recebo correspondência, em que êle me é pedido.

Foi, talvez porisso, que os Snrs. Fernandes & Comp.<sup>ª</sup>, meus gentis editores noutras obras de mais actualidade, não hesitaram sequer na reedição do meu livro da Flandres.

Bem hajam, pois, apenas pela gentileza deferida, que não pelos proventos a auferir, ou mesmo pelo prazer de uma maior divulgação das minhas notas de combatente da Grande Guerra, que nada interessam.

Só bem, digo neste livro, de tudo e todos, o que tanto me basta para, mais uma vez, o deixar livremente circular, certo de que, alheio por completo ao escândalo, ou pedantismos ridiculos, difficilmente êle perturbará a tranquillidade de quem quer que seja, desgostando uns, e irritando outros.

ALEXANDRE MALHEIRO.

## PREFACIO À 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

ÊSTE livro tem apenas o merecimento de haver sido escrito desapaixonadamente. Apesar do feliz êxito obtido pelos aliados no grande conflito europeu, não poderia eu ter a pretensão de me arrogar hoje os foros de propagandista em favor da participação de Portugal na Guerra.

Ninguém também poderá, com verdade, acusar-me de haver dado o menor passo no sentido de me eximir ao cumprimento do meu dever de soldado, embora com o meu silêncio, eu pudesse talvez ter evitado a minha ida para França e, conseqüentemente, todos os trabalhos e sofrimentos, que em terras estranhas, acabo de experimentar... (1)

Só inconscientemente, pois, estas minhas notas, daquém e dalém *front*, poderão revelar qualquer parcialidade, ou conter a menor

---

(1) Ver nota a pág. 14 e seg.

inexactidão, que dúvida alguma terei em rectificar, desde que lealmente elas me sejam apontadas. De resto, facilmente compreenderá todo aquele que se dê ao incómodo de folhear o meu livro que eu me abstive cuidadosamente de nele abordar, não só as considerações de política internacional, que a falta de competência me não permitiria tratar, como os assuntos relativos às operações militares que tão proficientemente virão a ser versados pelos mestres, e especialmente por aqueles a quem circunstâncias especiais de comando proporcionaram larga cópia de elementos, de que eu, cooperando obscuramente numa parte tão restrita da frente ocidental, nunca poderia dispor.

\*

\*

\*

Um curioso livro publicado por um antigo prisioneiro francês, aconselha aos seus companheiros uma qualquer ocupação para lhes suavizar as horas amargas do cativo, poupando-os assim a dolorosas meditações que não servem senão para agravar o seu sofrimento.

Não tinha eu empenho de maior em

aprender o alemão que muitos dos meus camaradas começaram estudando com um passageiro entusiasmo, de que apenas resultou, para a sua grande maioria, o ficar na posse de uma esplêndida gramática; não me sentia também com aptidões para empreender qualquer trabalho manual, a que alguns se dedicaram com notável proveito; e como possuía já, do antecedente, certas manhas de escrevinhador, não hesitei um momento, quanto ao objecto da minha ocupação, iniciando, em Rastatt, êste meu trabalho desprezioso e simples, em que, sôb uma forma um tanto romântica, eu me ocupo sómente dos factos que na França e Alemanha feriram mais ou menos a minha sensibilidade e atraíram a minha observação.

Que o meu trabalho consiga, pois, interessar um pouco todos aqueles que queiram ter a paciência de o ler, e, juntamente com a gratíssima distracção que êle me proporcionou, considerar-me-hei sobejamente recompensado das longas horas que, durante oito meses, dia a dia, eu lhe venho dedicando.

Breesen, 23-XI-918.

ALEXANDRE MALHEIRO.

## NOTA

Por alturas do primeiro semestre de 1917 os três batalhões do regimento de infantaria n.º 18 eram respectivamente comandados: o 1.º pelo major Celestino Marques do Couto, o 2.º por mim e o 3.º pelo major Alberto Salgado. Tendo o 1.º batalhão recebido ordem de mobilização para marchar para a França, com destino ao 3.º Depósito de Infantaria do Corpo Expedicionário Português, não tinha eu probabilidades de maior de ser mobilizado, não só com aquela unidade do meu regimento, mas ainda, e muito menos, com a de qualquer outro, visto encontrar-me, por essa altura, bastante vizinho da minha promoção a tenente coronel.

Dizia-se, porém, que o major Couto, por absoluta falta de saúde, não possuía, intelizmente para êle, a aptidão física precisa para acompanhar o batalhão do seu comando, o que, a confirmar-se, determinaria, em face da lei, a minha nomeação para aquele cargo, por ser eu o mais moderno dos três majores do regimento.

O major Couto que, na escala de acesso, estava número 2 para a promoção, apenas aguardava um tal acesso que o dispensaria de seguir viagem, e me aliviava a mim do espinhoso encargo de o substituir.

Entretanto ia o tempo decorrendo vertiginosamente, sem que na classe dos tenentes coroneis se deparasse qualquer vaga, aumentando assim paralelamente para mim as probabilidades de mobilização, na hipótese quasi segura de aquele meu camarada vir a ser julgado incapaz do serviço, no momento de ser presente a uma junta militar de saúde.

Nestas condições, tôra-me eu acostumando à ideia de tornar-me, muito naturalmente, o comandante do 1.º batalhão de infantaria 18 que, segundo era já voz corrente, em breve teria que marchar ao seu destino.

A transferência do major Alberto Salgado para o batalhão de infantaria 29, expedicionário a Moçambique, veio, porém, modificar completamente a situação, por ser a vaga deixada por este oficial imediatamente preenchida pelo major Correia Soares, que, naquela altura precisa, fôra promovido a este posto. De facto, a colocação do major Soares no meu regimento trouxera-me a

garantia de um fiador idónio, para o caso provável da futura incapacidade do major Couto.

Dias apenas se mantêve esta situação de comandos, visto ser, a breve trecho, o major Soares mobilizado para o C. E. P., por lhe pertencer marchar para ali, incluindo nos 15 % dos officiaes da sua classe destinados ao preenchimento de vagas. Enquanto, pois, outro major não fôsse colocado em infantaria 18, manter-se-ia a minha condição de mais moderno major do meu regimento, e, portanto, primeira e natural reserva do comandante do batalhão expedicionário.

A pronta convocação desta unidade não dera, porém, tempo a que uma próxima ordem do exército preenchesse a vaga deixada pela saída do major Soares.

E, assim, baixando o Couto ao hospital, no próprio dia da convocação do batalhão, fui eu imediatamente nomeado para o seu lugar.

O batalhão deveria embarcar dentro de oito dias, para seguir ao seu destino; e eu não poderia aguardar a última hora, para me prevenir com o uniforme de campanha e outros artigos que, só por motivo de um tal serviço, precisaria adquirir.

Com oito dias, pois, na minha frente, era mister o aproveitar, quanto possível, o tempo, para o que forçoso me era tomar uma definitiva resolução.

A passagem do Joaquim, mestre do casão de alfaiates no corredor adjunto à secretaria do quartel, sugeriu-me logo a ideia de ir tratar dos meus uniformes, passando depois a receber no conselho administrativo do regimento as competentes ajudas de custo.

Aproveitei ainda a ocasião de me encontrar naquela secretaria, para fazer as declarações competentes, quanto à pessoa que flearia encarregada de receber em Portugal os meus vencimentos normais; e, depois de lido na ordem regimental o artigo referente à minha transferência para o batalhão expedicionário, fui adquirir umas belas polainas e outros objectos, dirigindo-me emfim para casa, onde teria de comunicar aos meus a sensacional noticia da minha nomeação.

Dispensem-me os leitores de lhes referir aqui a scena de lágrimas que essa comunicação produziu nas minhas queridas filhas, a quem tranquilizou um pouco a serenidade do meu espirito, a promessa de um próximo regresso e a esperança que lhes deixei vêr de poder ficar ainda sem efeito a minha nomeação.

No entanto, que elas me perdoem uma carta que, nesse mesmo dia, escrevi para Lisboa e eu próprio fui lançar á estação de S. Bento, em que, a um cotado amigo eu pedia para evitar que, uma vez feita como o estava a minha nomeação para comandante de infantaria 18, outro official viesse, sob que pretexto fôsse, desloear-me daquele comando.

Ignoro a influência que esta carta poderia ter tido no ministério da guerra, onde decerto foi presente; o que sei é que, apesar de adiada a partida do batalhão, por mais de um mês, e tendo immediatamente sido reformado o major Couto, dando assim origem a uma vaga em infantaria 18, não foi essa vaga preenchida, não obstante existirem capitães com todas as condições de promoção, que por lei, ao tempo vigente, eram para êsse efeito exigidas.

Êste facto, que só hoje revelo, deu, na occasião, origem ao boato de um possível favoritismo para o capitão a quem, naquele momento, pertencia a promoção a major, quando, em tal caso, elle não teve, segundo supponho, a mais leve interferência.

Para evitar a suposição que quaisquer pretensões de heroicidade me determinaram a escrever a aludida carta, cumpre-me declarar o ter-me apenas movido o desejo de evitar que a suspeição de uma vergonhosa eximicção ao serviço de campanha me pudesse, de certo modo, attingir, o que para mim seria muito mais desagradável do que todos os perigos e sofrimentos que me pudessem estar reservados.

\*  
\*   \*  
\*

A 10 de julho embarcava emfim para França o batalhão do meu comando no transporte *Pedro Nunes*, chegando quatro dias depois a Brest, e, em 17 de madrugada, ao acampamento inglês de Ltaples.

Em 15 de agosto achava-se todo o meu batalhão distribuído pelas unidades da frente, sendo eu, três dias depois, promovido a tenente coronel.

Quanto a mim, continuei permanecendo em depósito, aguardando colocação em qualquer brigada, como era próprio da minha graduação, tanto mais que dois maiores exerciam interinamente esses comandos, junto das 1.ª e 2.ª brigadas.

Os meses sucediam-se, porém, sem que no C. E. P. me tivessem sido confiados outros serviços que não fôsem os de justiça, em sindicâncias várias que me proporcionaram diversas excursões por toda a região do Pas de Calais.

O quartel general da *Base* de Operações do C. E. P. sofrera um dia a sua deslocação de Paris Plage para Ambleteuse, onde eu continuei, até ao final de outubro, a vida inactiva dos anteriores meses, não tardando que completasse os 150 dias precisos para entrar no góso da minha primeira licença de campanha.

Mas podia lá ser! Com que cara iria eu requerer essa licença, sem haver quasi prestado o menor serviço no Corpo Expedicionário, embora disso eu não tivesse a menor culpa?

Era, pois, necessário colocar-me em condições que me dessem o direito moral de pedir aquela licença, decidindo eu então escrever ao sr. General Simas Machado, capitães Machado Continho e Pires Monteiro, do Estado Maior, aos quais pedi para promoverem a minha ida, em tirocinio, para as brigadas em 1.ª linha.

Este meu pedido abrangia a dúpla intenção, deo lealmente confessá-lo, de me habilitar não só a uma futura licença de campanha, como ao 2.º comando de uma brigada. Além disso, impedia-me ainda de ser nomeado simples comandante de batalhão, segundo uma recente disposição do C. E. P. E' que, á semelhança do praticado no exército inglês, estava o comando dos batalhões sendo confiado aos tenentes coroneis, o que para mim representaria, permita-se-me a expressão, o passar um pouco de *cavalo a burro*.

Chamado efectivamente para o aludido tirocinio, permaneci, assim, 15 dias no sector de *Neuve Chapelle*, 15 no de *Fauquissart*, em frente de *Lavantie* e outro tanto tempo no sector de *Ferme du Bois*, próximo de Le Turet, donde regressei a Ambleteuse, por ordem do comando da 1.ª

divisão, visto haver concluído o meu tirocinio em toda a frente portuguesa.

Aqueles 45 dias da frente, a meu espontâneo pedido, feitos, davam-me já o direito a solicitar uma licença de campanha que logo me foi concedida, seguindo para Portugal no dia 11 de janeiro, após um total de 180 dias de permanência no C. E. P..

Nunca, oficialmente, me foi dita uma palavra sequer, sobre aquele meu estágio no *front*, o que nada me surpreende, dada a minha insuficiência, que, como posso e sei, procuro suprir, com alguma boa vontade.

Acabo, porém, de ler as lisongeiras palavras que me são dirigidas, num artigo bibliográfico da «Revista Militar», de 1 de fevereiro do corrente ano, pelo ilustre Tenente Coronel do Estado Maior, Sr. Henrique Pires-Monteiro.

Este official, que em França exerceu as funções de chefe da repartição de Instrução do C. E. P., diz o seguinte:

.....  
 «O autor, que teve um comando superior nas nossas trincheiras do sector português na Flandres, observou e, mais tarde, estudando as impressões de outros combatentes, bem as compreendeu pela sua cultura profissional e pelo seu espírito de soldado, podendo dar-nos uma lição tão útil, e indispensável para os estudiosos, ainda sem os regulamentos tácticos, que nos transmitam a doutrina official. Quem escreve estas linhas pode testemunhar um facto, que, talvez, não esteja oficialmente registado, mas que muito honra o distinto e infatigável trabalhador, que é o Sr. Coronel Alexandre Malheiro.

Esse facto salienta o sentimento patriótico, o zelo profissional e a conscienciosa observação do autor esclarecido do *Guia Táctico*. O Sr. Coronel Alexandre Malheiro tendo realizado um estágio nas brigadas de infantaria em 1.<sup>a</sup> linha nos sectores de *Ferme du Bois*, *Neuve Chapelle* e *Fauquissart*, elaborando o melhor relatório, que no Q. G. C. foi entregue, quis depois assumir as pesadas responsabilidades do comando, que exerceu até que, na *Batalha do Lys*, foi feito prisioneiro, em 9 de Abril de 1918.»

.....

Confesso que me consolaram deveras estas palavras daquele meu ilustre camarada, especialmente na parte em que êle classifica de consciente o meu trabalho.

E' que o boi também trabalha, e trabalha honestamente...

E, quanto à minha ida voluntária para o *front*, apenas direi que ela contrastou com a atitude de alguns que imploravam para de lá sair, ou dali eram recambiados, por *excesso de competência*...

\*  
\*   \*  
\*

Uma vez em Portugal, não se me daria nada já de por lá fiar, tanto mais que, ao tempo, eu não possuía ainda qualquer colocação em França.

Alguns amigos pretenderam mesmo que eu ficasse no Pôrto, ehegando a falar-me no desempenho de certos cargos, que de certo modo, me desagradavam por terem uma côr acentualmente política, da qual eu pretendi conservar-me sempre afastado.

Se me houvessem nomeado para qualquer lugar exclusivamente militar, embora eu o não houvesse pedido, tê-lo-ia, sem a menor hesitação, aceitado, por se não poder dizer já que eu me havia esquivado ao serviço de campanha.

Os dias de licença decorreram, porém, velozes, ehegando enfim o momento da minha nova partida para França, com escala por Paris, onde permaneci 13 deliciosos dias à espera das minhas malas que se me haviam desencaminhado em Hendaia. Em fins de fevereiro chego a Ambleteuse, onde, no comando da Base, eonstava já a minha nomeação para a 6.ª Brigada, cujo 2.º comando assumi no dia 2 de março, em La-Gorgue, proximo de cuja povoação aquela estacionava então.

Em 7, foi esta minha brigada, assim lhe poderia chamar já, render a 5.ª no sector de *Chapigny*, onde começam as notas que constituem o presente volume.

A M.



## I PARTE

### I

A GRANDE ofensiva alemã que, durante o inverno de 1917, vinha sendo largamente anunciada por toda a parte, como conseqüência dos extraordinários acontecimentos da Rússia, constituia já *o mot d'ordre* em todo Paris, quando, em meados de Fevereiro, eu passei por esta cidade, no meu regresso de Portugal, onde fôra gosar trinta deliciosos dias da minha licença de campanha.

Os jornais da grande capital quasi se não ocupavam já doutro assunto, ou seja em extensos comunicados, ou em artigos interessantes, firmados por alguns oficiais de reconhecida autoridade profissional, em que as probabilidades de incidência da ofensiva inimiga sôbre determinados pontos da frente ocidental eram largamente discutidas e justificadas, sendo assim indicados, de uma maneira geral, alguns presumíveis pontos de atâque.

A frente ao norte de La-Bassée, até Armen-tières, deveria certamente atrair um pouco as atenções do inimigo, dizia-se, por ser, além de

outras razões, ocupada em parte, pelas tropas portuguesas, cuja falta de treno, relativamente às suas aliadas, poderia conduzir, por ventura, o nosso adversário a considerar o sector por elas ocupado, como um ponto fraco que, nestas condições, lhe valesse a pena atacar, quando mesmo outras considerações de ordem táctica ou estratégica pudessem levar o alto comando alemão a conduzir a sua principal acção segundo outro ponto mais conducente a alcançar o seu principal objectivo. Os jornais registavam a concentração de numerosas forças em presença do nosso sector, alguns oficiais portugueses, com os quais me encontrei em Paris, por seguirem de licença para Portugal, davam a nossa frente como bastante movimentada; e, quando, em princípios de Março, a minha brigada foi ocupar as linhas, em Chapigny, as notícias duma próxima ofensiva contra o sector português constavam, não só das informações oficiais, como eram do domínio da escassa população civil que ainda teimava em habitar as arruinadas cidades vizinhas do nosso *front*, e até dos próprios soldados, onde o dia da grande *traulitada*, como eles pitorescamente denominavam as diversas ofensivas alemães, era por todos bem conhecido.

Ao impetuoso *raid* de 2 de Março, a que a nossa 1.<sup>a</sup> brigada respondeu serenamente com o seu audacioso e feliz *raid* de 12 do mesmo mês, seguiram-se outros por parte do inimigo, todos eles sem resultado apreciável e aos quais as nossas 3.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> brigadas foram sucessivamente respondendo também com outros *raids* mais ou menos felizes, nos quais os nossos

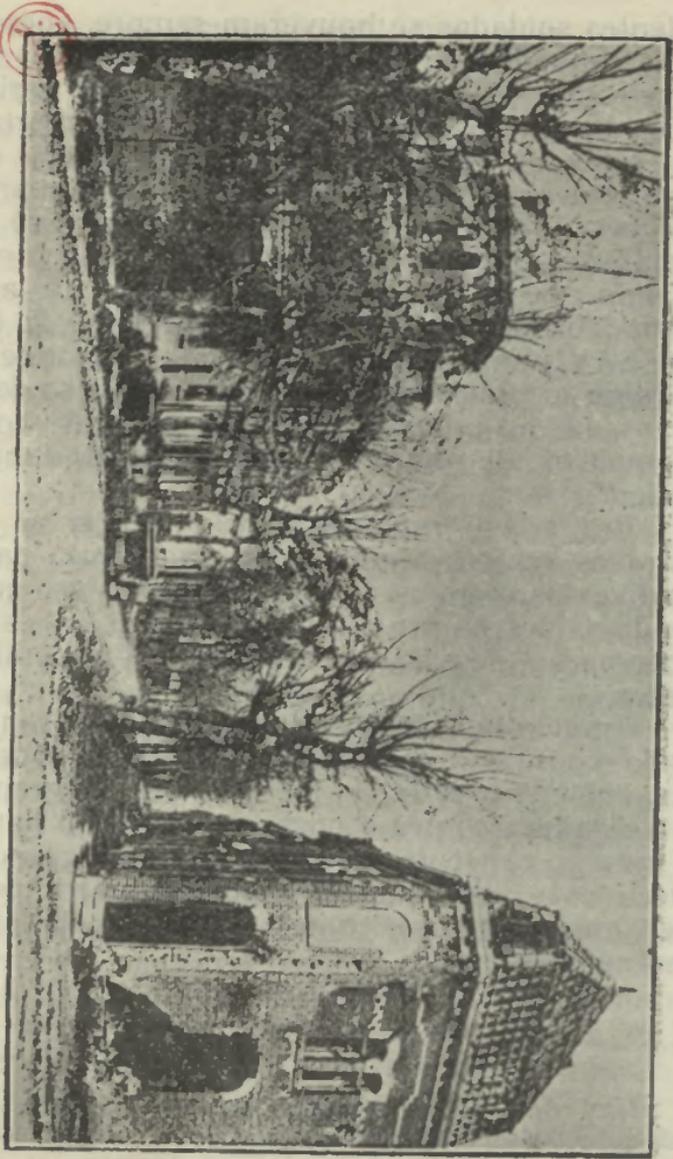
valentes soldados se houveram sempre, apesar de extenuados de fadiga, por uma forma verdadeiramente honrosa e digna. A horas variáveis, durante o dia, e, não raro, a horas mortas da noite, especialmente de madrugada, os bombardeamentos pela artilharia atingiam proporções fenomenais, alcançando não só a zona das nossas baterias, mas ainda uma grande parte das da rectaguarda, até aos comandos das divisões e do próprio C. E. P., em S. Venant, a 30 quilómetros, para onde o inimigo arremessava projecteis de grosso calibre que no solo produziam crateras com 15 metros de diâmetro, por 6 de profundidade (1).

Era quasi impossível de percorrer-se as estradas ou os caminhos de emergência para os diversos sectores das brigadas, por isso que, tendo-os descoberto o inimigo, por meio da sua observação aérea, os bombardeava repetidas vezes.

Toda esta actividade do adversário, conjugada com as informações de toda a ordem, davam, como certa, uma ofensiva de grande envergadura contra o nosso sector, visto haver o inimigo concentrado na nossa frente grandes efectivos e sobretudo uma poderosa artilharia, de que numerosas baterias haviam já sido assinaladas.

---

(1) Ouvi dizer a alguns camaradas artilheiros que tais projecteis partiam de canhões de 24, modelo usado na marinha de guerra.



Uma rua de Lavanlie

A manifesta preparação, que o inimigo estava fazendo, respondiamos nós com os temerários *raids* a que já fiz referência, e ainda com freqüentes bombardeamentos, em que toda a artilharia do C. E. P., juntamente com as baterias pesadas inglesas que lhe estavam adstrietas, despejavam, noites inteiras, uma verdadeira torrente de metralha, quasi continua, sôbre os principais nós de comunicação do campo inimigo e zonas da sua rectaguarda, onde presumivelmente, êle conservasse escalonadas as suas reservas e as pretendesse fazer manobrar.

Estes bombardamentos efectuavam-se geralmente nos dias que as informações assinalavam como sendo destinados pelo inimigo para levar a efeito a sua tão anunciada ofensiva, assumindo então proporções verdadeiramente notáveis.

Assim aconteceu nos dias 8 e 9 de Março, em que a totalidade da nossa artilharia esteve em permanente actividade, desde a 1 até às 6 horas da manhã.

A ordem para o primeiro dêstes bombardeamento chegára ao quartel general da 6.<sup>a</sup> brigada em 8, de tarde, com todas as reservas de uma ordem secreta, o que não impediu que, muito antes da sua execução, dela houvessem tomado conhecimento até os próprios soldados.

Durante a tarde e nas primeiras horas da noite, procedera-se ao indispensável sincronismo das relógios do quartel general da divisão, com os das unidades suas subordinadas, especialmente com os da artilharia; todos os comandos foram previdentemente deslocados

para locais de alternativa, préviamente fixados pela divisão; foram asseguradas as ligações e tudo enfim se achava a postos para receber a grande ofensiva, opondo-lhe a acção que superiormente fôra determinada.

O quartel general da 6.<sup>a</sup> brigada achava-se normalmente instalado num magnífico *chateau* dos arredores de Laventie, propriedade de um rico negociante de Lille que ali vinha anualmente passar alguns meses da estação calmosa. Posto que não possuísse talvez um único vidro das janelas intacto, por efeito dos numerosos cacos das granadas que em seu tórno explodiam com frequência, e o tecto dos aposentos do seu andar superior se apresentasse perfurado por algumas balas de um *schrapnell* que certo dia lhe explodira sôbre o telhado, fizera-se correr a versão, em que muita gente cria, de que semelhante propriedade jámais seria alvejada pelos alemães, em virtude de afinidades especiais que se dizia existirem entre o aludido negociante e o governo alemão que aquele representava na cidade de Lille, como seu consul.

Nunca demos crédito a semelhante lenda que, de resto, os naturais criavam facilmente, a propósito de todos os proprietários cujos prédios as granadas inimigas se abstinham, por muito tempo, de arrasar.

O meu quarto possuia uma ampla janela que se abria em frente do campo inimigo, o que muito menos o recomendava do que o seu elegante leito de magníficos colchões de molas e restante mobiliário que teriam feito as minhas delicias, durante o mês de Março que ali passei,

se, nalgumas escassas noites em que dele me aproveitei, me não visse na necessidade de dormir vestido e calçado, e com o aparelho anti-gás bem ao alcance da mão.

Antes, pois, de deixar o meu quarto, pelas 22 horas, lancei um golpe de vista para o campo inimigo, que, numa extensão de muitos quilómetros, se oferecia à minha observação. Era naquela noite fria e escura, absoluta a calma em todo o sector português, cuja frente sinuosa se definia, como sempre, pelo brilho resplandecente de numerosos *very-lights*, cujas claridades fugidias de romaria sinistra, iluminavam, a espaços, o nivelado horizonte, onde se recortavam desoladoramente, as ruínas esburacadas de antigas *fermes* e as árvores esgalhadas dos fertilísimos campos, que uma chuva de ferro devastara.

Quatro mantas levára o meu impedido para o abrigo, onde, a meio de um campo iríamos passar aquela noite, igual prevenção fôra tomada pelo comandante, ajudante e outros oficiais da brigada.

Eram 23 horas quando o comando se instalou no seu novo quartel general, e meia noite precisa, quando um sumário chá nos era servido sôbre um apropriado caixote de madeira. Aos 45 minutos para a 1 hora, saí curiosamente do abrigo com outros oficiais, para observarmos o campo inimigo, onde reinava o anterior silêncio, interrompido apenas, a largos espaços, pela explosão longínqua de alguns morteiros, ou pelo intermitente crepitar das metralhadoras.

Os relógios eram consultados com desu-

sada impaciência, ansiando todos nós pelo disparo do primeiro canhão, ao qual sucederia o formidável bombardeamento que se prolongaria, até de madrugada, contrariando assim, a acção do inimigo, cujas forças escalonadas em grande profundidade, à rectaguarda das linhas mais avançadas, seriam destarte, imobilizadas, e impedidas de levar a efeito a sua projectada ofensiva.

*58 minutos!* Em volta do nosso abrigo haviam-se constituído naturalmente alguns grupos de oficiais e praças de sinaleiros, saídos também, como nós, para fora do seu abrigo, onde havia sido feita a reunião das ligações da brigada com os seus batalhões, artilharia divisão e brigadas contíguas.

Instintivamente, aproximámo-nos mais, dentro de cada grupo, onde era absoluto o silêncio, determinado pela ansiedade daquele momento. Quási se não respirava, quando eu senti que um braço enfiava confiadamente no meu; vi que era do capitão ajudante; de dentro do abrigo ouviu-se então uma voz que supponho ter sido de um amanuense do comando:

— *É uma hora!* — informou êle.

Quási ao mesmo tempo o terreno estremeceu violentamente, produzindo-se, a uns 800 metros à nossa rectaguarda, um grande clarão. A êste, succedeu-se um formidável estampido, seguido logo de um silvo agudo, como o de uma poderosa sirene de automóvel que, através do espaço, deslissasse em vertiginosa carreira a caminho de Aubers, no campo inimigo.

Tinha sido o *urso*, como nós lhe chamávamos, que, havia dado o seu primeiro ronco.

Era êste um poderoso canhão inglês de uma bateria pesada que se achava adstricta ao nosso sector, e cujos tiros abalavam, pelos alicerces o nosso elevado *chateau*, acordando implacáveis quem quer que ali se achasse dormindo. Dir-se-ia que os descomunais projecteis arremessados por êstes canhões, se arrancavam das profundezas do solo para empreenderem a sua longa viagem.

A êste primeiro tiro sucederam-se, como se uma corrente eléctrica os houvesse produzido, numerosos outros tiros de todas as nossas baterias, numa velocidade de quatro disparos por minuto, para cada peça.

O espectáculo tornara-se então verdadeiramente magestoso! O perfeito *belo horrivel*, para nos servimos dessa frase corriqueira, que tão exacta aplicação encontrava, todavia, naquele momento!

No carvoamento trágico daquela noite, a frente inimiga era, desde então, assinalada, não sómente já pelo lançamento dos *very-lights*, mas especialmente pelas contínuas explosões de uma chuva incessante de granadas que, em frente das nossas linhas, mantinha uma extensa barragem de fogo!

De mistura com toda esta horrivel sinfonia da destruição e da morte, ouvia-se ainda o sinistro casquinar de numerosas metralhadoras e os rebentamentos cavos de algumas granadas com que o adversário ia fortemente ripostando às nossas baterias. E, assim, durante uma longa noite, com passageiras atenuações na primitiva velocidade do tiro, para depois recomeçarem talvez com maior furor, roncaram sempre os

ursos e latiu incansável a numerosa alcateia dos 75... (1).

Pelas 8 horas regressava o quartel general da brigada à sua anterior séde de comando, onde acabavam de ser conduzidos dois soldados alemães que, para se furtarem aos efeitos do terrível bombardeamento, se haviam aproximado da nossa primeira linha, onde foram feitos prisioneiros. Interrogados por um official português intérprete da divisão declaram-se maravilhados com o fogo da nossa artilharia que, em seu dizer, consideravam poderosissimo, informando nada lhes constar relativamente a uma offensiva de grande envergadura contra a nossa frente.

Podemos, depois destas informações, e sôb a fortíssima impressão que nos deixára a acção da nossa artilharia naquela noite, (a qual fizera o assombro da própria população civil, que se não cansava de exaltar o valor das tropas portuguezas) considerar-nos absolutamente tranqüilos, quanto à possibilidade da tão annunciada offensiva alemã contra a nossa frente?

Vai-no-lo dizer o snr. Manuel de Lemos, soldado meu impedido, ali dos lados de Amaranthe, cujas razões, por vezes, e cansado já de

---

(1) Durante um intenso bombardeamento as nossas peças dão a distância a illusão de um forte latido de cães de gado de grandes proporções. Algumas vezes ouvimos chamar-lhes *lobos*, semelhantemente à denominação de *ursos* dada aos canhões dos diversos grossos calibres, que apoiavam o nosso sector. Igualmente as metralhadoras são, desde a guerra Russo-Japonesa, chamadas *huenas* ou mangueiras do diabo.

tantas outras ouvir, se me não dava nada de atender.

Eis que êle chega do abrigo de alternativa da brigada, com as quatro pesadas mantas que, durante a noite ali passada, me haviam servido de cama, e dá entrada no *chateau*, onde eu estava já procedendo a uma ligeira ablução, para seguidamente ir tomar a minha chavena de café. No semblante do pobre rapaz, habitualmente sombrio, por efeito duma nostalgia que, desde Brest, eu lhe vinha notando, havia naquela manhã, uma ponta de indignação, denunciada pelo brilho especial do seu olhar, pelo singular franzido das suas sobrancelhas e pela dilatação nervosa das suas narinas, já muito minha conhecida. O Manuel exagerava, porém, essa indignação talvez para justificar tudo quanto de grave tivesse para dizer-me, tanto mais que, só muito raras vezes, lhe acontecia que eu pudesse concordar com os seus originaes arazoados, sôbre os mais variados assuntos, em que, não raro, entrava até pelos domínios da Metafísica.

—Vocelência muito bons dias—saüdou êle.

—Ora bons dias—respondi.—E então que tal a noitada?—inquiri.

Não respondeu logo. Acabou de estender e ageitar uma das mantas que acabâra de lançar sôbre a cama, como se, com esta demora, pretendesse dar mais gravidade às palavras com que iria responder-me, e, segurando depois eloqüentemente o queixo com a mão direita, começou assim:

—Olhe, meu tenente-coronel, aquilo a falar os pontos da verdade, parecia mesmo o fim

do mundo! Sim, eu ao menos, cá por mim, nunca vi cousa que se lhe pudesse comparar... Mas Vocelência dá-me licença que eu lhe diga, com franqueza, o que me parece de tudo isto?

— Pois que dúvida? — respondi — Dize lá a tua opinião.

— Sim, meu tenente-coronel, é mesmo o que eu tenho cá de opinião que lhe vou dizer, logo que Vocelência me quere ouvir: Olhe, meu tenente-coronel, eu conheço muito bem que sou um homem rústico, e que não digo senão brutidades; não há dúvida alguma de que a zaragata desta noite foi uma cousa muito têsá, lá isso não quero teimas, e devia de até chegar bem para afligir quem estivesse do lado de lá; mas ainda assim, custa-me cá a entrar no caco que, sendo os alemães uns homens como Vocelência muito bem sabe, que teem dado a *água pela barba* a franceses e ingleses, se deixem meter num chinelo pelos portugueses e se fiquem caladinhos como ratos com a porrada desta noite...

— Sim; é possível que façam a sua represália; mas êste bombardeamento teve por fim impedir que o inimigo efectuasse pelo menos esta noite, a ofensiva que se dizia tinha, de há muito projectada.

— Eu também tinha ouvido rosnar qualquer uma coisa a tal fim; mas cá no meu fraco entender, se por acaso os homens intentaram dar aqui a sua marrada, não será, a bem dizer, o bombardeamento desta noite que os vai fazer mudar de idea. Pois Vocelência não lhe parece?...

— Homem, quem sabe lá!... Póde muito

bem ser que, depois de terem apalpado, e achado talvez um pouco duro, vão tentar outro sítio que lhes ofereça menor resistência.

—Ora, ora, meu tenente coronel! Ele, para aí, chamam-nos na verdade, *o portuguesinho valente*, não sei se é por chuchadeira, ou a sério, porque, pelos modos, os nossos antepassados fizeram proezas levadas de seiscentos milheiros de diabos, lá pela Índia e Africa, como eu já li num livro que me emprestou, lá na aldeia, o filho do meu padrinho, que é estudante de Coimbra; mas isso era no tempo em que não havia canhões como êstes de agora que atiram para mais de dez léguas de distância, com uma bala do tamanho de um quiosque, como o da Praça da Liberdade, lá do nosso Pôrto.

—Sim, e que até podia levar dentro o próprio Sebastião, com todo o seu estanque de cigarros e charutos. Os tempos mudaram bastante, Manuel, e, de ordinário, as vantagens, na guerra são sempre para quem dispõe de melhor e mais numeroso material, maiores efectivos, e uma mais completa instrução militar; mas bem vês que os alemães têm de haver-se com uma frente muita extensa, e na parte em que nós a ocupamos, não se tem feito muito má figura, pois não é verdade?

—Ah, isso também eu já disse que, ao que vejo, parece que algum anjo bom nos viu marchar para estas terras, e por cá nos vai protegendo.

—Mas o que é que tu vês, se não é segredo?

—O que vejo?!... Pois então Vocelência não repara para êsses pobres batalhões como estão desfalcados de gente?

Há por aí companhiazinha que não leva para as linhas mais de 60 homeus, comandados por um simples alferes. Depois temos as licenças que os senhores oficiais ainda vão *abichando*, mas que o mísero do taráta não apanha nem por um decreto. Sim, Vocelência bem pode ver que um *home*, por ser *probe* e rústico *támém* tem coração para sentir as suas *soidades* da familia, como qualquer senhor oficial. Ora tudo isto desanima e desgosta êsses *probes* diabos que para aí andam há um ano, das linhas para o apoio, e dêste novamente para as linhas, lá, uma vez por outra, para a reserva, e, só quando muito bem calha, para o tal mês de repouso, em que às vezes se anda muito mais à *brocha* do que nas próprias tricheiras.

—Não resta dúvida, meu rapaz. Tens razão. No entanto, posso, desde já, afiançar-te que o nosso govêrno vai pôr em prática o chamado *roulement* que a todos deve aproveitar.

—Ora, ora, valha-nos a Senhora d'Agrela, que não há santa como ela!...—fez o Manuel num sorriso de manifesta descrença.—Bem me fio eu nessa, meu tenente-coronel, e desculpará Vocelência que eu duvide, não das suas palavras, mas de quem lhe impingiu essa vigarice do *rolamento*, ou como diabo lhe chamam. Vocelência ainda é de bom tempo!... Olhe que por aí já se diz que os que cá estão são *para gastar*; e eu estou em acreditar que assim seja... *Probe* de quem cá veio dar com os ossos, meu tenente-coronel, que nem um só dia de licença apanha, quanto mais o tal *rolamento* para Portugal...

—Não sejas assim descrente. Verás que,

muito em breve, as praças do C. E. P. começarão a ser rendidas por outras vindas de Portugal; e se o regimen de licenças lhes não foi ainda aplicado mais amplamente, é porque são muitos mais do que os officiais e levaria muito tempo a tocar a todos.

—Não digo menos disso, meu tenente-coronel; mas olhe Vocelência que mais são os ingleses e os franceses, e, contudo, êles lá gosam as suas licenças, quando lhes compete, e são rendidos, a tempo e horas, porque um homem não é de ferro...

—Já te disse que, muito em breve, tudo se modificará, podendo até afiançar-te que todas as nossas fôrças serão rendidas por outras inglesas que nos permitam, pelo menos, um largo repouso em qualquer ponto da rectaguarda.

—Deus Nosso Senhor o oiça, meu tenente-coronel, e permita que isso se dê, antes que êsses endiabrados alemães nos cheguem por aí alguma *traulitada* valente, de que nem a alma depois se nos possa aproveitar. Eu, cá por mim, já digo, não tenho grande razão de queixa, porque estou ao serviço de Vocelência, e não sei como lhe hei de pagar semelhante beneficio; mas, lá por eu não estar nas linhas, não posso deixar de lastimar a sorte dos meus camaradas que por lá andam a comer o pão que o diabo amassou. Mas... já digo: Deus o oiça e permita remediar, quanto antes, tantos sofrimentos e misérias que por aqui vão.

—Há de remediar, não tenhas dúvidas.

—Ora, basta que sim. E agora, se Vocelência não determina mais nada, vou-me lá tratar do cavalinho, que vão sendo horas, e o *probe*

animal não tem culpa alguma de que eu seja um léria como se está vendo...

—Vai, vai à tua vida, Manuel; e sempre alma até Almeida, que tudo há de correr pelo melhor.

—Sim, meu tenente-coronel — epilogou o soldado — o que fôr soarà, se não fôr sino de cortiça...

É desandou escada abaixo. (1)

---

(1) As observações deste pobre rapaz traduziam um pouco o estado moral de uma grande parte dos nossos homens, aos quais, de fôrma alguma, poderiam ter passado despercebidos certos factos que em Portugal precederam, infelizmente, o seu embarque para França. Quero referir-me às divergências de opiniões, quanto à nossa participação na guerra, mais ou menos exteriorisadas, por palavras e obras, e cuja apreciação me abstenho de fazer, como sempre foi meu firme propósito.

A verdade, porém, é que, necessariamente, a propaganda contrária a essa nossa intervenção no grande conflito europeu deveria ter encontrado terreno favoravel nas nossas aldeias, onde a convocação de praças principalmente se fez sentir.

Pela minha parte, fiz sempre tudo quando em mim coube para levantar o moral, não só dos homens do batalhão cujo comando me foi confiado, como de todos aquêles que, no decurso da campanha, sôb minhas ordens serviram.

A paralisação do reforçamento, em pessoal, do nosso Corpo Expedicionário tornara-se, porém, um facto por tal fôrma palpavel, que impossivel seria escondê-lo dos nossos homens, e muito mais poupar êstes às desastrosas conseqüências que daí lhes resultavam.

O Manuel que, por diversas vezes, me demonstrou não ser nenhum covarde, falava assim, por que era uma alma simples: Um valente que nada tinha de fanfarrão e muito menos de hipocrita ou subserviente.

## II

EM nove, limitara-se o inimigo a enviar algumas granadas contra as nossas baterias, podendo considerar-se êste dia de relativa tranquilidade, em todo o sector português. Diziam, porém, as informações que a ofensiva inimiga se desencadearia, justamente até ao dia 10, motivo pelo qual, presumivelmente, o bombardeamento de 9 se repetiu, embora com menor intensidade, na madrugada do dia seguinte.

O dia 10 decorreu igualmente calmo, até cerca das 9 horas da noite, em que o inimigo iniciou um forte bombardeamento contra as posições das nossas baterias e povoações vizinhas, das quais a cidade de Lavantie foi uma das mais sacrificadas. Dêste bombardeamento, que durou toda a noite de 10 para 11 e se prolongou, com uma intensidade variável, pelo dia 11, resultou ficar a cidade a que acima me refiro, totalmente destruída, pelo que diz respeito aos poucos prédios que ainda ali se conservaram em pé.

O lúgubre sibililar dos grossos projecteis

arremessados contra aquele povoado, e as suas sucessivas explosões, semelhando o violento descarregar de outros tantos vagons de pesadas táboas; o ruído das derrocadas; os grossos rodilhões de fumo que se elevavam no espaço; as chamas, enfim, de pavorosos incêndios, cujos clarões iluminavam, trágicamente, durante a noite, as vastíssimas ruínas da extinta cidade, são impressões que jámais poderão varrer-se do meu espírito!

As imediações do nosso *chateau* foram também duramente batidas, não só por se acharem ocupadas por numerosas baterias, mas também por haver a observação aérea inimiga descoberto os trabalhos de fortificação a que, durante as últimas semanas, ali vinham procedendo algumas praças duma companhia de sapadores mineiros.

Logo aos primeiros tiros, destruiu o bombardeamento um grande barracão em que se alojavam as tropas da formação do nosso quartel general, onde a explosão de uma granada provocara um incêndio que, em meia hora, reduziu a cinzas muito material e armamento que ali se encontravam, e todos os haveres, em roupas e outros artigos, pertencentes às praças, por estas os não poderem levar consigo no momento da sua precipitada fuga.

Do nosso *chateau* apenas os estilhaços das granadas picaram exteriormente as paredes; e partiram um ou outro vidro que excepcionalmente ainda se achava intacto.

Um desses estilhaços cometeu mesmo a indiscreção de penetrar na cozinha, onde, além de outras diabruras, foi cortar um ferro que

servia de ornato ao fogão, e que possuía a espessura de 0<sup>m</sup>,02. . . (1)

Em 12 de II adrugada, tentava o inimigo um novo *raid* contra os dois batalhões de infantaria 2 e 20, que, pertencendo a brigadas diferentes, guarneciam, respectivamente, os sectores de Chapigny e de Fauquissart (2).

Esta operação que o inimigo levou a efeito com o efectivo de um batalhão, foi enérgicamente repelida pelas nossas tropas, que ainda fizeram alguns prisioneiros, produzindo numerosas baixas nas forças do *raid*.

Os bombardeamentos inimigos repetiam-se quasi diáriamente sobre as linhas e zonas da rectaguarda, cujas povoações, foram evacuadas, não se encontrando, se não por excepção, até uma distância de muitos quilómetros do *front*, qualquer representante do elemento civil, especialmente mulheres. As poucas casas que se avizinhavam do *chateau*, não foram igualmente poupadas aos efeitos destruidores dos grossos projecteis inimigos, alguns dos quais

---

(1) O pedaço de ferro que eu conservava guardado, não por pedantismo ridículo, mas pela sua originalidade, ficou com as minhas malas abandonado em França, a quando do meu aprisionamento no sector de «Neuve Chapelle».

(2) Respectivamente 6.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> brigadas. Foi nesta acção que o tenente Carrington Simões da Costa, do batalhão de Infantaria 11, em apoio, praticou um acto de bravura que o deveria promover por distincção, como a tantos outros seus camaradas, não tendo sequer o seu feito obtido o menor registo official, embora aquêlle e o pazinho tivesse, com a sua companhia, a audição ao sub-sector esquerdo de Chapigny, seriamente comprometido.

chegaram a bater o terreno, 10 metros em redor do elegante prédio, cuja imunidade, deveras para estranhar, acabára por confirmar a lenda a que já fizemos referência, de que o inimigo o pretendia poupar (1).

Como variante da acção inimiga fui, às quatro e meia horas da madrugada de 21, despertado pelo sibilar de numerosíssimas granadas, cujas explosões se faziam com um ruído fraco, semelhante ao de pequenas bombas inofensivas, usadas entre nós pelos festejos do S. João.

Tendo-me deitado, como sempre, vestido, o meu primeiro cuidado, ao saltar da cama, foi lançar mão do aparelho anti-gás, e dirigir-me para o exterior, onde encontrei vários camaradas que me informaram logo tratar-se de um forte ataque de gases, cujo cheiro característico um oficial experimentado reconhecêra, junto do portão de entrada do *chateau*.

A nossa situação no andar superior colocava-nos, porém, em condições relativamente vantajosas, por efeito da grande densidade de todos os gases usados pelo inimigo, nos quais o cloro entrava sempre como elemento primacial, elevando-se assim muito pouco acima da superfície do solo. As repetidas explosões de outras granadas, produzindo, porém, fortes des-

---

(1) Muito desejava saber se o *chateau* teria resistido ao bombardeamento de 9 de Abril, o que não consegui, por haver mudado de sector em 7 daquele mês. (Sei hoje que foi totalmente destruído no dia da grande ofensiva)

locações do ar, agitavam, por vezes, aqueles gases que se elevavam na atmosfera, onde depois se espalhavam a uma altura suficiente para poderem invadir o andar em que nos encontrávamos, e onde o cheiro se tornou assim deveras manifesto.

Não havia, pois, que hesitar. O próprio oficial, especializado em gases numa escola inglesa, mandou imediatamente fazer o respectivo toque de alarme, com a busina e matracas, ordenando-nos, ao mesmo tempo :

— Meus senhores, façam o favor de colocar as máscaras.

Na escassa claridade daquela traiçoeira madrugada, pude eu então vêr todos os meus camaradas do quartel general, deambulando vagamente pelas salas e corredores do *chateau*, numa confusão pavorosa de mascarada sinistra, em que os menos experimentados começavam sentindo já os efeitos de uma deficiente respiração; outros as dores produzidas pela pressão do aparelho contra os ossos da frente, e um ou outro as náuseas, seguidas dos conseqüentes vômitos que lhes porvocava a conservação do volumoso respirador de caoutchouc dentro da boca.

— Estou atacado de gases! — dizia, aflito, um destes últimos.

— Não está, não senhor — observara-lhe, tranqüilizadoramente o especialista.

— Pois não vê como estou vomitando?! . . . — insistiu o outro.

— É uma questão nervosa, produzida pelo bocal do respirador; sossegue. Mas faça por aguentar o aparelho, emquanto puder.

— Não posso suportar, por mais tempo, semelhante suplício! — exclamei eu, também arrancando, desesperadamente, aquela espécie de escafandro.

— Porquê? — perguntaram-me:

— Porque me aperta horrivelmente contra a testa. Não posso mais.

E o especialista, tenente Oliveira, a todos ia animando e socorrendo, ensinando a uns a maneira de respirar, alargando a outros as fitas elásticas de adaptação do aparelho, a todos incutindo enfim a indispensável coragem e a confiança precisa nas suas prescrições e experiente saber.

Era verdadeiramente horrível aquela situação, em todos nós se notando uma verdadeira ânsia pelo final de semelhante tortura que cada um sofria a seu modo, ziguezagueando uns, como loucos, pelos corredores e quartos, estendendo-se outros desalentadamente, sobre as camas em desalinho, e escorrendo todos longos fios de baba pelas válvulas do aparelho.

Embora muito lentamente, as horas iam passando, sem que a primitiva intensidade do bombardeamento houvesse enfraquecido por um só minuto, antes parecendo até, por vezes, recrudescer.

— Nove horas — informou alguém.

E' verdade! — exclamou o capitão médico, que até então estivera mudo e de máscara pacientemente afivelada no rosto. — Há mais de quatro horas que aguento esta espiga, mas declaro que já não posso mais. — Vou descansar um pouco. — E arrancou enfim o aparelho.

— Sim; já lhe não faz mal — declarou o espe-

cialista.—Pode descansar um bocado. Nós, cá em cima, estamos relativamente favorecidos. E' uma verdade que aqui se mantem uma atmosfera impura; mas pouco terá a sofrer quem a respirar por alguns momentos.

A partir das nove horas e meia, o bombardeamento começou gradualmente a enfraquecer, o que em todos nós produziu a mais consoladora alegria.

Na estrada viam-se já passar alguns soldados ingleses desprovidos do competente aparelho anti-gás, o que demonstrava estar limpa a atmosfera, pelo menos na vizinhança do nosso quartel general. De resto, poderia isso concluir-se das raras explosões de granadas que, só muito longe, se ouviam naquele momento.

Pelas 10 horas desceu, mais uma vez, o oficial especialista até junto do portão principal do *chateau* que contornou, num demorado exame, do qual nos resultou a permissão de tirarmos as máscaras registando cada um no competente caderno aquelas torturantes cinco horas e meia de aplicação do aparelho, visto que só durante trinta e seis horas, o seu uso era considerado eficaz.

E assim terminou o horrível suplicio daquela inolvidável manhã de *21 de Março*, justamente quando, em frente de Péronne, se desencadeava nêsse ano, contra a frente ocidental, a primeira grande investida do inimigo, conhecida actualmente pela ofensiva do Somme.

Evidentemente que a poderosa acção exercida sôbre a nossa frente havia constituído o que, em boa táctica, se denomina um *ataque demonstrativo*, ao qual, segundo também os

bons princípios, o nosso adversário procurou dar todas as aparências de um *ataque principal* que lhe permitisse concentrar as suas forças e desenvolver o seu melhor esforço no verdadeiro *ponto de ataque*.

\*  
\*      \*

Só em 23 tomou o nosso quartel general conhecimento da ofensiva alemã no Somme. Fôra o oficial inglês, nosso intérprete, quem nos forneceu as primeiras notícias que, horas depois, víamos confirmadas em diversos jornais franceses que habitualmente liamos.

Essas notícias, a que o «Télegramme» de Boulogne-sur-Mer dava maior desenvolvimento do que os jornais de Paris que recebíamos sempre com um dia de atrazo, constituíram o assunto único de todas as conversas daquele dia.

—Foi, portanto, um simples ataque demonstrativo a acção que o inimigo exerceu contra esta parte da nossa frente, desde o canal de La-Bassée até Armentières, abrangendo o nosso modesto sector?—inquiriu o oficial A.

—Incontestavelmente—responderam.

—A finta pode considerar-se habilmente praticada—explicou B. . .—grande concentração de forças perante esta parte da frente; propagação de notícias falsas, deixando transparecer o dia do ataque; uma demorada preparação pela artilharia, com intensos bombardeamentos, atingindo as próprias zonas da rectaguarda; os gases, uma intensa e anormalíssima observação aérea. . .

— A multiplicação dos seus *raids*, — acrescentou C. . . — contrastando com a relativa calma doutros pontos da frente, de ordinário mais batidos, algum tempo antes.

Sim—continuou B . . .—tudo era realmente de molde a admitir como muito provável uma verdadeira ofensiva contra esta parte da frente, tanto mais crível, quanto era certo que, dentro dela se achavam compreendidas as nossas forças, a que o inimigo atribuía uma certa inconsistência, que lhe resultava da grande redução dos seus efectivos e natural fadiga, proveniente de uma longa permanência nas trincheiras.

— Foi, porém, melhor que nos houvessem poupado . . . — fez D.

— Evidentemente—tornou B.—Mas fiquem os meus amigos sabendo que, se o inimigo deixou de efectuar o seu ataque principal contra o nosso sector, não foi certamente para nos ser agradável . . .

— Quem sabe lá? — aventou D . . . — Pois não sabe êle muito bem que algumas das nossas tropas, vieram para esta guerra muito contra a sua vontade, ou pelo menos sem o entusiasmo que acompanha as suas aliadas?

— Ora, ora que disparate! . . . — fez B . . .

— Eles querem lá saber disso . . . Se o alto comando alemão tivesse encontrado uma grande vantagem em atacar a fundo esta parte da frente ocidental, tenha você a certeza de que se não prenderia um só momento com a natureza das forças que a estivessem guarnecendo, visto que, acima de quaisquer considerações, mórmente do género daquelas que ingênuamente você aventou, está sempre o propósito firme

e decidido de atingir-se o objectivo que se tem em vista. De resto, lá diz o rifão, e quem sabe se o nosso adversário virá pô-lo em prática, de que, *o que se não faz no dia de Santa Luzia, se faz em qualquer outro dia . . .*

— Não me parece — observaram diversos optimistas — A cousa vai passar-se agora toda lá para o Sul.

— Sim — conveio C . . . — Tudo indica, actualmente, que o inimigo pretende cortar os dois exércitos, para os bater separadamente, impedindo-lhes qualquer ligação.

— Ora, nem mais — reforçou D . . . — O seu único objectivo é Paris.

— Pois eu — insistiu ainda o official B. — sem querer, de fôrma alguma, penetrar as sábias intensões do alto comando alemão, que estou infinitamente longe de conhecer, nada me repugna admitir a possibilidade de uma nova investida do inimigo contra esta parte da frente aliada, ou por ventura mais ao norte, em face de Ypres.

— Em que circunstâncias? — perguntou D . . .

— Bastará que o inimigo seja detido no seu avanço, ou se lhe torne impossível separar, com uma ruptura da frente, como você disse há pouco, o exército francês do inglês. Depois, nós não sabemos se o inimigo pensa em atacar um único ponto da imensa frente que se estende desde Niepoort até aos Vosges . . .

— Certamente que será isso o que deve convir a um exército que não dispõe já de um numeroso efectivo — retorquiu o official E, que até então estivera mudo.

— Você esqueceu de certo que os alemães

trouxeram grandes reforços da frente oriental e que teem uma prodigiosa facilidade de deslocação das suas forças de um para outro ponto da imensa frente?

— É isso verdade;—disse A. —mas tudo parece realmente indicar que todas as suas atenções se dirigem neste momento sobre Paris.

— Nada me admirarei — insinou B. — se, em breve, lhe ouvir dizer outra cousa.

— Como? Pois V. acha que o inimigo possa ter outro objectivo mais importante do que Paris? — inquiriu A.

— Calais, por exemplo — declarou B.

— Não parece, porém, que assim pense o alto comando alemão — observou ainda A. — porquanto nada justificaria, esta sua violenta arremetida na direcção de Amiens.

— Ora essa! — explicou B. — Não poderia tratar-se de uma simples, embora importantíssima rectificação da frente inimiga, com a consequente economia de forças que daí resultou, e, principalmente, do avanço do seu flanco esquerdo, que se achava muito recuado, para a hipótese de uma ofensiva levada a efeito mais para o norte? Lembre-se, meu amigo, de que a faixa de terreno a conquistar para o norte é muito mais estreita do que na direcção em que o inimigo actualmente está atacando.

— Isso é realmente verdade, começaram concordando os antagonistas de B.—Mas Paris?

— Ora!... ficaria para segundas leituras. Conquistasse o inimigo Calais e liquidasse êle as suas contas com a Inglaterra, que a posse de Paris era depois empresa de extrema facili-

dade, se a própria França a não simplificasse ainda com uma paz em separado.

— Isso é que nunca, meu amigo! — protestava-se.

— Ora, ora: na guerra tudo são surpresas.

— Não estamos, portanto, ainda livres da nossa porradinha, segundo V. pensa? — inquiriu D.

— Sim. Nós ou outros; dependerá isso do novo ponto ou pontos de ataque que o inimigo venha a escolher para as suas subseqüentes ofensivas. No entanto, como já sabe que nos achamos bastante enfraquecidos. . .

— fez B.

— Longe vá, porém, o agoiro . . . — disse D.

— *Amen* ; — anuiu B — mas bom será também que vamos contando sempre com o pior, para evitarmos qualquer surpresa . . .

E destarte se discutia e comentava o grande acontecimento.

### III

O PRIMITIVO sector atribuído às forças do Corpo Expedicionário Português possuía uma frente de 11 quilómetros, pouco mais, estendendo-se igualmente, para norte e sul de Neuve-Chapelle, logar êste que poderia assim considerar-se o ponto central da frente portuguesa, confiada à nossa 1.<sup>a</sup> Divisão.

Esta unidade que em Portugal fôra, segundo as disposições do nosso regulamento de mobilização, constituída por quatro regimentos de infantaria a três batalhões, passou em França a compor-se de três brigadas, cada uma delas a quatro batalhões, adoptando-se assim, de resto, a organização inglesa.

O sector português era dividido em três sectores de brigada, conhecidos, respectivamente, da direita para a esquerda, pelas denominações de Sector de «Ferme du Bois» «Neuve-Chapelle» e «Fauquissart».

Cada um destes sectores era ainda subdividido em dois sub-sectores, conhecidos em

cada brigada, pelas designações de S. S. I., ou da direita, e S. S. II., ou da esquerda.

Cada um destes sub-sectores era guarnecido, além doutras fôrças, por um batalhão de infantaria, constituindo-se geralmente com o 3.º batalhão um *apoio* e com o 4.º a *reserva*.

Não foi minha intenção, ao iniciar este livro de notas, escritas sôbre o joelho, fazer qualquer trabalho scientifico da especialidade, mas tão sómente registar impressões colhidas, durante os últimos tempos da minha permanência em França, e bem assim no captiveiro que infelizmente se lhe seguiu.

A referência que, muito superficialmente eu faço aqui à organização das nossas fôrças, visa apenas a elucidar o leitor sôbre os motivos da alteração que elas sofreram, para melhor lhes tornar compreensíveis outros assuntos de que passarei a tratar.

\*

\*

\*

Ai por meados de Julho, tinha a 1.ª Divisão todos as suas brigadas na frente, achando-se a 2.ª em instrução na rectaguarda, ou praticando em diversos sectores ingleses.

Logo que esta divisão foi considerada em condições de ir ocupar a frente, foram algumas das suas brigadas render as da outra, que primeiro haviam entrado nas linhas. Assim, foi a 4.ª brigada ocupar o sector de «Ferme du Bois» e a 6.ª o de «Fauquissart».

Pretendendo-se, porém, que as duas divisões tivessem uma simultânea representação

na frente portuguesa, pensou-se em que apenas duas brigadas de cada uma ocupassem a 1.<sup>a</sup> linha, ficando as restantes duas como reserva.

Em obediência a êste plano teria de ser ampliada a nova frente com mais um sector de brigada, o que se efectou em meados de Dezembro, indo a 5.<sup>a</sup> brigada ocupar o novo sector de Fleurbaix.

A frente portuguesa atingira assim uma extensão de 16 quilómetros, aproximadamente.

Dificuldades talvez de reforçamento das nossas fôrças e, por ventura, a necessidade de aumentar a densidade da nossa frente, determinaram, ao fim do 10.<sup>o</sup> dia de ocupação do sector de «Fleurbaix», o restabelecimento do primitivo sector português, que continuaria, porém, a ser defendido pelas nossas duas divisões.

Para isso foi o antigo sector da 1.<sup>a</sup> Divisão dividido em 4 sectores de brigada, que, da direita para a esquerda, passaram a ser conhecidos pelas denominações de «Ferme du Bois», «Neuve-Ghappelle», «Chapigny» e «Fauquissart».

A carência absoluta de reforços, que deixaram absolutamente de fazer-se e, mensalmente haviam sido calculados em cerca de 4:000 homens de infantaria, deu lugar a que sofressem grande redução os nossos efectivos em praças e oficiais.

A situação tornára-se, nestas circunstâncias, devéras melindrosa, visto poder, assim, considerar-se muito difícil a defesa do sector português, perante a expectativa, que se ia admitindo já como muito provável, de uma

forte acção inimiga contra a frente que guardávamos.

No dia 2 de Março, o inimigo, cuja actividade, bastante anormal, vinha sendo constatada pela nossa observação, realizou contra o sector de Chapigny o seu primeiro *raid* de grande envergadura, visto nêle haver empenhado um batalhão de verdadeiras tropas de élite.

Esta operação, levada a efeito pelo inimigo contra a parte do sector ocupada pelo batalhão de infantaria n.º 4, foi por esta unidade recebida com a precisa serenidade e repelidas energicamente as fôrças atacantes, numa demorada luta, em que o inimigo sofreu mais de 200 baixas, produzidas especialmente pelos fogos da nossa artilharia e metralhadoras, mas onde, infelizmente, o batalhão de infantaria 4 perdeu também sessenta e três prisioneiros, incluindo 3 oficiais.

Idênticas ofensivas locais se repetiam quasi diariamente, o que obrigava as nossas fôrças a redobram a sua vigilância, a toda hora, mas especialmente à noite.

Esta vigilância permanente, que a deficiência dos efectivos tornava mais penosa, era ainda agravada por um activo serviço de reparação das trincheiras e suas defesas, que o inimigo constantemente destruía com os seus poderosos bombardeamentos.

As rendições, que, todos os 5 dias, se efectuavam, dos batalhões em 1.ª linha, pelos que se achavam nas situações de apoio e reserva, constituindo, em condições normais, um salutar alívio para as fôrças rendidas, passou a não lhes proporcionar a menor vantagem, não só

porque as zonas à rectaguarda, onde possuíam os seus acantonamentos, passaram a ser frequentemente batidas pela artilharia, mas ainda porque, como consequência dos diminutos efectivos dos batalhões, se tornava necessário o reforçamento, durante a noite, daqueles que estivessem ocupado as trincheiras.

Ao exgotamento físico em que se encontravam os nossos pobres soldados, deverá juntar-se a depressão moral, proveniente do conhecimento da sua própria fraqueza, e principalmente do estado de descrença em que uma série de promessas mal cumpridas acabou pôr lançar o seu espirito.

A sua boa fé era, de facto, repetidas vezes iludida com as mais sedutoras perspectivas, quer de uma próxima rendição, seguida de um largo repouso, em qualquer campo da rectaguarda, semelhantemente ao que se praticava no exército inglês, quer da concessão das ambicionadas licenças de campanha, que só a um ou outro feliz aproveitava, ou ainda do famoso *roulement*, em cuja viabilidade ninguém chegou a acreditar.

A situação moral e material do nosso Corpo Expedicionário, encontrava-se, pois, nas precisas condições em que no-la definem as desalentadas observações daquêle soldado meu impedido (que os leitores já conhecem, do seu pitoresco diálogo, caracterizado por uma bem rude franqueza, mas que tão fielmente representava o sentimento geral de todos os seus camaradas) quando informações que não podíamos pôr em dúvida, indicavam como muito próxima a rendição de todas as nossas fôrças por outras ingle-

sas que nos iam emfim proporcionar um repouso de três meses nos arredores de Boulogne.

O contentamento que tais informações produziram em todos aquêles que delas tomaram conhecimento teve, infelizmente, a curta duração das conhecidas rosas do poeta, visto que, a breve trecho, uma ordem do C. E. P. mandava restabelecer o primitivo fracionamento do sector português em 3 sectores de brigada, que seriam ocupados pelas 3 brigadas da 2.<sup>a</sup> divisão!

Desta maneira, os batalhões, cujos efectivos vinham sendo considerados insufficientes para garantir a defesa e conservação dos entrenchearmentos de um sector relativamente pequeno, passariam, de futuro, a guarnecer um sector de maior extensão.

Foi assim que a 6.<sup>a</sup> brigada de infantaria, que, em 7 de Abril, ocupava o sector de «Chapigny», passou a ocupar o de «Neuve-Chapelle», tendo a 5.<sup>a</sup> à sua direita, em «Ferme du Bois» e a 4.<sup>a</sup> à esquerda em «Fauquissart», onde já permanecia há 3 extenuantes meses.

Circunstâncias que nos abstemos de trazer para êste lugar, determinaram uma tal distribuição de fôrças, dentro do sector português, pois bem outra seria aquella que, segundo as ordens dadas, teria de efectuar-se.

\*

\* \* \*

Fôra, ao terminar do meu almoço de 6, que a ordem para a mudança da 6.<sup>a</sup> brigada para o sector de «Neuve-Chapelle» chegou ao

meu conhecimento, com a expressa indicação de que a posse do comando deveria ter lugar na nova séde do quartel general, em *Huit Maisons*, pelas 7 horas de 7.

Não havia, pois, tempo a perder para preparar as malas, objectos de que a minha presente situação de prisioneiro absolutamente me aliviou.

Quando, depois da refeição a que antes me refiro, dei entrada no meu quarto para me lavar, já, segundo o seu costume, ali se encontrava o Manuel para me perguntar se precisava os seus serviços.

—Preciso, sim — respondi-lhe — Vamos amanhã para *Huit Maisons*. Deves recordar-te...

—Ah, sim *Uitre Maisons*... — fez êle, arregalando muito os olhos e pondo-se numa rigorosa posição de sentido, attitude que invariavelmente assumia sempre que eu lhe fizesse qualquer pergunta. — Não é em *Neuve-Chapelle*, onde nós estivemos quando Sua Excelência andou aqueles quinze dias por cada brigada?

Exactamente.

—Eu logo vi que não me houvera enganado. E, pelos vistos, está isso para muito breve?

—Para amanhã, ás 6 horas.

—Há de ser então preciso deixar hoje as malas arrumadas?

—Evidentemente. E, se não tens, por agora, nada que fazer, podes ir começando com isso, pois é trabalho que adiantas.

—Ora, basta que sim — disse o Manuel, naquele seu tom lamuriento que tantas vezes lhe ouvira. — E', com esta a *nona vez*, se me não

engano, que vou fazer as malas de Sua Excelência, para mudar de paradeiro (1).

—Não o duvido.

—Mas é que é mesmo—confirmou êle, contando pelos dedos para se não enganar.—A primeira foi em Ambleteuse, quando Sua Excelência foi para o Aire fazer, pelos modos uma *caisquer obrigação*, lá negócios de justiça; a segunda na volta para Ambleteuse; a terceira para o tal *Uitre Maisons*, para onde agora vamos; a quarta para Levantie, quando Sua Excelência mudou para o sector de Fauquissart; a quinta para Le Touret, quando fomos para Ferme du Bois; a sexta, outra vez para Ambleteuse; a sétima para La-Gorgue, a oitava para aqui e a nona é esta que agora vou fazer, com toda a satisfação, porque, se Vocelência quer que lhe diga, êste sitio não me deixa soidades nenhuma.

—Sim; isto por aqui correu-te mal...

—Oh, meu amigo!—exclamou o Manuel, familiarmente, assumindo um *facies* pezaroso quási vizinho das lágrimas.—Aqui perdi toda a minha roupinha, não sómente a que trouxe de casa, como alguma outra que por cá tinha mercado aos soldados ingleses; um belo cache-nez, estojo de barba, uma boas botas *camones* . . . (2) e ainda por cima de tudo quinze *mal reis* das minhas *probes inconomias!*—fez êle num gesto

---

(1) *Nona vez*... e última.

(2) Denominação dada pelo nosso soldado a tudo quanto proviesse do inglês, incluindo o próprio inglês. Resultou das palavras *come on* por êstes de ordinário empregadas para chamarem os nossos, e que êles, pela

desprendido—mas, *comó oitro* que diz: vão-se os anéis e fiquem-se os dedos . . .

—Tiveste, realmente, pouca sorte . . .

—Isto, não falando ainda nos grandes cagaços que por aqui rapei, em que, apesar de eu não ser dos mais desanimosos, me fartei de andar, por ai ás vezes a *procurar a rolha* . . .

—O que vem a ser isso? . . .

—É' piada, cá dos soldados, que, quando vemos alguém atirar com o corpo para o chão, para se furtar aos estilhaços de alguma granada, dizemos que o gajo anda a *procurar a rolha* . . .

—Essa variante do *cavanço* é que eu ignorava, mas não deixa de ter a sua graça.

—São ditos pra um home se advertir . . .

Fizera-se um longo silêncio, determinado pela leitura do «*Matin*» durante a qual o Manuel evitou dirigir-me qualquer palavra; vendo, porém, que eu arremessava emfim o jornal para sôbre a cama, aventurou a seguinte pergunta:

—Sua Excelência há de desculpar-me se eu sou confiado; mas poderá saber-se quem é que vem para êste sector render a nossa brigada?

—Ninguém.

—Mas bem decerto que isto aqui não irá ficar abandonado? . . .

—Não, não fica.

—Mas? . . .

---

sua vez, empregavam para se lhes dirigirem. Usavam, além disso, uma linguagem quási exclusivamente mimica, com o fim de lhes comprarem algum artigo de vestuário que os ingleses vendiam geralmente por preços infimos.

—É que desaparece o sector de Chapagny, sabes?

E tive de lhe explicar a novíssima distribuição das nossas fôrças dentro do sector português.

—Oh diabo!... — fez êle, levando a mão ao queixo. — Então os *probes* dos batalhões já se viam e desejavam para guarnecerem a frente dos sectores, tais como êles estavam, e vão ainda alargar-lhos?!...

—Assim acontece.

—Oh valha-nos a Virgem Santissima que não sei o que êste coração me está adivinhando!... E' êste o tal repouso de que tanto se tem falado? *Probes* rapazes!...

—Parece-me que não há, presentemente, nada a recear — respondi-lhe; agora o inimigo tem quasi todas as suas fôrças lá para o Sul, onde está fazendo a sua grande ofensiva. O ataque feito durante o mês passado, contra a nossa frente não passou de uma... como te direi para me perceberes?... uma cousa fingida, sabes tu? para encobrir a sua verdadeira acção, noutro ponto. Não sei se comprehendes?...

—Sim senhor; eu tãmem já tinha ouvido lêr isso nos jornais, lá ao cabo ferrador.

—Pois é isso. Os alemães não teem agora aqui quasi ninguém, especialmente artilharia que toda lhes deve ser pouca lá para o Somme, onde êles estão lutando desesperadamente.

—Sim, sim; deve de ser isso mesmo.

—Pois tu não vês como êles respondem tão fracamente ao fôgo da nossa artilharia, que até nos dão a impressão de não disporem de mais de dois canhões aqui em frente de nós?

—Sim; êle, ás vezes, quer-me parecer isso; mas olhe que os alemães são muito manhosos; e isto, se calhar, de um momento para o *outro*... Emfim, eu não digo nada, porque não passo de um *ignorante*, mas estas rajadas, ou como diabo lhes chamam, que a nossa artilharia tem passado para aí as noites a fazer p'ro lado de lá, podem muito bem vir ainda a dar-nos bastante que sentir... (1)

—Talvez tenhas razão.

—Não que êle é mesmo o que se chama estar atirá-los a terreiro!...

Não lhe respondi para o deixar discorrer à sua vontade.

—Depois — prosseguiu — não pôde, a meu vêr, considerar-se como uma grande proeza o estar-se a bater em quem se não pôde defender.

—Isso agora, Senhor Manuel, é que temos conversado. As regras da guerra mandam que nos aproveitemos sempre da fraqueza do nosso adversário, para o aniquilar.

—Não é, p'ra que digamos, uma acção muito bonita; mas estou, como p'rai se diz, quando se quer desculpar todas as patifarias que se praticam: *c'est la guerre*...

—É verdade isso, Manuel.

—Mas então, se as regras são essas, o que, no meu fraco entender, se tinha a fazer, da nossa parte, era uma ofensiva *teza*, em que

---

(1) O Comando superior havia ordenado que a nossa artilharia fizesse diariamente e com intervalos variáveis, rajadas sôbre a frente inimiga, alvejando especialmente os nós de comunicação, estradas importantes, etc.

fôssemos por aí fóra, até tomarmos essa terra que se vê lá fóra e que, pelos modos, se chama Aubers... Sim, para que havemos de nós estar para aqui a presumir, a fingirmos de muito fortes, quando temos os nossos batalhões cheios de fadiga e quási reduzidos a metade dos seus homens?

—Também está nas regras da guerra o encobrir-se a própria fraqueza.

—Isso há-de nos valer de muito, meu tenente-coronel... Era preciso que êles não tivessem a sua espionagem. Vocelência bem o sabe, e o que quer é mas é ouvir-me para se rir um migalho, à minha custa, com os oitros senhores oficiais...

—Ês tólo.

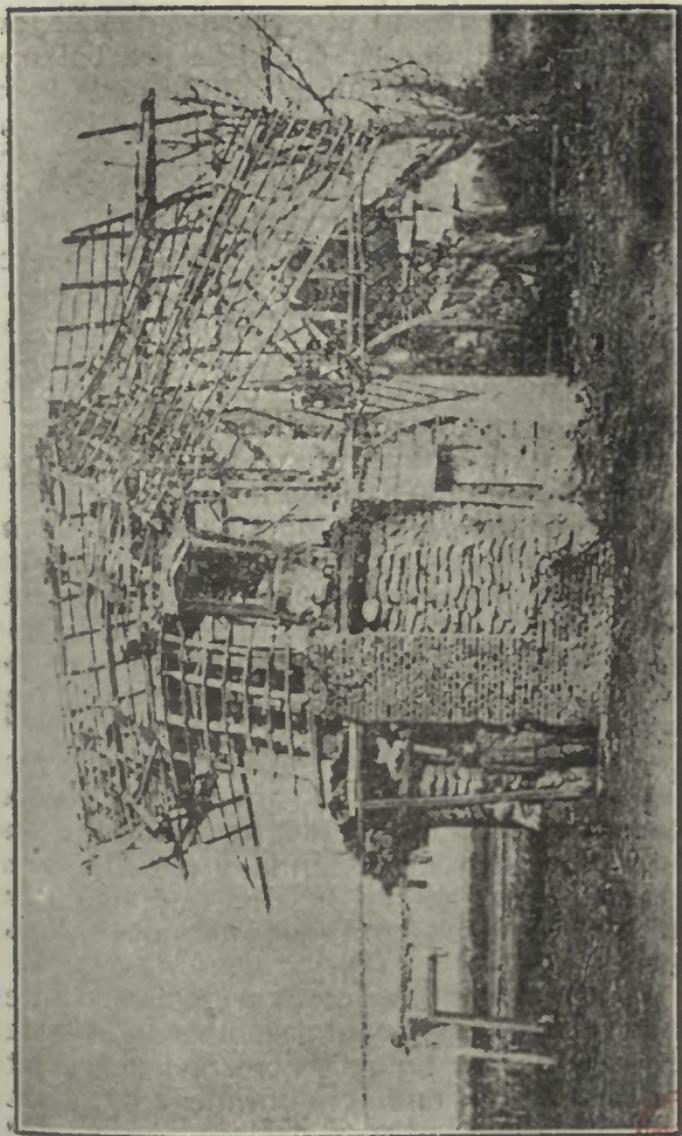
—Olhe, meu tenente-coronel, Deus Nosso Senhor nos livre de que os alemães se lembrem de nos chegar um calôr como o que, pelo modo, estão chegando aos ingleses e franceses, lá p'rás bandas de baixo, no tal Somme, que isto do C. E. P. era tudo um ar que lhe dava... Só umas granadas que êles agora usam com duas trajectórias!...

—Essa agora é que é melhor! Duas trajectórias?!...

—Sim senhor; pois Vocelência ainda não viu?

—Mas explica-te, que estás a dizer um disparate como uma casa.

—Pois, meu tenente-coronel, saberá Vocelência que vi eu mesmo, com êstes dois que a terra há-de comer, no dia 11, em que o inimigo fez aquêle seu grande bombardeamento contra Lavantie, chegarem, do lado de lá, muitas gra-



Um abrigo, sob as ruínas de uma casa

nadas, que, a certa altura da sua *viage*, faziam assim a modo de um éco, *porriba* de nós, em que largavam qualquer cousa cá pra baixo, e continuavam o seu caminho numa nova trajetória, até lá mais longe, em que batiam no chão e rebentavam como as demais.

—Ora, ora, valha-te Deus!

—Vocelência não acredita?

—Acredito sim: e já sei o que tu queres dizer. Realmente a trajetória dos projecteis a que te referes não tem a uniformidade das outras e pôde, sem grande erro, considerar-se dividida em duas. Tu és o diabo, não és homem! Quem te explicou isso?

—Um home ouve uns e outros... sim e, já vê... vai botando sentido ao que se diz.

—Pois trata-se, segundo parece, de uma granada mixta com dois rebentamentos, a que tu chamas écos, sendo o primeiro proveniente de uma carga que o projectil leva na base e que serve para lhe aumentar a velocidade; o segundo resulta como dizes, da percussão ao encontrar qualquer resistência.

—Sim, senhor, deve ser isso mesmo; mas isto quem não sabe é como quem não vê. Vocelência lá o lê, lá o entende; no entanto, o que eu quero dizer, cá na minha, é que elles sempre são levadinhos de não sei que diga, para inventarem cousas com que nos dêem caboda pele.

O serviço chamava-me à secretaria; e antes que o Manuel me apresentasse mais alguma das suas observações balísticas, resolvi descer até ao andar inferior, onde era grande já a azáfama dos preparativos para a deslocação do nosso

quartel general, cuja enorme tralha de mobiliário ligeiro e apetrechos diversos de culinária, carregando já alguns carros de esquadrão, me dava a impressão da transferência de uma numerosa familia do Pôrto para uma dessas deliciosas praias da Foz ou Matosinhos que tantas saúdaes aqui me fazem !

O CONHECIDO princípio da Sabedoria das Nações de que *a quem se muda Deus ajuda*, e que sentenciosamente o meu impedido annunciára em 6 à noite, no momento de receber, como de costume, as minhas ordens, antes de se recolher, soava ainda aos meus ouvidos, quando pelas 5 $\frac{1}{2}$  horas de 7 o Manuel dava entrada no meu quarto, onde o cuidado com que me deitára e o hábito, à força adquirido, de pouco dormir, o dispensaram de me acordar. Muito à pressa, emquanto procedia a uma sumária *toilette*, tive de fazer sentir ao bom do rapazinho a impropriedade de aplicação daquele adágio que, se melhor avisado fôsse, êle poderia ter substituído por êste outro de que *variar trabalho é repousar*, porquanto não acreditava eu em demasia que a integridade da nossa apreciável pele se achasse mais garantida em qualquer outro ponto do nosso sector.

O Manuel, sempre fértil em conceitos daquela natureza, e porventura, sôb a dolorosa impressão dos grandes prejuizos que ali sofrêra,

dentre os quais avultava o das suas magníficas botas *camones*, não se mostrava muito disposto a concordar comigo, dando como melhor tudo quanto não fôsse o conservar-se por mais tempo no *chateau*. Entrando pois pela Sagrada Escritura, proclamava confiadamente o sábio principio do Salvador, dizendo, num sorriso gaiato: *livra-te dos ares que eu te livrarei dos males ...*

Constava, em verdade, que os arredores do quartel general, em *Huit Maisons*, só excepcionalmente eram batidos pela artilharia inimiga, o que de resto poderia reconhecer-se pela ausência quâsi absoluta de crateras, numa zona que alcançava talvez uns 800 metros, em torno do referido quartel.

Este facto deveria atribuir-se apenas ao afastamento das nossas baterias que, relativamente a *Huit Maisons*, era muito superior ao que se verificava quanto ao *Chateau* que fomos deixar.

Ignorando semelhantes detalhes de segurança, oferecidos pelo novo local do meu destino, mas cansado já da monotonia mortal que vinha passando, não recebi com menor agrado que o meu impedido a notícia da nossa deslocação para *Huit Maisons*, lugar que, de resto, eu conhecia e ao qual me prendia a recordação de certos passeios a *Vieille Chapelle*. Ali se tomava, na verdade, um chá mui suportável, embora nada barato, no *estaminet* da bem conhecida e interessante menina Alice, cuja honestidade, diga-se de passagem, nenhum portuguezinho valente terá, ao que supponho, posto em dúvida.

Quando, pelas 6<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas, descia a escada, ouvia-se já no pateo o ruído produzido pelo motor em movimento do manequinho automovel da brigada, sôbre o qual o Alfredo, um chauffeur ladino, mas simpático rapaz, lançava um derradeiro olhar de técnico proficiente.

Minutos depois, chegava o comandante Pedrosa, e a seguir o ajudante, oficiais êstes com os quais me acomodei dentro do carro que, num ápice, dobrava o cotovelo da estrada para *Pont du Hem*, local que uma imensidade de covas de granadas contornava, assinalando bem patentemente a violência dos últimos bombardeamentos.

O pedaço de estrada de La Bassée e depois o restante itinerário até *Huit Maisons*, fez-se, numa vertiginosa carreira, em que o Alfredo não pôs mais de uns escassos dez minutos.

A visão da *ferme*, onde três meses antes eu passara 15 dias, causara-me uma impressão em tudo parecida com as que nos dão as cousas nossas familiares que há muito deixamos de ver e a que, de certo modo, nos afeiçoáramos.

Essa quinta, portuguesmente falando, possuía o quer que fôsse de cousa própria minha. Aquele cunho de propriedade rural que a caracterizava, com os extensos campos e culturas que a rodeavam; os seus gados e as aves domésticas; a herva aromática e as várias alfaias agrícolas; os estábulos e os palheiros; tudo isso me falava, numa linguagem bem minha conhecida, duma outra semelhante propriedade, lá muito longe, onde eu nascera e passaram, como um sonho, os mais doces anos da minha triste existência.

Aquela troca do elegante *cottage* de um opulento burguês, com o seu rico mobiliário e os seus esplêndidos espelhos, de grossos cristais *bisautés*, pela modesta casinha do lavrador abastado, fazendo uma vida patriarcal, com a sua pequena família, toda ela extremamente amável, educada e muito do meu conhecimento, fôra-me, pois, extremamente agradável, tanto mais que, descendo do automóvel, se me depara, esperando a nossa chegada com os demais camaradas do quartel general que iam render, o meu velho amigo, desde infância, e excelente colega, tenente-coronel Anselmo de Carvalho que há muito tempo não via já.

Um suculento almoço completára a boa impressão recebida naquela manhã de um dia para mim inolvidável, como inolvidáveis o passaram a ser os dois outros que se lhe seguiram, por serem os derradeiros da minha permanência em terras da Flandres.

A calmaria era realmente grande, tanto nas linhas como entre as artilharias, não se encontrando o minimo vestígio da queda de quaisquer projecteis nas vizinhanças do nosso quartel general.

Sofrivelmente instalado num pequeno quarto, provido, como todos os daquela região, de um magnífico colchão de sumaúma, notei que todos os vidros da janela, se me ofereciam absolutamente intactos!

O reconhecimento dêste facto, para mim deveras agradável, por acabar de sair de uma casa onde os próprios caixilhos das janelas se achavam estilhaçados, dera-me a esperança de

algumas noites bem dormidas. (1) Ao próprio Manuel não havia escapado a estranha integridade das referidas vidraças, o que o levou a recordar-me, num sorriso triunfante:

—Eu bem dizia a Sua Excelência que a *quem se muda, Deus ajuda* . . . Há lá nada que pague este sossego? . . .

De facto, eu acabára por me convencer de

---

(1) Qualquer outro, mais cauteloso e menos sincero, teria talvez calado, hipócritamente, deixando de a registar nas suas notas, a impressão de agrado que a aparente calma do novo sector lhe pudesse ter produzido.

Ignoro, porque nada tenho que vêr com os outros, se porventura aos demais camaradas meus teria contrariado aquele imaginário parentesis de tranquilidade, seguidamente aos trinta ininterruptos dias de vendaval eoni que a nossa brigada arrostára no sector de Châpigny. Pelo que particularmente me diz respeito, embora nada tenha de quichotesca esta minha declaração, confesso que, após um mez inteiro, em que me não foi dado sequer descalçar as botas, apreciei, com desvanecimento, a circunstância que casualmente se me oferecêra, de confiadamente me enfiar, uma noite sequer, entre os lençóis.

Na vizinhaça dos cincoenta anos que então contava, poderiam, de resto, e sem reparos de maior, tais inclémencias venerar toda a boa vontade de bem servir, que me orgulho de haver sempre posto à prova; e, em boa hora o diga, não teve a minha pessoa, durante toda a campanha, outras relações com os serviços sanitários da Brigada que não fossem as de uma excelente camaradagem e estreita amizade com o Dr. Adelino Fernandes, chefe dos serviços de saúde daquela unidade.

Quanto às funções do meu cargo, desempenhei-as sempre, integralmente, mas sem exhibicionismos ridículos, a que, por temperamento, sou avesso, indo a toda a parte, e pronto sempre, para o desempenho de qualquer missão. Se nunca esqueci a família, também, que me lembre, jámais deixei de ter um excelente apetite.

que havia lucrado um pouco com a transferência do sector da minha brigada; e, à parte o incómodo que sempre nos causa uma mudança de casa, como estava já devidamente reinstalado, sentia-me naturalmente bem disposto e satisfeito.

O Manuel, que era um rapazinho muito arranjado, começára por me fazer a cama com dois alvíssimos lençóis que iriam fazer as minhas delicias naquela noite; dispusera junto às paredes do quarto, as malas, depois de havê-las despojado de algumas roupas, que logo pendurou num improvisado cabide, apreciável herança do meu colega Anselmo de Carvalho; e, à medida que colocava tudo nos seus lugares, ia o bom do rapaz fazendo os seus comentários, mais ou menos propositados.

— Por uma via — dizia êle — não encontra Vocelência aqui tanta largueza como no quarto do *Chateau*, mas, por outra, fica-lhe tudo mais aconchegadinho. E passou a tirar os meus numerosos retratos de família, que foi dispondo sôbre uma banca junto ao leito, em condições bastante semelhantes áquelas em que se acostumára a fazê-lo em todas as minhas anteriores situações de permanência, nas diversas localidades por onde me gastei.

Um dêsses retratos que, em *passe-partout*, conservava sempre sôbre a banquinha de cabeceira, merecia ao Manuel uns cuidados muito particulares, notando eu que êle lhe pegava como num objecto sagrado. A atitude respeitosa do excelente moço, perante a aludida fotografia proviera-lhe, a meu ver, do facto que naturalmente o impressionou, de certo dia me haver

surpreendido algumas lágrimas mal disfarçadas, no momento em que para ela eu estava olhando.

Era uma bela alma o Manuel!

—Não sei se Vocelência quererá que eu lhe traga mais alguma manta da arrecadação?...  
—inquiriu êle, no final do seu serviço.

Uma resposta negativa determinou o meu solícito companheiro a pedir licença para se retirar, depois do que eu passei a dar uns derradeiros retoques naquilo que êle não deixou rigorosamente a meu contento, e saí para o jantar de que as horas se iam avizinhando.

\*

\*        \*

Passando para a *mess*, torci um pouco o meu caminho, para entrar na secretaria, onde se encontrava o capitão-ajudante Nogueira, inteligente oficial, com quem muito me aprazia conversar e que, por ter a seu cargo a repartição de operações, me ia pôr ao corrente de quaisquer factos importantes que por ventura ainda não houvessem chegado ao meu conhecimento.

—Alguma novidade?—inquiri, aproximando-me do simpático rapaz.

—Nada de interessante, meu tenente-coronel; a não ser a inexplicável contradição entre os relatórios de informação dos nossos batalhões, que há dias notam invariavelmente um anormalíssimo movimento de tropas, à rectaguarda das linhas inimigas, e os relatórios da divisão e do corpo que atribuem todo êsse movimento a uma rendição das forças adversas.

—É curioso isso!...

—Sem dúvida; tanto mais que não são apenas os nossos observadores quem tem notado o aludido movimento do inimigo.—Ora faça favôr de vêr—disse mostrando-me o relatório de uma outra brigada. Póde, realmente, tratar-se de uma simples rendição de tropas; mas a verdade é que numerosíssimas tem sido as rendições, por parte do inimigo, desde que nós ocupamos as linhas, pois não é verdade? e até hoje, nunca elas despertaram aos nossos observadores as suspeitas que presentemente elles estão manifestando nos seus relatórios.

—Pode ser que informações de outra proveniência, inclusivamente a aérea que, por via dos ingleses ali possa ter chegado, habilitasse a nossa divisão a concluir o que, tão peremptoriamente, se afirma no seu relatório.

—Sim, é muito possível; e o que eu estranho apenas, é esta flagrante contradição, que, à primeira vista, nos dá a impressão de que alguém tratou de ânimo leve um assunto de tão alta importância.

—Falta de experiência, talvez, dos nossos observadores que, de resto, se limitaram a acusar o estranho movimento de tropas, constatando-o, sem o filiarem em qualquer preparação de offensiva que, nas presentes circunstâncias, seria absolutamente inconcebível.

—Evidentemente. Todo o esforço do inimigo se concentra, presentemente, na acção do Somme, onde encontrou, segundo o que se lê, uma grande resistência, tendo até por vezes, de opôr-se a algumas violentas contra-ofen-

sivas que, certamente, lhe não permitirão desviar dali quaisquer efectivos.

—É também o que eu penso. E, de resto, mais nada?—inquiri.

—Suponho que não—respondeu o meu interlocutor, folheando a sua pasta—Ah! temos aqui o programa do arraial de hoje...

—O quê? Algum novo *raid*?

—Não senhor. São as rajadas da nossa artilharia.

—Então voltam à carga?

—Parece que sim. Faça favor de ver.

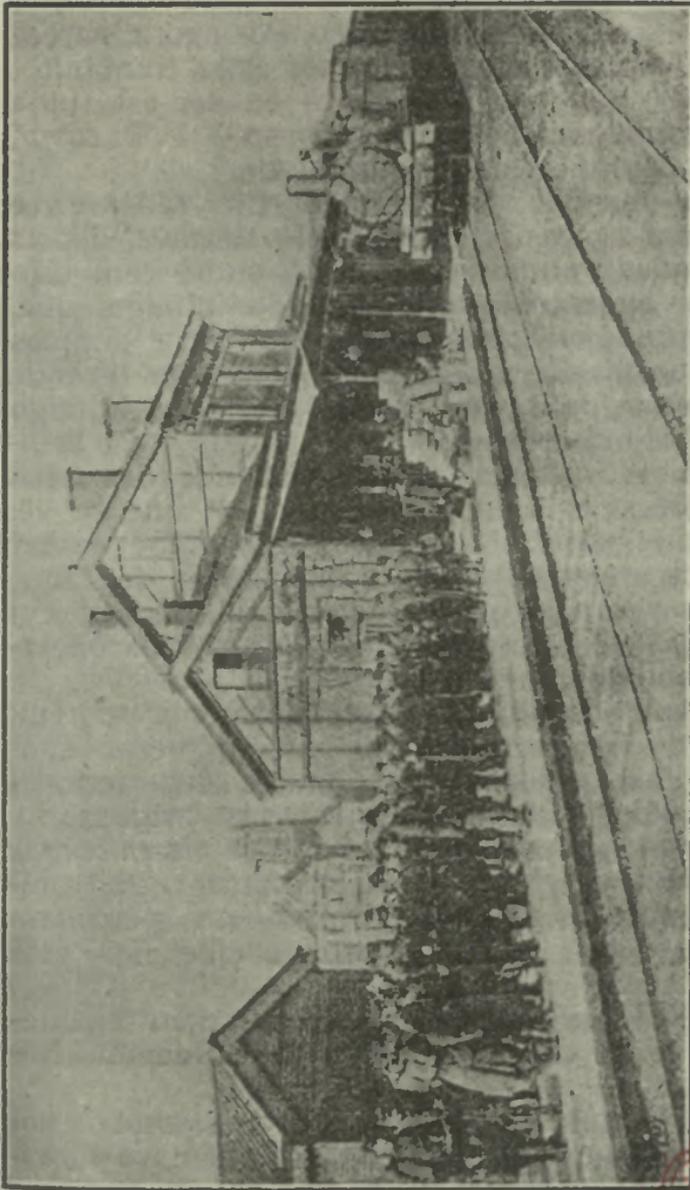
E passou-me a ordem para um bombardeamento feroz da nossa artilharia, contra determinados pontos da frente inimiga, especializando o famoso «Bois de Biéz» entre nós conhecido pelo «Bosque Misterioso» por ser considerado como inexpugnável, em virtude de uma fortíssima organização defensiva em que se dizia intervir a própria electricidade, e contra o qual em 1916 se perdeu por completo uma aguerrida divisão britânica.

—Não compreendo a vantagem de semelhantes rajadas.

—Talvez indicações inglesas.

—Sim os ingleses... E serão eles capazes de nos agüentarem, neste momento, se enfraquecidas, como estão presentemente as nossas tropas, uma forte acção inimiga, felizmente pouco provável agora, vier a produzir-se contra a nossa frente?

—Evidentemente que, no seu próprio interesse, assim procederão. Mas, para que havemos nós de estar a aventar ideias tristes, quando, pelo menos tão cedo, nada teremos que receiar?



Estação do C. F. no Aire sur la Lys



—Tem V. muita razão. Por agora, parece efectivamente que poderemos estar tranqüilos, e, por isso mesmo, achava eu ser esta uma bellissima ocasião para o nosso C. E. P. *cavar*, sem demora, para a rectaguarda.

—Apoiado, meu amigo! Era realmente óptima a ocasião. O C. E. P. retirava, depois de quási um ano de *front*, onde, com bravura, agüentou um ataque do inimigo, que, embora houvesse constituído uma simples demonstração, se efectuou com uma grande impetuosidade, por desejar talvez o inimigo dar-lhe todas as aparências de uma acção principal. A redução a quási metade dos seus efectivos e a impossibilidade em que se vê, ao que parece, o nosso país de lhe enviar novos reforços, tudo aconselhava, de facto, uma retirada que se efectuariá, assim, em condições que, por fôrma alguma, nos envergonhariam.

—E' isso verdade. Infelizmente, porém, longe de qualquer pensamento nesse sentido, são alargados os limites dos sectores atribuídos até aqui às nossas brigadas, e não me consta que *à base de desembarque* tenham chegado quaisquer forças que, completando as que cá temos, nos permitam uma defesa eficaz da frente que nos está confiada.

—Simplesmente lamentável, meu tenente-coronel! —concluiu, tristemente o capitão Nogueira.

Fizera-se um curto silêncio, durante o qual um badalar de campainha nos chamava para o jantar daquele dia.

\*

\*

\*

No final do jantar, enquanto alguns dos meus camaradas jogavam as cartas, o Dr. Fernandes, moía mais uma vez, o seu interminável reportório de discos gramofónicos; e o ajudante Nogueira com o Tenente Camilo de Oliveira, cada um na sua repartição, trabalhavam, como de ordinário, até às horas do chá, descompondo o primeiro, a todo o momento, o cabo dactilógrafo, que invariavelmente lhe *engatava* as sucessivas cópias que o encarregava de fazer.

Nas linhas, era, graças a Deus, *a situação calma e o vento variável*, segundo a declaração singela dos batalhões, nos seus telegramas da tarde.

Outro tanto não vinha acontecendo, desde o anoitecer, com os nossos vizinhos de além *front*, contra os quais as nossas baterias, cumprindo fielmente o seu programa, vomitavam, como possuídas de um furioso ataque de loucura, verdadeiras torrentes de metralha, a que o inimigo só mui limitadamente respondia, com alguns raros tiros.

— Estão prontos! . . . — fizera, num gesto desprezível, um dos jogadores, despedindo uma carta feliz. — Já quasi não piam! . . .

— Sim — respondera-lhe o parceiro. — Não podem com uma gata pelo rabo! . . .

Foi sob esta comodíssima impressão de fraqueza do nosso adversário, e, atraído pela alvura dos lençois com que o Manuel me fizera

a cama, que, tendo-me despedido um tanto à francesa, recolhi aos meus aposentos, onde passei uma noite verdadeiramente regalada.

\*

\* \* \*

— Ora graças a Deus que o vejo emfim entre os lençois! — exclamou, pela manhã, o impedido, abrindo, muito de manso, a porta do meu quarto, onde me encontrava já de olhos abertos.

— É' verdade isso — respondi. — E novidades?

— Que eu saiba, não há nada de maior; a não ser a nossa artilharia que toda a noite esteve a contas com os alemães.

— Eu sei. E, por sinal, que já quasi não dão sinais de vida.

— Sim senhor! Agora também eu digo que, a falar verdade, os homens parece não terem, cá para êstes sitios, quasi ninguém. E antes assim . . .

— Dizes bem.

— O pior é se nos demoramos por aqui muito tempo, pois, pelos vistos, aquilo lá no tal Somme, já não anda nem desanda e, se calhar, tornamos a cair na triste rotina em que já estávamos.

— Seja o que fôr — disse-lhe eu — já me não ralo.

E, como não estivesse para mais conversas,

— Sabes que mais? vai ver se já por aí appareceu o «Télégramme» para eu ler, antes de me levantar.

—Isto é que êle é!...—fez o Manuel, satisfeitissimo—Até já lê o jornal na cama!...—e desandou à cata da gazêta.

\*

\* \* \*

O dia 8 decorrera sem novidade apreciável, até às 5 horas da tarde, em que, tendo eu assinado a correspondência diária para os batalhões, saía a fazer horas para o jantar.

Mal havia transposto a porta do meu quarto, quando me pareceu ouvir a voz do capitão Rosckrow, intérprete inglês, junto da 6.<sup>a</sup> brigada, que, com mais alguém, subia os três degraus que davam acesso para as nossas secretarias.

A proximidade dos recém-vindos, a breve trecho me colocou em presença do aludido oficial britânico que, com grande surpresa minha, eu via acompanhado por um general e um tenente da sua nacionalidade.

Sem compreender, desde logo, a significação de uma tal visita, limitei-me a fazer a minha continência militar ao ilustre oficial, que, por sinal, deveria ter a menos do que eu os seus quinze anos, bem puxados.

—O senhor general... (qualquer coisa que não consegui fixar)—me disse o intérprete, fazendo a apresentação daquele seu superior e a seguir a do oficial que o acompanhava.

Num inglês que as circunstâncias e um pouco de convivência me tornaram compreensível, completou o capitão Rosckrow a nossa apresentação, indicando-me como 2.<sup>o</sup> coman-

dante da brigada. A seguir perguntaram pelo comandante Pedrosa que, por acaso, se achava ausente, do que lhes dei conhecimento, acrescentando que não poderia demorar-se muito, visto serem justamente as horas do nosso jantar.

—Entretanto, poderemos nós ir vendo alguma cousa—propôs o capitão Rosckrow—do assunto que aqui traz o senhor general, por se tratar de um caso urgente que hoje mesmo tem de ficar liquidado.

—Estou ao dispor do senhor general—declarei.

—E' que vão ser rendidas amanhã todas as fôrças portuguezas, por duas divisões britannicas, para o que, a estas horas, devem estar nos quartéis generais de todas as brigadas os comandantes das brigadas inglesas que as deverão substituir.

Semelhantes palavras produziram em mim um suave *frisson*, como se uma débil corrente eléctrica me houvesse percorrido a espinha, de alto a baixo, experimentando ao mesmo tempo a consoladôra sensação do alivio de responsabilidades que sôbre os meus ombros pesavam. (1)

---

(1) O caso não era para menos: com os batalhões reduzidos a metade dos seus efectivos; desalentados os homens, com a perspectiva da sua eternização nas linhas, em flagrante contraste com os largos períodos de repouso e licenciamiento que aos seus camaradas ingleses vinham sendo concedidos, era verdadeiramente deplorável o moral da nossa infantaria.

A redução dos efectivos conduzia naturalmente à crescente ruína dos entrincheiramentos, cujos parapeitos,

Não consegui responder-lhe senão com um banalismo *perfeitamente*, tanto mais que não convinha interromper o capitão Rosckroow no mais que, de interessante, êle tivesse para dizer-me.

— Senhor general — prosseguiu êste, dispensando-se de antepôr o competente artigo — é o comandante da brigada inglesa que vem para êste sector.

Nova continência, da minha parte, acolheu

---

destruídos, em largas extensões, pela artilharia adversa, eram tapados, nos seus rombos, com trapos de sarapilheira, desenhando os nossos pobres soldados das vistas, já que outro tanto, por falta de braços disponiveis, se não podia fazer contra os projécteis inimigos!...

Mas uma tal falta de braços se notava ainda para a drenagem das águas que acabaram por inundar as trincheiras. E a tal ponto, êste facto se deu, que, submersas as passadeiras de madeira que lhes guarneciam o fundo, passaram estas a ser erguidas até excederem o nível da água, eolocando-se-lhes por debaixo alguns sacos de terra, arraneados de qualquer parte onde iam fazer falta...

Com a elevação das passadeiras era, conseqüentemente, reduzida a profundidade da trincheira, cuja protecção, em grandes extensões da frente, se limitava quando muito, ás canelas de quem por lá andasse, na frase do capitão Viegas, 2.º Comandante de infantaria 1.

A's reclamações que pelos comandos dos batalhões me eram feitas, em face de tal descabro, se algumas vezes respondi com a promessa de adequadas providências, acabei enfim por nada mais prometer, recomendando, no entanto, talqual a mim o faziam do alto, que se arranjassem, suprimindo como pudessem, todas as deficiências, como aliás era sua obrigação.

E os nossos infantes, officiais e soldados, assim fizeram, a ponto tal que eu estou em dizer, sem receio de errar, que, dadas as circunstâncias em que a fizeram intervir na guerra europêa, a infantaria portugueza realizou um esforço verdadeiramente gigantesco, com o qual

ainda esta informação do intérprete que, sem se deter, perante a minha instintiva manifestação de respeito, continuou informando:—e deseja tomar conhecimento dos limites do sector desta brigada, sua organização e plano defensivo, assim como de todos os demais elementos que possam interessar ao seu futuro comando.

O capitão ajudante, que já se havia aproximado e comigo havia trocado um rápido olhar

---

se não pode comparar o de qualquer outra que no mesmo conflito haja tomado parte.

Aliviar, pois, rendendo temporariamente a nossa infantaria, aliviando consequentemente quem a comandava das responsabilidades que sobre os seus ombros impendiam, era providência a tal ponto justa e desejável que necessariamente havia a sua noticia de ser recebida com grande alvoroço.

E não vá supor-se que eu tinha dificuldade em conseguir, se o quisesse, a minha retirada pessoal do *Front*, para onde aliás, como já disse, ful a meu pedido:

A quando da minha licença de campanha, fôra eu repetidas vezes, convidado, como provar posso, para ir exercer o cargo de governador civil de Viana do Castelo. A aceitação dêste logar, determinando a minha permanência em Portugal, ter-me-ia dispensado, assim, de regressar à Flandres. Tal conveniência, porém, foi por mim rejeitada; e, ainda, uma vez em França, pude ler no *Jornal de Noticias*, do Porto, de 25 de Março de 1918, a noticia da minha indigitação para idéntico cargo no distrito do Porto. Em coincidência com a leitura desta noticia, recebia eu uma carta onde êsse pedido me era feito por um amigo.

Entretanto decorria no nosso *Front*, o periodo mais agitado de toda a nossa permanência ali.

Esta e algumas outras notas que hoje acrescento à presente edição dêste livro, tendem apenas a esclarecer um pouco, evitando equívocas interpretações, a verdadeira significação de palavras que, de certo modo, brigariam com a minha conduta, de combatente voluntário, embora bem obscuro, da Grande Guerra.

de inteligência, acompanhado de uma fugidia piscadela de olho, auxiliou-me, à maravilha, com a sua elevada competência, no serviço de informações que tive de prestar aos recém-vindos.

Todos os documentos e cartas secretas, relativas ao sector foram sucessivamente apresentadas ao seu futuro comandante, a quem, numa rápida exposição, fomos pondo ao corrente do dispositivo dos nossos batalhões em primeira linha, no apoio e na reserva, bem como de tudo o mais que o brigadeiro mostrou interesse em conhecer, e pelo que o mesmo, em repetidos *yess*, manifestava a sua grande satisfação.

Nêste meio tempo, chega o comandante Pedrosa, que apresento ao general. Em alguns minutos, ponho-o ao corrente, não só do fim daquela visita, como de todos os esclarecimentos que, antes da sua chegada, eu e o ajudante lhe havíamos fornecido.

Inteirado o general britânico de todos os assuntos que o poderiam interessar, prevenira êste o coronel Pedrosa de que no dia seguinte, pelas 9 da manhã, ali deveria comparecer de novo, com os comandantes dos batalhões ingleses, que à noite vinham render as nossas fôrças, e para o que àquela hora iriam fazer o competente reconhecimento do sector que ocupávamos.

A seguir, e depois de delicadamente haver recusado o oferecimento que lhe fôra feito para jantar, retirou o general com os seus dois camaradas, num magnifico automóvel do C. E. P. que evidentemente fôra posto ao seu dispor.

Uma ordem telegráfica da divisão confirmava, pouco depois, a simples conversa do general, pelo que imediatamente foram feitas todas as comunicações e dadas as convenientes ordens para a ambicionada rendição que ia ter enfim lugar!

O Manuel, sempre generoso e bom, limitára-se a enunciar mais um dos seus numerosos conceitos, dizendo, com uma alegria, que lhe fizera até esquecer a perda das suas queridas botas *camones*:

—*Mais vale tarde do que nunca!* . . .

\*

\*      \*

O nosso jantar daquêlê dia constituíra uma refeição sumária que todos tomámos muito apressadamente, e apenas à medida que o serviço de cada um o ia permitindo.

Havia muito que fazer, não podendo o assunto, embora tão interessante da nossa imprevista rendição, ser devidamente apreciado e discutido.

Uma ou outra frase ia sendo disparada de fugida, por alguns dos meus camaradas, sem prejuízo do serviço que tinha entre mãos . . .

Só cêrca da uma hora, quando todas as providências relativas ao movimento do dia seguinte se achavam inteiramente tomadas, é que eu pude trocar as minhas habituais impressões com o capitão Nogueira.

—Podem os nossos camaradinhas britânicos vir quando lhes dê *na gana*—disse êste, sempre bem disposto e naquêlê momento mais

do que nunca—que tudo se acha prontinho para os receber.

—Ora ainda bem — respondi-lhe — V. não imagina como estou satisfeito: É que este facto, além de representar um verdadeiro acto de justiça para com as nossas tropas, vem ainda demonstrar-nos bem eloqüentemente, que ao comando do nosso corpo expedicionário não passaram despercebidos os movimentos do inimigo, cujas intenções, desde agora, bastante suspeitas para mim, devem ter determinado a presente rendição.

—Sim, meu tenente-coronel, — conveio o capitão Nogueira — talvez.

—Não lhe reste a menor dúvida. As circunstâncias em que este acontecimento se vai produzir, e sobretudo a urgência que nêle se põe, hão-de necessariamente relacionar-se com as informações relativas ao anormal movimento de tropas, acusado nos últimos dias pelos nossos observadores.

—A que atribuir-se, porém, a divergência de informações a que ontem nos referimos?

—Eu sei lá... Conveniências talvez do comando em evitar o alarme das nossas forças com a noticia de uma ofensiva, a que de resto elas não teriam de opôr-se, visto que uma imediata rendição as estava esperando.

—É muito possível que assim tenha acontecido.

—E que, portanto, não foi descurada a sorte das nossas tropas, contra o que à primeira impressão poderia supôr-se.

—Ainda bem.

—É claro. Entre nós há, como sabe, o

hábito muito tradicional, de tudo mal dizer. Só demolir sabemos.

—Especialmente aquilo que nosso fôr.

—É verdade. Há dias ouvi eu dizer, com muita graça ao nosso camarada major Montalvão <sup>(1)</sup> que nós constituimos um povo de ideais puramente negativos, porquanto só *não querer* sabemos. Nós não queremos a República—dizia-me éle—como já não quisemos a monarquia; não queremos o Afonso Costa, como também não quisemos o João Franco; não queremos a união ibérica, como não queremos a alienação das nosssas colónias. Você não tem notado a satisfação com que se recebe a queda de todos os govêrnos? Não se procura estudar uma questão, encarando-a sôb os seus diversos aspectos. Nada mais se quer ver do que aquilo que nos dão as primeiras impressões, pelas quais nos deixamos levar como fôlhas sêcas que o vento arrasta. Todos nós, meu amigo, que tivemos a infelicidade daqui vir cair, sômos vítimas da criminosa maledicência de muitos portuguezes, para quem esta nossa inglória expedição chega a ser uma alegre e divertida aventura que a uns tantos felizes foi generosamente proporcionada nestas terras da Flandres. Dêsde a 1.<sup>a</sup> linha de trincheiras até à *base de desembarque*, ninguém escapa a uma critica mordaz que, por vezes, nos tem feito descer até ao mais triste e deplorável ridículo. De entre todos nós, porém, são indiscutivelmente os comandos superiores e o seu estado maior

---

(1) Um dos mais illustres officiaes do nosso Exército.

aqueles sôbre quem mais duramente corta a afiada tesoura da maledicência a que aludo, justamente porque aos golpes de que, duma maneira geral, todos nós sômos vítimas, deverá juntar-se, triste é dizê-lo, aqueles que nós próprios, muito levemente, cá lhes vibramos também. (1)

—Tem V. muita razão, pois que, com êsses, chega a má lingua a constituir um verdadeiro estribilho.

—Nem mais nem menos. Isto, é claro, não falando ainda no pessoal das diversas *bases*, contra o qual se criou uma agressiva má vontade, como se, da sua, não dependesse a nossa existência cá na *frente*.

—Sem dúvida.

—Vá com o que lhe digo, meu caro Nogueira—insisti.—O Comando não descurou o caso da rendição das nossas tropas, como cer-

(1) Haja em vista a lenda que, a princípio, se estabeleceu de que os alemães dispensavam uma certa protecção ao nosso sector, poupando-o com a sua metralha.

A este propósito direi mesmo que uma tal lenda chegou a Portugal, pitorescamente correcta e aumentada.

Tinha eu chegado ao Pôrto com a minha licença de campanha, em Janeiro de 1918, quando na Praça da Liberdade, o meu amigo José Saraiva, após um breve eumprimento, se me dirige, nos seguintes termos:

—V. desculpará, se sou indiscreto; mas ansiava encontrar um official de confiança para me esclarecer um assunto que espicaçou a minha curiosidade.

—Dirá.

—Você esteve nas primeiras linhas do nosso C. E. P.?

—Sim, senhor. Deixei-as há poucos dias.

—Sabe o que por cá consta?

E contou-me a historia do proteccionismo alemão para com as nossas forças.

tamente não descurou tudo o mais que lhes possa dizer respeito. Quanto a mim, não foi senão a ofensiva do Somme que, atraindo para ali numerosos reforços ingleses, protelou, até esta data, o descanço que enfim vai ter o nosso C. E. P. É eu calculo quantos amargos de bôca esse contratempo não deveria ter causado ao nosso chefe, depois de, embora vagamente, nos haver anunciado a rendição.

—Avalio...

O próprio alargamento dos nossos sectores de brigada, que tão mal recebido foi, não teve, a meu vêr, outro fim senão o de restabelecer os seus primitivos limites, por fórma a podermos restitui-los aos nossos aliados, nas mesmas condições em que êles no-los haviam confiado.

—Está-se vendo que sim.

—Eu, cá por mim, embora lho não tivesse manifestado, suspeitei um pouco das intenções

---

— Isso é um disparate — respondi.

— Pois, meu amigo, ainda, há poucos dias, aqui no meu estabelecimento, se fez uma tal afirmação, acrescentando-se que, todas as tardes, ahí pelas 5 horas, um grupo de officiaes alemães e portuguezes se reuniam em determinado ponto do *No men's land*, onde por aqueles lhes era servido um aromatico chá, não sei se com as competentes torradas . .

Confesso que ri deveras com semelhante disparate, que, em verdade, batia o *record* da blague sobre a acção das nossas tropas na Flandres.

—Mas quem lhe impingiu semelhante carapetão? — perguntei.

—Um major que se dizia vindo do Front e há dias esteve al no meu estabelecimento, onde contou isto mesmo, a quem o quiz ouvir.

Tableau! . .

do comando, ao ordenar o alargamento da nossa frente; e, posto que ninguém me haja informado do que, a tal respeito se passou, tomo o aviso de rendição que acaba de nos ser feito pelo general inglês, como uma verdadeira confirmação do que antes supusera.

—Ele efectivamente não fazia grande sentido — disse o Nogueira — que, nas condições debilitadas em que se encontram as nossas tropas, se lhes fôsse exigir um esforço superior àquele que, com grande sacrificio, elas já estavam fazendo.

—Evidentemente. Mas um outro facto me levou ainda ao convencimento de que a nossa rendição se achava iminente.

—Qual?

—A consulta que, em circular, foi ultimamente dirigida a todas as unidades, na qual se procurava inquirir do estado moral dos nossos homens: não se lembra? E à qual todo o mundo respondeu de molde a não poder adiar-se a sua rendição, havendo até quem aconselhasse um longo repouso em qualquer campo da rectaguarda.

—Se me lembro? Até foi o nosso tenente Oliveira quem redigiu a resposta da 6.<sup>a</sup> brigada.

—Já vê, pois, que, dadas todas estas circunstâncias, ninguém, com bôa fé, pôde atribuir o menor desleixo ao nosso comando, sôbre um assunto que evidentemente lhe mereceu um particular interêsse.

—Como o dia de hoje no-lo acaba de demonstrar.

—Mas é tarde — disse eu, vendo o relógio que marcava quâsi as duas da madrugada — e

nòs precisamos encostar-nos um pedaço. É preciso levantar cêdo, para termos tudo a postos, quando os *camones* aí chegarem.

—Que V. passe uma noite descansada.

—Obrigado— respondi-lhe— Eu cá por mim, vou-me enfiar despido entre os lençois. Será esta a segunda noite em que, há mais de um mês, assim posso fazer.

—Eu também me vou deitar descansadissimo, pois não nos faltaria mais nada senão que os alemães, justamente na ultima noite que aqui passamos, nos viessem incomodar. Nada, não me cheira . . .

—Seria preciso andarmos com o pior das sortes. Porém, o *rabo foi sempre o pior de esfolar* . . .

Mas, seja o que fôr, hoje não lhe posso resistir. Boa noite, sim?

—Boa noite, meu comandante.

E dirigiu-se cada um para seu quarto,

V

HÁ impressões de tal maneira fortes que impossível se torna descrevê-las, sem amesquinhar a sua grandeza, por melhores que sejam as faculdades de observação, a sensibilidade artística e o mérito literário de quem, tendo-as recebido, as pretende comunicar aos outros.

O grande Camilo, ao colocar a sua pobre Ricardina em presença de Bernardo Moniz, o amante querido que um feliz acaso lhe permitiu encontrar, depois de, para sempre, o supôr perdido, receando falsear, com as suas palavras, a intensidade da scena que entre aqueles dois entes se produzira, limitou-se, modestamente, a declarar:

—«Não me afoito a descrever o lance. O espectáculo era dois seios que se apertavam, com um transporte, só comparável ao trance de agonia com que vinte e quatro anos antes se tinham apartado».

. . . . .  
. . . . .

O acontecimento que me vejo forçado a descrever, no presente capítulo, pertence incontestavelmente à categoria daqueles cujo descriptivo os atraiçoa, fazendo-os cair na banalidade dos casos semelhantes que repetidas vezes se lêem, muito longe dos locais em que se produzem, e de cuja dura realidade só podem ajuizar aqueles que, por mal dos seus pecados, neles se viram obrigados a figurar .

Reportando eu este meu livro de notas aos factos relativos ao derradeiro mês da minha permanência na frente portuguesa, dos quais factos me venho ocupando nos quatro capítulos que antecedem, mal parecia que, embora muito ligeiramente, eu deixasse de fazer referência aos acontecimentos que originaram o meu aprisionamento e consequente cativo, do qual, presumivelmente, me virá o principal e mais interessante assunto para o meu presente trabalho.

Só o desejo, pois, de evitar uma lacuna, que nada justificaria, nem mesmo a carência absoluta do meu engenho e arte, me poderiam levar a descrever essa poderosa ofensiva de 9 de Abril, em que alguns milhares de portugueses ficaram para sempre sepultados nas trincheiras que, durante um longo ano, vinham defendendo heroicamente, como se fôra a sua própria casa, e onde, numa lucta de 1 para 10, se bateram pela derradeira vez, contra um inimigo poderoso e habil que, ao cabo de dois dias de porfiados combates, aniquilava todo o seu esforço e bons desejos da vitória, a que uma série de anteriores sucessos os tinha habituado.

\*

\* \*

Se a superstição é um dos característicos do atraso intelectual de um povo, eu poderei, sem receio de imodéstia, considerar-me um pouco a par de qualquer habitante da Hotentócia.

Como eu, tenho, porém, conhecido muita gente boa. Não quero já falar do escrúpulo quasi geral com que, nas nossas casas, se verifica o número exacto de pessoas que terão de sentar-se connosco á mesa, para não dar-se o caso de serem *treze*, das quais uma terá fatalmente que morrer, durante o ano que docorrer após o dia daquela reunião.

Não se trata igualmente de tinta preta, ou de azeite entornados, espelhos partidos, ou sonhos fatídicos, com que tanta gente se preocupa, e a cuja influência eu não posso, por vezes, também, conservar-me indiferente.

A minha superstição acha-se principalmente relacionada com o número 9, que, bons ou maus, tem marcado os factos mais importantes de toda a minha existência.

Dispensar-me-há, certamente, o leitor de lhe fazer aqui a documentação do que afirmo, apresentando-lhe todos os factos por mim registados, desde longos anos, e dos quais me resultou, quando mais não fôsse, o hábito de jámais os deixar passar despercebidos.

Dir-lhe-hei, no entanto, que, desde a consoladora distinção nalgum exame, até á barba-ridade de uma injusta saraivada de palmatoadas, quando colegial, e depois muitos outros acontecimentos, de maior ou menor importân-

cia, para bem ou mal eu haver, entre os quais lhe indicarei também a perda de algumas pessoas de minha família, a recepção de um prêmio, um descarrilamento em terríveis condições, no caminho de ferro do Tua e muitas outras chances ou azares, de carácter mais ou menos íntimo, tudo isso constitui outros tantos factos que, por coincidência ou fatalidade, se produziram, precisamente nos dias 9 de qualquer dos meses do nosso calendário.

Todos os meus actos parecem de tal maneira subordinados ao número 9, que não teem sido apenas os dias dos meses, dilatando ou confrangendo, mais ou menos assinaladamente a minha alma, com o bem ou mal que lhe teem feito, os únicos a atravessarem-se no acidentado caminho da minha existência. Assim, 9 eram os degraus de todos os lances de escada de uma casa em que no Pôrto vivi, e onde em 9-9-909, me faleceu um filho querido, bem como 9 era o total das suas janelas e ainda 9 o das suas divisões.

O número 9 teve o meu melhor impedido, de tantos que até hoje se teem conservado ao meu serviço, tendo sido êsse excelente moço, quem, ás 9 horas do dia 9 de Julho de 1898, me veio dar a notícia da minha promoção a tenente, facto este que, para maior coincidência, se produziu no 9.º ano de serviço da minha carreira militar.

A 9 de Março de 1902, no 9.º dia da minha viagem de regresso do Bié, na África Ocidental, fui atacado pelo gentio armado, em condições de que só milagrosamente pude escapar.

9 são as pessoas que habitualmente vivem na minha casa; foi em 9 de Junho que, entre soluços e lágrimas, quando teve lugar a minha partida para França, eu me despedi das inocentes crianças que são as minhas adoradas filhinas; e de tal fórma aquele número me acompanha, que, já uma vez em Boulogne, deixei, arreliado, de entrar num hotel, cujo portão se achava marcado com o número 9, dirigindo-me, aborrecido, para outro hotel vizinho, onde um sorridente creado, depois de fazer-me subir a escada, me conduz ao quarto n.º 9!

Por vergonha, quási receando que o creado suspeitasse das minhas relações especiais com semelhante algarismo, deixei-me para ali ficar, dando entrada no referido quarto, onde passei uma noite deliciosa, que, por sinal, precedeu o dia alegríssimo da minha partida para Portugal. Algum tempo depois, após o meu regresso à Flandres, era o prédio em que estava aquele hotel, atingido ligeiramente por uma bomba de aeroplano que principalmente danificou o quarto em que pernoitara (1).

Foi, pois, sôb a fnfluência, do misterioso número, que, em 8 de Abril, após a saída do general britânico, a que me refiro no anterior capítulo, eu disse para os meus camaradas

---

(1) Em 9 de Julho recebia eu na Alemanha as primeiras notícias da minha família, em carta que trazia a data de 9 de Junho. Era de 9 também o grupo de oficiais com que me evadi da Alemanha para a Holanda, etc.; e, já depois de publicada a 1.ª edição deste livro, eu tive, por desgraça minha, um numero 9 a assinalar, bem tragicamente, um acontecimento da minha vida familiar.

Nogueira e Oliveira, constituir a rendição de 9 o acontecimento feliz daquele dia, que, antecipadamente, me apressei a registrar no meu *carnet* de factos notáveis.

O dia 8 de cada mês constitui geralmente para mim um verdadeiro ponto de interrogação, que me traz de oratório para qualquer desagradável acontecimento visto que, de ordinário, estes sobrepõem vantajadamente os bons.

—O que será o dia de amanhã?— pergunto a mim mesmo, todos os dias 8, como se os restantes dias dos meses se fizessem exclusivamente para os outros...

\*

\* \* \*

Quanto, pois, ao dia 9 de Abril, estava o caso resolvido, devendo ser a rendição das nossas forças, pela qual todos vinham ansiando, o acontecimento feliz que o tornaria sobejamente notável; e foi sôb esta agradável convicção que, tendo-me eu despedido, me enfiei regaladamente entre os lençóis.

Pelas 4 horas e meia da madrugada, fui, porém, subitamente acordado pelos rebentamentos de numerosas granadas inimigas, cujos cacos, perdendo abusivamente o respeito ás virginais vidraças do meu quarto, as reduziam prontamente a astilhas, indo depois cravar-se no estuque das paredes e do tecto, onde produziam enormes buracos.

Muito atabalhoadamente consegui vestir a única roupa que ainda hoje tenho no corpo, e sair para o exterior, onde pus o chapéu de ferro

e coloquei na posição conveniente o meu aparelho anti-gás.

A nossa artilharia contrabatia já fortemente a sua adversária, o que levou uma ordenança, ainda um tanto extremunhada, a informar-me, erradamente, de que todo aquele estardalhaço era feito *de cá para lá*.

Não se manifestára, porém, da sua opinião o demais pessoal da brigada, que, nalguns momentos, se espalhou pela secretaria e outras dependências do quartel-general, onde todos os oficiais explicaram o fenomenal bombardeamento do inimigo, como uma natural represália da sua artilharia contra o violento fogo com que a nossa a estivera provocando nos últimos dias.

O ajudante que procurára comunicar com os batalhões, não o conseguiu fazer, visto que todas as ligações telefônicas se achavam interrompidas, não só para ali, como para a divisão e brigadas contíguas.

Entretanto, a barragem ia-se tornando mais densa, multiplicando-se prodigiosamente as explosões, em redor da nossa *ferme*, o que levou um dos oficiais a extranhar:

— Isto, para simples represália, lá me parece um pouco forte. . .

— Talvez algum novo *raid*—aventou um outro.

Cada vez, pois, se tornava mais indispensável o comunicar-se com os batalhões, pelo que se procurou utilizar a telegrafia sem fios. A sua instalação havia, porém, já sido destruída por uma granada, não sendo também possível o fazer-se seguir os pombos correios, sôb uma semelhante tempestade de fogo.

Como manter-se, porém, uma tão crítica situação, em que absolutamente se ignorava a sorte da nossa infantaria?

Da frente também nada chegava que nos pudesse informar do que ali se estava passando. E o tempo urgia, recrudescendo, se possível era, a intensidade da barragem inimiga, quando se ouviram os gemidos de alguém que entrava o portão da casa, e se dirigia para o local onde nos encontrávamos.

Era o alferes Vidigal que, escorrendo em sangue, a muito custo explicou haver sido alcançado no pescoço por estilhaços de uma granada de gases que acabára de explodir num pequeno abrigo onde se recolhêra com outras praças, algumas das quais ali se achavam mortas, tendo as outras ficado mais ou menos feridas.

Vômitos sufocantes acometiam o pobre rapaz que, imediatamente socorrido pelo médico, acusava, segundo opinião dêste, manifestos sintomas de uma forte intoxicação pelos gases.

O seu ferimento no pescoço, embora de uma grande extensão, poderia considerar-se de mínima gravidade; a asfixia, porém, fazia sofrer atrozmente aquele nosso camarada, que se tornava indispensável fazer seguir imediatamente para uma ambulância.

Mas, como pedir, a evacuação dêste oficial, se não possuíamos um telefone?

Recorreu-se então ao motociclista que, passados alguns momentos, após a sua partida, regressava ao comando, onde declarou haver caído com a máquina para dentro de

uma enorme cova de granada que o surpreendêra numa apertada curva da estrada.

Constituiria este facto uma nova contrariedade para nós que víamos bastante perigoso aquele nosso companheiro, quando alguém se lembrou de o fazer transportar no automóvel da brigada, onde o acompanharia o Padre capelão Manuel Caetano. E assim se fez (1).

O automóvel saiu talvez no período mais intenso da barragem inimiga, sôbre a zona do nosso quartel general e baterias, que gradualmente se iam reduzindo ao silencio, por carencia de munições e impossibilidade absoluta de fazerem o seu reabastecimento.

A situação podia considerar-se, naquele momento, verdadeiramente difficil e perigosa, dentro daquela casa que o avanço da barragem havia de fatalmente esmagar.

O inimigo empregava especialmente os grossos projecteis, cujas explosões, muito vizinhas da nossa *ferme*, arremessavam por sôbre o seu telhado uma forte saraivada de estilhaços e muitas pedras.

Um dêsses projecteis alcança enfim o nosso quartel general, para o lado das cavaliças, onde origina um pavoroso incêncio, por haver explodido num palheiro em que se alojavam as praças da nossa formação. Este facto alarmara extraordinariamente os nossos soldados que logo se precipitaram para as imediações da

---

(1) O alferes Vidigal faleceu, dias depois, segundo mais tarde soube.

secretaria, onde estavam os oficiais. Era um pavor:

Grandes rolos de fumo, iluminados já pelas primeiras línguas de fogo, começavam de elevar-se por sôbre o telhado da casa, que assim estava naturalmente condenada a ficar reduzida a cinzas.

Um numeroso tropel, acompanhado de alguns aflitivos gemidos, acusava a chegada de mais alguns feridos que o Dr. Fernandes, a muito custo, mas com uma inexcedível dedicação profissional, ia pensando.

— O gado! — bradou uma ordenança de cavalaria, acercando-se de nós, num ímpeto de filantropia para com os pobres animais. — O que se há de fazer ao gado?! . . .

É que estavam já, uns mortos outros feridos, diversos cavalos e muares do nosso quartel general.

Mas o que se havia de responder à ansiosa pergunta daquele soldado? . . .

Ordenar que os pobres animais fôsem imediatamente soltos, o que de facto teve lugar. Alguns, porém, recusaram-se a sair do recinto em que se achavam alojados, para, dentro em pouco, ali serem esfacelados pela metralha.

Entretanto, ia o incêndio lavrando assustadoramente, como se depreendia das grandes labaredas que então se elevavam já no espaço, onde produziam um imenso clarão.

Não tardaria que a pitoresca *ferme* se achasse transformada num grande braseiro, se imediatamente se não atalhasse à acção devastadora daquele violento incêndio, que, além de outros perigos, nos iria acarretar ainda o da natural

referenciação daquele local pela artilharia inimiga.

Não havia, porém, ali, água que nos permitisse tentar sequer extinguir tão extenso fogo que, de resto, o espesso nevoeiro daquela manhã, impediria talvez de ser observado pelo inimigo.

Além disso, a principal preocupação de todos nós consistia em nos inteirarmos da sorte das nossas forças de que continuávamos a não saber notícias.

Os estafetas a quem, logo de princípio, se procurara recorrer, responderam que desconheciam em absoluto as estradas e caminhos de emergência para as trincheiras. Outro tanto acontecia com os oficiais, que, não obstante os seus bons desejos, se encontravam ali, desde 7 de manhã, não tendo podido sequer fazer um prévio reconhecimento do sector, por este haver sido ocupado precipitadamente, em virtude de uma ordem urgente da última hora de 6.

E os minutos sucediam-se, sem que a nossa situação se pudesse modificar.

Um alentado sargento de artilharia pediu-nos licença para entrar na secretaria que, semeada de feridos, se achava transformada num verdadeiro posto de socorros.

Traz uma das mãos tinta de sangue que lhe escorre de um ferimento que recebera, ao atravessar a espessa barragem, desde a posição da sua bateria até ao nosso quartel general, onde vinha receber quaisquer indicações.

— A minha bateria — informou ele — tem todas as suas ligações interceptadas; e, como

não tenhamos recebido qualquer pedido de intervenção dos nossos fogos, foi resolvido manter-se a barragem à frente da 1.<sup>a</sup> linha.— E acrescenrou — temos sofrido imensas baixas, incluindo um dos senhores oficiais; mas não abandonamos êste objectivo de protecção à infantaria, enquanto isso nos não fôr dispensado. Foi êste o recado que o meu comandante me incumbiu de trazer aqui, dizendo-me mais que, como na brigada certamente saberiam do que se estava passando nas linhas, perguntasse a Vossas Excelências se a bateria deveria continuar com o mesmo fogo, ou se porventura convirá que ela tome qualquer outro objectivo que, neste caso, me deverá ser indicado.

Foi respondido a êste sargento que a nossa brigada estava igualmente sem comunicações, nada conhecendo do que se vinha passando na frente, pelo que parecia conveniente dever a bateria manter-se, por mais algum tempo, com o seu primitivo fogo.

Que horrível situação! O aparecimento do capitão inglez Herbert Cassels, intérprete junto das fôrças portuguezas e que muito bem conhecia os caminhos que conduziã ao nosso sector, onde havia já prestado serviço, veio atenuar bastante as nossas dificuldades, porquanto êste se prontificou logo a ir junto dos comandos dos batalhões, colhêr quaisquer noticias ácêrca da situação.

O capitão Cassels pediu apenas que lhe fôsem fornecidos dois soldados armados para lhe servirem de ordenanças; e, uma vez satisfeita este seu desejo, seguiu o mesmo official ao seu destino, quando o tenente Oliveira estava

já, a-pesar-de tudo, pronto para marchar para ali (1).

Na mesma ocasião foi mandado também um ciclista à nossa divisão comunicando-lhe o corte das comunicações e dando conta das providências adotadas.

Eram 7 horas, e há 3  $\frac{1}{2}$ , portanto, que nos achávamos sob um fortíssimo bombardeamento, como semelhante nenhum de nós havia ainda presenciado. Esse bombardeamento deixava-nos ainda a impressão segura de se estender, não só a toda a frente portuguesa, mas ainda a uma grande parte da inglesa para os nossos dois flancos.

No nosso comando, porém, nada mais havia, por então que fazer, enquanto não chegassem as informações que o capitão Cassels pudesse trazer-nos, do que socorrer os numerosos feridos que para ali se haviam ido arrastando. Entre éstos viam-se duas pobres rapariguinhas de dez anos, ali do logarejo, uma das quais, com ambas as pernas esfaceladas e outros ferimentos, em breve exalava o seu derradeiro suspiro. Que pena me fizeram essas duas crianças, estendidas sôbre uma estreita mesa, ao lado uma da outra, quási nuas, com as pernas envolvidas em grossos pensos de algodão, e uma delas morta, enquanto a outra a olhava

---

(1) O serviço prestado por éste official representa um alto feito que no entanto, jámais teve, o menor registo official!... A circunstância de se tratar de um official estrangeiro seria, de resto, mais uma razão para o não votarem ao esquecimento,



timidamente, quasi às furtadelas, como se receiasse que todos aqueles homens que a rodeavam lhe pudessem ralhar, por ela estar olhando para a sua companheira.

É que certamente a pobrezinha começara suspeitando da quietação e silêncio da sua amiguinha, cujo corpo a proximidade a que a tinha lhe permitia talvez ir sentindo enregelar.

O' guerra maldita! Se, há trezentos anos, António Vieira te classificava já de *monstro*, que nome poderá existir hoje no nosso vocabulário que bem possa abranger todas as crueldades e infâmias que, à tua sombra, vem agora praticando a humanidade?

Por um verdadeiro milagre, o incêndio que se localizára, segundo me pareceu, por se achar separado do restante da *ferme*, por um espesso muro, não tendo mais que devastar, acabára por extinguir-se, considerando-nos, sôb êste aspecto, numa animadora situação.

Mas a barragem prosseguia com um louco furôr, e, a breve trecho, é o nosso quartel general de novo atingido por uma granada que lhe leva um grande pedaço de telhado. Um pobre soldado, tipo de minhôto, cai súbitamente de joelhos e mãos postas, rezando, devotamente, a *Magnificat*.

Mas a agressão da nossa obscura casinha não fica por aqui: Outros projecteis alcançam a velha *ferme* de que, a cada explosão, lhe arrebatavam enormes pedaços de telhado.

Era verdadeiramente critica aquella situação de permanência, dentro de uma pequena sala, aguardando a morte, de braços cruzados, sem a menor probabilidade de salvação, perante um

inimigo que, a dezenas de quilómetros, cómodamente, nos estava agredindo.

Sim, era dentro de uma sala que nos encontrávamos e que, quando muito, nos preservaria de algum pequeno estilhaço, e não protegidos por um abrigo à prova de granada, dos que na frente francesa dispunham os próprios comandantes de batalhão, e entre nós existiam em alguns comandos. (1)

Aí pelas 8 horas e meia, assumira o bombardeamento inimigo proporções verdadeiramente fenomenais, podendo afirmar-se que êle atingira então o seu máximo de intensidade, sôbre a zona em que assentava o nosso quartel general.

Projecteis de avantajadas proporções, abalando fortemente, pelos alicerces, a casa em que nos encontrávamos, vinham explodir em redor do nosso cúbiculo, onde, resignados, esperávamos o momento terrível do sacrificio que todos nós reputávamos inevitável.

A cada silvo de granada correspondia, inevitável, uma forte contracção cardíaca, a cada estremeção uma momentânea sensação de alívio, (2) determinada pela certeza de que não fôra ainda aquela a explosão que nos estava destinada.

*9 horas de 9!* Momento crítico, a que, só

---

(1) Alguns destes abrigos, considerados absolutamente seguros, foram, contudo, destruidos pelos grossos projecteis, e mortos ou feridos todos aqueles que, confiadamente, neles se haviam recolhido.

(2) Com devida venia para com algum tezo que, em tudo aquilo, visse apenas um aprazível espectáculo....

mais tarde, prestei a minha atenção. A persistência no perigo acaba, não direi de com êlenos familiarizar, mas de nos roubar as forças necessárias para que nele possamos detidamente pensar.

Eu estava, de facto, cansado, e outro tanto acontecia aos meus camaradas, quando, seguidamente ao sibilar estranho de um volumoso projectil, cujo guincho especial, se distinguia claramente do de todos os outros uma formidável explosão se produziu.

Atingira êste projectil a parte da *ferme* destinada à nossa cozinha, que imediatamente desmoronou, com um fragor estranho, em que ao rolar surdo de grossas pedras, se juntára o forte estralejar dos madeiramentos que se partiam e o telintar, como de faianças que se espedaçam, produzido pela derrocada em massa dos telhados.

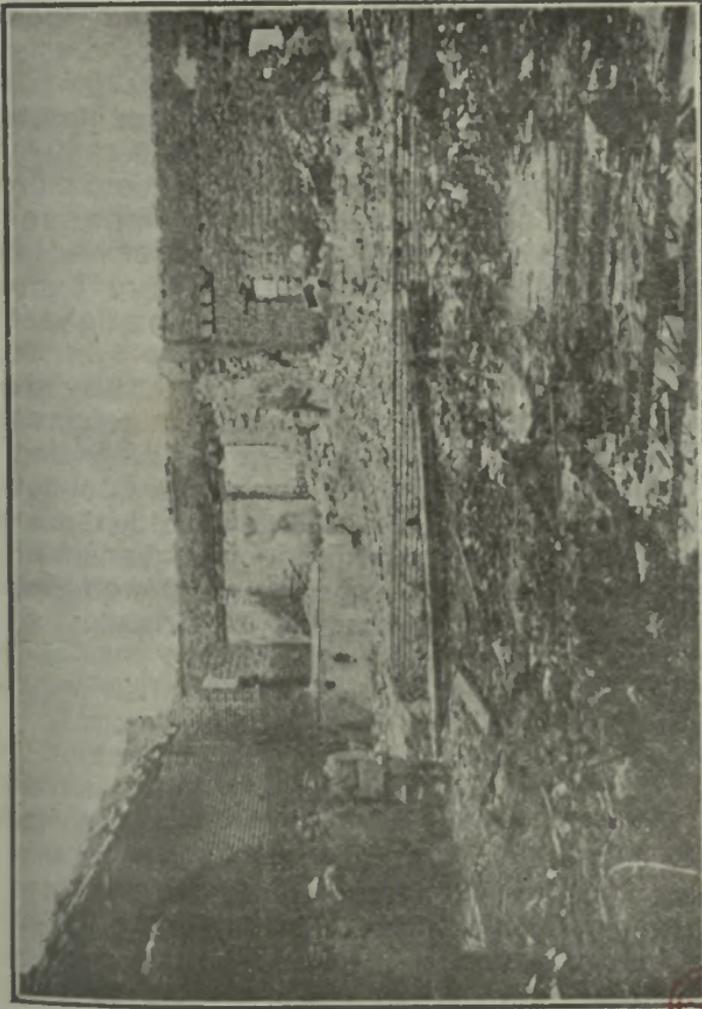
Pelas janelas entra-nos uma espessa névem de fumo e caliça acompanhada de vários estilhaços que, ricochetando nas paredes, vinham cair a nossos pés.

De mistura com esta névem de poeira e fumo, espalhavam-se na atmosfera os gases provenientes da explosão, em que alguns camaradas notaram logo o cheiro característico do amonol (1).

Foi neste momento critico, se, desde as 4 e meia da manha, algum houve que o não fosse,

---

(1) Pela gravura junta se vê o estado em que ficou a *ferme* de Huit Maisons, depois da ofensiva. O pouco que restava, ao deixarmo-la, foi posteriormente reduzido ao que ali fica.



Ruínas do Quartel General da 6.ª Brigada em Huft Maisons após a batalha de 9 de Abril



que o capitão Cassels, de regresso das linhas, deu entrada na nossa secretaria, onde nos informa do envolvimento que o inimigo conseguira fazer às fôrças do nosso sector.

Quási na mesma ocasião, mas um pouco antes talvez, entra no quartel general o capitão Carteador Mena, do Estado Maior da nossa divisão, o qual, como delegado desta, vinha procurar notícias da situação que, embora enviadas, ainda ali não tinham chegado. Outro tanto havia acontecido com as duas outras brigadas que ocupavam as linhas.

O capitão Mena que já vinha da 4.<sup>a</sup> brigada e seguia ainda para a 5.<sup>a</sup>, em cujo percurso correu um risco que ocioso se torna assinalar, não pôde levar ainda a informação que nos trouxe o oficial britânico, não tendo sido encarregado, segundo suponho, de nos transmitir quaisquer instruções especiais, visto que na divisão, como nos comandos das brigadas, se ignorava absolutamente a situação.

\*

\*      \*

Eram 11 horas e meia. A barragem havia-se alongado já um tanto para outras zonas mais à rectaguarda. Nestas circunstâncias, com a nossa artilharia, quási por completo reduzida ao silêncio, e sem reservas, o que nos competiria fazer?

Eis um problema que, à primeira vista, se tornava um tanto difícil de resolver, mas para o qual teríamos de optar por qualquer das duas seguintes soluções:

1.<sup>a</sup> Conservarmo-nos no nosso posto, até recebermos ordem para dali retirar.

2.<sup>a</sup> Retirarmos, indo apresentar-nos no comando da divisão, onde quer que êle se encontrasse.

Qualquer destas soluções nos oferecia seus inconvenientes, porquanto:

No 1.<sup>o</sup> caso, não possuíamos a menor ligação com as nossas fôrças que, de resto, se achavam totalmente envolvidas, segundo outras informações que depois nos chegaram, por intermédio de um tenente de infantaria 2, o qual, a muito custo, conseguiu chegar ao nosso quartel general.

No 2.<sup>o</sup> caso, como seria recebida no comando da divisão a retirada do nosso quartel general, deixando todas as fôrças abandonadas à sua própria sorte, sem que a essa mesma sorte nos tivéssemos querido sujeitar? O principal inconveniente, porém, da nossa permanência ali, por mais tempo estava, em que fatalmente seríamos feitos prisioneiros do inimigo.

Uma opinião, dentre outras, se salientava, no sentido de devermos imediatamente retirar, visto que nada absolutamente adiantaríamos em ali nos conservarmos.

Era a do capitão inglês Rosckroow.

Em vista da diversidade de opiniões que então se apresentaram, concedeu o comandante da Brigada plena liberdade para que cada um procedesse como muito bem lhe aprouvesse, na certeza de que ali se conservaria, fossem quais fossem as conseqüências da sua resolução. Todos os demais oficiais da brigada decidiram então ficar junto do comandante, incluindo eu,

a quem o capitão Rosckroow aconselhava insistentemente para que o acompanhasse, ao que não acedi, para me não singularizar (1).

Perante a resolução unânime do quartel general, retirou o capitão Rosckroow, acompanhado por algumas praças da nossa formação, às quais nós vimos, de uma janela da *ferme*, atravessar a barragem, que, como disse, o inimigo havia já alongado, por efeito do avanço das suas fôrças, cujas metralhadoras ouviamos crepitar muito próximo da casa que ocupávamos, e que, por completo, se achava já cercada de fôrças inimigas.

Já não havia, decerto, naquele momento, ocasião para nos escapulirmos, sendo, irremediável o nosso aprisionamento.

Uma grande tristeza se apoderou então de minha alma! Sim; a guerra que, *do lado de cá*, já vinha constituindo, uma aventura bastante sensacional, a que no entanto, acábara por me habituar, passaria *do lado de lá*, a oferecer-me uma série de surpresas, cuja simples previsão excessivamente me enervava. Onde iria eu dar com os ossos? Como seria tratado?

As minhas malas, com todos esses pequenos haveres de um oficial em campanha que, no entanto ali me vinham oferecendo uma relativa comodidade, tudo eu teria de abandonar,

---

(1) O argumento que, de uma maneira geral, determinou os três quartéis generais de brigada a conservarem-se nos locais em que foram feitos prisioneiros, foi o da possibilidade da chegada de quaisquer reforços a quem seria preciso receber e dar as devidas ordens.

deixando-o naquela casa que, a breve trecho, seria invadida pelo inimigo.

De todas estas considerações, porém, aquela que mais profundamente feria o meu coração, era a ideia do grande sobresalto em que a noticia daquela acção iria lançar a minha jovem familia que, durante muitos dias, permaneceria, sem duvida, na dolorosa incerteza da minha sorte.

Oh, como seria penoso para os meus esse longo martírio da incerteza, não obstante todas as palavras de consolação e esperança com que porventura os tivessem procurado tranqüilizar, emquanto lhes não fosse dado receber as minhas primeiras noticias! Mas, como e quando lhes poderia eu enviar essas noticias, dizendo-lhes que estava de bôa saude? E como iria, eu, de futuro, passar sem essas longas e freqüentes missivas que, durante quasi um ano, constituiram um salutar alivio para as minhas saudades, e que com tanta regularidade me vinham sendo fornecidas?

Meio atordoado, entrei no meu quarto, onde o Manuel, que ali se havia recolhido, quasi me não falou, limitando-se a dirigir-me um daqueles seus olhares magoados que tão eloquentemente exprimiam a dôr que lhe ia na alma.

As minhas malas estavam abertas, dizendo-lhe eu que guardasse dentro delas, e as fechasse depois, algumas roupas que se achavam penduradas em diversos cabides. E, para quê? . . .

Entretanto, eu mesmo meti dentro de uma pequena bolsa de mão o original, quasi concluido, do meu romance, de há muito anunciado

«O Património de Maria Eduarda», que já me havia acompanhado para Portugal, quando fôra da minha licença de campanha. Dentro dessa bolsa guardei ainda diversos retratos de família, de que não desejava separar-me, diversos papeis de importância, e disse então ao Manuel que tomasse conta dessa bolsa e do meu premiável.

— Que grande desgraça! — resmungou êle — só por um milagre escapamos desta, e quem sabe o que ainda nos irá acontecer! . . .

Não me apetecia conversar, naquele momento.

Aproximei-me de uma das janelas que se abriam para a estrada, vendo logo uma forte patrulha de oficial que avançava lentamente e, de armas cruzadas, em direcção ao nosso quartel general.

Chamei para êste facto a atenção do meu camarada alferes Oliveira que, procurando, da janela do meu quarto, certificar-se do que lhe dissera, ia sendo prontamente fuzilado por um dos soldados da patrulha que contra êle disparou um tiro de espingarda.

Nada mais havia, pois, que fazer naquela casa do que aguardar ali resignadamente, a chegada da aludida patrulha e rendermo-nos.

Assim fizemos, perante as armas, contra nossos peitos desnecessariamente apontadas, pelos nossos adversários que, com o seu oficial à frente, também de pistola aperrada, pronunciaram esta estranha palavra que eternamente há-de soar aos meus ouvidos:

*Raus!* (embora ou vamos).

A meio da estrada, em frente do amplo

portão do nosso extinto quartel general, iam-nos sendo metidos, a quatro de fundo, com os oficiais à frente dos poucos soldados e sargentos que connosco haviam sido feitos prisioneiros.

O official alemão, tendo considerado desnecessária a sua presença junto de nós, confiava a nossa guarda, em número de uns 25 homens, a dois únicos soldados, um dos quais se collocara à frente e o outro na cauda da pequena coluna que formávamos.

E, para logo:

— *Márreche* — commandou, em francês, o que ia à nossa frente.

Mal havíamos dado uns cincoenta passos, quando nos surge, do lado direito da estrada, que transpôs à carreira, uma extensa linha de atiradores que teria o efectivo de uma secção alemã, e que logo se precipitou na berma do nosso lado esquerdo, fazendo face à orla de um pequeno bosque, onde crepitavam algumas metralhadoras inglesas de um batalhão que supomos para ali fôra mandado e cujos projecteis por milagre nos não atingiram.

Entre as duas forças estabelecêra-se então um vivo combate a uma distância de 800 metros, aproximadamente, o qual mais parecia, da parte dos alemães um exercício em tempo de paz, tal a regularidade dos movimentos que eu ali lhes vira efectuar.

Efectivamente, a uns 100 metros à recta-guarda daquela linha de atiradores, uma outra se encontrava deitada; e finalmente, mais à recta-guarda diversas outras fracções de costado, de joelhos ou deitadas, em que, por sinal, os seus homens, para não perderem o tempo, ata-

cavam, com belo apetite, grandes pedaços de queijo, acompanhados de pão branco, apanhado aos nossos, por ocasião da sua passagem nas trincheiras.

Por sôbre estas primeiras linhas faziam os atiradores alemães explodir alguns pequenos foguetes que a uns 100 metros acima da superficie do solo formavam, explodindo, pequenas nuvens de fumo, bastante visíveis, para que a artilharia pudesse, por elas, regular o successivo alongamento da sua barragem, que, para a frente dessas linhas, continuava sendo intensissima.

Completando êstes sinais, tive igualmente ocasião de observar, pairando na atmosfera, alguns sinais luminosos espécie de *Very-lights* que, a não muito grande distância, poderiam também constituir boas referências para a artilharia.

\*

\* \*

A partir dêste ponto, para o lado do inimigo, onde nos dirigiamos, muitas outras forças passaram por nós, sucedendo-se os batalhões ao longo da estrada, desde Huit Maisons que havíamos deixado, até a rua Bacquerot que marcava a linha dos comandos dos nossos batalhões, nas trincheiras portuguezas.

Dêstes, não encontramos já outros homens que não fôsem os numerosos mortos e feridos que as ambulâncias alemãs ainda não tinham podido recolher. Todos os demais, ou se encontravam em poder do inimigo ou soterrados nessa

extensa zona profundamente revolta, em que se achavam transformadas as nossas duas linhas de trincheiras.

Era, de facto, verdadeiramente assombroso não só o estado em que a barragem inimiga pôs as nossas linhas, por efeito dos seus numerosísimos morteiros e grossa artilharia, mas ainda todo o terreno à sua rectaguarda que, na nossa trevesia, tivemos de percorrer.

O inimigo não tratára somente de bater as estradas e os diversos caminhos de emergência para os nossos sectores: os seus grossos projecteis picaram sistematicamente também todo o terreno compreendido entre essas vias de comunicação, por fórma a deixarem os campos semeados de numerosas crateras que, sem erro sensível, se distanciavam uma das outras, de 20 metros, no seu máximo.

As estradas, unicamente, parece ter querido o inimigo poupá-las, para favorecer o posterior avanço da sua artilharia, visto que, durante o meu trajecto, apenas tive ocasião de observar o bôrdo de uma das referidas covas, encostado tangencialmente ao leito da estrada que seguíamos, da qual apenas havia cortado a berma.

Por falar de estradas, deverei dizer, de passagem, que essas faxas esbranquiçadas e poeirentas do macadam que, a uma grande distância, se destacam pelo seu contraste de côr, com a dos campos que atravessam, as fizera o inimigo desaparecer sôb uma espessa camada de terra vegetal que as numerosas, explosões das granadas lhes peneiraram por cima, em toda a sua extensão.

## VI

**A**PÓS um longo percurso, através as nossas linhas, chegámos enfim a essa faixa de terreno neutro, geralmente bem conhecida pela denominação de *terra de ninguém* que já por si é a tradução literal da designação do *no man's land*, pela qual os ingleses denominam a zona de largura variável que se acha compreendida entre a nossa e a 1.<sup>a</sup> linha inimiga. Tanto essa faixa, como todo o campo inimigo que, horas antes constituíam o perfeito *vácuo do campo de batalha*, na frase bem significativa de um grande escritor militar, se achavam, naquele momento solene, transformados num grande formigueiro humano, por efeito, não só das numerosas fôrças inimigas que, vindas de diversos pontos, connosco se cruzavam, a todo o momento, como das sucessivas colunas de prisioneiros, mais ou menos feridos, rotos e enlaçados que o inimigo ia recolhendo.

Era verdadeiramente admirável a ordem e o aprumto com que todas essas fôrças avançavam para a frente de combate, passando, lado

a lado, com os vencidos, a quem dirigiam um olhar calmo, onde ninguém poderá ter lido o menor lampejo de indignação, ou sêde de vingança pessoal contra todos nós, não obstante as numerosas baixas que nas suas fileiras havia produzido o violento fogo dos nossos morteiros e especialmente o da artilharia, cujos efeitos eloqüentemente demonstravam algumas dezenas de cavalos mortos que tivemos ocasião de ver estendidos, ao longo da frente que os nossos adversários ocupavam.

Intercalados nas colunas de infantaria, marchavam, sem lhes faltar uma só correia, poderosas baterias de campanha que os seus possantes cavalos, de largos peitos e amplas garupas emagrecidas, arrancavam, ao longo dos caminhos lamacentos e encharcados, onde o rodado dos seus canhões se enterrava, por vezes, até ao eixo.

Foi por um caminho assim que, à falta de outro melhor, teve de caminhar a coluna de que eu fazia parte, palmilhando lama, onde não raro, o sangue empoçava, e preciso se tornava ir avançando cautelosamente, tateando, mais ou menos o terreno, para nos não atolarmos até ao joelho.

Nesta marcha penosa para o desconhecido, era a leva que constituíamos, obrigada, com frequência a deter-se, encostando-se a um dos lados do caminho que seguíamos, para dar passagem a intermináveis colunas de tropas e seus respectivos trens de combate, cujas viaturas, rodando por vezes com ligeireza, nos salpicavam fortemente de lama avermelhada.

Numerosos oficiais de todas as graduações, calvagando ao trote, cruzavam-se também, a

todo o momento, com o nosso pequeno grupo, em face do qual moderavam propositadamente o andamento dos animais, para nos observarem, e, ao mesmo tempo, inquirirem dos soldados que nos escoltavam qualquer cousa que todos nós supúnhamos nos pudesse dizer respeito.

Ao fim de duas horas de marcha, entercortada de sucessivas paragens, tínhamos contornado o famoso *Bois de Biez*, onde tivemos ocasião de observar as numerosas baterias que o ocupavam, assim como as elevações do terreno para S. O. do mesmo, das quais se domina, até muitos quilómetros, todo o terreno que deixámos, e donde aquelas se tornavam quási imperceptíveis.

Muitas outras baterias de diversos grossos calibres, escalonando-se, numa grande extensão, pela zona da rectaguarda, para a qual caminhávamos, disparavam incessantemente, sôbre o nosso campo, para onde arremessavam enormes projecteis, cujos longos percursos se adivinhavam, não só pela grandeza dos canhões de que partiam, como pela inclinação de quási 45° que era dada aos seus canos, em que, maravilhado, eu notára um descomunal comprimento.

Por toda a parte, mas especialmente durante a travessia das linhas, vinha eu sentindo um cheiro estranho, produzido pelos gases provenientes das explosões de muitos milhares de projecteis, que, de um e outro lado, se estavam jogando.

É a nossa marha lá se ia arrastando, sôb a atenta vigilância dos nossos guardas, que, diga-se de passagem, se manifestaram sempre condescendentes para connosco. Ao passarem

porem, pelas baterias pesadas a que acima me refiro, desejando por ventura ostentar a sua prêsa, perante os seus camaradas, e trocar com êles quaisquer impressões a nosso respeito, proporcionaram-nos alguns minutos de descanso que, por acaso, de certo modo se compadeciam com o estado de fadiga em que nos encontrávamos, por não havêmos tomado naquêle dia ainda o menor alimento.

Vendo-nos, pois, chegar, todo o pessoal disponível dessas baterias, incluindo mesmo os oficiais, se acercaram, a pouco e pouco de nós, para inquirir dos nossos guardas qualquer cousa que não compreendíamos, mas que evidentemente nos deveria dizer respeito. Um dêses oficiais, abeirando-se de mim disparou-me, em bom francês, esta frase que já um outro seu camarada me havia dito, ao passarmos na Rua Bacquerot :

— *Quelques mois, monsieur le capitaine, et la guerre finit . . .*

Não me lembra já o que lhe respondi ; o que sei é que todas as atenções dos meus companheiros estavam, naquele momento, convergindo para um grande naco de queijo que um dos nossos guardas estava repartindo com o seu companheiro da escolta que nos acompanhava.

O oficial, bastante novo e simpático, por sinal, mostrára, a seguir, desejos de conhecer as nossas graduações que um tenente, ao meu lado, lhe esteve explicando, o que levou o alemão a pedir-me desculpa de me haver dado baixa de pôsto, chamando-me capitão.

Respondi-lhe que a minha graduação, de

pouco ou nada me poderia aproveitar, como prisioneiro. Este oficial observou-me, porém, que na Alemanha, eu gosaria de regalias especiais, na minha qualidade de oficial superior.

Não havia, porém, na situação em que me encontrava, palavras, por muito consoladoras, que pudessem levantar o meu estado moral, tal o desânimo que de mim se havia apoderado, perante a perda quasi absoluta da minha liberdade. Eram 5 horas da tarde, sem que eu visse a menor probabilidade de, naquela travessia, nos ser fornecido qualquer alimento. A debilidade era, já então, grande, e muito deveria contribuir também para o abatimento de espirito em que todos nós nos deixamos cair.

O oficial alemão explicava, pela sua vez, a um grupo dos meus companheiros os distintivos correspondentes aos diversos graus de hierarquia militar do seu paiz. Estava, pois, bem entregue; pelo que eu me afastei, para procurar o Manuel, a quem fui encontrar sentado numa relva, juntamente com o cabo ferrador e os nossos antigos cozinheiros na brigada.

— Já eles a levantar-se, quando me viram aproximar, ao que eu, com um sinal, logo me opus.

— Vocelência queria-me alguma cousa, meu tenente-coronel?—preguntou o meu impedido,

— Não, vinha apenas ver-te, porque me faz bem olhar, neste momento, para uma cara amiga.

O Manuel córou, como uma donzela, perante o primeiro galanteio do seu namorado, e limi-

tou-se a dilatar um pouco as narinas, olhando vagamente para os pedaços de queijo que os nossos guardas estavam, naquele momento, atacando já.

—la apostar em como marchava uma fatiazinha daquele queijo?—preguntei-lhe eu.

—Oh meu amigo!...—fez o Manuel.—Aquilo, à laseira com que eu estou, nem p'ra cova de um dente, a modo de dizer, me chegava. Mas estou tamém em dizer que Vocelência lhe não havia de, se calhasse, fazer nenhuma careta...

—Talvez...—respondi.

—Sim, Vocelência tamém deve de estar, como nós, com a barriga pegada às costas...

—E eu que tantas postas de bacalhau tinha deixado ontem à noite de mólho para o almoço dos snrs oficiais!...—informou comovidamente o cozinheiro Augusto.

—Há de estar bonito, debaixo do entulho da cozinha...—disse o outro.

O Manuel tinha-se levantado, naquele momento, o que me levou, assustado, a perguntar-lhe pela minha pequena mala de mão.

—Ai que me esqueceu!—declarou êle, empalidecendo.

—Oh, homem de Deus, pois não foi isso o que eu mais te recomendei?!...

—Saberá Vocelência que sim senhor: mas, no meio de toda aquela balbúrdia, passou-me de ideia... Vocelência desculpará, mas bem póde ver que não foi por mal... Valha-me Deus!

—Bem, Bem; o que não tem remédio, remediado está. Mas mal tu podes avaliar o grande prejuizo que me causaste!...

—Vocelência tinha lá dentro muito dinheiro?

—Valha-te Deus! Há cousas que valem mais do que o dinheiro. Deixa lá.

E desandei, mais triste do que até ali viera, pois decerto o leitor terá já compreendido que, com a malinha de que o Manuel se esquecêra, perdia eu o original do meu querido romance «*O Património de Maria Eduarda*», que impossível se me tornaria reconstituir.

Verdadeiramente descoroçoado, quasi tão triste como se houvesse perdido um filho, pois que filho do meu espírito era, de resto, essa minha modestíssima produção, esbarrei-me com o meu camarada Camilo Oliveira, talentoso rapazinho, dotado de uma grande cultura literária, ao qual, dias antes, eu havia feito a leitura do meu trabalho. Dei logo conhecimento ao excelente moço do desastre que naquele fatidico dia 9 de Abril, duplamente me fazia sófrer.

As suas palavras não podiam, de fórma alguma, consolar-me, porque impossível me seria reaver o manuscrito do meu romance.

—Mas, no fim de contas—observou-me, avisadamente, o Oliveira—o meu tenente-coronel não poderia decerto publicar êsse romance . . .

—Sim . . . tem razão—concordei.—Não o poderia de facto publicar; mas desejava imensamente possuí-lo, para, com a sua leitura íntima, eu recordar essa extranha aventura de que nele me ocupo, e que você é uma das poucas pessoas de quem a tornei conhecida. Em todo o caso . . . tem razão, eu não podia, de fórma alguma, publicar êsse romance . . .

E deixei aquele meu camarada, levando comigo a convicção de que êle me havia prestado um revelante serviço, pela sensação de

alívio que tão prontamente me deram as suas palavras.

\*

\* \*

Teriam decorrido uns escassos dez minutos, fugidia duração do nosso regulamentar alto horário, quando um dos guardas, o único que ali mandava, por ser talvez o mais antigo dos dois que nos acompanhavam, rouquejou, mais uma vez, essa voz de comando, já muito minha conhecida que, desde *Huit Maisons*, êle vinha empregando todas as vezes que nos queria chamar para a forma:

*Raus!*

Foi um instante em que a nossa pequena coluna se restabeleceu e recuperou a marcha para, minutos depois, atravessar as ruínas de Aubers, que a população civil dali há muito abandonara, e onde uma ou outra casa esburacada, mas não ainda por completo derruída, estava ocupada por tropas de reserva ou serviços da rearguarda, que tornavam aquele ponto bastante movimentado.

Todos êsses homens se limitavam a olhar-nos naturalmente, assistindo ao nosso desfile, sem que uma única chufa nos fôsse dirigida.

A alguns camaradas eu ouvi, no entanto, queixar de lhes haverem sido pedidas, em termos que não admitiam a menor réplica, as polainas, impermeáveis, cintos de couro e outros objectos de seu uso particular, que os soldados alemães levavam, a título de *souvenirs*, termos que empregavam, em tais circunstâncias

mesmo aqueles que, por completo desconheciam o francês (1).

Embora comigo se não houvessem dado êstes factos, que em absoluto reprovo, nada me repugna a crer que êles se tivessem produzido, por parte de soldados inimigos, porquanto muito pior do que isso, se havia um mês antes, praticado em Lavantie. Na verdade, as casas particulares e estabelecimentos comerciais, desta cidade foram, seguidamente ao movimento de evacuação que teve lugar, por ocasião dos grandes bombardeamentos de março, totalmente saqueados, achando-se, por esta ocasião, os alemães ainda a cêrca de 4 quilómetros do local onde tais factos se verificaram. E tanto isto é verdade que estes roubos foram, por ordem do *Tomy Major* britânico daquela localidade, participados ao meu comandante, pelo intérprete Rosckroow, junto da 6.<sup>a</sup> brigada.

Seria desagradável folhear, a êste propósito, a nossa história pátria, em busca de factos de incomparável gravidade de que as nossas populações foram vítimas, ali por alturas de 1810, em que não foram sómente os nossos haveres, mas a própria honra de muitas mulheres honestas que os nossos inimigos de então violaram, por uma fôrma tão notória, que ainda hoje anda

---

(1) Ouvi contar ao tenente-coronel Mardel da 4.<sup>a</sup> Brigada que um médico e um enfermeiro alemães lhe tiraram as polainas e o relógio de pulso, no momento daquelle official dar entrada ferido numa ambulância.

—*Merci, monsieur* ..—dissera-lhe qualquer dos dois, nesse momento—*Souvenir*...

E, num doce sorriso, levaram-lhe aqueles objectos.

de bôca em bôca, entre aqueles, que mesmo sem nunca haverem lido a história do seu país, ouviram narrar tais factos aos seus maiores, em torno da lareira, nos serões patriarcaes das nossas aldeias.

— Foge que lá veem os francezes! — é frequente ouvir-se ainda, embora inconscientemente, dizer nas, nossas aldeias.

E, para que ir procurar o exemplo tão longe, se nós o temos, aqui à mão, nos vandalismos de toda a espécie, praticados ali, nas imediações de Braga, no convento de Montariol, Cabeceiras de Basto, e não sei mais em que outros pontos do país, quando se receavam as famosas incursões couceiristas?

Tais factos constituem apenas outros tantos episódios lamentáveis da guerra ou de movimentos revolucionários, que de fôrma alguma, podem afectar o carácter nacional de qualquer povo.

A par dos factos produzidos em 1810, a que acima me refiro, posso hoje, com suprema satisfação, registar a fraternal generosidade, com que eu e os meus companheiros, fomos socorridos pelos nossos camaradas francezes, que, durante uma parte do captiveiro em Fuchsberg, além da sua melhor estima, nos dispensaram atenções e favores que nenhum de nós poderá jámais esquecer, repartindo connosco, em seu prejuizo muito sensivel, os géneros de alimentação com que o seu govêrno os estava socorrendo.

Veio isto a propósito da passagem da nossa leva de prisioneiros, através da extinta cidade de Aubers que em breve deixámos, para de

novo caminhar-mos ao longo de tortuosos caminhos e através de campos que, apesar de situados muitos quilómetros à rectaguarda das linhas alemãs, se achavam ainda fortemente picados pela nossa artilharia.

É que, ali mesmo, se viam ainda poderosos canhões inimigos em permanente actividade, contra o restante das nossas fôrças e das suas aliadas inglesas que, para os seus dois flancos, as prolongavam.

\*

\*

\*

Vinha declinando serenamente aquele dia de Primavera, como se a Natureza se conservasse alheia à formidável tragédia que em seu seio se estava desenrolando, e da qual ela constituíra, portanto, o seu principal cenário. Nunca mais poderão varrer-se do meu espírito as impressões que nesse dia recebi.

Eram quasi sete horas. O sol, esse lampadário universal que, lá do alto, estivera alumando aquele sangrento espectáculo, tendo percorrido, flamejante, a prodigiosa curva que pelo Criador lhe fôra traçada no infinito, ia enfim submergir-se, lá muito ao longe, nas imensas planícies da Flandres, em cujos prados floridos espargira uma densa poeira de ouro polido.

No espaço imenso, pairando a uma grande altura, como se dali quisessem prolongar a doce visão daquele formoso poente, voavam, em alegres bandos, as andorinhas felizes, chilreando

e batendo as asas de contentes, sem talvez se lembrarem do flagrante contraste que, cá em baixo, a nossa marcha, arrastada e triste, vinha fazendo com a sublime grandeza e liberdade dos seus movimentos.

Outras inocentes avezinhas esvoaçavam, dentre os silvados que orlavam uma estreita vereda que seguíamos, mais assustadas com a nossa passagem, ia eu jurar, do que com o formidável bramido dos canhões, com cujo convívio se haviam há muito familiarizado.

Estávamos a uns quinhentos metros de Illies, pequena povoação que teríamos de atravessar, expostos, mais uma vez à humilhante observação dos nossos adversários. Esta ideia, coincidindo com a tristeza daquele poente, então já convertido numa fornalha imensa que, tão rigorosamente, marcava a direcção da humilde casinha que eu deixára, com os meus pequenos haveres, as fotografias queridas e as cartas que, com freqüência eu relia, de todos quantos me eram caros, tudo isto acabou por lançar-me numa assustadora nostalgia, em que, talvez por idênticas influências, eu era acompanhado pelos meus excelentes camaradas.

Uma aragem fria acompanhára o tombar daquele dia funesto, o que me determinou a enfiar o capote, deliberação esta em que só alguns dos meus companheiros puderam imitar-me por havê-los o aprisionamento surpreendido em local onde o não tinham à mão.

Reconheci, pois, que não fôra eu, de entre tantos dos meus camaradas, o mais desfavorecido da sorte, ou melhor dizendo, o mais duramente atingido por semelhante desventura.

\*

\* \*

A leva de prisioneiros de que eu fazia parte havia chegado junto do portão de uma luxuosa vivenda, onde se achava instalado o quartel general de uma das divisões que nos haviam atacado, quando, emergindo de um outro caminho, para ali se dirigia igualmente um novo grupo de officiaes, em que eu logo notára a presença de varios camaradas portuguezes, de mistura com numerosos outros britannicos. De entre os recém-vindos muitos foram logo reconhecidos como fazendo parte de outras brigadas do nosso Corpo Expedicionario.

Tendo-se, pois, confundido naquele recinto os officiaes das duas colunas, puderam então trocar-se algumas ligeiras impressões relativas à memoravel offensiva daquele dia, colhendo, cada um, dos outros seus camaradas, todas as informações que lhe interessavam, não só quanto às operações, mas ainda pelo que dizia respeito à sorte de alguns officiaes conhecidos ou amigos.

O elegante parque achava-se quasi por completo coalhado de officiaes portuguezes e britannicos, quando um luzido estado maior, constelado de *cráchats* da Cruz de Ferro, se dirige para nós, começando logo a seringar-nos com perguntas.

Por cima das nossas cabeças pairavam dois aeroplanos ingleses que a artilharia anti-aérea alemã bombardeava, sem resultado.

A seguir, desce o general a ampla escadaria que conduzia até nós, e onde todo o seu es-

tado maior, batendo ruídosamente os calcanhares, tomou uma rigorosa posição de respeito.

Também queria saber cousas, e certamente ouvi-las directamente dos oficiais prisioneiros.

Nada de interessante teve, porém, a conversa com o general alemão, que, como de ordinário, consistiu num interrogatório, mais ou menos dissimulado, a que cada um respondia dignamente, e por fôrma a deixar bem assinalada a incomparável inferioridade numérica das nossas fôrças, perante os fabulosos efectivos alemães que nos tinham atacado.

— Vocês trouxeram para aqui uma artilharia dez vezes superior à que nós lá tínhamos— disse-lhe um de nós.

— Sem dúvida — respondeu o general — mas é porque os seus aliados ingleses retiraram para o Somme uma grande parte da que aqui possuíam no mês passado, e com a qual lhes poderiam hoje ter acudido um pouco. . . Nós tínhamos por cá inteiro conhecimento de tudo isso e de muito mais. . .

— Não o duvidamos — disse-lhe alguém.

— Acharam então muito forte o nosso bombardeamento? . . .

— Violentissimo — respondemos.

— Foi-o, de facto — tornou o general — e não poderiam, em idênticas circunstâncias, quaisquer outras fôrças, resistir melhor do que os portugueses. Nós mesmos, que nos prezamos de saber um pouco destas cousas de guerra — acrescentou — não teríamos feito muito mais do que os senhores, se por ventura se desse uma absoluta inversão dos papéis. Não são sómente os portugueses quem retira, perante a violência

dos nossos ataques. Os senhores sabem decerto o que, nos últimos dias de março, nós fizemos no Somme, contra uma frente guarnecida por franceses e ingleses; e não tardará muito que as notícias de algumas novas ofensivas cheguem ao seu conhecimento, pelos nossos jornais. *Au revoir, messeieurs*, — epilogou o general, subindo a escada com o seu estado maior.

E com estas declarações, que em nada alteraram a nossa maneira de vêr sôbre o assunto, saímos daquele local, para nos dirigirmos a uns barracões, distânciados uns 800 metros daquele ponto, onde deveríamos passar a nossa primeira noite de cativo.

\*

\*   \*   \*

O conjunto dos barracões onde nos dirigimos constituía, segundo supônhô, um dos muitos depósitos divisionários de prisioneiros da frente de batalha.

Dêstes depósitos, onde apenas se procede a uma sumária contagem dos oficiais e praças, são uns e outros enviados imediatamente para outros depósitos de concentração, à rectaguarda, fazendo talvez parte dos comandos dos corpos de exército, onde se procede a um provisório registo nominal de todos os oficiais, sargentos e outras praças que ali vão dando entrada, com a indicação apenas da sua nacionalidade e gradação militar.

Concluido êste registo, ao fim de um, dois ou três dias, segundo a afluência de prisioneiros, são êstes enviados, em caminho de ferro,

espalha para um dos numerosos campos alemães, chamados de *passagem*, onde são tomadas variadíssimas notas relativas à sua naturalidade, morada, filiação, estado civil, número de filhos, religião professada e outras de que já me não recordo.

Todos os prisioneiros são nestes campos vacinados contra o tifo, cólera e varióla e, pouco tempo depois, enviados, por levadas de trinta homens aproximadamente, para outros campos espalhados por todo o território alemão, a que oigo dar a denominação de campos *definitivos*, pôsto que, segundo também parece, nenhum prisioneiro tenha permanecido mais de seis mêses em cada um dêstes campos.

\*

\* \*

Tendo penetrado no recinto em que se erguiam os barracões a que acima me refiro, fez a nossa leva alto com a frente voltada para um jovial intérprete alemão que, num português correctíssimo, nos avisou de que teríamos de seguir naquela mesma noite para Lille.

Mais do que esta prevenção, que bastante nos desagradou, porque estávamos bastante fatigados, preocupáva-nos, naquele momento, a alimentação, visto não havermos ainda tomado qualquer cousa em todo o dia.

Foi, pois, sôbre êste inadiável assunto, que apresentámos a nossa reclamação ao aludido intérprete, o qual, declarando-se, desde logo, animado dos melhores desejos de sêr-nos agradável, nos preveniu de que apenas poderia ofe-

recer-nos uma ligeira ração de pão com salchicha, e talvez um pedacito de manteiga, acrescentando que a grande concentração de tropas, naquela parte da frente, por efeito da ofensiva daquele dia, tinha originado, naturalmente, uma certa carência de víveres, de que toda a gente se ressentia, excepto aqueles que ali estavam combatendo.

— Outros que venham, depois dos senhores, — profetisava êle — decerto já nada apanharão.

Agradecemos ao nosso intérprete a consoladora esperança que acabava de dar-nos, dizendo-lhe que tal refeição era, naquelas circunstâncias, considerada por todos nós como um verdadeiro mimo.

É que, eu mesmo, já há quarenta e oito horas que não tomo nada quente — informou o o alemão — e, quando foi da ofensiva italiana, estive, durante cinco dias, com duas rações apenas de pão negro. Compreende-se — proseguiu êle — que, numa ofensiva, como esta, todos os meios de transporte sejam poucos para satisfazer às necessidades do reabastecimento de víveres e munições das nossas fôrças que não havemos de privar de tudo quanto lhes seja preciso, em beneficio dos que estão cá para a rectaguarda, com o corpinho numa relativa segurança.

— Evidentemente — concordámos.

— E, adoptando-se êste critério para conosco que somos alemães, nada admirará que os prisioneiros que são inimigos, sofram também as suas privações, tanto mais que é justamente por sua causa que nós por aqui andámos fazendo tamanhos sacrificios . . . Mas vá lá que

os senhores, por acaso, ainda não hão de ter grande razão de queixa. Foram os primeiros a chegar aqui . . .

— Valha-nos sequer isso — dissemos-lhe. — E as nossas famílias, como fazer chegar ao seu conhecimento a notícia da nossa prisão, para aliviá-las, o mais cedo possível, do sobressalto em que a notícia desta ofensiva as irá lançar?

— Vamos já tratar disso. Queiram Voce-lências entrar.

E seguindo o intérprete, em breve nos encontrámos numa pequena secretaria, onde se achava um jovem oficial autêntico *ade-laide*, que, inteirado dos nossos desejos, imediatamente pôs á nossa disposição numerosos cartões postais impressos, por meio dos quais levaríamos ao conhecimento das nossas famílias a situação em que nos encontrávamos.

Era a única concessão que, por então, nos poderia ser feita, quanto ao serviço de correspondência para o nosso país; no entanto, deu-nos aquele oficial a animadora informação de que, apenas normalizada a nossa situação, em qualquer campo de prisioneiros, nos seria permitido escrever duas cartas e quatro cartões postais em cada mês.

Aproveitando, pois, a valiosa concessão que nos acabava de ser feita, lançamos cada um de nós mão do seu postal de que, em fôlha anexa, damos adiante uma reprodução.

Enquanto escrevemos os nossos cartões, no que puzemos a máxima atenção, encarregára-se o intérprete de mandar transportar para sôbre a mesa da própria secretaria a refei-

ção que nos fôra prometida, e à qual fizemos as honras que nos impunha um devorador apetite, ao qual, apenas por não haverem decorrido os três dias do estilo, me abstenho de chamar fome.

A própria razão de manteiga, cuja problemática existência nos havia sido anunciada pelo intérprete, acompanhára felizmente o salame e o pão negro, o que nos permitiu preparar algumas magníficas *sandwiches*, com as quais nos consideramos habilitados a passar aquela noite.

Embora muito superior ao que, em tais circunstâncias, nos seria dado receber, não fôra aquela refeição suficientemente abundante, para nos dar a confortável sensação da plenitude a que todos nós vínhamos habituados *do outro lado*; alguns púcaros, porém, de uma péssima água, a única que ali se poderia obter, acabou de preencher a parte vazia que ainda possuíam os nossos estômagos, quando alguém se lembrou de que ainda tínhamos que fazer uma longa marcha para a cidade de Lille.

—Vinte e cinco quilómetros depois de todos os trabalhos que hoje passámos e com esta deficiente alimentação, será simplesmente horrível! —ponderou alguém.

—É' verdade —concordaram os outros.

—E se nós pedíssemos a valiosa intercessão do intérprete, perante quem quere que seja que em nós mande, para aqui passarmos esta noite —alvitrou-se.

—Valeu!

E lançamos imediatamente mãos á obra.

—Mas os senhores aqui não tem onde

dormir—declarou o intérprete—só se querem ficar no meio do chão, sôbre as taboas . . .

—E' preferivel isso, meu caro senhor—dissemos nós—a termos de percorrer de noite vinte e cinco quilómetros, nas condições de fadiga em que nos encontrâmos.

—Nêsse caso, vou pedir autorização precisa para lhes alterar o itinerário, e, dentro de poucos minutos dar-lhes-hei a resposta que, segundo creio, lhes há-de ser agradável.

Efectivamente fôra-nos deferida a pretensão levada ao comando da divisão pelo nosso intérprete, que, seguidamente, a haver-se desempenhado desta incubência, nos mandou sentar nuns bancos que tivera a gentileza de fazer colocar sob um pequeno alpendre, onde igualmente se sentou, conversando animadamente ácerca de Lisboa, onde havia permanecido muitos anos e de que, segundo dizia, conservava as mais gratas recordações.

—Passei nessa bela cidade o melhor tempo da minha vida—disse êle.

E referiu, a seguir, diversos episódios, relativos à sua estada na nossa capital, a propósito dos quais revelou, de facto, um profundo conhecimento de todos os nossos usos e costumes, especialmente da nossa política interna.

—Gosto imenso de Portugal—proseguiu o alemão, fazendo ainda as melhores referências ao meu querido Pôrto—e só lastimo—proseguiu—o encontrar-me aqui com os senhores nas condições de inimigos, em que, de facto, as contingências desta guerra terrível acaba de collocá-los. Verdade seja, porém—acrescentou ainda—que a comparticipação de Portugal neste

conflito não representa a vontade da grande maioria do seu país, e permitam-me que eu lhes diga que na Alemanha se extranhou bastante o ter-se prestado o exército a que os senhores pertencem a satisfazer o capricho de um govêrno que, determinado por inconfessáveis razões, os mandou combater contra um povo que jámais os havia hostilizado.

—Tínhamos que respeitar a nossa velha aliança com a Inglaterra—observámos ao nosso interlocutor, aborrecidos já um pouco com o rumo que êle estava dando à sua conversa.

—Ê os senhores acreditam que essa potência houvesse pedido a sua cooperação?

—Sem dúvida—respondemos ao nosso indiscreto interlocutor.—O govêrno do nosso país declarou solenemente que êsse pedido lhe fôra feito; e, depois de uma tal afirmação, todo o movimento de recusa da nossa parte para o que, em tais circunstâncias, representava o cumprimento de um devêr, poderia ser tomado à conta de uma simples covardia que, para officiais de carreira, seria o cúmulo da desonra.

—Muito bem—tornou o alemão—Eu compreendo a melindrosa situação em que o seu govêrno os colocou, e sei muito bem a quanto obriga o brio e a dignidade de um official do exército, porque, infelizmente, estou agora também cá de dentro, e só me resta pedir-lhes me relevem a ousadia que tomei de me permitir falar sôbre um assunto que, de certo modo, lhes deve ser desagradável.

—Sem dúvida... — respondemos-lhe — o nosso devêr está porém, cumprido, tendo nós feito tudo quanto, dentro dos estreitos limites

das nossas fôrças, nos era permitido realizar. O próprio comando alemão, reconhecedor da inferioridade numérica dos nossos efectivos, ainda há pouco nos fez sentir a impossibilidade de contermos a sua poderosa ofensiva, o que, de resto, tem acontecido, em muito maior escala, a todos os nossos aliados, e no Marne aos próprios alemães, não obstante os seus grandes recursos materiais e decidido ardor com que supponho deverão combater. A guerra para nós, agora, acabou, pouco se nos dando de todas essas intrigas políticas de que, felizmente, o nosso exército tende um pouco a arredar-se. Nenhum dos oficiais que aqui estão é político, embora todos nós, na presente conjuntura e depois de havermos cumprido, como podíamos e sabíamos o nosso devêr, façamos ardentes votos pelas felicidades da nossa pátria, que, nesta hora suprema, não poderíamos esquecer e com ela, por serem uma sua legítima parcela, os entes queridos que constituem as famílias de cada um.

— Muito bem, muito bem! — fez o alemão.

— E agora, meu caro senhor, se Vocelência não tem mais nada a ordenar-nos . . .

— Vão encostar-se um pouco, não é isso? pois vão lá, vão . . . Eu só lastimo, na verdade, a horrivel noitada que vão passar, mas . . . nada lhes posso fazer a tal respeito . . .

— Muito agradecidos; mas não pense Vocelência mais nisso, que uma noite onde quer se passa.

— E retirámos.

A FADIGA proveniente daquele dia memorável, tão cheio para nós de fortes emoções e extenuantes trabalhos, não nos permitiu quasi sentir a dureza das nossas camas, transitório suplicio que, de resto, todos nós havíamos preferido a esse outro bem mais doloroso de uma longa caminhada para um desconhecido local, cujas possiveis comodidades constituíam para nós ainda um verdadeiro ponto de interrogação.

Era positivamente o caso de valer mais um pássaro na mão do que dois a voar, tendo sido talvez o característico da voluntariedade que presidira à nossa dormida ali, a principal circunstância que determinára a minha resignação e dos meus companheiros, perante as deficiências de confôrto que ali fôramos encontrar.

Teríamos, porém, adormecido há uma escassa meia hora, quando, seguidamente a um forte estremeção do terreno que a todos nós sacudiu e fizera ranger, como uma canastra, todo o madeiramento da nossa barraca, um formidável estampido se produziu no exterior, que

acordou sobressaltados, todos quantos ali se encontravam.

—O que fôra aquilo?—preguntaram diversas vozes.

Tão sómente o disparo de um desalmado canhão de 24, que acompanhando o avanço inimigo, para ali havia sido transportado, durante as primeiras horas da noite.

E desalmado estou eu chamando ao inocente canhão como se não fôra justamente por efeito da sua alma descomunal que semelhante monstro assim tossia . . . (1).

A velocidade do tiro dêste grande canhão, tipo de marinha, era de um disparo por minuto, como poderia concluir-se dos seus primeiros três tiros, entre os quais mediara aproximadamente aquele intervalo de tempo.

—Não nos faltava mais nada!—disse um dos meus companheiros.—Agora que as nossas costelas começavam a abstrair da natureza do colchão para nos permitirem esta soneca que tão bem me estava sabendo, é que êsse negregado havia de vir para aqui fazer todo êste estardalhaço.

—Arre que é bruto!—fez outro, seguida-

---

(1) Como simples informação destinada aos profanos na minha arte, deverei dizer que, em balística, se dá o nome de *alma* à superfície interior do cano de qualquer arma de fogo, das quais pôde aquela ser *lisa* ou *estriada*. A título de mera curiosidade, dir lhes-hei ainda que é esta última a que melhores condições balísticas nos oferece, sendo, portanto, a mais apreciável, bem ao contrário do que se dá com a alma humana, em que a menor aspereza moral a desvirtua, fazendo-lhe perder o natural encanto de uma alma verdadeiramente pura e lisa de maldades.

mente a um novo tiro que, implacável, o monstro ia regularmente disparando.

—E já não temos outra noite—vaticinou do meu lado um jovem tenente de artilharia.

—Mas isto que horas são?—inqueriu uma voz desconhecida, a quem a intimidade daquela mistura dera todo o direito a fazer, para o monte, uma tal pergunta.

—Talvez meia noite—respondeu outra voz, igualmente desconhecida para mim e porventura para aquela que anteriormente se ouvira.

—Ora, ora, que maçada!—exclamou de novo aquele cuja curiosidade acabava de ser satisfeita.

—Não há meio de pregar-se mais o olho, em toda a noite.

—E faz diferença, porque temos amanhã uma marcha grande, que decerto vamos fazer a sêco...—vaticinou um major.

—Não me parece—observou um optimista.

—Pois nós veremos—tornou-lhe o major.

—Mas isso seria simplesmente medonho! Nada, não creio que nos deixem estar dois dias sem comer.

—Você não ouviu o que disse há pouco o intérprete? Evidentemente que não é por prazer que os homens assim procedem; mas é que não tem aqui com que possam alimentar uma tal quantidade de prisioneiros.

A partir dêste momento, as falas dos meus companheiros cruzavam-se na escuridão da barraca, onde esfusiavam as opiniões e os protestos, os alvitres e os gracejos, de cuja proveniência, quási anónima, ninguém procurava sequer averiguar.

—Mas afinal que horas são? Ninguém vê?

—Acendam lá um fósforo, com um raio de diabos!

—Ora cêbo!

—O que foi?

—São apenas onze horas!

O quê? Póde lá ser?! . . . Risquem lá outro fósforo que tenho aqui um tóco de vela.

—Não é preciso, veja lá com esta lanterna.

—Ainda há homens felizes neste mundo! Como conseguiu você fazer passar essa preciosidade?

—Por acaso não me apalparam.

—Não há dúvida. São onze horas apenas.

—Deixe você ficar isso acêso.

—Gasta-se a pilha.

—Melhor. Não vê que tem de largar esse objecto, em chegando a Lille?

—Tem razão.

—Isso. Ponha-a sôbre a mesa, para alumi-  
miar esta *menagerie*.

—Homem, veja lá como fala. Lembre-se que nem só rapazes aqui estão.

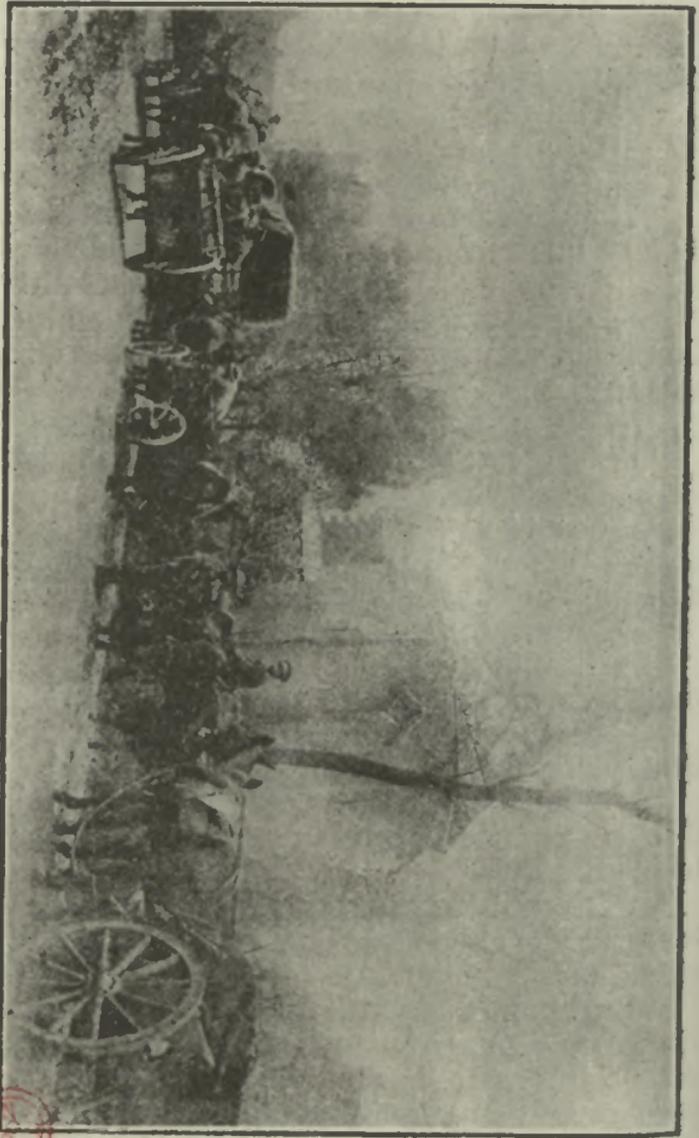
—Tem razão quem quer que me fala; o dito, porém, não atingia as pessoas mas sim o local que lhes foi destinado . . .

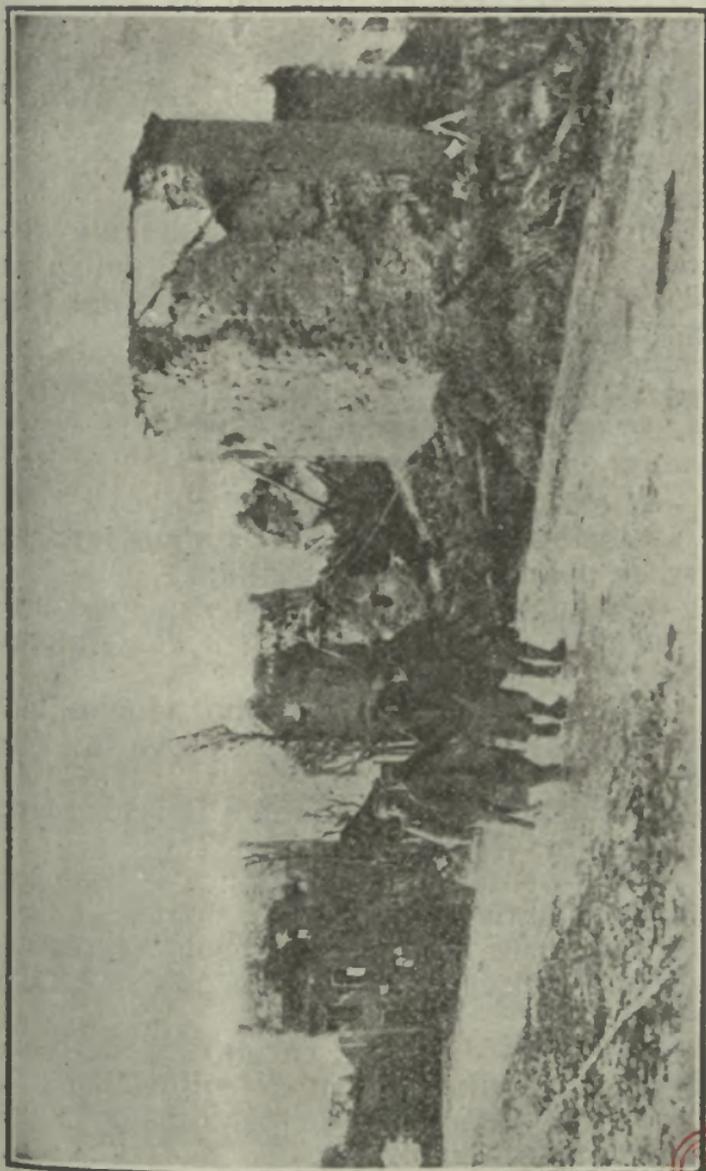
—Compreende-se, embora nos devâmos lembrar de que fomos justamente nós quem a êle se quis sujeitar.

Entretanto ia o canhão trovejando, no exterior, com a primitiva intensidade de fogo, quando, no intervalo de dois projecteis, se ouviu um som cavo, semelhante ao de uma explosão de granada.

Os mais novos dos meus companheiros,

Saint Floris, antes da ofensiva





Saint Floris, depois da ofensiva



tendo acabado por se habituar ao constante troar do canhão que durante cêrca de meia hora nos vinha incomodando, fôram sucessivamente adormecendo, a ponto de alguns ressonarem já desesperadamente.

Só os velhotes talvez se çonservavam acordados.

Um novo som extranho, igualmente distinto dos que eram produzidos pelo canhão, se ouvira, porém, a menor distância da nossa barraca, quando uma voz inquiriu.

— O que vem a ser isto ?

— Parecem granadas inimigas.

— Como, *inimigas* ?!

— Sim ; *inimigas*, dos de cá . . .

— De *lá para cá*, não é verdade ?

— Assim parece, e não estamos decerto livres de apanhar a nossa pastilha . . .

— Naturalmente. Tanto mais que as paredes de madeira da barraca nem dos simples estilhaços nos defendem.

— Sim, êste abrigo é, como aqueles que nós deixamos nas trincheiras, à prova de *Very-light*.

Nova detonação determinára um dos meus companheiros a levantar-se.

— Vou ver o que isto significa — disse êle, tomando a lanterna eléctrica.

E saiu, para, um minuto depois, regressar, sem nada conseguir apurar do que se estava passando.

É que, fóra da porta, encontrára, de baioneta armada, uma vigilante sentinela alemã, com que nós, como prisioneiros, tínhamos aliás toda a obrigação de contar.

— O homenzinho não me deixou sair, perguntando-me, em francês, o que eu ali ia fazer. Respondi-lhe, é claro, que ia *onde o rei vai só*, para o que êle me indicou, cá dentro, um local apropriado.

— Não lhe perguntaste o que vem a ser essa música que para aí se está ouvindo?

— Não.

— Volta lá.

— Ora; não vale a pena, o que fôr há de soar, mas não deixava de ter a sua piada que nós, depois de termos escapado da formidável agressão dos nossos inimigos, liquidássemos agora aqui estúpidamente, por efeito de uma perda das que os nossos para cá estão enviando.

— Talvez fôsse um beneficio para nós...

— Não diga asneiras...

— Você sabe lá a sorte que nos espera?

— Há de evidentemente ser igual á de tantos outros prisioneiros que para aí se encontram.

— Isso é o que você diz, mas que póde muito bem não acontecer.

— Ora essa! Vamos então constituir aqui uma exceção? Tinha sua graça!...

— E porque não? Ignora você decerto que nenhum acôrdo existe entre o nosso govêrno e o alemão que possa regular a nossa situação aqui, como prisioneiros? Depois nós constituímos um pequeno núcleo de homens, proveniente de fôrças vindas de um país igualmente pequeno, que, como tal, nada pesa na grande balança da Europa, onde se está travando êste monumental conflito, em que o C. E. P. não foi

mais do que uma pequena gota de água, caída no grande oceano que junto de nós formavam os exércitos francês e inglês.

Eu não sou dos que crêem absolutamente nas deshumanidade atribuídas aos alemães, pelo que diz respeito ao tratamento dos seus prisioneiros; mas o que lhe digo é que, se os nossos aliados alguma razão de queixa teem de facto, contra êstes sujeitos, possuindo os seus acordos e imensos prisioneiros, sôbre os quais podem, a todo o tempo, exercer as suas represálias, o que não iremos nós sofrer, encontrando-nos aqui desprevenidos de quaisquer convenções e tendo entregado aos inglezes os poucos prisioneiros que, na nossa minúscula frente, conseguimos fazer?

—Olhe, meu amigo, primeiro que tudo, deixe-me dizer-lhe que eu não creio nada nas tais desumanidades dos alemães. Isso, quanto a mim, é tudo uma simples politica da guerra, como a que êstes fazem também do lado de cá. Evidentemente que os homenzinhos não levarão a sua generosidade a fazerem a *bichaninha gata* aos seus inimigos; mas, daí ao que se diz, creio bem que irá um verdadeiro abismo.

—Enfim, bem pouco viverá quem não vir no que tudo isto dá. Quanto ao resto, é uma verdade que os prisioneiros por nós feitos foram de facto parar às mãos dos inglezes, mas decerto você se esquece de que temos cêrca de três mil alemães civis nos Açores e em diversos outros pontos do pais e Moçambique, que constituirão, se isso preciso é, uma garantia para, pelo menos, sermos tratados como todos os outros.

—Deus o oiça, meu amigo; mas se quer que lhe diga, sinto-me deveras desanimado...

—Isso compreende-se. Você possui um temperamento essencialmente nervoso, em que todos êstes acontecimentos haviam de necessariamente influir de uma maneira especial. E êsse temperamento leva-o a exagerar o que, para mim, por exemplo, não passa de um incidente desagradável, como tantos outros que, pela vida fóra, venho experimentando. É preciso muita resignação, meu amigo, e deixe lá que, entre mortos e feridos, alguém há-de escapar. Bem pior seria a nossa sorte se estivéssemos para aí, nalguma ambulância alemã, com as pernas ou os braços esfacelados.

—Diz bem; mas um homem nunca está contente com a sua sorte.

Era meia noite e o canhão suspendêra providencialmente o seu fôgo, o que certamente permitiu que aqueles dois meus companheiros, cujas vozes me eram desconhecidas, se deixassem adormecer.

Eu também queria fazer o mesmo; mas estava sentindo um certo frio e precisava de vestir o capote que tinha sob a cabeça, para me servir de travesseiro.

À luz da lanterna, já extremamente fraca, procurei vêr se descobria qualquer objecto, um pedaço de madeira mesmo, que me permitisse conservar a cabeça à altura conveniente, embora a maioria dos meus companheiros a tivesse assente nas próprias táboas! Oh mocidade!

Nada vi que me pudesse servir; mas notei que um alferzito do 5 de infantaria, o Daniel de

Barros, meu conhecido do Pôrto, e das trincheiras, onde um dia o fui encontrar, apoiava comodamente a cabeça sôbre uma pequena *valise* de que conseguira fazer-se acompanhar, e por fórma a aproveitar completamente.

Apesar de a superficie da pequena sala, haver sido meticulosamente aproveitada, para todos ali caberem, notára eu um certo espaço, entre o aludido rapaz e o seu vizinho, de um dos lados, o que me decidiu a ir ali intercalar-me.

Minutos depois adormecia, pesadamente, para apenas acordar de madrugada, quando um alentado sargento alemão, entrando ruidosamente na barraca, nos vinha chamar para a formatura.

\*

\*   \*

A demora que eu e os meus companheiros pusemos em entrar na fórma, para onde nos haviam chamado com uma certa urgência, consistiu apenas em nos erguermos do chão imundo onde dormiramos. Creio bem que nenhum dos prisioneiros portuguezes teria chegado tarde ao local da formatura, por motivos de toilette que a carência absoluta de elementos nos impedira de fazer.

Nem mesmo a cara nos fôra permitido lavar, não só pela impossibilidade que nos foi anunciada de, àquela hora, se obter ali um simples copo de água, como pela falta de uma toalha a que nos limpássemos.

Era tristemente cómico o aspecto oferecido por todos nós, no momento em que, saindo pálidos e extremunhados a porta da barraca, nos dirigíamos a um pequeno recinto, espécie de parada, onde, em poucos momentos, formá-mos, por quatro, uma extensa coluna de costado.

Só ali pudéra cada um avaliar do estado de desalinho e imundície em que se encontrava, pelo que, como em tantos outros espelhos, se lhes oferecia nos seus companheiros.

A lama até ao joelho, que o calor das pernas havia secado, durante a noite, dera uma uniformidade de tom às botas e polainas de todos nós, que de pretas ou amarelas se tornaram irrisóriamente esbranquiçadas.

Sob êste aspecto, produzira mais eficazmente os seus efeitos a acidentada marcha que havíamos feito no dia anterior, do que a publicação de um urgente decreto ministerial sôbre um modelo de calçado. . . .

Os raros capotes que pude vêr constituíam outras tantas rodilhas, onde a lama sêca da caminhada se confundia já com o lixo do soalho, em que, durante a ultima noite, todos se haviam intimamente revolvido.

Não ofereciam melhor aspecto os restantes prisioneiros, em que apareciam mangas e golas descosidas e calções esfarrapados, sendo ainda grande o número de oficiais surpreendidos pelo aprisionamento com velhíssimas fatiotãs de cotim muito desbotado, que, por economia, usavam apenas no serviço das trincheiras.

As atenções que todos tiveram necessidade de prestar às unidades e fracções do seu

comando, não permitiram também que com a toilette se perdesse o menor tempo, pelo que alguns oficiais se apresentavam sem a gravata, artigo êste de uniforme com que *snobicamente* fôramos sobrecarregados, pela adopção do modelo de casaco aberto, em uso no exército inglês.

Um ou outro se apresentava ainda desprovido de polainas, e portanto com as meias e as ceroulas em evidência, por efeito de aquelas lhes haverem sido tiradas na ocasião em que atravessavam as linhas.

Eram igualmente variadíssimas as coberturas de cabeça, entre as quais, na sua maioria, constituídas pelo chapéu de ferro, aparecia também o bonet de pano e ainda o de bivaque.

A todo êste desalinho, oferecido, de resto, pelos diversos grupos de prisioneiros franceses e ingleses, com os quais tive depois ocasião de encontrar-me, junte o leitor o aspecto macilento e doentio, proveniente das últimas privações e fadigas, agravado ainda pela compleição débil dos nossos homens, e avaliará da dolorosa impressão que eu teria recebido naquele momento.

As praças constituíam uma outra coluna de cêrca de oitocentos soldados, cabos e sargentos, de cujo aspecto miserável o leitor poderá avaliar, conhecendo o natural abandono a que, mesmo em condições normais, por indole, se entrega o nosso soldado.

Precisava de encontrar-me com o meu impedido, a quem nunca mais tornára a vêr.

Muito à pressa, passei, pois, em revista as secções de quatro que constituíam a profunda

coluna a que me refiro. O Manuel, porém, não se encontrava ali; tinha decerto marchado já para Lille, tanto mais que igualmente me não foi dado ver os seus companheiros da brigada.

Uma nova revista, mais demorada, defrontou-me, casualmente com diversos róstos meus conhecidos, do batalhão que eu comandára como major. Foi por estes que eu soube ter efectivamente o 130, (era êste o número do Manuel), seguido durante a noite para Lille.

—Não fazia mal—pensára eu.—Certamente que ali nos veremos.

la retirando já, para regressar ao local da formatura, quando muitas outras caras do meu conhecimento me olhavam, com uma expressão amiga.

—Vocemecês não vieram comigo?—perguntei.—Saberá Vocelência que sim senhôr. Os do 18 que tinham ido para o 7 e últimamente fôram transferidos para o 17, estão cá todos os que não morreram. Ninguém arredou pé!

—Está bem, esta bem — respondi-lhes, muito á pressa. É que um soldado da escolta me estava já chamando para ir ocupar o meu lugar na coluna.

Desta vez, porém, não foi a nossa guarda confiada sòmente á infantaria. Quatro cavaleiros uhlanos, armados de compridas lanças, foram previdentemente escalonados ao longo de toda a coluna, dos quaes um marchava sempre na testa e outro a uns cinco passos da cauda, onde iam os officiais.

Eu já tinha visto, numa qualquer illustração, uma idêntica leva de prisioneiros, de não sei que nacionalidade, escoltada também por

alguns lanceiros a cavalo, tendo-me já então a gravura dado a impressão que ali revivêra, de uma numerosa manada de novilhos de que os ditos lanceiros seriam os campinos.

Alguns dos meus camaradas preferiram, no entanto, determinados certamente por compreensíveis susceptibilidades que precisava respeitar, que os novilhos fossem substituídos pelos perus, o que também não deixava de ficar certo . . .

Como novilhos ou perus, lá fomos nós levados, estrada fóra, a caminho de Lille, onde por serem 6 horas, no momento da partida, nós deveríamos chegar talvez pelo meio dia.

\*

\*

\*

A nossa marcha, que se efectuou ao longo de uma *grande route*, servindo diversas povoações, permitiu-nos assistir ao desfile de numerosas fôrças que suponho devessem constituir uma divisão de reserva e se dirigiam decerto para qualquer ponto da frente de batalha.

O general, homem de pequena estatura, em flagrante contraste com o geral dos alemães que até então vira, barba crescida e ar severo, montando um soberbo cavalo baio, precedia um numeroso estado maior de que alguns oficiais, passando à nossa beira, de nós inquiriam coisas, a que cada um respondia a seu talante.

As perguntas com que repetidas vezes éramos, naquele dia, assaltados, tendiam geralmente a averiguar da graduação possuída pelo comandante da minha brigada, a que todos

atribuíam o posto de General, chegando a duvidar quando as nossas informações o indicavam apenas como coronel.

Os primeiros onze quilómetros, até Fournes, fizeram-se já com certa dificuldade, porquanto nada havíamos tomado antes da nossa partida. A maioria dos prisioneiros, especialmente as praças, conservava-se mesmo sem comer há mais de vinte e quatro horas, mas dizia-se que, em Fournes, nos iria ser distribuída uma refeição, e, só esta esperança nos dera as precisas forças para que a marcha conservasse a velocidade normal da infantaria isolada.

Chegados a Fournes, pequena cidade por cuja principal rua enveredámos, supus-me transportado a uma dessas numerosas povoações que eu deixára na zona da rectaguarda das nossas linhas, e de cuja vida especial uma demorada observação me dera um conhecimento, profundo.

As janelas assomam os mesmos tipos de *demoiselles* que eu vira em Vieille-Chapelle, La Gorgue, S. Venant, Aire e em tantas outras povoações da zona de guerra, até Etaples e Paris Plage, onde dominavam os ingleses que, começando por instalar-se-lhes em casa, com aquelas passavam a fazer vida comum. Esta, começava geralmente pela oferta de algum lindo *souvenir*, e logo passava ao lambareiro chá da ração, acompanhado da competente liçãozinha de inglês, que proporcionava um certo *flirt*, e dava larga margem a posteriores intimidades.

Como em todas aquelas povoações, via eu espreitar, por de trás das gentis criaturinhas

que nos observavam, debruçadas das suas janelas, a cabeça de algum oficial alemão, dos muitos que ali dominavam, também, talqualmente acontecia com os seus irreconciliáveis camaradas *do outro lado*.

A própria soldadesca e outras praças enchiam os *estaminets* e os diversos estabelecimentos locais, vindo às portas, de mistura com as caixeiras e outras mulherzinhas da terra, cuja familiaridade com aqueles se depreendia da fôrma confiada como elas se lhes aproximavam, a ponto de algumas lhes apoiarem a mão sôbre o hombro.

Afinal — pensava eu — não era preciso cair prisioneiro, para vir presenciar o que, apenas com a mudança de sinais, eu estava fartissimo de vêr, há perto de um ano . . . É digo mudança de sinais, porque, salvo o devido respeito pela Trigonometria, eu considerei o *front* como um monumental eixo das abcissas, para os efeitos do amor na Flandres, durante esta originalíssima guerra, tão fértil em aventuras de toda a natureza . . .

De cá, como de lá, precisamente os mesmos fenómenos, apenas com a diferença de que uns se produziam, como digo, para cima, e os outros para baixo do aludido eixo dos XX. E, todavia, eu estava enganado.

\*

\*

\*

Ao fim de um percurso de trezentos metros, feito ao longo da rua a que venho de me referir, rodára à direita a testa da nossa coluna

para enfiar o portão de um novo quartel general, onde nos serviriam qualquer coisa de comer que antecipadamente íamos saboreando.

Apenas entrada num pequeno recinto, fez a coluna alto, com a frente para o edificio do quartel general. Decididamente, eu já não podia mais; sentia-me verdadeiramente derreado, pelo que, esquecendo todas as conveniências, se é que naquelas circumstâncias eu as deveria ainda guardar, deixei-me cair pesadamente para cima de um canteiro de relva, a meio do qual crescia um arbusto, cuja sombra igualmente me fôra útil. Outros officiais se sentaram ao meu lado, respirando o delicioso cheiro de uma sopa que, a dois passos de nós, se estava preparando dentro de um caldeiro. E, não sendo êste demasiadamente grande, chegaria, no entanto, o seu couteúdo para todos quantos ali se encontravam.

Entretanto desce o general, acompanhado de outros officiais, constelados de *crachats* com as insignias, já muito nossas conhecidas, da Cruz de Ferro. Este facto determina-me naturalmente a entrar na fôrma, para seguidamente notar satisfeitissimo que a coluna começa a deslocar-se, com o evidente fim de ir ocupar qualquer local apropriado à distribuição da apetitosa sapa.

Mas, oh desoladora surpresa! a miserável coluna, cuja frente havia já transposto o portão por onde momentos antes tínhamos entrado, avançava já resignadamente para Lille, onde tão sómente nos seria dado comer!

Mas a quem se destinava então aquela magnífica sopa, com a qual nos fôra assim im-

posto um verdadeiro suplicio de Tântalo?—preguntava eu, admitindo ainda a hipótese dum possível equívoco. Evidentemente que não a teriam cozinhado para a deitar fóra.

—Prosseguiremos, pois, na nossa marcha para Lille?!—inquiri, desalentado.—E a que distância nos encontrâmos ainda dessa cidade?

—Quinze quilómetros—informaram.

—O quê?!—exclamei, apavorado—Pois será possível que ainda não tenhamos percorrido metade do nosso trajecto?!...

Não sei se foi por vergonha ou por qualquer outra razão, que eu me não recusei a continuar a marcha. E' que, decerto, o meu exemplo seria imediatamente aproveitado por outros oficiais que, em piores circunstâncias do que as minhas, lá se iam também arrastando. Antes, porém, de alcançarmos o final daquela rua, já a nossa coluna acusava um enorme alongamento, havendo também a velocidade da marcha decrescido sensivelmente, por efeito do desalento fisico e moral em que, a partir daquela *étape*, todos os prisioneiros se deixaram naturalmente cair.

Os altos passaram assim a suceder-se com maior frequência, invadindo os soldados algumas casas, onde lhes era oferecida água, pão e outros alimentos, sôbre os quais elles se precipitavam com uma louca sofreguidão.

Os guardas, especialmente os de lanceiros, intervinham, porém, enérgicamenté, por fórmula a impedirem o nosso contacto com as populações invadidas, que, à nossa passagem, davam as mais enternecedôras provas de simpatia pelos prisioneiros.

Dir-se-ia que o espectáculo que nós lhes oferecíamos, naquele momento, fôra reacender naquelas almas o fogo do patriotismo que uma longa convivência com o invasor tornára porventura um pouco latente.

Uma pobre mulher vi eu, antes que qualquer dos nossos guardas a houvesse surpreendido, fazer uma larga distribuição de pão pelos soldados portuguezes que à sua porta se acumulavam, recebendo eu também uma estreita fatia dêsse mimo que, por então, me permitiu iludir um pouco o estômago.

Essa pobre mulher, rodeada de creanças, tendo já distribuindo uma grande parte do pão com que havia de provêr à alimentação da sua familia, olhava, com uma dôce expressão de piedade, para os róstos famintos daqueles homens extranhos, que, vindos de tão longes terras, e nada tendo talvez, em seu entender, com semelhante guerra, ali estavam sofrendo as duras consequências dêsse flagelo, como defensores da sua desventurada França, que um poderoso inimigo ia assustadoramente devastando.

Depois de um primeiro bôlo, distribuira ainda a bondosa creatura um segundo que previdentemente dividira já em mais estreitas fatias do que o primeiro; mas impossivel se lhe tornára servir a todos quantos, num implorativo olhar, se aproximavam da sua humilde casinha.

A expressão faminta dos nossos soldados impressionava, no entanto, poderosamente, a bondosa criatura que, olhando para uma prateleira onde conservava ainda um terceiro e

último bôlo, esboçou um certo movimento para o ir buscar.

Olhou, porém, para quatro petizes, que a rodeavam, por cujos cabelos anelados passou carinhosamente a mão nervosa, como se, com aquêlê afago, ella quisesse pedir-lhes perdão do mal que lhes iria fazer.

Aquelle pão era, em verdade, quasi o único alimento das pobres criancinhas!

Novamente, porém, ella encara com os rostos esfaimados dos nossos homens que agora lhe estendem implorativamente as mãos; e, num ímpeto de resolução, precipita-se a pobre mulher sobre o único pedaço de pão que lhe restava em casa, vindo, lavada em lágrimas, distribui-lo aos prisioneiros, até á sua derradeira migalha!

— *C'est tout, messieurs!*... — exclamou ella, num sorriso que valêra tanto como as lágrimas que ainda lhe bailavam nos olhos.

Um soldado alemão, tardiamente chegado áquelle local, afastava do passeio os homens que ali se encontravam ainda, dando a seguir uma severa reprimenda á nossa simpática bemfeitora, cujo acto de altruismo lhe fôra impossivel evitar.

Outras scenas mais ou menos emocionantes se produziram também á entrada de Lile, onde os homens nos saudavam, descobrindo-se respeitosamente á nossa passagem, e lançando-nos as mulheres alguns pedaços de pão, chocolates e outros objectos, de maneira porém sempre que os nossos guardas o não pudessem perceber.

Alguns rapazinhos de doze e dezesseis annos, aproveitando a distracção daqueles soldados conseguiam mesmo misturar-se com os

nossos homens, pelos quais faziam então livremente as repetidas distribuições de que suas famílias os incumbiam.

A linda cidade, que atravessei na sua parte mais interessante, deixou-me uma inolvidável impressão de agrado com as suas alegres avenidas e praças, guarnecidas de elegantes edificações, com os seus vistosos estabelecimentos e formosos jardins, qualidades estas de que para Lille resultou a justíssima classificação de *Paris do Norte*, com a qual os próprios touristes estrangeiros se conformam.

Ao fundo duma grande praça que vinhamos contornando, depois da travessia que havíamos feito, ao longo de uma extensa avenida, deparou-se-nos uma taboleta que se achava plantada no *carrefour* de duas ruas, onde se liam as palavras *Kommandatur Kriegsgefangenen* ou seja comando dos prisioneiros de guerra.

Tomámos pela rua indicada por uma seta, na aludida taboleta; passamos uma ponte sôbre um pequeno riacho; atravessamos um vastíssimo largo, plantado de numerosas acácias; transpusemos depois uma ponte levadica, e enfim o portão de uma grande e sombria fortaleza onde definitivamente, ia terminar a nossa *étape* daquele dia.

## VIII

**A**BRUSCA transição que comnosco se fizera, da risonha cidade de Lille que acabavámos de atravessar, para dentro dos elevados muros daquela fortaleza, produzira na minha alma uma sensação análoga à que se poderá obter descendo ao fundo de um túmulo.

As contingências da guerra, os diversos serviços coloniais, e até os da vida normal dos nossos quartéis, tinham-me feito experimentar privações que me permitiram aceitar, não direi com uma evangélica paciência, mas, pelo menos, com a bastante resignação, as que, naqueles dois últimos dias, me vinham sendo impostas.

De facto, eu tomára a desconfortável noitada que passei na imunda barraca de Illies, a privação quási absoluta dos alimentos e as extenuantes caminhadas que vinha fazendo, como simples episódios de uma escola de repetição, em que idênticos factos, por vezes até sem justificação alguma, se produziam com freqüência.

O próprio facto em si do nosso aprisiona-

mento, que nós aceitámos nas mesmas condições de tantos milhares de camaradas que por aqui se encontram; a visão da escolta e a rigorosa observância de todas as suas determinações, tudo isso eu havia previsto, e achei próprio de uma semelhante situação. Só a sensação do sequestro, absolutamente imposta a todos nós, dentro daquela húmida fortaleza, cujo portão, rangendo nos seus gonzos, se fechára pesadamente ñas nossas costas; a marcha, em zigzag, ao longo de estreitas ruas limitadas por elevados muros, e depois a visão de imensos outros camaradas, espreitando-nos, embasbacados, através dos ferros duma janela, com os seus rostos famintos e macerados; só isto, repito, fez verdadeiramente decair o meu espírito que, até ali, arrostára com todas as amarguras duma semelhante situação.

Os muros da imensa fortaleza abrangiam uma grande quantidade de casernas, dispostas em volta de uma enorme parada que nos fizeram atravessar, como para permitir-nos uma despedida aos raios solares que só escassamente poderiam chegar ao estreito recinto, onde nos dirigimos, espécie de saguão, limitado pelas quatro faces interiores de um velho edificio, todo êle igualmente aplicado à conservação provisória de oficiais psisioneiros.

Nessa travessia podemos nós ver formados, junto das casernas exteriores e, por então, mais felizes do que nós, alguns milhares de soldados portugueses e britânicos, com os quais nos era interdita toda a comunicação.

Como iria eu encontrar o Manuel, no meio de semelhante confusão de homens, e sujeito,

demais a mais, aos rigôres de uma absoluta incomunicabilidade, com quaisquer pessoas que não fossem os outros oficiais?

Após uns minutos de formatura, junto da face do edificio onde estavam os camaradas que se nos haviam antecipado, e dali nos estavam observando, demos nós entrada no recinto em que aqueles se encontravam, trocando-se então, numa enorme confusão de pessôas, as impressões que o acontecimento do dia anterior naturalmente impunha a todos nós.

—É comer?—preguntámos.

—Nada—responderam...

Quási que já me não fazia grande diferença o prosseguimento naquele regimen de abstinência alimentar, outro tanto acontecendo com a maioria dos meus companheiros, que, como eu, apenas procuravam a água, que, felizmente, ali tínhamos em abundância.

—Vocês vão ver que ainda nos vai acontecer como àquele famoso cavallo do inglês...—disse eu, quási satisfeito com a prodigiosa adaptação que o meu estômago estava fazendo às miseráveis circunstâncias em que nos encontrávamos.

Os meus companheiros que conheciam a anedota, riram, embora sem vontade, com a minha lembrança, enquanto um ingénuo alferes me pergunta delicadamente o que tinha acontecido ao desventurado animal.

—Ah, você não sabe?!... Pois a cousa foi simples—expliquei.—O inglês, que pretendêra desabituar um certo cavallo de comer, foi-lhe reduzindo todos os dias a ração, até por completo chegar a suprimir-lha. Um dia, porém,

nota com grande mágoa o homenzinho que o pobre do animal lhe morre; e este facto, que por imprevisto, muito surpreende o inglês, arranca-lhe, de súbito, esta pezarosa exclamação:—E' deveras lamentável! Agora que o cavalinho começava verdadeiramente a desabituarse de comer, é que a morte mo havia de levar!

—E é positivamente o que nos vai também acontecer a nós, meu tenente-coronel—fez o ingénuo rapaz, sorrindo.

\*

\* \*

Notava-se ali dentro uma certa desordem, por efeito da deficiência de pessoal, perante um tão elevado número de prisioneiros, que muito excedeu o que, naquela parte da frente, se havia, há mais de um ano, feito.

Só portugueses tinham ali chegado já cerca de 3:000, de que 230 eram oficiais. Juntando agora a estes os numerosos prisioneiros ingleses que o inimigo fez, desde o canal de La-Bassée até Armentières, e que ali vinham chegando a todo o momento, poderá avaliar-se das dificuldades com que o pessoal da fortaleza deveria lutar para atender às necessidades de aquartelamento e alimentação de tão elevado número de homens.

Uma vez ali chegados, os primeiros cuidados que a nossa presença inspirára consistiram em nos encerrarem convenientemente, collocando ainda diversas sentinelas em frente de

todas as portas e janelas, por onde a nossa fuga pudesse ter lugar.

As acomodações eram procuradas por cada um, valendo-se mais ou menos das suas habilidades, circunstância esta de que resultou não ter a sua distribuição sido feita convenientemente, por fórma a que alguns quartos destinados a oficiais fôsem sucessivamente ocupados pelos que possuíam mais elevadas patentes.

Fizera-se um verdadeiro jôgo do pilha, como se, da triste situação em que caíramos, nos resultasse uma absoluta nivelação na hierarquia militar.

Apenas o meu comandante, cujos cabelos brancos o tornaram justamente notado, conseguiu obter um quarto com seis camas de ferro, respectivos lençóis, mantas e outros preparos, em que logo se instalou com o ajudante da nossa brigada, da qual eu fôra o 2.º comandante.

Quanto a mim e aos restantes oficiais daquele quartel general, couberam-nos, por acaso, outras tantas imundas enxérgas, nuas e cruas, de uma grande caserna, destinada habitualmente aos soldados prisioneiros, e onde naquela ocasião fôram recolhidos todos os oficiais que haviam excedido as estreitas lotações dos vários quartos. (1)

---

(1) Soube depois que aquela deferencia para com o coronel não foi tão completa como seria para supôr-se, porquanto, na madrugada do dia 12, lhe completaram a lotação do aposento, despejando-lhe, lá para dentro, tantos officiaes do Q. G. da 5.ª Brigada quantos os leitos que até então, se conservavam vasilios.

Baldados foram, perante este facto, os protestos do

Confesso que não chegou semelhante facto a constituir para mim uma contrariedade, porquanto já eu considerava a simples enxêrga como um ganho de comodidades perante a desconfortável noite que passára em Illies.

De resto, todo aquele sofrimento seria de transitória duração, segundo maliciosamente nos informou um intérprete alemão, que dos campos de prisioneiros que nos esperavam, contava verdadeiras maravilhas, a ponto de, segundo disse, um general inglês, haver declarado achar-se resolvido a regressar à Alemanha após a sua repatriação, como reconhecimento, e para matar saúdades que decerto havia de sentir, do largo período de cativo que aqui passou! (2)

O pior é que a minha enxêrga acusava um cheiro bastante desagradável que, à simples inspecção, me foi difficil de classificar; mas emfim lá me havia de aguentar mais uma vez.

Ao meu lado deveria dormir o capitão-

---

men comandante que, segundo ele depois me contou, fizera sentir aos quatro officiaes intrusos o quanto lhe pezava o facto de não haver convidado para o referido quarto os officiaes do seu quartel general, uma vez que lhe não era permitido continuar ali apenas com o ajudante.

Sua Ex.<sup>a</sup> chegou ainda a mandar-nos procurar para nos oferecer as canas de que o official alemão ia dispor em favor dos coroneis Martins, Craveiro Lopes, etc.; mas nós tínhamos já levantado vôo, embarcando para Rastatt com a primeira leva de officiaes que àquele campo foi destinada, e só mais tarde ali voltamos a encontrar-nos.

(2) Escusado será dizer-se que esta absurda inlormação, em que nenhum de nós acreditou, era, como se comprehende, absolutamente falsa.

médico Adelino Fernandes, cuja enxêrga exalava um idêntico perfume ao da minha, o que nos determinou a procurar outras em melhores condições. Estavam, porém, já todas ocupadas, sendo natural que pouco tivéssemos a lucrar com a mudança, sob o ponto de vista da essência de que as nossas se achavam possuídas.

O melhor, pois, que nos restava fazer, seria dar como definitivamente resolvido o caso da nossa instalação para aquela noite, e irmos, quanto antes, saber com o que poderíamos contar para alimentação, o que também não era de menor importância.

Descemos, pois, até junto da secretaria onde, a dentro de um pequeno balcão, se encontrava o sargento-intérprete alemão, que sucessivamente ia tomando os nomes e outras informações relativas aos oficiais portugueses e britânicos ali acumulados, numa grande confusão de vozes e pessoas.

Ao mesmo tempo, era a todos nós facultado um novo postal impresso, como o que eu havia escrito em Illies, e do qual novamente me aproveitei.

Houve, porém, quem afiançasse que tais bilhetes só muito tarde seguiriam ao seu destino, tendo o seu preenchimento apenas por fim obter, com uma infalível exactidão, os nomes de todos os oficiais prisioneiros, em virtude do empenho que todos deviam ter de enviar notícias às suas famílias! . . .

*Se non é vero, è ben trovato!*

Em comer é que ninguém nos falava.

Preguntando a todos quantos, neste particular, eu supunha tão interessados como eu,

KRIEGSGEFANGENENSSENDUNG LONDON F 2  
 LAND  
 Postprüfungsstelle des Kriegsgesandtschafts  
 MAY 17 1918  
 Limburg  
 P.P. LIMBURG  
 9/L

Address careful

To be forwarded immediately to ENGLAND.

To (address) *Doutor Afonso Machieiro*  
*Avenida Brasil 178 - Foz de Douro*  
*Porto*  
 (Destination) *Porto - Portugal*

Write plainly!

As minhas primeiras noticias



Fill up this card immediately!

I am prisoner of war in Germany

Name:

Wahlkreis

Christian name:

Alexandre

Rank:

Serante coronel

Regiment:

5<sup>a</sup> Brigada de Infantaria

Sound.

Bom

~~Wronged.~~

~~TH~~

Improper to be erased.

Date:

9 de abril de 1918

Do not reply to Limburg, await further information

apenas obtinha como resposta que *constava* receberíamos apenas uma ração fria de pão e marmelada; mas tal ração não acabava de chegar, e as horas iam decorrendo lentamente, sem que eu conseguisse notar o menor movimento de que pudesse concluir a vizinhança de qualquer refeição. Resolvi, pois, transpôr a sólida barreira que os meus camaradas formavam em frente da secretaria, para me dirigir ao intérprete a quem perguntei quando me seria fornecido qualquer alimento, visto nada haver ainda tomado naquele dia, o que me colocava num estado de fraqueza de que poderiam resultar talvez as mais sérias consequências para a minha saúde.

O homem limitou-se, embora muito amavelmente, a dizer-me que haviam já sido tomadas as necessárias providências sôbre esse assunto, mas que, atendendo ao elevado número de prisioneiros que ali afluíra, não era nada para extranhar qualquer falta. Que estivesse, porém, descansado, porquanto não deixaria de ser-nos fornecida qualquer refeição, compatível, é claro, com a fôrça das circunstâncias.

—É que eu precisava descançar um bocado e não desejava fazê-lo, sem ter comido sequer um pedacito de pão—expliquei.

—Pode Vocelência ir deitar-se—declarou-me o intérprete—porque as refeições costumam ser distribuídas nos dormitórios, onde as nossas ordenanças as deverão levar.

Ouvindo uma semelhante informação, dada por quem tão competente pessoa era para me fornecer, nada mais me restava que fazer ali,

pelo que me dirigi com o Dr. Fernandes para a caserna que fomos encontrar quasi totalmente deserta ainda.

—É que naturalmente ignoram que aqui nos será trazido o comer—concluimos.

Já mal se via, o que fez com que, apenas caídos sôbre as enxérgas, nos deixássemos logo adormecer.

\*

\*

\*

Tínhamos dormido alguma horas quando no meio da mais absoluta escuridão nós acordámos com o ruído de numerosos passos, que se faziam ao longo da caserna.

—Será a ceia?—preguntou o Fernandes.

—Talvez — respondi — mas vejamos as horas.

—É meia noite!

—Bonito arranjo! Pois será possível que ainda não tenham distribuído qualquer cousa? Não pode ser.

—O melhor será nós irmos até lá abaixo—propôs o meu companheiro.

E levantámo-nos, para descer novamente à secretaria, quando, iluminada pela chama dum fósforo, nós reconhecemos, entre outros officiais que entravam, a figura do alferes equiparado do S. P. C., Fachadas, que nos informou haver, naquele momento, acabado justamente de fazer-se a distribuição de uma pequena ração de pão com marmelada de que mal êle chegára a aproveitar-se.

—Que certamente já íamos um pouco

tarde,—acrescentou o Fachadas—porquanto a alguns oficiais êle ouvira queixar-se de nada haverem conseguido receber.

Uma forte bordoada que me houvessem descarregado na cabeça não me teria causado mais forte impressão do que as palavras daquele homem, que bem mais avisado andou que os seus antigos companheiros da brigada.

O Dr. Fernandes voltou imediatamente a deitar-se, perante uma tal informação do Fachadas, declarando desistir definitivamente de uma ceia que lhe estava dando mais maçada do que certamente valia.

Eu desci, em todo o caso, animado ainda por um resto de esperança no cumprimento da palavra do intérprete, a quem imediatamente me dirigi.

É realmente lamentável o que acaba de dar-se—declarou aquele—mas Vocelência bem pôde compreender que, perante a anormalidade desta situação, todos os serviços se hão-de resentir. O pessoal não chega para as encomendas, como se costuma dizer em Portugal, supondo eu que foi a sua escassez quem originou que a distribuição se fizesse cá em baixo e não nos dormitórios, para onde, segundo ouvi, foram apenas levadas as rações dos oficiais que se acham instalados nos diversos quartos.

—Mas, afinal, como é que Vocelência, sendo tenente-coronel, não ocupa também um desses quartos?

—Não sei—respon-di-lhe—Mas o que agora me preocupa, meu caro senhor, não é, como vê, o quarto. O que me dá cuidado é o ter de pas-

sar mais esta noite sem tomar o menor alimento!

—É o diabo ser tão tarde já!—declarou— porque, a esta hora, apenas um pedaço de pão se poderá conseguir.

—Oh senhor! Mas venha de lá êsse pão!

E, levantando-se, falou o intérprete pelo telefone para qualquer parte, donde lhe responderam que já vinham a caminho mais doze pães, que pouco tempo antes, haviam sido pedidos.

Espero cêrca de dez minutos, findos os quais chega efectivamente o pão. Dêste, é-me logo fornecido um quarto de 300 gramas, apenas, ração muito superior, aliás, a todas quantas dêste género passei depois a receber.

A recepção daquele apreciável quarto de pão representava, na verdade, uma verdadeira conquista, para um homem nas minhas circunstâncias, o que levou um alferes ao meu lado, o mesmo a quem de tarde eu havia contado a história do inglês, a dizer-me satisfeito:

—Vocelência pôde gabar-se de que meteu uma lança em Africa!

—Não o duvido—respon-di-lhe.

—Mas agora só lhe falta a marmelada, que eu tomo a liberdade de oferecer-lhe, caso Vocelência queira dar-se ao incômodo de subir à minha caserna.

—Oh meu nobre amigo, isso é favor que nunca lhe poderei pagar!

—E' que eu levei nada menos de um balde dêsse dôce para mim e para o meu grupo que ainda deixou uma certa porção mais que suficiente para Vossa Excelência se servir.

Acompanhei, pois, o benemérito alferes, que me ajudou a rapar o fundo do balde em que se contivera a marmelada e que, bem aproveitadinha, me permitiu ainda barrar metade do pão que recebêra.

A outra metade, embora me sentisse com disposições mais que suficientes para a comer, resolvi guardá-la para o Dr. Fernandes.

— Então não se atreve com o pão todo, meu tenente-coronel? — perguntou o alferes.

— Atrêvo, sim.

E informei o simpático rapaz do destino que ia ter a metade da ração que êle me via guardar.

— Ah, isso sim . . . — fez êle.

— O quê? supunha talvez o meu amigo que, depois do triste resultado colhido com o cavalo por aquele maduro de que há pouco falámos, eu pretendesse ainda conseguir qualquer cousa com a minha pessoa?

O alferes riu mais uma vez; e eu, tendo-lhe agradecido, saí verdadeiramente penhorado com a sua gentileza, e suficientemente amparado para poder passar aquela segunda noite do meu cativoiro.

## IX

PELAS oito horas de 11, fôra eu mui suavemente despertado por uma doirada réstea de sol, das muitas que se infiltravam pelo esburacado tecto do dormitório, e casualmente viera incidir sôbre os meus olhos. Fui eu, dentre cem officiais que ali dentro pernoitaram, o primeiro a acordar, e nenhum outro, de certo, se poderá gabar de haver sido chamado por tão original despertador.

A verdade, porém, é que, sem eu bem saber porquê, me sentia excelentemente disposto.

E' que, naquele afago com que o sol quisera distinguir-me, eu sentira a doçura de um beijo de criança, como aqueles com que, tantas vezes, em pequeninos, nos acordam também os nossos filhos.

Ao meu lado dormia tranqüilamente o Dr. Fernandes, a quem não desagradaria, decerto, ser despertado, por efeito de uma causa idêntica àquela que em mim actuára. A marcha da pequena projecção luminosa, que tomára a direcção dos pés da minha pobre enxêrga, não era

assim de molde a poder atingir a face daquele meu companheiro, a quem eu teria, portanto, de chamar, para irmos saber com o que, naquele dia, teríamos de contar. A ideia, porém, me ocorreu de forçar um pouco o acaso que comigo se dera, fazendo, de facto, incidir sôbre o rosto do meu camarada, não a mesma réstea de sol que me atingira, mas tão sòmente a sua reflexão, por meio de um pequeno espelho de algibeira, espécie de brinde réclame de um bazar qualquer de Paris.

E, se bem a concebi, melhor eu executei semelhante ideia, conseguindo, logo á primeira emissão de luz, que o meu amigo, depois de uma ligeira esfregadela de olhos, sem mesmo pretender averiguar do que se tratava, se voltasse naturalmente para o outro lado!

Mas . . .—Olá, ó cavalheiro, gritei eu, rindo, perdidamente, com a ligeira meia volta que o Fernandes efectuára—isso agora é que não vale; volte para cá o seu lindo rôsto.

E o Fernandes, acordando então definitivamente, voltou condescendente, para o lado donde eu o chamava, a sua face extremunhada, em cujos olhos franzidos, eu fiz, de novo, incidir o pequeno jacto de luz, com que paciente-mente o estivera esperando.

—Bem dispôsto, hein?—estranhou o Fernandes, espreguiçando-se.

—E' como você está vendo.

—Mas o que significa isso?—perguntou, a seguir.

—Terá porventura, acabado a guerra? . . .

—Assim parece, não?

—Realmente, essa magnifica disposição,

logo de madrugada, e depois das maçadorias que nos teem impingido . . .

—É antes das que, certamente, temos ainda iminentes, bem sei; mas é que me agrada o lindo dia de sol que hoje amanheceu, e éste alegre chilrear de andorinhas que se está ouvindo lá fóra, sob os beirais dêste grande telhado de palheiro rural.

—Poesia no caso . . .

—Pois seja poesia, meu caro Fernandes. Eu bem sei que nos teem feito passar grandes privações; mas uma pessoa também vive um pouco do espirito, não é assim?

—Ah, isso não quero teimas—tornou o Fernandes—*Nec solo panem vivit homo.*

—Nem mais nem menos. Antes fome com sol, do que com chuva e vento . . .

—Mas também antes chuva e vento, com o pãozinho de Nosso Senhor, do que . . . sim, não sei se me faço compreender . . .

—Evidentemente; a fome é negra!

—Mas que horas são?

—Oito e meia: levante-se.

E, enquanto o meu excelente companheiro se espreguiçava mais uma vez, passava depois a apertar os atacadores das botas que tivera o cuidado de alargar antes de se deitar, estive-lhe eu contando as circunstâncias originaes em que, pouco antes, fóra acordado.

—Tem sua graça! . . .—respondeu-me êle, enfiando-me o braço, para descermos á malfadada secretaria.

—Mas é que tem mesmo muita graça, seu sensaborão.

—Está bem, meu çaro tenente-coronel; mas

já se lembrou de que há três dias não levámos as nossas lindas figuras? . . .

—Ah, sim; mas não passarão de hoje, jurro-lho eu.

—É a que as havemos de limpar?

—Deixam-se enxugar; não faz mal. E as barbas?

—Isso é que já seria muito luxo . . .

—É absolutamente impossível, por falta de tudo.

—De porcaria é que nós precisâmos, antes de mais nada, aliviar-nos, hein?

—Sim; o estêrco, primeiro que tudo—conveio o Fernandes.

Cada um por sua vez, procedemos, pois, a uma sumária lavagem com a água de uma torneira que corria, num grande pátio lageado ao fundo das escadas; e, depois de deixarmos enxugar a cara, pela evaporação, dirigimo-nos ambos à decantada secretária.

\*

\*

\*

Áquela hora encontrava-se ainda o intérprete absolutamente desembaraçado da expressa barreira que em seu tórno formára no dia anterior a maioria dos meus camaradas.

Vendo-o assim abordável, o meu primeiro cuidado foi o de lhe pedir noticias do Manuel.

—Isso agora é que me parece um caso bastante difícil—declarou-me.

—Como assim?

—É que, desde as onze horas da noite de nove, até à madrugada de hoje, quasi não cessaram de chegar ai grupos maiores ou menores de prisioneiros, muitos dos quais teem sido enviados já com diversos destinos. Como vamos, pois, nós agora averiguar se o impedido de Vocolência faz parte dos homens que já partiram, ou dos que ainda se encontram nesta cidadela?

—Pelo seu número e nome, naturalmente.

—Isso é muito bom de dizer; mas nós aqui tomâmos umas indicações muito sumárias, relativamente à identidade de todos os prisioneiros, porquanto nos preocupamos principalmente com a totalidade, verificando, por assim dizer, e corrigindo, quanto possível, a contagem que na frente teve lugar. As casernas estão, como Vocolência viu, repletas de homens, aos quais foram, muito à pressa, tomados os elementos da sua identidade; o seu alojamento, porém, fez-se, tendo apenas em vista a capacidade das mesmas casernas, que, assim, foram sendo ocupadas de roldão e por fórma a ser-nos impossivel saber, num dado momento, os prisioneiros que elas conteem. Quando as necessidades de descongestionamento da cidadela, por efeito da chegada de novos prisioneiros, nos obrigam a mandar alguns para os campos, lançamos mão, a êsmo, do número de homens a enviar, e fazêmo-los imediatamente seguir ao seu destino. Parecerá isto um pouco tumultuário, concordo, mas impossivel se nos tornaria proceder de outra fórma, tanto mais que vantagem alguma haveria em estar a perder tempo com um assunto

que, com mais vagar, se regulariza depois convenientemente noutra parte.

—De maneira que? . . .

—É' impossível saber-se o paradeiro dêsse homem. Mas quando teria êle chegado aqui?

—Suponho que no próprio dia nove.

—Ah! então, meu caro senhor, é perder-lhe as esperanças, porque os primeiros chegados seguiram ontem em diversas levas, para diferente campos, situados nas imediações de Lille, onde deverão permanecer. Vocelência pôde, porém, requerer depois, superiormente, que enviem êsse homem para sua ordenança, pois estou bem certo de que não será desatendido. (1)

E, com esta declaração, ficou absolutamente liquidado o caso do pobre rapaz, cujo destino ainda hoje ignoro.

Só no Porto o tornei a vêr.

\*

\* \* \*

Saindo da secretaria encontrei-me com muitos camaradas portugueses e britânicos que, tendo deixado enfim as suas casernas, se acumulavam em redor da torneira da água, onde, aos três e quatro de cava dez, iam fazendo as suas abluções.

Em poucos minutos todos os oficiais prisioneiros se haviam acumulado no grande pátio interior, a que acima me refiro, onde,

---

(1) Tudo isto era uma santa historia . . .

em numerosos grupos, se discutiam os acontecimentos, e especialmente a natureza de uma anunciada sopa que, pelo meio dia, nos deveria ser distribuída.

De grupo em grupo, andei colhendo impressões, todas elas de molde por sinal a conduzirem-me à convicção de que nos iria enfim ser fornecida uma refeição, quanto possível confortável.

Embora muito lentamente, iam as horas decorrendo, e em frente da cozinha apinhava-se já um grande número de oficiais sobraçando uma pequena escudela de barro, da qual, por tal sinal, eu ainda me não achava provido.

Dirigi-me, pois, a um daqueles camaradas, para me informar do local onde me poderia ser fornecida uma semelhante peça, foi-me indicada uma espécie de copa, onde logo me dirigi, para me deparar com muitos outros oficiais que em vão ali tinham ido também, visto haverem findado já não só as escudelas, mas ainda as colheres de lata, o que tudo se achava a cargo de um sargento português desertor, a quem os alemães haviam ali investido das funções de quarteleiro.

—Mas então como é que nós havemos de receber esta refeição?—inquiri do aludido sargento.

—Saberá Vocelência que não sei—respondeu. Eu cá por mim, já distribuí todas as tigelas e colheres que tinha em arrecadação, e agora, bem vê Vocelência que me não posso desfazer em mais.

—E' extraordinário!

—O remédio—aconselhou por fim o deser-

tor—será esperarem alguns que os outros acabem de comer, para depois se servirem.

—Mas porque não pede o senhor providências sôbre êste caso?—preguntei.

—Saberá Vocelência que já as pedi há muito tempo; mas, até agora... nada de novo.

Saí dali devéras aborrecido com mais esta contrariedade, que teria de juntar a tantas outras, que nas ultimas quarenta e oito horas eu vinha experimentando; e decidido a ir, de novo, bater-me como intérprete, única pessoa com quem ali poderia eficazmente entender-me, descí três degraus de escada que davam para uma pequena sala onde existia um grande monte de chapéus de ferro e sacos de aparelhos anti-gaz que os nossos e os oficiais britânicos para ali haviam lançado, por considerarem semelhante contrapêso absolutamente dispensável naquela zona.

Espreitando por entre aquele montão de cousas sebatas e enlameadas, quási detrás de uma porta, pareceu-me ver uma tigela perfeitamente idêntica àquelas de que se achava provida a maioria dos meus camaradas.

Seria possível que o acaso me habilitasse a ir receber, desde logo, a apetecida sopa, ou tratar-se-ia apenas de uma pura ilusão?

Aproximando-me do monte, consegui arrançar de sob todo aquêlo lixo, uma autêntica escudela, a cujas paredes se agarrava ainda uma camada sêca de qualquer farinha de sopa que nela decerto havia sido servida a algum faminto da minha categoria. Talvez algum sifilitico ou tuberculoso se houvesse utilizado daquele

objecto asqueroso; mas todas essas considerações, que noutras circunstâncias, me impediriam de utilizar o dito recipiente, nenhum pêso tiveram no meu espírito perante as naturais solicitações do estômago, a que eu precisava imediatamente atender.

Eu tinha, de resto, água que farte para me permitir lavar convenientemente a preciosa tigela que um feliz acaso me havia deparado.

Que mais queria eu?

Dali até à torneira, já muito minha conhecida, não fui eu, portanto, nada manco, tendo sido um instante emquanto transformei aquele imundo objecto numa desenhovalhada terrinzinha, cuja posse me habilitava a receber uma abundante ração de sopa.

— E que tal seria ela?—pensava eu, caminhando para os meus companheiros, que, impacientes, aguardavam também o momento da distribuição.

Embora ali me apresentasse sobraçando a humilhante escudela de presidiário, receberam-me os meus camaradas, por acaso todos êles menos graduados do que eu, com o respeito que se habituaram a votar aos seus legítimos superiores, franqueando-me um lugar onde eu pudesse estar melhor situado para os efeitos da eminente distribuição da sopa.

— Meus senhores—veio naquêle momento prevenir um alferes, por indicação do sargento alemão que presidia aos serviços da cozinha.—E' preciso que entrem em duas fileiras, para se poder dar começo ao serviço.

— Vá, entrem lá a dois—diziam todos, sem nenhum se mostrar disposto a arredar pé da

frente da cozinha, cuja entrada se achava assim, completamente obstruída.

— Assim não pôde ser—declarou o alferes.— E' preciso que entrem na fôrma, tenham paciência.

— Vá—continuavam aconselhando diversos officiaes—assim não conseguimos almoçar hoje.

— O mais graduado que dê as suas ordens—propôs um capitão.

— Justamente—convieram outros officiaes—o nosso tenente coronel que mande.

Uma certa agitação se produziu naquella pequena multidão de esfaimados, onde apenas se esboçara um comêço de formatura, que logo se embrulhou, por effeito de todos pretenderem ficar o mais próximo possível da porta da cozinha.

— Tenha paciência, meu tenente coronel—disse-me um major alentejano, verdadeiramente indignado com a demora da refeição que a inobservância das ordens recebidas maior estava tornando ainda.

— E' preciso que Você imponha a sua autoridade para que os nossos camaradas entrem definitivamente na fôrma. Que diabo—acrescentou—é mister que nos lembremos de quem sômos, por maior que seja a nossa necessidade.

Estas palavras dispensaram-me de intervir, no que decerto, com o meu feitio, não obteria grandes resultados.

E' que as circunstâncias nos haviam reduzido positivamente àquella extrema condição, em que, segundo Xavier de Maistre, acaba o homem, para propriamente começar a besta. De facto, ali, mandava, naquêlê momento,

muito mais o estômago do que a bôa razão de cada um, que, só a enérgica fustigadela do major obrigou milagrosamente a presidir aos actos de quantos ali estavam.

Os officiaes prisioneiros formaram, pois, uma extensa linha, que se prolongava no sentido da maior largura do pátio interior da cidadela, resolução esta que immediatamente determinou a saída de um grande caldeiro. Era êste transportado por dois soldados ingleses, que o collocaram à entrada de uma porta, por onde iam sucessivamente passando todos os officiaes, depois de recebida a competente ração de pão negro e a sôpa.

Uma outra porta fôra também aberta, de fôrma a permitir a saída para a parada exterior da cidadela, onde, junto de uns camions que ali estacionavam, deveria ser consumida a nossa refeição.

De todas as exhibições a que me venho sujeitando, nesta via dolorosissima do captiveiro, foi certamente a daquele dia aquella que mais me feriu nesta espécie de orgulho convencional, a que uma existência mais ou menos privilegiada me tinha naturalmente habituado.

Não era sómente a minha elevada graduação militar e a minha idade, que naquele momento, agravavam o humilhante ridículo da scêna em que tomei parte, mas o facto de serem os nossos soldados e os ingleses os seus principais espectadores.

Imaginem os leitores com que bôa disposição eu e os meus camaradas teríamos entrado na fôrma, para depois estendermos, cada um por sua vez, o nosso braço agalado e oferecer

a escudela, onde um soldado alemão despejava de chofre duas colheradas de uma miserável sôpa, distribuindo ao mesmo tempo, uma estreita fatia de pão que constituiria toda a nossa ração daquele dia!

E, assim, a tigela numa das mãos e na outra o pão, lá íamos nós todos levados até à parada onde alguns guardas armados nos estavam vigiando, enquanto uns em pé, e os outros sentados, quási todos no chão, em pedras, ou naquilo que calhava, migávam com o pão e comiam depois com devorador apetite aquilo a que, por simples convenção, se dava o pomposo nome de almoço.

De longe, observavam-nos, maravilhados, de certo, com a *elevada consideração que viam dispensar-nos*, os nossos pobres soldados, que, pela nossa, avaliavam naturalmente a sorte que os estava esperando.

Mas a sôpa que, nas primeiras investidas, me parecêra óptima, achava-se, devido a um evidente descuido do cozinheiro, excessivamente salgada, o que me impediu de comê-la toda. Apenas algumas escassas batatas eu consegui comer, deixando a parte líquida e certos pedaços de uma carne avermelhada, que diziam ser de cavalo, e com a qual os meus dentes não conseguiram entrar.

la, pois, ficar muito deficientemente alimentado naquele dia, que era já o terceiro de privações e desconforto, depois do momento da minha prisão; mas restava-me ainda a refeição da tarde que teria lugar às 6 horas e meia e com a qual eu poderia ficar talvez melhor servido.

Meti, pois, resignadamente, a colher dentro da tigela, e acabava de colocá-la sôbre a roda de um camion, quando um camarada que naquele momento lambia a derradeira colherada daquela petisqueira, me pergunta nesta pitoresca linguagem de calão:

—O meu tenente-coronel não *rufa*?

Não sei bem já o que lhe respondi. Bem me bastava naquele momento angustioso a desgraça de não possuir um estômago capaz de receber um semelhante alimento, com o qual, depois de três dias de uma quasi abstinência, eu contava restabelecer-me da grande fraqueza que de mim se ia apoderando, e vinha ainda aquele sujeito, indiferente, não só pela humilhação que a todos nós atingia, mas ainda pelo sofrimento moral de cada um, pôr em destaque o seu inconsciente bom humor, com aquela frase de caserna, que, de resto, as nossas quasi nulas relações lhe não davam o menor direito de dirigir-me.

Suponho que a fórmula adequada como eu lhe respondi o dispensou, de futuro, a abordar-me em semelhantes termos.

Havia de tudo no nosso grupo de prisioneiros, onde o sofrimento era função da sensibilidade moral de cada um.

Alguns poucos havia, porém, para os quais a parte material era tudo, o que, de resto, acontece com quem quasi só do estômago e para o estômago vive.

\*

\* \*

O dia que passei na cidadela de Lille foi, incontestavelmente, dos mais dolorosos de todo o meu cativeiro. O que eu queria era ver-me, quanto antes, dali para fóra, pois que, certamente, todas aquelas deficiências e imperfeições de alimentação eram uma compreensível conseqüência da grande aglomeração de prisioneiros que ali se havia feito, devendo, segundo todas as informações, modificar-se consideravelmente, para melhor, a nossa situação nos campos de prisioneiros da Alemanha, a que nos destinavam.

Quando seria, porém, o dia da partida?

Era esta a interrogação que eu me fazia, passeando tristemente na sala da secretaria, onde por acaso, ninguém mais se encontrava naquele momento, quando o intérprete, após uma demorada conversa pelo telefone, me fez a seguinte pergunta:

—Vocelência quereria, por acaso, seguir esta tarde, com mais setenta e quatro camaradas, para a Alemanha?

—Oh! meu caro senhor!—respondi-lhe eu—isso são justamente os meus desejos, desde que aqui cheguei.

—E terá porventura preferência por alguns de entre os oficiais que aqui se encontram para seguirem consigo nesta ocasião?

—Evidentemente.

—Obsequiava-me, pois, se daqui a dez minutos, me pudesse fornecer os nomes e gra-

duações dêsses oficiais, para se organizar uma guia que os deverá acompanhar.

—Sim, senhor—respondi-lhe.—Eu trato-lhe já disso; mas poderá saber-se qual o nome do campo a que nos destinam?

—Eu nada sei, senhor tenente-coronel; mas dispense-se Vocelência de fazer, de futuro, idênticas perguntas, sempre que haja de sofrer qualquer deslocação, de um para outro campo, porque ninguém lhe dará, a tal respeito, a menor informação, pela razão bem simples de que isso é absolutamente proibido. Vocelência terá de fazer imensas viagens pela Alemanha, sem que jámais lhe seja fornecida a menor indicação sôbre o destino que vai ter.

—Basta—respondi-lhe.—Eu não quero já saber de cousa alguma, mas apenas que vou, enfim, sair daqui para fóra.

—Tem Vocelência razão — conveio o intérprete — Isto aqui nem para nós é bom; mas verá como a sua situação se vai em breve normalizar.

E, saindo dali, reuni alguns camaradas da minha brigada, dos quais eu desejava fazer-me acompanhar; procurei ainda o meu coronel e ajudante que me não foi possível encontrar, e dentro de poucos minutos, estava completamente organizada a relação que o intérprete me pedira, com os nomes de vários outros oficiais, meus desconhecidos, que à secretaria se foram ainda inscrever.

Pelas duas horas, éramos convidados a entrar na fôrma, onde, a cada um, foi distribuido um pão negro de kilo, aproximadamente, que constituiria a nossa ração dêste género para

quatro dias. Juntamente recebemos quatro baldes de marmelada que seriam distribuídos entre nós, á razão de um balde por cada vinte oficiais.

Como havia eu, porém, de transportar o volumoso pão, se não possuía sequer um pequeno saco onde o metesse?

A bolsa de um aparelho anti-gás — indicou-me um camarada.

— Como assim? — estranhei.

— Depois de devidamente esvasiada, é claro — explicou aquele — E' o que todos temos feito.

E aproximando-me do monte a que acima faço referência, tomei uma das sacas que menos sebeta me pareceu, e dirigi-me novamente para o local da formatura, bastante satisfeito, não só com a idea da minha partida, como por haver resolvido o difficil problema do transporte do pão.

Guardar pão dentro da saca de uma máscara contra gases asfixiantes, era realmente um caso que nenhum de nós poderia de certo haver previsto! A verdade, porém, é que aquelas nos prestaram um assinalado serviço em semelhante conjuntura, porquanto, se não foram elas, teriamos nós de atravessar as ruas de Lille, sobraçando o volumoso pão, como de resto aconteceu a um posterior grupo de prisioneiros, entre os quais se contam os coroneis Pedrosa, Martins e Craveiro Lopes, aos quais já não foi possível o proverem-se do aludido sacco.

Ainda assim, quatro dos oficiais que comigo seguiram viagem, tiveram de levar na mão os baldes da marmelada, serviço de que aliás

não quiseram dispensar-se, perante a boa compensação de, posteriormente, serem também elles os encarregados de fazer a sua distribuição.

\*

\* \* \*

O itinerário que nos fizemos seguir até ao caminho de ferro foi, em parte, diferente do que havíamos levado para a cidade, deixando-me porém este as mesmas agradáveis impressões que o primeiro.

A passagem da nossa leva provocára a mesma pasmação do dia anterior, tanto mais que o novo trajecto nos exhibia então perante individuos que ainda nós não haviam gosado.

Por bem humilhante, porém, que devesse considerar-se a nossa situação, não impediu isso que gentilissimas damas, assomando ás janelas de luxuosos prédios, nos distinguissem com os seus melhores sorrisos, que algumas acompanhavam de um gracioso acenar de lenço.

Apenas entrados na estação, fomos cautelosamente encafuados em diversas carruagens de terceira classe, onde, fechados á chave, aguardámos, cêrca de uma hora, a partida do comboio em direcção á fronteira belga. Fomos sempre seguindo esta para S. E., por Valenciennes, Saint-Amand e Ardenas, passando depois á Lorena, por Strasbourg, até darmos entrada no grand-ducado de Baden, onde nos desembarcaram na cidade de Rastatt.

\*

\* \*

O leitor, que se dê ao trabalho de consultar carta, decerto pasmará, perante a duração de quatro dias de uma viagem que, em condições normais, se poderia fazer em muito menos de vinte e quatro horas.

E' que as carruagens, em que seguíamos, permaneciam, como simples mercadorias, nalgumas estações, durante seis, oito e até dezoito horas. E' que o nosso comboio só recuperava a marcha, quando todos os outros não pudessem sofrer o menor atraso com a nossa passagem.

Nalgumas estações percorreram ainda essas carruagens millos quilómetros, em constante movimento de vai-vem, ao longo de diversas linhas, onde faziam sucessivas mudanças de agulha, com um fim que nenhum de nós conseguiu explicar, e que apenas parecia tender a aborrecer-nos.

Numa destas estações fôram, altas horas da noite, chamados os soldados que nos acompanhavam, para nos ser distribuída uma excelente sopa, a que todos fizemos as devidas honras. De facto, mesmo às escuras, eram as tigelas em que aquela nos fôra servida, num ápice esvasiadas, não obstante a carência absoluta de colher ou garfo, de que não dispúnhamos e que certamente por esquecimento nos não fôram fornecidos.

Uma segunda refeição deste género nos foi também servida durante o segundo dia da via-

gem, à qual igualmente correspondeu o nosso melhor apetite. (1)

No terceiro dia, habituados como já estávamos à confortante sopinha que, com certa regularidade, nos vinha sendo distribuída, esperávamos não ser também esquecidos. E de facto, ao chegarmos à estação de uma grande cidade, foi-nos determinada ordem de despejo convidando-nos o comandante da escolta a entrar rapidamente na fôrma.

—Querem ver que somos chegados ao *terminus* da excursão! . . .

Mas nada disso. Na própria gare existia um importante posto da Cruz Vermelha, junto do qual nos mandaram fazer alto e onde duas formosíssimas damas, de sobressenho bastante carregado, nos serviram, *passando-nos para a mão*, uma terceira sopa, de todas talvez a mais saborosa. (2)

\*  
\*   \*  
\*

As enfadonhas demoras que, durante esta viagem, nos vinham sendo impostas em algumas estações, só excepcionalmente eram amenizadas pelo movimento de passageiros, pela beleza da paisagem, ou por qualquer outra circunstância que nos pudesse atrair as atenções.

Apenas em frente de uma pequena gare da Lorena, onde permanecemos cêrca de duas

---

(1) Também nos não forneceram talher.

(2) Mais uma vez tivemos de comer sem colher.

horas, estacionaram, casualmente, as carruagens em que seguíamos, junto de um numeroso trôço de operárias que, à falta de homens, se ocupavam em trabalhos de reparação da linha férrea.

Quási todas essas operárias eram raparigas, cujas idades orçavam, quando muito, pelos seus dezoito a vinte e cinco anos; e sendo, na sua quási generalidade, bonitas, usavam por comodidade, todas elas, o traje masculino, de que lhes resultava uma graça especial (1).

De entre todas essas mulheres, destacava-se, pela sua airosa conformação e lindo perfil, uma alemãzinha de Baden, que, durante a nossa permanência ali, constituíra o principal objecto das atenções de quási todos os prisioneiros. Não se tratava, positivamente, de uma rara beleza feminina; mas constituía essa mulher um todo harmonioso e sobremodo atraente, que necessariamente havia de convidar à observação de todo o homem verdadeiramente sensível.

O seu corpinho de fada, excedendo um pouco as proporções de uma *mignone*, possuía uma admirável flexibilidade, que os movimentos reclamados pelo manejo da sua picareta permitiam detidamente observar; e, no momento em que o esforço produzido por alguns minutos de continuado trabalho a convidava a endireitar-se, o seu lindo busto, de farto seio, arredondado e sólido, caía-lhe numa sâdia verticalidade sôbre os rins, onde, por baixo da ampla blusa,

---

(1) Durante a guerra, a maior parte dos serviços eram, na Alemanha, desempenhados por mulheres, em traje masculino.

que vestia, se adivinhava a suavidade de contornos de uma perfeita Venus de Milo.

Era loura como uma messe; e o seu rosto oval, iluminado por uns olhos verdes em amêndoa, de expressão simultaneamente altiva e doce, possuía uma alvura discretamente rosada, onde ria, como uma papoula, uma boca pequenina e gorda que uma nivea fiada de dentes, desafiando beijos, completava à maravilha.

Marguerite, lhe chamavam as suas companheiras, com cuja desenvoltura contrastava o aprumo e comedimento natural daquela rapariga, cujo nome sugestivo, me evocou essa outra Margarida do necromante Fausto, em cuja lenda o grande Goethe se inspirou para produzir a mais bela de todas as suas criações.

O serviço destas raparigas consistia, naquele momento, em consolidar a estabilidade da linha, metendo, a golpes de picareta, algumas pedras sob as travessas em que assentam os carris.

Apenas um velho loreno, de cujo olhar calmo e condescendente se depreendia que nos não odiava, presidia ao serviço daquele troço de gentis moçoilas, disfarçadas em outros tantos rapazotes, por um amplo calção, pela blusa ligeiramente cintada, cujo decote deixava, no entanto, ver o comêço de um lindo colo, e pelo bonet militar. Este colocava-o a bela Margarida com infinita graça sôbre os seus lindos cabelos de ouro polido, dos quais algumas insubmissas madeixas lhe fugiam com o vento para os olhos, provocando-lhe trejeitos fisionómicos que, muito longe de lhe desfeierem o simpático rosto, o tornavam por ventura mais engraçado ainda.

Os nossos oficiais dirigiram-se a todas

aquelas raparigas, que falavam indiferentemente o francês ou o alemão, perguntando-lhes se elas se não consideravam francesas.

—Sim—respondiam invariavelmente—mas apenas pelo coração! . . .

Outro tanto não poderia dizer a interessante Guidinha, a quem as suas companheiras indicaram como sendo pura alemã.

Uma tal circunstância não impedira que, de todas quantas raparigas ali se encontravam, fôsse justamente ela quem estava despertando a principal admiração de tantos inimigos do seu país.

—É preciso dar-se qualquer cousa a estas pobres mulheres—propôs alguém.

E, dentro de cada carruagem, procedeu-se logo a uma sumária quête, da qual para as gentis operariuzinhas proveio assim uma razoável chuva de francos.

Escusado será dizer-se que, apesar de alemã, era junto de Margarida que ia cair o maior número de papelinhos em que se continham as dadivas de cada um de nós.

E pensam os leitores que essa linda rapariga se apropriava daquilo que, muito especialmente, lhe era destinado?

Nada disso. Nem sequer a justificada curiosidade de uma autêntica filha de Eva a determinava a desembrulhar êsses papelinhos que ela se limitava a apanhar do chão, e a passar, seguidamente, após um dôce sorriso de agradecimento, à mais idosa talvez das suas companheiras, que certamente iria depois distribuir por todas a totalidade de semelhante oferta.

—Bravo!—exclamaram alguns dos meus

companheiros, verdadeiramente impressionados pelo belo gesto da interessante pequena.— E' um anjo esta Guidinha!

Momentos depois, recuperava o nosso comboio a sua marcha para Baden, no meio dos reciprocos adeuses de despedida, trocados entre os nossos officiaes e as interessantes pequenas. Descobrendo-se todas, à nossa passagem, ficaram estas, por muito tempo, agitando graciosamente os seus bonets, correspondendo assim com os seus acenos e brilhantes sorrisos, a idénticas manifestações de simpatia que, por parte dos prisioneiros, lhes foram sendo feitas, até que, por efeito de uma inevitável curva da estrada, uns e outros se perderam enfim de vista.

## II PARTE

### X

Foi durante a noite do nosso terceiro dia de viagem que se effectuou a travessia da parte, para mim, mais interessante da Lorêna, por Strasbourg e Sarbruck; e pena foi que o itinerário seguido nos não houvesse levado pela Alsácia, até aos arredores de Metz, cuja topografia eu conhecia, com relativos detalhes, das cartas de Griepenkerl, em que o grande mestre faz o desenvolvimento dos seus famosos «Temas Graduados».

O incómodo proveniente da longa jornada que levávamos, rigorosamente encerrados numa desconfortável carruagem de 3.<sup>a</sup> classe, de sentinela á vista e sem ao menos podermos encostar-nos um pouco, por viajarmos como sardinha em canastra, quasi me impediu de apreciar devidamente, nessa ocasião, o adorável espectáculo que a qualquer viajante proporciona a Natureza, em toda a região de Baden. Pude, no entanto, vêr as suas imensas florestas, coroando arredondados cabeços e ocultando misteriosos vales; os seus vastíssimos prados, em que o

inlcio da Primavera havia posto já os lindos matizes das suas primeiras flôres, e finalmente o grande Rheno, das famosas lendas germânicas, em que o colossal gênio de Wagner encontrou uma sublime inspiração para algumas belas composições da sua obra imortal.

A essa natureza espero, porém, referir-me em posteriores captulos deste meu livro, quando me ocupar do restante da viagem que tive de fazer, através dessa pitoresca região, por efeito da minha transferencia para Karlsruhe, e seguidamente para o Hanover, com destino ao campo de Fuchsberg.

\*

\* \*

Na tarde do nosso quarto e último dia de viagem fomos informados de que só no momento da chegada ao local do nosso destino, teríamos uma refeição. Foi-nos permitido, porém, pelo comandante da escolta que encomendássemos no restaurante de uma estação, onde o comboio faria uma nova paragem, qualquer coisa com que entretivéssemos o estômago até ao final da jornada.

Eis que o nosso comboio alcança a referida estação, chegando, minutos depois, duas criadas muito desenhovalhadas e um criado, transportando aquelas cada uma o seu taboleiro, que vergava sob o pêso de numerosos copos de cerveja, e êste um outro contendo uma formidável pirâmide de sandwiches, das quais se fez logo uma equitativa distribuição, na razão de três por cada oficial.

Alguém propôs então que se festejasse com vinho a condescendência do velho sargento alemão que excepcionalmente nos permitira adquirir quaisquer alimentos à nossa custa, não obstante os freqüentes pedidos que lhe vínhamos fazendo em todas as estações do nosso percurso, onde existisse qualquer *bufet*.

— Valeu! — aprovaram todos.

E logo fôram pedidas trinta e oito garrafas de vinho branco do Rheno que, embora de excelente qualidade, tivemos de pagar ao preço de dez marcos por cada garrafa, ou sejam, ao câmbio de então, nada menos de três escudos e pico da nossa moeda.

Esta refeiçãozinha, a que o *smoking* e a gravata branca do criado, assim como os alvissimos aventais e toucas de renda das criadas, davam um vago perfume de elegância, tendo quebrado um pouco a monotonia das miseráveis sopas que nos vinham sendo fornecidas, deixára, em todos nós, uma consoladora impressão, que quási nos ia fazendo esquecer a triste situação em que ali nos encontrávamos.

É assim, graças também a *Deus* e um pouco a *Noé*, se espalhára entre os meus jovens companheiros uma natural alegria que, aos mais velhos, se comunicára, e de que logo resultou a sumária organização de um afinado orfeon, onde as modinhas e os fados do nosso querido Portugal fôram executados com notável sentimento e manifesto agrado dos soldados alemães que nos escoltavam.

Liquidada a conta de uns trezentos marcos, em que já ia incluída uma generosa gratificação para os creados, prosseguimos na nossa

viagem para Rastatt, onde, pelas oito horas da noite, desembarcámos enfim.

\*

\*      \*

Da estação, onde prontamente fomos metidos na fôrma, seguimos, como sempre, com ignorado destino, através da pequena cidade, que deixámos, para tomar uma estrada, prolongamento da última rua que havíamos seguido, e ao longo da qual as casas fôram, a pouco e pouco, rareando, para cederem a sua vez a algumas extensas searas e outras culturas, ao fim das quais se estendia, como um grande pano de fundo, a imensa orla da pitoresca Floresta Negra, em cuja direcção caminhávamos.

De Rastatt, escassamente iluminada, como em geral o são todos os importantes povoados, sôbre os quais se pode recear um ataque pelos aviões, pouco mais eu pude ver do que os seus raros transeuntes e o exterior das casas, na sua maioria às escuras também, a cujas janelas assomavam, curiosas, algumas figuras de mulher, atraídas pelo ruído dos nossos passos cadenciados que o pêso de grossas botas, em uso nas trincheiras, tornava ainda mais sensível.

No rés-do chão de uma dessas casas, espécie de chalet, espreitando por entre as roseiras de um luxuriante jardim, sentavam-se à roda de uma pequena mesa três interessantes crianças, de guardanapos ao pescoço, que uma elegante mulher servia entre sorrisos. Esta scena, que,

por motivos bem compreensíveis, bastante me impressionou, originára em minha alma uma funda tristeza que as sombras da noite e aquela marcha para o desconhecido, em meio de uma numerosa escolta, com as suas luzentes baionetas, mais agravava ainda.

Dobrada uma curva da estrada que seguíamos, deparou-se-nos de repente, profusamente iluminado em todo o seu largo perímetro, por numerosos focos eléctricos, o campo de prisioneiros a que evidentemente íamos ser destinados.

Um soldado da escolta, a quem me dirigi, informou-me, sem hesitações, que efectivamente era aquele o *campo russo* (Russen Lager) onde íamos dar entrada.

Tratava-se de um vastissimo campo de soldados, situado a três quilómetros da cidade, numa grande planície, junto à orla da «Floresta Negra» e previdentemente defendido em toda a volta por duas elevadas rêdes de arame farpado, cuja eficácia era ainda completada por um forte cordão de sentinelas que, à distância de 50 metros umas das outras, atentamente vigiavam aquela vedação.

O campo russo, em que efectivamente demos entrada, era interiormente dividido em diversos blocos, que largos arruamentos separavam entre si, isolando-os ainda outras duas rêdes de arame farpado, idênticas àquelas que envolviam a totalidade do campo, numa área de cêrca de trinta hectares.

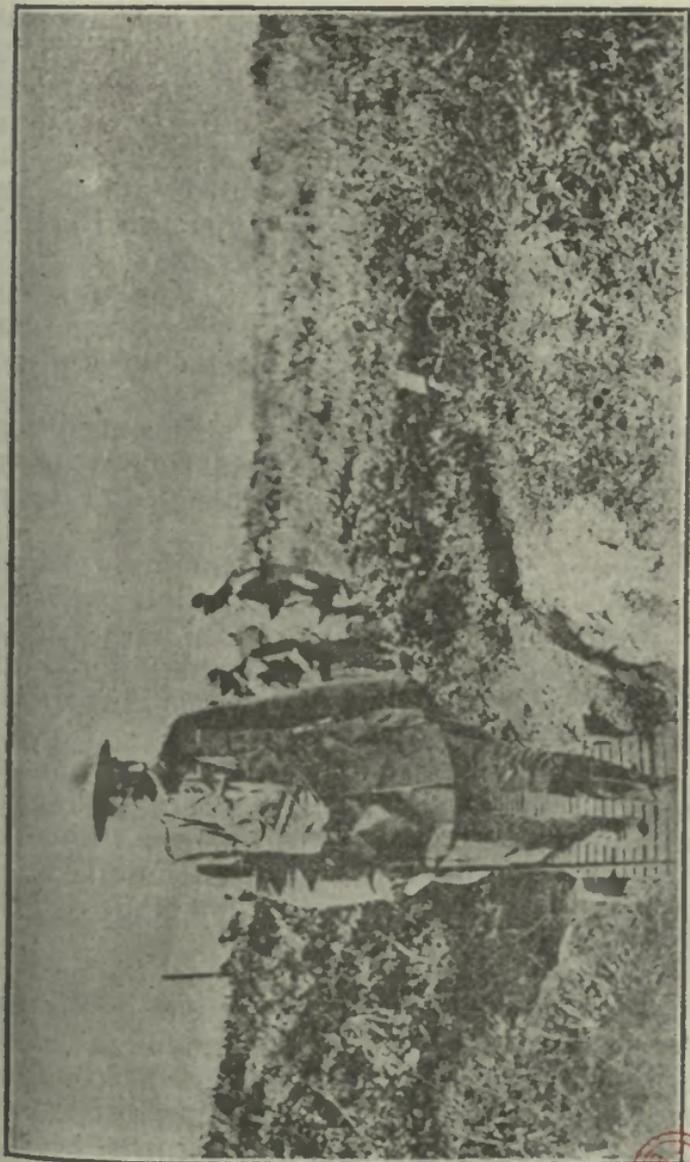
O bloco onde fômos encerrados achava-se ocupado por 300 oficiais franceses, e todos os outros por uns 2.000 oficiais britânicos, com os

quais, portanto, não chegámos a comunicar. Apenas entrados no nosso bloco, foram-nos distribuídos os alojamentos. Consistiam êstes em grandes barracas de madeira, ao longo das quais se achavam dispostas duas fileiras de leitos de madeira, de tôscas construção, cada uma delas constituída por duas ordens de camas, agrupadas a quatro e quatro, para maior solidez e estabilidade.

A seguir recebemos as roupas destinadas a êstes leitos, as quais consistiam em duas mantas, feitas de vários pedaços ou trapos, de diversas côres e tecidos, mal alinhavados, que lhes davam um andrajoso aspecto; um lençol de estopa de linho e outro de riscado, espécie de bolsa, dentro da qual se metiam as mantas. Como não havíamos recebido naquele dia outro alimento que não fôsse o que à nossa custa havíamos adquirido, fômos chamados para o refeitório, onde nos deram um magríssimo caldo de fava, que a necessidade nos fez achar deveras saboroso.

Pouco depois dirigimo-nos para as nossas barracas, onde, pela primeira vez, desde a noite de 8 para 9 de abril, ou seja depois de sete mal dormidas noites, em Illies, Lille e no caminho de ferro, me foi dado despir a roupa do corpo e descalçar as enlameadas botas. Esta noite permitiú-me um repouso muito apreciável, que apenas prejudicaram alguns passeios por todos nós feitos, em obediência a certas necessidades naturaes, que a carência de rudimentares comodidades nos havia de fatalmente impôr.

Pela manhã, depois de uma rápida lava-



O Ex. General Gomes da Costa, em visita ás trincheiras



gem, à torneira, pude conseguir que um soldado inglês me fizesse a barba, a qual, bastante crescida, me dava já um aspecto doentio e ave-lhentado. Sentara-me, para isso, ao ar livre, num mocho onde, disposto ao suplício que logo me fôra anunciado por outros camaradas, confiei a minha cara ao improvisado «Figaro» que, de facto, me fez ver as estrêlas . . .

Pouco depois, era chamado, com os meus companheiros, para o banho e desinfecção das roupas, operações estas que se efectuaram num balneário especial, onde doze chuveiros regavam simultâneamente outros tantos desnudados oficiais, enquanto as suas roupas eram, em lugar apropriado, submetidas à dita desinfecção.

Com o fato desbotado e cheio de rugas, por efeito desta operação, fui a seguir avisado da minha próxima transferência para a fortaleza de «Friedrichsfeste», em Rastatt, para onde deveria partir com outros oficiais superiores franceses e um português.

E, assim, depois de restituída a roupa da cama que havia recebido na véspera, fui reunir-me àqueles oficiais, quatro majores franceses, vindos do Somme, e um português do C. E. P., com os quais, devidamente custodiados todos, marchei a seguir para Rastatt.

Neste percurso, feito então de dia, embora em sentido inverso do que efectuara de véspera e por outras ruas, pude ver melhor a cidade. Desta, apenas a luxuriante vegetação que a envolve, característico especial da pitoresca região de Baden, é, em verdade, digna de resisto. Claro está que apenas posso referir-me à im-

pressão colhida durante o itinerário que me foi imposto, o qual, no entanto, me permitiu ver, na minha passagem, dois grandes quarteis de regimentos daquela cidade.

A fortaleza de «Friedrichsfeste», em que se achavam presos cerca de oitenta oficiais superiores britânicos, dentre os quais um general, estava cautelosamente fechada e profusamente cercada de sentinelas, pelo que só ao fim de uns dez minutos, após a nossa chegada ali, nos foi aberto o grande portão, junto do qual permanecemos, à espera que determinadas formalidades se houvessem preenchido. Este facto, que nos sujeitou à observação curiosa dos transeuntes, deu lugar a que um dos meus camaradas franceses, um alegre major de Boulogne-sur-Mer, perguntasse, com espirito, se seria preciso meter empenhos para ali se dar entrada...

Aberto o portão, fomos recebidos pelo general ingles que, conhecendo regularmente a língua francesa, nos serviu de intérprete das ordens que o capitão alemão, comandante, lhe havia transmitido, a respeito da nosso alojamento.

Não pode dizer-se que tivesse sido muito agradável a impressão recebida, ao entrarmos na fortaleza, cujos muros, interceptando-nos absolutamente a visão para o exterior, nos reduziam o horizonte a uns cinquenta metros apenas.

O contraste era, pois, sob este aspecto, de-véras flagrante, perante o lindo campo russo que havíamos deixado, com a vizinhança da soberba floresta a que me referi e as elevadas montanhas que se estendiam para o lado do

Sul, na direcção da Suíça, de cuja ciclópica orografia elas são já um natural prenúncio.

A subida aos parapeitos da fortaleza permitir-nos-ia disfrutar um belo panorama, mixto da cidade e dos campos, se essa distracção nos não fôra absolutamente vedada pelo comando, com a informação que êste lhe juntou de possuírem as sentinelas rigorosas instruções, para dispararem prontamente sôbre qualquer prisioneiro que ali fôsse visto. Tinhamos, no entanto, umas certas compensações, devêras apreciáveis, e que, de certo modo, explicavam o facto de destinarem aquele local aos prisioneiros de mais elevada graduação.

Assim: todos possuíamos quartos, com janelas de vidraças duplas, e fogão, comodidades estas, aliás, que não chegamos a disfrutar, por ali havermos dado entrada em 15 de Abril, quando o frio havia já quási desaparecido. O reduzido número de oficiais, favorecia também o serviço da alimentação, a qual, embora deficiente, como em toda a parte, era contudo, melhor apresentada, sendo-nos servidos os caldos em pratos e não em tigelas, como acontecia no campo russo. A *mise en scene* tão sòmente sobrelevava a rudimentaríssima alimentação que deixáramos, porquanto eram muito semelhantes os *menus* das nossas refeições, em que a beterraba ocupava sempre um lugar predominante.

Todas as manhãs eram êsses *menus* precenciosamente publicados, aparecendo escritos a giz, sôbre um quadro preto que se encontrava patente numa parede, à entrada do refeitório. Parecia que, com êles, o próprio oficial

inglês que ali dirigia o serviço da cozinha, nos queria iludir, iludindo-se a si próprio, em face do numero de iguarias que nos eram anunciadas.

Por via de regra, consistiam as nossas duas principais refeições numa sôpa estreme, cozinhada com diversos gêneros, que mencionados seguidamente sôbre o dito quadro preto, davam uma impressão que nada correspondia à triste realidade do que a seguir fomos encontrar sôbre a mesa.

Confesso que a leitura do primeiro dêstes *menus* me deixou uma tão boa impressão, quão desagradável foi a que depois me causou o miserável caldo em que todas aquelas palavras se cifravam . . .

Vou, pois, dar aos leitores a indicação de um dêstes *menus*, para melhor ajuizarem da fórma como neste cativeiro se procura iludir a miséria da alimentação que nos é servida e que, em verdade, constitui o principal martírio de uma semelhante aventura.

«Friedrischsfeste», 18 de abril de 1918.

### MENU:

*Café* (nem de cevada era).

*Almoço*:— Cenoura; Batata (leves vestígios); Beterraba; farinha (uma amostra); carne (50 gramas por pessoa e só 2 vezes por semana).

*Jantar*:— Farinha, Beterraba; Batata e cenoura.

*Chá*:— (Infusão de funcho, segundo uns; e segundo outros, de sementes de majaricão).

Para completar a decepção que me fez a leitura do *menu* a que me refiro, deverei dizer que êle se achava escrito em alemão, circunstância esta que mo tornava incompreensível, vendo apenas que continha muitas palavras, a que o meu apetite fizera corresponder outros tantos deliciosos pratos. Apresento ainda, tal como no campo russo o copiei mais tarde, um *menu* do dia 11 de maio :

#### SPEISETAFEL

*Morgens* — Kaffee—Zucker, Brot.

*Mittags* — Buchweizengrütz, Böhmenmehl, Rindfleisch, Kartoffeln, Mohrrüben Rotrübensalat.

*Abends* — Kartoffeln—Buchweizenmehl Dörrgemüse, Tee

Küchenutffe.

A vigarice dêstes menus deu enfim lugar, a que, quando alguém perguntava em que consistia uma determinada refeição, se lhe respondesse logo que o almoço ou o jantar era nesse dia de simples *letras*.

O banho de água, muito quente e bastante demorado que eu havia tomado no campo russo, e depois do qual tive de esperar muitos minutos pela roupa, que demorou em sair da estufa de desinfecção, provocára-me um certo mal estar, que, no dia seguinte se me agravou, degerando num forte ataque de *influenza*, acompanhado de enterite que me obrigou a permanecer no leito, verdadeiramente assustado com a elevada temperatura que me parecia têr.

Foi excepcionalmente visitar-me o médico alemão, mediante meu insistente pedido, o qual

se limitou a mandar-me permanecer na cama depois de me haver propinado quatro comprimidos de calomelanos. Não me falava porém, o médico na dieta que deveria guardar, o que, muito naturalmente me determinou a perguntar-lhe se podia comer a minha ração de pão centeio e o caldo de beterraba. Muito contra a minha expectativa respondeu-me, aquele clínico afirmativamente, acrescentando, num mau francês que seria, conveniente sujeitar-me a fazer dois ou três dias de *quaresma*.

Compreendi que o homem, na impossibilidade de me mandar matar uma galinha, me aconselhava o jejum, como único meio de poupar-me ao uso da alimentação normal.

Como fossem nulas as minhas melhoras, mandei no dia seguinte chamar novamente o médico, pelo qual esperei em vão, até muito tarde. Foi grande o susto que então se apoderou de mim, pois me supunha atacado de qualquer doença grave que muito bem poderia ser o tifo, contra o qual ainda não estava vacinado. Iria eu morrer para ali estúpidamente, desamparado de toda a assistência médica e sem os cuidados de qualquer pessoa que por mim se interessasse, eu que milagrosamente havia escapado aos perigos, a que, dias antes, estivera exposto perante o inimigo.

Antes uma bala inimiga me houvesse liquidado em França, pensava eu, se uma tão desgraçada sorte me havia de estar reservada. A um dos meus companheiros de quarto pedi então para me saber, no posto de socorros da fortaleza, se eu poderia contar com nova visita do médico que havia começado o meu trata-

mento. Como resposta foi-me dito que só excepcionalmente êle tinha vindo ao meu quarto, devendo, de futuro, ser eu quem teria de ir procurá-lo ao pòsto de socorros.

Ao enfermeiro que humanamente havia ido ver-me, perguntei ainda como poderia eu, ardendo em febre, sair da cama, onde, de resto, o médico me havia mandado permanecer.

— É que o regulamento não permite que os prisioneiros sejam tratados nos seus quartos — disse-me aquêle.

— E se eu não pudesse erguer-me da cama? — perguntei.

— Teria de ser internado no hospital — respondeu.

— Mas como pôde êsse médico saber se eu estou ou não em condições de baixar ao hospital, se êle me não vem observar? — insisti.

— É por isso mesmo que eu venho aqui tomar-lhe a temperatura.

Felizmente a febre tinha desaparecido já, o que me animou a descer a escada e atravessar extensa parada, afim de me dirigir ao pòsto de socorros. Recebeu-me ali o médico, quási como se nunca me houvera visto, limitando-se a aconselhar-me uma prudente continuação da *quaresma* que me havia prescrito. Eu, porém, é que me não sentia disposto a aguentar-me em semelhante regimen, de que a posterior alimentação com que teria de contar me não poderia refazer; e nesta difficil conjunctura, me decidi a comer.

No dia seguinte estava pior da interite embora a febre me houvesse desaparecido. O major João de Freitas de infantaria 2, meu exce-

lente companheiro de quarto, aconselhou-me, como médico que é pela escola do Funchal, a abster-me do caldo de beterraba e do pão de centeio, trazendo-me 250 gramas de uma farinha que casualmente encontrou na cantina, e pela qual paguei dois escudos da nossa moeda. O sabor desta farinha era, porém, um tanto desagradável, o que me determinou a ir eu próprio á referida cantina procurar certo frasco de compota de *groseille* que me diziam existir ali, e momentos antes de lá trouxera um oficial inglês.

— Não há — me respondeu um antipático soldado que se achava ao balcão.

— Mas ainda agora daqui saiu alguém com um desses frascos — observei-lhe.

— Já lhe disse. Não há mais.

— Lembro-lhe que estou doente, e que só com grande dificuldade me arrastei até aqui para fazer esta compra que me permitiria manter uma certa diéta.

— Se está doente vá para o hospital.

— O senhor é extremamente amável para com os prisioneiros — disse-lhe eu — nem sequer o movendo o estado de doença em que me encontro . . .

Voltou-me desabridamente as costas, e occupou-se em servir um camarada que se abeirára do balcão.

— Nós não tratávamos assim os prisioneiros que caíam em nosso poder — disse-lhe ainda.

Um soldado italiano que auxiliava aquele sujeito no serviço de vendas da cantina, fez um gesto de indignação, retirando eu, sem nada

haver conseguido. Foi ainda o major Freitas quem me cedeu metade de um frasco da tal compota, enquanto eu a não pudesse obter.

Com êste dôce e muito água fria, reclamada por uma sêde ardente, consegui, segundo supôenho, debelar a enterite, visto que nenhum outro medicamento voltei a usar. Num estado de fraqueza que o leitor poderá avaliar, lembrando-se das privações que, antes da própria doença, eu já vinha experimentando, resolvi dar alta a mim mesmo, por minha exclusiva conta e risco, passando a freqüentar o refeitório, onde o nulo apetite que a doença me deixára, só por excepção me permitia entrar com a beterraba que invariavelmente nos era servida, para me amparar naqueles primeiros dias da minha convalescença.

Quis Deus que o meu organismo mais uma vez se agüentasse perante as contingências de uma alimentação que um dia fará o espanto do meu médico no Pôrto, o Dr. Luis Côrte Real, cujas prescrições há mais de um ano venho pondo absolutamente de parte, sem outras conseqüências que não sejam as de uma admirável saúde.

Foi de Friedischs feste que me permitiram enviar as primeiras notícias para Portugal, escrevendo, em 15 de abril a minha primeira carta, e em 20 o primeiro postal, não falando, é claro, no sumário cartão que já havia escripto no dia do meu aprisionamento, o qual só em 22 de junho chegou às mãos de meu filho, por haver sido muito demorado em Inglaterra.

A Komandanture de Friedischs feste concedia-nos a escrita da nossa correspondência

de 5 em 5 dias, num total de 2 cartas de 6 páginas e 4 postais em cada mez.

Cada uma destas cartas podia, se o desejássemos, ser substituída por 2 *carte-lettres* que deveriam ser escritas no mesmo dia. Esta concessão era geralmente aceite, por permitir escrever a mais do que uma pessoa no mesmo dia. Ainda assim, era muito difícil incluir no estreito linguado de papel constituído pela *carte-lettre*, tudo quanto nos primeiros dias nós tínhamos para dizer às nossas famílias.

As cartas, começadas a escrever, dois ou três dias antes do da sua entrega, eram geralmente inutilizadas, para de novo serem escritas, ou com letra mais apertada, ou adoptando linguagem telegráfica, para nelas sêr incluído qualquer assunto que na primeira havia de necessariamente esquecer.

No meu primeiro mês de Alemanha, como ainda não tivesse readquirido os meus hábitos de trabalho e o meu espírito se encontrasse ainda mal feito do abalo que o acontecimento tão estúpido do meu aprisionamento lhe havia causado, decorriam verdadeiramente tristes para mim os dias de cativeiro. A ideia do grande sobressalto em que minha família deveria encontrar-se, desde o dia 9, era o meu constante pezado, e ainda eu ignorava a grande demora que as minhas notícias poriam em chegar ao seu conhecimento.

Tinha-me dito um oficial alemão que os postais impressos, contendo apenas o aviso relativo ao nosso aprisionamento, não demorariam mais de 5 dias a chegar a Portugal, por serem isentos da censura; e esta informação

em que acreditei, embora ela, como se vê, não correspondesse nada à verdade dos factos, determinára, por então, um pouco a tranquilidade do meu espírito. Mas, infelizmente, o meu mal não se limitava apenas ao sofrimento moral que aquela situação me havia criado, porquanto continuava a assustar-me devêras a escassez de alimentação que ali me era fornecida.

Nunca mais poderá varrer-se do meu espírito êsse período torturante dos primeiros tempos do meu cativeiro, em que, por vez primeira na minha vida, tive a sensação da fome aturada, que as naturais solicitações do meu organismo sadio e forte agravavam atrozmente, emquanto o hábito e porventura a redução da capacidade estomacal, me não tornou menos sensível o sofrimento que a princípio experimentei.

Duas tigelas de caldo por dia, a cada uma das quais, num revoltante eufemismo, se davam respectivamente as denominações de *almoço* e *jantar*, eis as refeições com que eu e os meus camaradas tivemos que agüentar-nos durante alguns mêses nos campos de Rastatt, Fuchsberg, Breesen, etc.

O chá, sem o menor vestígio de açúcar e de sabôr exótico, consistindo numa infusão de funcho, seria, quando mesmo constituisse uma agradável bebida, um simples pretexto para com êle se comerem algumas sopas de pão centeio, que infelizmente todos nós tínhamos de poupar cuidadosamente, visto, como disse, nos serem apenas distribuídas umas escassas 200 gramas dêste género de tão primacial necessidade.

Uma ou outra vez, e após as devidas reclamações, feitas na *Kommandatur*, aparecia alterado o menu das nossas refeições, com o adicionamento de um prato de bacalhau, do qual nos resultava, *ipso facto*, a redução dos géneros constitutivos da nossa habitual sôpa, que assim se tornava muito mais aguada e escassa.

Esse prato extraordinário que à simples vista, me dava a impressão de uma bôa *maionaise*, possuía um sabôr tão desagradável que impossível se me tornava entrar com êle.

Imagine o leitor o que seria um pouco de bacalhau crú, fortemente demolhado, e portanto sem o menor vestigio de sal, desfeito em pedaços, polvilhado de salsa picada e servido numa travessa, onde a própria água em que durante dias êle permanecêra, lhe servia de mólho! Este prato era também, por vezes, acompanhado de um outro contendo requeijão, que eu muito aprecio, mas que ali me foi impossível comêr, por o haverem estragado com o adicionamento de ingredientes sobremodo desagradáveis ao meu paladar, de entre os quais se destacava, como principal tempêro, a herva dôce, com a qual me fôra sempre impossível conformar.

De uma vez ainda, e após uma nova reclamação feita ao coronel inspector dos campos de prisioneiros de Rastatt, foi-nos, com grande contentamento nosso, anunciado um prato de peixe, com a promessa de uma futura melhoria da nossa habitual alimentação. Como esta informação provinha de um oficial altamente graduado, cujo cargo lhe permitia, melhor decerto do que

ao simples capitão comandante de «Friedrichsfeste», o beneficiar a nossa situação, convencime deveras, com os meus camaradas, de que a nossa mesa passaria, quando mais não fôsse, a constituir bastante sustento para o nosso organismo que, dia a dia, íamos sentindo mais debilitado.

Pois, senhores, o famoso peixe, cujo anúncio tanto nos teria aguçado o apetite, se, em semelhante conjuntura, nós precisássemos de qualquer espécie de estimulante, consistiu tão sómente, podem os meus queridos leitores acreditar, numa sôlha crua, e direi mesmo *nua*, por nos haver sido servida tal como a rêde ou o anzol a tinham pescado no oceano!

Claro está que não toquei neste disparate culinário, que teria feito as delícias de qualquer gato, e que alguns dos meus camaradas ingleses chegaram a atacar, sem resultado, tal a repugnância que, mau grado o seu apetite, lhes causava aquêlpe peixe.

Dias havia, geralmente aos domingos, em que para aliviar-se o serviço, o jantar consistia apenas em 6 batatas, cozidas com a casca, das quais, não raro ainda uma ou outra se nos revelava pôdre.

A indignação dos meus camaradas portugueses, perante as deficiências destas refeições, contrastava com a impassível serenidade dos oficiais britânicos, dentre os quais se destacava um simpático tenente coronel, verdadeiro *gentleman*, que, sentado à pequena mesa em que comia com o general, conservava um aprumo e compostura verdadeiramente dignos de um banquete de gala na côrte de Jorge V.

Era, de facto, admirável a distinção com que aquele meu colega tomava com o seu garfo uma das aludidas batatas, que descascava com o auxilio da faca, muito correcto sempre, como se tivesse na sua frente o mais fino e delicioso manjar.

Era horrivel a necessidade de alimento acusada, especialmente nestes dias, pelo meu estômago que eu procurava iludir com uns biscoitos de farinha de centeio, ligeiramente adoçada com saccarina, e os quais eu adquiria na cantina da fortaleza, ao preço de um marco por cada meia dúzia.

Para que o leitor não vá attribuir proporções menos exactas aos biscoitos, a que me estou referindo, deverei dizer-lhe que êles possuíam o mesmo diâmetro da nossa familiar bolacha «Maria», e a espessura de meio centimetro, quando muito.

A mesma cantina vendia-nos igualmente umas pequenas latas, contendo sardinhas desprovidas de azeite, muito desagradáveis portanto, e ao preço de 4 marcos cada caixa.

Outras latas de arenque, igualmente sem azeite, custavam 5 marcos; e já que lhes falo nos preços da cantina, não esquecerei ainda os seguintes artigos que a fôrça das circunstâncias nos obrigava a comprar; assim: um sabonete que, nos nossos bazares custaria 200 reis, quando muito, pagava-se ali por 15 marcos, ou sejam 6 mil reis; 5 metros de linha branca ou preta e retrós, 1 marco ou sejam 400 reis; 50 gramas de sabão, 5 marcos; 250 gramas de frutas sêcas, 3 marcos e meio; 1 pão italiano com 300 gramas de peso e dois meses de exis-

tência, 2 marcos e meio; 50 cigarros, 20 marcos; 1 pão de centeio que nos vendiam os soldados alemães, 22, 24 ou 30 marcos. (1)

Nestas dolorosas condições, foi decorrendo a 2.ª quinzena do mês de Abril, para os oficiais superiores portugueses, e para grande número de outros britânicos e franceses, cuja vida, à parte a saída para as hipotéticas refeições a que me refiro e para o *apel*, se fazia na cama, afim de serem poupadas todas as energias de que ainda pudéssemos dispôr. O *apel* (2) consistia em 2 formaturas diárias em que todos os oficiais entravam em 3 fileiras, a horas determinadas da manhã e da tarde, e onde o comandante da fortaleza, um mutilado da guerra, com a sua perna de pau, vinha verificar da nossa comparencia e ouvir as reclamações que cada um lhe quisesse apresentar.

A contagem era efectuada por um sargento ajudante, que desta dava conhecimento ao oficial alemão.

Logo na primeira formatura em que tomámos parte, teve o coronel Pedrosa, como mais graduado oficial de todos os portugueses que ali estavam, de dar a voz de sentido, apenas se aproximou o capitão comandante da fortaleza, e a exemplo do que vira praticar ao general inglês e major francês que junto de nós haviam formado também.

---

(1) Convém dizer que a 1.ª edição deste livro foi escrita em 1918.

(2) Esta denominação francesa era adoptada em todos os campos de prisioneiros.

Como tínhamos chegado de novo, foi-nos lida a tradução para francês, das instruções comuns a todos os campos de oficiais prisioneiro. O mais interessante dessas instruções, consistia na proibição que elas nos faziam de subir aos muros da fortaleza, onde correríamos o risco de ser prontamente fuzilados pelas sentinelas que se achavam postadas no exterior da mesma, e para o que estas, possuíam ordens muito terminantes.

A parte relativa às demonstrações de respeito para com os oficiais alemães também me causou uma forte impressão de surpresa, por eu ignorar, em absoluto, a alta importância em que, no exército alemão, são tidos os seus oficiais. Assim fomos avisados de que teríamos de fazer a continência militar a todos aqueles oficiais, qualquer que fôsse a sua graduação. Um coronel, ou mesmo um general prisioneiro, teria de unir os calcanhares e levar respeitosa-mente a mão à pala do bonet, todas as vezes que se lhe aproximasse um simples alferes alemão.

Parece que, a princípio, os oficiais prisioneiros procuraram furtar-se a semelhante humilhação, abstendo-se de usar qualquer cobertura de cabeça dentro dos campos onde permaneciam, para assim se dispensarem de fazer a continência aos oficiais alemães. Esta habilitade, não sortiu, porém, senão um transitório efeito, porquanto, em breve, ela era reconhecida pelos comandos, que logo tornaram a continência obrigatória, quando mesmo os oficiais prisioneiros se achassem descobertos, obrigando-os, outrosim, a levantarem-se, estando

sentados, por ocasião de avizinhar-se-lhes algum oficial alemão. (1)

Em «Friedrichsfeste» tínhamos uma formatura extraordinária para a distribuição das toalhas que todos os sábados eram substituídas por outras lavadas. Um general, oitenta tenentes coroneis e majores britânicos; 2 coroneis, 3 tenentes coroneis e 5 majores portuguezes e 6 majores franceses, munidos das suas toalhas enxovalhadas, entravam, pois, em parada, onde, constituindo diversos pelotões, aguardavam a chegada do capitão comandante da fortaleza. Chegado este, o general inglês, major francês e coronel português mais graduados, davam respectivamente aos seus oficiais a voz de sentido ou equivalentes, nas outras línguas, levando todos os prisioneiros a mão ao bonet, e perfilando-se devidamente, até que, depois do oficial alemão haver correspondido à continência recebida, abaixasse a mão e nos mandasse regressar à posição de *à vontade*.

---

(1) As nossas formaturas em «Friedrichsfeste» realizavam-se, como disse, duas vezes por dia, para o *apel*, em que se verificava a comparência dos prisioneiros, com receio das evasões que, com frequência, tinham lugar.

Nestas formaturas entravam os oficiais na linha, geralmente por ordem de gradações, mas também pela ordem da sua chegada ao campo.

Em «Friedrichsfeste» todos os oficiais ocupavam quartos, tomando, assim, o mais graduado o comando, por ocasião da formatura para o *apel*; mas nos campos em que os prisioneiros ocupavam barracas, pelas quais eram distribuídos, segundo a capacidade destas, era o chefe da barraca, que geralmente também era o oficial mais antigo de cada uma, quem comandava os respectivos oficiais em todas as formaturas que se realizavam.

Seguidamente tinha lugar a troca das toalhas, depois do que regressava cada um aos seus aposentos. Dentro destes passavam-se os dias jogando as cartas ou conversando, visto não dispormos de livros ou de qualquer outro elemento de distração.

As nossas conversas racaiam geralmente sôbre os vários episódios da ofensiva de que tão recentemente fomos alvo, em conjecturas relativas aos sobressaltos das nossas famílias e ainda no escasso regimen da alimentação a que nos víamos reduzidos.

A's 22 horas tínhamos impreterivelmente de apagar as luzes dos nossos quartos, o que nos não impedia de prolongarmos a conversa até que o sono lhe viesse pôr têrmo.

Convinha mesmo que assim acontecesse, para nos pouparmos a dolorosas meditações àcerca da triste situação em que nos encontrávamos; só tarde, geralmente, adormecíamos, verificando-se assim de sobejo o popular aforismo de que *quem se deita sem ceia toda a noite rabeia*.

Desde as 18 horas, em que tomávamos a nossa segunda sopa de beterraba, sem que mais nada houvésemos tornado a comer, era, pelas 20 horas insuportável a necessidade de alimentação acusada pelos nossos estômagos, que nós não podíamos sequer iludir com algumas dentadas de pão, tão escassa era a ração de centeio que pela manhã nos era distribuida.

As mais variadas iguarias eram então recordadas por todos nós, que delas falávamos com uma saudade que só podia igualar o grande desejo que todos sentíamos de saboreá-las!

Na enunciação dos diversos pratos com que cada um desejaria naqueles, momentos, combater a negra fome, que a todos nós atormentava, notavam-se de ordinário as mais acentuadas predilecções regionais, desejando-se o famoso paio alemtejano ou o atum algarvio, ao mesmo tempo que o delicioso presunto de Lamego e Chaves; o queijo da Serra da Estrela ou as saborosas alheiras de Bragança.

Não quer isto dizer que uma bôa costelêta de vitela encontrasse, por parte de qualquer de nós, um menos digno acolhimento, porquanto o democrático bacalhau com batatas e as próprias sardinhas de Espinho foram sempre também invariavelmente recordadas nestes aflitivos transes.

O que haveria, a não sêr uma sôlha crua ou o bacalhau pôdre, que nos fizesse torcer o nariz?

\*

\*      \*

E assim fôra tristemente decorrendo para mim e para os meus companheiros essa memorável segunda quinzena do mês de Abril, na esperança de uma próxima transferência para outro campo, que vagamente nos vinha sendo anunciado.

Para melhor ou pior que pudessemos mudar, todos nós em verdade, desejávamos sair dali para fóra, em cata, quando mais não fôsse, de um largo horizonte, em que as nossas vistas livremente se pudessem espriaiar.

E que adoráveis horizontes nos oferecia a pitoresca região de Baden!

Mas não eram apenas os muros da fortaleza, restringindo-nos o campo de visão, que nos levavam a desejar a anunciada transferência; o desconhecimento absoluto das notícias dos jornais, por efeito de nenhum dos meus companheiros compreender o alemão, conservava-nos também num terrível isolamento social, que sobremodo deprimia os nossos espíritos.

O que seria feito do restante do nosso C. E. P.?

Absolutamente o ignorávamos. Como nós sentíamos a falta do doutor Silva Figueiredo, ilustre tenente médico de infantaria 1 e nosso inteligente intérprete, que havíamos deixado no campo russo de Rastatt!

Foi nesta desoladora conjuntura, que pelas 2 horas de 26, pouco depois do nosso pseudo-almoço, encontrando-me eu sentado com alguns camaradas sob uma das copadas tílias que guarneciam o recinto da fortaleza, recebi a notícia da imediata evacuação desta, por parte de todos os prisioneiros que ali se encontravam encerrados. A partida deveria ter lugar pelas 6 horas da tarde, seguidamente ao nosso jantar, para o que este nos iria ser servido com 2 horas de antecedência, o que para nós representava um illusório benefício, desde que nenhuma outra refeição nos seria posteriormente fornecida.

Esta notícia que muito particularmente chegára, àquela hora, ao nosso conhecimento, só minutos antes do jantar nos fôra oficialmente transmitida, como de ordinário, se pra-

tica em todos os campos de prisioneiros; verdade seja, porém, que a arrumação das malas me não faria perder grande tempo, pela bem simples razão de que continuava não possuindo senão a roupa que tinha no corpo.

Os ligeiros apetrechos de *toilette* que adquirira depois do meu cativeiro, transportava-os na bolsa do meu aparêlho anti-gás que ainda me acompanhava.

Outro tanto acontecia com a maioria dos meus camaradas, sendo raros aqueles a quem, no momento do seu aprisionamento, foi dado fazerem-se acompanhar de pequenas malinhas de mão, cujos conteúdos ofereceram na Alemanha as melhores comodidades aos seus felizes possuidores.

Com a minha aludida bolsa a tiracolo, desci, pois, para o refeitório, não sem que lançasse um derradeiro olhar de despedida para os aposentos que ia deixar, com o seu pobre mobiliário, que começava já a tornar-se-me um tanto familiar, e ao qual parecia também principiar a afeiçoar-me.

Ali dentro se haviam, de resto, consumido onze longos dias da minha existência, incluindo os da passageira enfermidade que, logo de entrada, me acometêra.

A esguia cama em que eu permanecêra deitado quasi sempre; a mesa do voltarete e das paciências, os pequenos armários, modelo *offiziergefangenen*; os tôscos môchos; as características bacias e os jarros de ferro esmaltado, de que eu e os meus companheiros nos vinhamos servindo, como que nos falavam essa linguagem muda dos seres inanimados para se des-

pedirem de nós, desejando-nos, porventura, melhores dias, e direi mesmo um pronto regresso ao nosso país.

No meio de toda a nossa desgraça, havíamos prestado aquêles objectos alguns assinalados serviços, a que, de fórma alguma, poderia corresponder a nossa ingratidão. E a verdade é que, a par da minha grande ânsia de os deixar, me estavam fazendo todas essas cousas uma grande saudade!

Que contraditórios sentimentos se agitam, por vezes, a dentro da nossa alma!

Findo o jantar, entrámos, pelas 6 horas, na formatura que havia de preceder a marcha, saindo pouco depois o amplo portão da fortaleza, a caminho do campo russo, pelo qual, dias antes, havíamos transitado.

A nossa chegada ao campo russo fez-se com grandes manifestações de agrado, por parte dos nossos camaradas que ali deixáramos, e entre os quais todos possuíam as suas afeições.

Instalados numa grande barraca que o comando reservára para os oficiais superiores e capitães portugueses mais idosos, ali ficámos muito à larga, e relativamente bem, atendendo à amena quadra que atravessávamos. Uma tal instalação era na verdade, tudo quanto havia de mais sumário, devendo, segundo o acordo franco-alemão, aquele sistema de barracas ser apenas destinado a praças de pret.

Quanto á alimentação, não differia ela sensivelmente, como já disse, da que nos fôra servida em «Friedrichsfeste»; adquiriam-se porém, na cantina deste campo certas bolachas de centeio que, embora muito ordinárias tinham um gosto bastante mais suportável do que as daquela fortaleza, possuindo também dimensões um pouco mais avantajadas, se bem

que, por tal motivo, se tornassem mais caras do que aquelas.

Com um diametro de 10 centímetros, por um de espessura, custavam um marco cada quatro destas bolachas, ou sejam, ao cambio que nos faziam, 400 reis da nossa moeda.

A insuficiência das refeições, que um verdadeiro prodigio de arte culinária e o nosso belo apetite tornavam bastante saborosas, embora quási desprovidas de gorduras, deixava-nos uma desagradável sensação de vacuidade, que nos obrigava a comprar as aludidas bolachas, as quais eram, de resto, adquiridas, em grande quantidade pelos meus companheiros mais endinheirados.

Quanto a mim, como o aprisionamento me houvesse surpreendido com 250 francos apenas, a minha despesa com este suplemento de alimentação, não excedia geralmente 2 marcos diários, fazendo eu a distribuição das 8 bolachas pelas duas principais refeições que assim conseguia melhorar um tudo-nada.

Também, com um resto daquela farinha doce que eu usára em «Friedrichsfeste», por ocasião da minha enterite, polvilhava ainda vantajosamente estas bolachas, cuja insipidez eu conseguia dest'arte quebrar, tornando-as mais próprias para, em seguida aos miseráveis caldos, me tirarem um pouco a chamada bôca de lacaio.

A amplidão e beleza dos horizontes, a doçura primaveral do clima e a alegre convivência dos meus camaradas mais jovens, levantára um pouco o estado moral dos recém-vindos prisioneiros, cuja vida foi assim decor-

rendo mais suportavelmente e sem incidente algum digno de registo, procurando cada qual o género de distração que mais lhe aprazia, de maneira a tornar menos dolorosos os dias do cativoiro que necessariamente ali teria de passar.

A carência de outras roupas que não fossem as que cada um para ali levára no corpo, originava as mais extravagantes scenas, com as quais todos nós acabámos por nos conformar.

Era deveras curioso vêr-se um grupo mais ou menos numeroso de officiaes, com alguns majores ou mesmo coroneis á mistura, lavando desajeitadamente as cuécas ou a camisa, que nos dias de tal beneficiamento, todos, conseqüentemente, se dispensavam de usar.

Este espectáculo, de um pitorêscio fácil de avaliar, tinha de ordinário, lugar em garantidos dias de sol que com segurança permitisse fazer a secagem do largo estendal que, até ao meio dia, se formava em tórno das nossas barracas.

Não eram, porém, menos interessantes as scenas de costura que, com freqüência se observavam a dentro das mesmas barracas.

Abancando, pachorramente, junto das camas, e munidos da respectiva agulha e dedal, procediam os nossos officiaes á reparação das suas roupas, especialmente á das unicas meias de que dispunham, cujas sucessivas passagens acabavam por torná-las insusceptiveis de novos concertos. Não raro produziã dolorosas escoriações nos dedos dos pés de quem teimasse em usá-las, tal o amontoado das linhas e as rugas que, para tapar-lhes os buracos, em tórno destes, faziam os mais desastrados neste serviço.

\* \* \*

Posto que nos encontrássemos num campo provisório, como ninguém sabia até quando se prolongaria o nosso estágio ali, todos íamos procurando ocupar o tempo em qualquer género de trabalho, menos com o fim de alguma cousa útil produzirmos, do que com o de afugentarmos do nosso espirito os dolorosos pensamentos que naturalmente o assaltavam.

Numerosas gramáticas alemãs foram desde logo encomendadas, por intermédio da *Kommandanture*, sendo raro o official culto que não iniciasse o estudo desta lingua, no qual todos eram obsequiosamente guiados pelos raros camaradas que o conheciam.

Foi em Rastatt que eu iniciei as presentes notas, que ali foram escritas, verdadeiramente sobre o joelho, por não possuir o campo outras mesas que não fossem as do enxovalhado refeitório, onde se não podia trabalhar.

E assim ia decorrendo, sem incidente digno de registo, aquella 1.<sup>a</sup> quinzena do mês de maio, durante a qual apenas nos atormentava o sobresalto em que, porventura, pudessem ainda encontrar-se as nossas famílias, pelo que dizia respeito á sorte dos desaparecidos de 9 de Abril.

Podíamos considerar-nos mesmo muito atenciosamente tratados, por parte do pessoal alemão com que mais de perto privávamos e que ali tinha como entidade mais graduada um velhusco e grutesco *feldwebel* ou sargento ajudante, no qual em absoluto quasi delegava o

capitão comandante do campo, que só raríssimas vezes nos aparecia.

As formaturas para as chamadas diárias eram presididas pelo referido *feldwebel*, que, numa rápida contagem, se inteirava do número dos oficiais presentes.

— *Gut!*—dizia invariavelmente o nosso carcereiro, apenas verificada a integral comparência de todos os prisioneiros. É um eloqüente sorriso lhe aflorava aos lábios, desandando após satisfeitíssimo para o seu *bureau*.

A repetição dêste estrilho por parte dêste sargento, acabára, naturalmente, por provocar risóta entre os mais jovens dos meus camaradas que, apenas concluída a chamada de cada barraca, se antecipavam àquele graduado, disparando-lhe o competente *gut*, nome pelo qual o homenzinho acabou enfim por tornar-se conhecido entre nós.

Um facto sobremodo revoltante viera súbitamente tolher a bôa disposição em que todos nos encontrávamos para com o pacato pessoal do campo, havendo, no entanto, ainda quem sustente que ao caso o *gut* se conservará estranho.

Foi ali pelo fim da 1.<sup>a</sup> quinzena de maio. Havia eu regressado do meu pseudo-almoço e acabava de sentar-me junto de uma janela da minha barraca, onde iniciára o concerto de uma das botas, cuja puxadeira se havia descosido, quando um soldado alemão, bradando em mau francês para o interior da barraca, nos avisa de que uma imediata desinfecção fôra ordenada para os oficiais portugueses, a começar pelos mais graduados.

Cada official deveria levar comsigo toda a roupa da sua cama, e com esta teria, minutos depois, de entrar na fôrma em plena parada, donde após, todos seriam conduzidos para o local da desinfecção.

Muito longe de supôr a sorte que me estava reservada, formei um grande rôlo com as mantas e lençóis da cama, no que fui imitado pelo coronel Pedrosa e demais officiaes superiores, meus companheiros da barraca, dirigindo-nos, depois espectacularmente para a parada onde, sôb o volumoso fardo constituído pelas andrajosas mantas que nos obrigavam a transportar, nos sentiamos verdadeiramente vexados.

Dois soldados, de baioneta armada, se avizinham então de nós, o que significava que teriamos de seguir para o exterior do arame farpado, e certamente para local distanciado do nosso bloco, embora, a curta distância, se encontrasse a estufa de desinfecção que eu já conhecia, da minha primeira passagem por aquele campo.

Efectivamente, aquella pequena escolta levava-nos segundo uma direcção inteiramente oposta á que poderiamos supôr, fazendo-nos seguir, sob o pêso dos nossos volumosos fardos por uma estrada fóra, onde o estado de fraqueza em que nos encontrávamos nos levou, ao fim de poucos minutos, a pedir um pequeno descanso que só com desagrado nos foi concedido.

Mas iriamos ainda para muito longe?

Ninguém o sabia, e os nossos guardas eram, como sempre, impenetráveis, tornando-se assim inútil o interrogá-los.

Ao fim de uns dois minutos de descanso, foi recuperada a marcha, que lá se foi arrasando até às proximidades do hospital do campo, onde a escolta nos mandou estacionar perante uma barraca, dentro da qual funcionava a estufa que finalmente havíamos alcançado.

Era preciso esperar ali pela saída de um grupo de oficiais ingleses pelos quais fomos precedidos na aludida operação; e assim, estendendo sôbre o chão as mantas que vínhamos carregando, obtivemos um assento comodo para esperarmos a nossa vez.

A demora posta na saída dos nossos camaradas britânicos, determinou naturalmente alguns de nós a aproximarem-se da barraca, para inquirir dos motivos de uma semelhante delonga. Uma vez ali, espreitei através dos vidros da janela, a dentro da qual alguns oficiais ingleses, num inteiro estado de nudez, estavam sendo tosquiados à escovinha por um soldado alemão.

As lindas madeixas, côr de oiro polido, dêses oficiais, caíam no pavimento em mosaico daquêle lugar de suplicio, como pêlo de muires que um rude ferrador estivesse rapando.

Todos os meus companheiros foram, pressurosamente observar aquele extranho espectáculo, o qual nos pareceu dever preceder a desinfecção e banho a que nos iriam sujeitar.

Semelhante brutalidade indignára-nos sobremodo, merecendo os mais ásperos comentarios, a todos quantos a estavam presenciando, esperançados ainda de que ela constituisse por ventura um acto voluntario daqueles nossos camaradas.

Se, porém, assim não acontecia, que motivo estranho poderia ter determinado semelhante medida?

As mais estranhas conjecturas vinham então sendo feitas, quando um soldado que saíra da barraca nos informou tratar-se apenas de uma medida higiênica proveniente de instruções dimanadas do pessoal sanitário do hospital, em consequência de certo caso exquisito que naquele estabelecimento fôra dias antes observado num oficial . . .

Fôsse como fôsse, não havia remédio senão agüentar com mais aquêle incómodo, que, para evitá-lo, alguns dariam o ultimo marco de que dispunham, tal o luxo que, não obstante a situação em que se encontravam, êles faziam nas suas grandes cabeleiras.

—É muito bem feito—observavam alguns calvos, numa espécie de desforra, perante aqueles a quem a natureza privilegiára com a conservação de uma luxuriante guedêlha.

—É bem que, pelo menos durante o cativo, se faça uma justa equiparação capilar, para nos não rirmos uns dos outros.

Decorridos minutos, abre-se a porta da barraca, iniciando-se a saída dos nossos camaradas britânicos que, em número de 30, retiraram com uma pequena escolta idêntica à que também nos tinha acompanhado.

Dêmos nós então entrada na barraca, onde os soldados que constituíam o pessoal ali de serviço nos mandaram despir, empregando, como de ordinário, uma linguagem quási exclusivamente gesticulada.

De máquina em punho, aguardavam dois

soldados que nos despissenos, para iniciarem a radical tosquia.

Quási todos se submeteram a esta operação, sem relutância de maior, tanto mais que muitos usavam já, como voluntária medida higiénica, o cabêlo cortado à escovinha.

Entretanto, eram as nosas roupas de cama e de vestir transferidas em volumes individuais, e devidamente numerados, para a estufa, passando nós sucesivamente para a casa de banho, que como todas as que tenho conhecido em diversos campos, consistia num recinto cimentado, com 12 chuveiros de água morna.

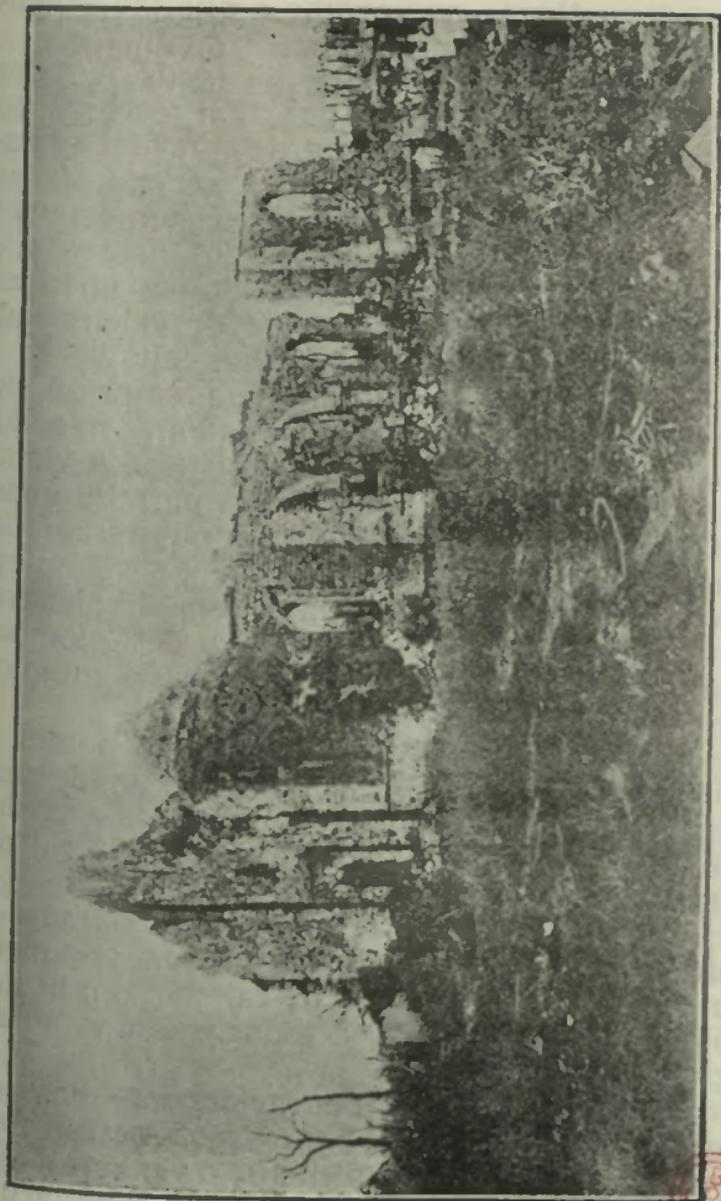
Fui dos ultimos a entrar ali, por haver sido também o ultimo a despir-me, conseguindo, juntamente com o coronel Pedrosa, que excepcionalmente nos dispensassem de rapar o cabêlo.

Cá de fóra ainda, chegou-nos um extranho ruido de vozes dos camaradas que nos haviam precedido, onde os gritos de protesto se chocavam com algumas estridentes gargalhadas da rapaziada.

Alguma cousa de extraordinário se estava passando lá dentro que logo aguçou a minha curiosidade, e me determinou naturalmente a apressar a entrada no balneário.

E' difficil e melindroso mesmo de descrever-se o que os meus olhos presenciam, tão depressa eu, em paradisiaca toilette, chegava junto dos meus camaradas.

Contarei o caso como puder e souber: e quem, por falta de clareza, o não conseguir compreender, me desculpará, visto poder este livro chegar às mãos de pessoas que eu devo



Ruínas da Igreja de Bichebourg St. Vaast



conservar alheias ao vexame a que tão brutalmente nos quiseram sujeitar.

Direi, pois, tão sómente, aos meus queridos leitores, que a impressão por mim recebida, ao entrar naquêle recinto, fôra de que um extranho capricho dos soldados em serviço ali, os tinha certamente determinado a completarem nas nossas pessoas a toilette dos nossos primeiros pais, no Paraízo, collocando-nos no lugar competente a tradicional folha de videira que para êsse efeito, tão sómente nos faltava.

Tornára-se, de resto, a sua empresa de uma extrêma simplicidade, embora naquela parte da Alemanha se não cultivasse a vinha e lhes faltasse assim uma fresca parreira onde pudessem colher as folhas com que teriam de vestir-nos. Nada poderia haver de mais simples, deverêmos de concordar; mas bem simples era já também o famôso caso do ôvo de Colombo, que para toda a gente representava, no entanto, um verdadeiro impossivel.

O pessoal do balneário resolvêra, porém, a coisa pela sumária applicação, a cada um de nós, de uma grossa pincelada de certa tinta verde, constituída por não sei que particular sal de cobre que lhe facultava uma tal côr.

Fui eu o derradeiro dos meus camaradas a sofrer aquella espécie de unção que, por meio de uma grosseira brocha de caiador, um brutal soldado vinha fazendo a todos quantos ali se achavam encerrados.

Não há palavras de revolta que possam descrever a extranha impressão que no meu espírito produziu, não sómente o vexame a que acabavam de me sujeitar, como o espectáculo

constituído por aquelas três ou quatro dezenas de homens que, numa inconvenientíssima promiscuidade de categorias e idades, desde os 20 aos 56 anos, ali se encontravam, rindo e galhofando uns, ardendo outros de indignação e observando-se todos reciprocamente, vendo cada um, naqueles que o rodeiam, a ridícula figura que ali estava fazendo.

Todos nós ansiávamos pelo banho que viesse enfim pôr um justo térmo a semelhante infâmia; mas os dois soldados que se encontravam no balneário cruzaram pachorrentamente os braços, e sentaram-se, numa atitude de quem espera que qualquer formalidade se realize.

E' que teriam de decorrer 10 minutos, após a aplicação da derradeira pincelada, fôra-nos explicado.

Com que fim?

Ninguêem o sabia ainda naquele momento.

Eis, porém, que um dos soldados se levanta para desandar a manivela do chuveiro, sôb o qual todos imediatamente nos colocamos.

Algumas estridentes gargalhadas, a que sucederam logo as fortes imprecações de quasi todos, acusaram a produção de uma nova surpresa que levára ao rubro a minha indignação e a da maioria dos meus companheiros de suplicio.

Como poderei eu satisfazer, porém, a curiosidade dos meus caros leitores, informando-os, decentemente, do complemento dessa infâmia revoltante, de que naquele dia foram vítimas os oficiais portuguezes?

Não o sei. Para os não deixar, no entanto,

inteiramente alheios a um assunto que tão profundamente affectou a minha sensibilidade moral, dir-lhes-hei apenas que o banho nos não aliviou apenas da pintura; atrás desta, mais alguma cousa desapareceu também, deixando-nos numa situação de aspecto verdadeiramente deplorável! . . .

Seria possível que alguma entidade alemã, dotada de bom senso e possuída de responsabilidades morais, tivesse ordenado uma semelhante canalhice contra oficiais que, embora inimigos, lealmente os haviam combatido, numa luta desigual que só respeito lhes poderia merecer?

Ainda hoje o não acredito, e só ao facto de nos encontrarmos num campo de soldados, eu posso attribuir um semelhante procedimento que, embora muito nos houvesse magoado, só poderia envergonhar aqueles que porventura o houvessem ordenado.

O caso passou, emfim; e, desvanecidas as nossas primeiras impressões, todos nós nos fômos conformando com o ridículo estado em que nos haviam pôsto, na esperança de que o tempo viria emfim reparar a desfeita que naquella dia recebemos.

Eu então preguntava, e pergunto ainda hoje a mim mesmo, se a numerosa clientela do nosso Tinoco e estabelecimentos congêneres não teriam uma certa conveniência em que, pelo menos aos sábados, ali fôsse adoptado um semelhante processo de escanhoamento? . . .

\*

\*

\*

la-me esquecendo de fazer também referência a uma célebre refeição de peixe que rivalizou um pouco não só com aquela outra de «*Friedrischesfeste*», de que anteriormente falei, como ainda com uma terceira que mais tarde, me foi servida no campo de Fuchsberg.

Para não massar os meus caros leitores com um minucioso relato dêste acontecimento, dir-lhes-hei apenas que nunca, durante o longo período do meu cativeiro, me fôra presente uma tão abundante, mas ao mesmo tempo tão repugnante coisa.

O peixe, de um tom nêgro e excessivamente oleoso, fôra pelos meus camaradas baptisado com uma enorme variedade de nomes, parecendo tratar-se daquilo a que em alemão se chama *fisch-fleish*, ou peixe-carne, que alguém quis traduzir por fóca.

Fôsse o que fôsse, dir-lhes-hei que o abundante guisado de batatas com o referido peixe que, pelo seu cheiro nauseabundo mais parecia carne pôdre, me deu a impressão de uma verdadeira refeição de antropófagos.

—Que comesse apenas as batatas—alguém me aconselhou.

Mas nem êsse pouco eu consegui fazer, não obstante a minha grande necessidade de alimentar-me.

Foi êste, pois, mais um dia de sofrimento, como tantos outros que na Alemanha passei.

O trabalho de qualquer natureza, mas especialmente aquele de que eu lançára mão, era

incontestavelmente o melhor, lenitivo para o sofrimento físico e moral que o cativoiro a todos nós vinha impondo.

Pouco exercício, para evitar o menor dispêndio de energia, e espírito permanentemente ocupado, de fôrma a poupá-lo a dolorosas meditações, era o que, em principio, a todos nós convinha fazer.

Eu trabalhava, como já disse, nas minhas memórias; e fazia-o geralmente ao ar livre, não só como medida higiênica, como também para evitar o ruído que podessem fazer dentro da barraca os meus camaradas que lá permanecessem.

Na direcção do Sul, a intersecção de duas elevadas montanhas, especie de *mamelons*, formava, a uma distância de muitos quilómetros, um gracioso colo, que, em linguagem topográfica, se denomina portela, onde assentava uma pitoresca povoação, cujas casinhas brancas riam alegremente, por entre a espessa floresta que, para aqueles lados, cobria tôda a superficie do solo.

Era voltado para essa aldeiazinha que, sentando-me no degrau de uma barraca, eu passava a maior parte do meu tempo, contemplando esse pitoresco lugar, onde desejaria possuir uma casinha, em que pudesse reunir a minha familia.

Eu chegava mesmo a admitir a possibilidade de realização de uma semelhante quimera, não me cançando assim de olhar para aquele gracioso povoado, sôb a gratissima sugestão de que ali tinha os meus queridos filhos.

E assim passava horas esquecidas, olhando

naquela direcção, como se, à força de vêr essa dôce paisagem, o meu sonho se pudesse transformar numa realidade.

O major Duque, adorável criatura, de alma simples e bôa, não se cansava também de admirar a aldeiazinha, em frente da qual lia e relia o seu Hachette, que ele conseguira salvar, por ocasião da travessia das linhas.

ENTRETANTO iam saindo quasi diariamente, para ignorados campos, sucessivas levas de prisioneiros ingleses que, em número variável de 40 a 60 officiaes, eu via partir dos outros blócos, o que me levava a crêr que, a breve trecho, me iria também tocar a vez.

E assim aconteceu de facto.

Foi a 28 de Abril que de Rastatt partiu o primeiro trôço dos meus camaradas o qual, em número de trinta officiaes, e secretamente, como sempre, foi destinado a um campo bastante distanciado de Baden, cuja situação só mais tarde, quando de novo nos reünimos, soube sêr em Strasburg, na Prússia Oriental.

A 12 de maio partia um segundo grupo de officiaes portuguezes, e um terceiro em 18 dêste mesmo mês.

Fiz eu parte dêste último grupo que, sôb o costumado aparato bélico, se dirigiu do campo russo para a estação do caminho de ferro, onde immediatamente fomos todos metidos numa caruagem de 2.<sup>a</sup> classe.

O calôr era, neste dia, verdadeiramente abrasador, o que, juntamente com o esforço da caminhada, nos provocou uma sêde insuportável, que só um ou outro mais ousado conseguiu apagar, arredando-se abusivamente da forma, para ir a um pequeno quiosque, onde bebia qualquer refresco, durante os breves minutos que demorou o nosso embarque.

Todos nós íamos alagados em água e cobertos de poeira, quando tomámos assento na carruagem que nos fôra destinada.

Ali dentro asfixiava-se, por efeito de nos ser expressamente proibido abrir as vidraças, enquanto o comboio se não puzesse em andamento.

Quanto a mim, tivera a felicidade de apanhar um lugar junto de uma janela, do que me não resultou, desde logo, outra vantagem senão a de, mais cómodamente, poder observar o movimento dos passageiros na gare e o dos sucessivos comboios que ali se cruzavam abarrotando de forasteiros, não só por ser domingo, mas ainda por ser o primeiro dos 3 dias do Espírito Santo, que, como no nosso país, são também guardados na Alemanha. (1)

Que saudades me despertou todo aquêl movimento de passageiros, e como êle me fez lembrar o que entre nós se observa por ocasião das nossas lindas romarias e principalmente na

---

(1) Na Alemanha, aos domingos e dias feriados, quasi se despovoam as cidades, indo toda a gente para as florestas passar o dia, provida dos competentes farneis que tanto os homens como as senhoras transportam dentro de pequenas mochilas.

do Senhor de Matosinhos, que, a tais horas, se deveria estar ali realizando também!

Famílias mais ou menos numerosas, em que predominavam as senhoras e crianças, coalhavam as gares, em frescas toilettes, assaltando todos os comboios que iam chegando, para irem passar no campo aquêlê lindo dia de Primavera.

As sucessivas ondas humanas que passavam em frente da nossa carruagem, lançavam-nos um olhar quási indifferente, e por vezes fugidio, como se nós constituíssemos para toda essa enorme massa de gente, na aparência igual a nós, a visão de uma cousa repelente, que ali lhes aparecia a perturbar a serena felicidade daquêlê dia.

Evidentemente, o troço de prisioneiros que, como uma remessa de gado, para ali jazêra encerrado cêrca de uma hora à espera do comboio que o levasse dali para fóra, era a única nota triste que naquele recinto se oferecia a toda aquela gente em que tão bôa disposição se manifestava.

A nossa estranha situação contrastava, de facto, bem flagrantemente com a dessa gente, na aparência, pelo menos, mas talvez mesmo em absoluto, muito mais satisfeita do que qualquer de nós.

A beleza daquêlê dia de festa permitia-lhe, de certo, esquecer um pouco a sangrenta luta em que os seus se debatiam naquele momento. Para essa bôa disposição deveria, sem dúvida, contribuir a circunstância da luta se estar produzindo em território alheio e muito longe, portanto, da sua observação.

A imensa gare dava-me a impressão de um grande jardim humano em que as carinhas lindas de numerosas *fräuleins* eram as flores.

— E dizem que não há mulheres bonitas na Alemanha... — comenta um capitão, ao meu lado, no momento em que uma ampla carruagem de 2.<sup>a</sup> classe, abarrotando de gentis damas e crianças, vem parar mesmo em frente do lugar onde nós permanecíamos (1). — Olhem vocês para aquela de vestido encarnado que parece mesmo uma papoula!... — acrescenta o meu companheiro.

Não poderá dizer-se que houvesse sido de todo infeliz este oficial, na imagem de que se serviu para definir a impressão que lhe causara essa interessante rapariga, cujos cabelos, louros como uma messe, em que tão graciosamente assentava o seu elegante chapéu preto, e cujo vestido encarnado com guarnições igualmente pretas, as meias brancas e o sapatinho de camurça, lhe davam um conjunto de tons que de certo modo justificára aquela expressão.

Numerosíssimos outros exemplares femininos constituíram, naquele dia, objecto de observação dos prisioneiros, aos quais há tanto tempo não era dado ver um lindo rôsto de mulher.

Quanto a mim, apenas fôra de uma grande saúde a impressão que todo êsse *film* produ-

---

(1) Na Alemanha quasi toda a gente viaja em 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> classes. A 1.<sup>a</sup> parece ser destinada a entidades privilegiadas, vendo-se, de ordinário, deserta.

zia na minha alma triste, vendo em todas essas raparigas e crianças, que as acompanhavam, os entes queridos de que esta aventura da guerra me vem conservando ausente.

As nossas carruagens foram enfim atreladas a um comboio que, depois de várias mudanças de agulha, em que, segundo o costume, nos fizeram passear todas as linhas, arrancou vagarosamente estrada fóra, para a breve trecho, se perder entre espêssas florestas, a que se sucediam imensas planícies, onde as culturas ou as flores silvestres punham os mais graciosos matizes.

A marcha do comboio, produzindo a ventilação da carruagem, cujas vidraças nos fóra então permitido abrir, tornára agradabilíssima a nossa viagem. De resto, embora com ignorado destino, constituía ela para todos nós uma aprazível variante na monotonia do nosso anterior viver, a cujos encantos ninguém poderia conservar-se indiferente.

A linha férrea atravessava, em direcção ao norte, a pitoresca região de Baden, justamente na parte em que mais luxuriante ela poderia oferecer-se-nos.

Nenhum de nós possuía um mapa da Alemanha, porquanto isso nos era absolutamente vedado, como medida preventiva para nos dificultar uma evasão; os conhecimentos geográficos que, duma maneira geral, todos nós possuíamos acêrca dêste país, premitiam-nos, contudo, supôr que caminhávamos em direcção a Karlsruhe, onde existia um campo de prisioneiros, a que certamente nos iam destinar. O facto, de resto, de nos não haver sido distri-

buída a menor ração de pão, demonstrava também que não poderia ser longa a nossa viagem daquele dia.

As estações sucediam-se, elegantes, muito asseadas, e regorgitando de passageiros, entre os quais continuavam predominando, em *toilettes* primaveris, as senhoras e as crianças.

— Ettlinger!

Eis uma pequena, mas linda cidade, que se nos oferece ali a algumas centenas de metros, servida pela estação com êste mesmo nome, onde o nosso comboio parou.

Assenta êste pequeno burgo junto ao sopé de uma grande montanha, onde parece ter acabado de ser construída, tal o aspecto de novidade que oferecem as suas lindas casinhas, espreitando banhadas de sol, por entre o arvoredo da imensa «Floresta Negra» que, desde Rastatt, nós vinhamos atravessando.

Que encantadora viagem!

È como seria agradável passar assim os dias de cativo que ainda nos pudessem restar!

Karlsruhe. Os preparativos iniciados com a vizinhança desta estação, pelo pessoal da nossa escolta, deu-nos a perceber que terminaria ali a nossa viagem daquele dia, indo, nós enfim, conhecer a linda capital do grand-ducado de Baden, cuja travessia certamente teríamos de fazer.

A necessidade de alimentação, que presumivelmente nos iria ser ali fornecida, tornou-nos duplamente agradável o final daquela viagem, com a perspectiva de irmos enfim habitar um campo de oficiais, onde, segundo todas as

versões, muito havia de melhorar a nossa situação.

O meu estômago ia rigorosamente pegado às costas, e eu não levava comigo senão uma negra côdea de centeio que reservava para uma dessas críticas situações que, com tanta frequência, me vinha deparando o cativeiro. Era ter um pouco de paciência mais, que, segundo se dizia já entre os meus companheiros, não seria grande o percurso que teríamos de fazer.

Em poucos minutos havíamos saído para um amplo largo, situado no exterior da elegante estação, onde imediatamente fomos metidos na forma, em meio das baionetas que nos escoltavam.

A bagagem não preocupava nenhum de nós, continuando a consistir para mim e quasi todos, na bolsa do nosso aparelho anti-gás, em que eu transportava os sumários apetrechos de toilette e a misera côdea de pão que constituía toda a minha reserva alimentar para aquêle dia.

A um sinal do sargento que comandava a escolta, pôs-se logo em marcha a nossa pequena coluna que, deixando o largo da estação, enveredou para uma ampla rua, espécie de avenida, em *pavé de béton*, pela qual seguimos, num percurso de uns escassos quinhentos metros.

Ao longo desta rua assentava uma linha eléctrica onde circulavam numerosos carros, que grandes números marcavam, semelhantemente ao que se pratica no meu querido Pôrto, para indicar as linhas que aqueles servem. O primeiro destes carros que se me deparou trazia

o número 8, e era tão semelhante aos da nossa Companhia Carris, que quasi me deu a impressões de que nele me poderia dirigir a Paranhos!

Percorridos os quinhentos metros a que me refiro, rodou francamente a nossa pequena coluna à esquerda, segundo uma inflexão oferecida pela grande artéria onde, na esquina de uma casa, eu li de passagem, o seu nome *Ettlinger Strass* (rua Ettlinger).

Duzentos metros percorremos nós, segundo esta nova direcção, quando, súbitamente nos mandaram fazer alto no cruzamento daquela rua com a *Nebenius Strass* que lhe era perpendicular, e em frente de um hotel, em cuja taboleta eu li as palavras *Europaischer Hof*.

Por casualidade, ou porque ali estivesse hospedada qualquer entidade de quem o comandante da escolta devesse receber instruções, o facto é que a nossa paragem em frente daquele hotel dera lugar às mais interessantes observações por parte dos meus camaradas, dentre os quais alguns conservaram sempre a melhor disposição de espirito.

— Ora aqui está o hotel onde nós vamos ser hospedados — gracejou um tenente.

— Hospedados não — observára outro official — mas póde muito bem acontecer que, por comodidade, nos vão ali dar qualquer refeição.

— E' claro — dizia outro — que haveria nisso de extraordinário, desde que nos fizessem pagar a despesa?

Só o sargento comandante da escolta havia dado entrada no hotel, tendo eu notado que êle tirára do bolso quaisquer papeis que me pareceu serem as nossas guias de marcha.

— Cala do céu aos trambulhões um almo-  
cinho, nestas alturas! . . — dizia-se.

Alguém se aventurou mesmo a interrogar um dos soldados sôbre o motivo da nossa permanência ali, ao que o homem respondeu sem a menor hesitação, dizendo, num sorriso, que apenas se aguardava o regresso do sargento para irmos ocupar os nossos aposentos no hotel.

*Tableau!*

— Podia lá ser! — dizíamos nós, entre satis-  
feitissimos e incrédulos. — O homenzinho está a caçar connosco. Onde tem êles quartos para tanta gente?

— O' filhos — procurava um major expli-  
car — espetam com seis em cada quarto. Isso é o menos.

— Mas onde é, afinal, o campo de Karlsruhe?  
— inquiri do soldado que nos havia dado esta última informação.

— Ali adiante — respondeu êste. — Dez mi-  
nutos apenas de marcha e estaremos lá.

— Como se explica, pois, que, ficando êsse  
campo tão próximo, nos vão hospedar aqui?  
— insisti eu.

Um simples encolher de hombros acolheu esta minha pergunta, continuando assim todos nós verdadeiramente intrigados com a perspectiva da nossa hospedagem ali, na qual alguns dos meus companheiros continuaram não acreditando ainda.

Eu, por mim, de tão habituado que estava a experimentar as maiores surpresas, não me repugnava já acreditar que mais aquela me estivesse reservada ainda, embora muito cau-

telosamente o meu espírito se mantivesse numa certa desconfiança perante os fins de uma semelhante gentileza . . .

Eu exteriorisava mesmo os meus receios, conversando com alguns dos meus vizinhos na coluna que, aguardando ordens, ali estacionava, pelo que os optimistas me diziam cheios de confiança:

—Ora adeus! Você também está sempre a vêr as cousas pelo mais feio aspecto.

—Oxalá que eu me engane—respondia-lhes.

—Sem dúvida. Nós vamos emfim passar a ser tratados como officiaes—explicava um capitão.— Bem vê que temos estado num campo de soldados.

—E' claro —reforçaram outros officiais.— Isto agora vai mudar muito de figura.

—E' possível —epiloguei.— Mas será bom não deitar anticipadamente foguetes.

O sargento comandante da escolta sai emfim a porta do hotel, dirigindo-se muito naturalmente para nós, o que me levou a supor que toda essa história da nossa hospedagem ali não passára de uma autêntica *blague*. Este graduado vinha, porém, precedido por um outro homem em traje civil, que lhe fez sinal para nos mandar avançar, ao que aquele prontamente obedeceu.

Era, enfim, um facto a nossa hospedagem no *Europaischer Hof* de Karlsruhe! E, não obstante a minha reserva perante o desenlace daquela nova aventura, como estávamos em pleno coração de uma cidade civilisada da Europa, não me preocupei demasiado com o que de desagradável ali dentro me pudesse aconte-

cer. De resto, só com sorrisos fomos recebidos por um pessoal que, extremamente amável, nos começára distribuindo pelos diversos aposentos, mediante uma chamada por ordem de graduações.

O coronel Pedrosa, eu, o major Freitas e o capitão Viegas, fomos os primeiros oficiais a ser chamados, convidando-nos um civil que certamente era algum oficial disfarçado, a entrar num pequeno quarto cujo mobiliário era absolutamente idêntico ao que tivéramos em *Friedrichsfeste*.

Evidentemente que se tratava de um hotel expressamente mobilizado para a passagem de oficiais prisioneiros.

Não havia nisso nada de extraordinário; e, na melhor disposição, iniciámos logo a nossa instalação ali, dirigindo-se cada um para sua cama. Tudo estava preparado, não faltando ali nada do que de mais essencial nos era preciso.

E a respeito do almôço? Era preciso perguntar qualquer cousa a êsse respeito, oferecendo-me eu logo para ir saber.

Lancei, pois, a mão ao puxador da porta para a abrir, mas esta achava-se rigorosamente fechada pelo lado de fóra! Esta surpresa já não conseguiu mais do que fazer-nos rir, a bandeiras despregadas.

— Oh, que grandes ratões! — dizia o coronel Pedrosa. — Com que limpeza êles nos fazem estas partidas!

— Mas, enfim, o quarto não era mau — dizíamos.

— Vamos abrir estas janelas para, ao menos vermos o movimento dessas ruas — propus.

—Sim, é melhor, porque se asfixia aqui dentro—concordou o coronel.

Mas . . . quem dera . . . A janela, de vidros fôscos, encontrava-se igualmente fechada por meio de um loquete!

—E esta?! . . .—exclamámos, então, já sem grande vontade de rir.

—Mas que raio de brincadeira vem a ser esta?—fez o major Freitas.

—É o regimen penitenciário—disse eu.

E quem é que póde agüentar-se, em semelhantes condições?—preguntou o capitão Viegas, verdadeiramente aterrado com a perspectiva de uma longa prisão dentro daquele quarto. —Isto é simplesmente horrível!—acrescentara. —Um mês aqui dentro será o bastante para dar cabo de nós. E' uma neurastenia, pelo menos!

—Não, meu amigo — disse-lhe eu — era o que faltava. Isto está a ver-se o que é: os homenzinhos apenas nos conservam aqui enquanto não preenchem quaisquer formalidades que nós ignorámos quais sejam, mas que não deverão fazer-se esperar. Dois ou três dias será o máximo de tempo que aqui permaneceremos; hão de ver.

—Deus o oiça — fez o capitão.

Seria realmente de endoidecer que nos conservassem por muito tempo em semelhante incomunicabilidade, encerrados dentro de um estreito quarto, cujas dimensões não excediam 4 a 5 metros de comprido, por 3 e meio de largo, onde mal nos podíamos mexer, visto achar-se êsse pequeno recinto atrancado pelas camas, cadeiras, uma larga mesa e o lavatório comum para os quatro officiais.

Mas o almoço? Era certo que nos deviam ainda essa refeição, que evidentemente nos iria ser servida ali mesmo, como se concluía da enxovalhada mesa, onde eu notára a existência de algumas pequenas nódoas de gordura. A que horas teria, porém, lugar?

¿E se a algum de nós sobreviesse a necessidade de desempenhar-se de qualquer serviço que impossível lhe fôsse confiar a outrem?

Mas onde tínhamos nós, *quand meme*, esse intermediário?

Era preciso chamar até aparecer alguém.

—Bate-se com fôrça nessa porta— propôs o coronel.

Mas não era preciso, consegui eu descobrir, após um rápido exame feito às paredes do aposento: Junto à porta encontrava-se o botão de uma campainha eléctrica que imediatamente premi.

A essa pressão correspondeu efectivamente o retinir de uma campainha, e, logo a seguir, os passos cadenciados de alguém que se aproximava para desandar a chave da fechadura. Uma expressão de alívio se desenhára no semblante dos meus companheiros que naturalmente se precipitaram para o limiar da porta.

Aberta esta, depára-se-nos logo um velho soldado que nos dispára quaisquer incompreensíveis palavras.

—*Abort*— lhe dissemos nós, sem nos preocuparmos com o que o homemzinho disera.

—*Ya*— respondeu, indicando-nos uma porta quási em frente do nosso quarto onde se lia a a palavra que havimos pronunciado.

Fui eu o primeiro a aproveitar-me da indicação que o soldado fornecera, passando-lhe, depois, discretamente às mãos uma nota de dois marcos que, num sorriso de agradecimento, êle sumiu logo numa algibeira, abrindo-me em seguida a porta do quarto que, durante a minha curta ausência, êle conservára fechada.

Os três outros camaradas seguiram o meu exemplo, menos talvez por necessidade, do que pelo prazer de se aliviarem, por alguns momentos, da prisão. Os dois marcos haviam, na verdade, sortido os seus benéficos efeitos, porquanto a porta se conservou aberta durante todo o tempo em que os outros reclusos se conservaram ausentes. O soldado mostrava-se mesmo disposto a conversar, dizendo-nos qualquer cousa que só a eloquência do gesto nos permitia compreender.

— *Morgenfrühstück?* — perguntamos nós, servindo-nos assim de um desses poucos termos que a necessidade nos havia obrigado a aprender.

— *Tout de suite* — respondeu a nossa sentinela, num amável esforço, de quem a todo o custo, desejava fazer-se perceber.

Era talvez a única expressão que êle sabia da lingua francesa que é, aliás, muito conhecida na Alemanha, onde, pelo menos, todos os officiais de carreira a falam correctamente.

Ficamos, pois, melhor dispostos, perante esta consoladora informação, e prosseguíamos no nosso interessante interrogatório quando o soldado, que nada mais conseguira compreender, nos fez uma respeitosa continência, fechando após de novo a porta, num eloquente encolher

de ombros, acompanhado de quaisquer palavras que em mau português se poderiam traduzir pelo *são ordes*, dos nossos antigos *mancipais*.

Voltáramos, pois, à nossa *primeira fôrma*, que apenas aquele animador *tout de suite* da sentinela tornava mais suportavel.

— Mas não haveria meio de se espreitar sequer para a rua? — perguntou o Viegas.

— Experimenta-se abrir a bandeira da janela — alvitrou o major Freitas. — Talvez o Malheiro, como é mais alto, subindo acima da mesa, consiga abri-la.

— Mas de que servirá isso — objectou o coronel — se fica tão alta para se poder ver para o exterior?

— Ah, nada disso — respondi, trepando para cima da mesa — cheguem-me uma cadeira.

— Bravo! — exclamaram os meus companheiros. — Está o problema resolvido, sim senhor.

Uma vez, pois, em cima da cadeira, pude eu abrir a bandeira da janela que descaindo para dentro, segundo um arco, não podia abrir mais do que até um limite de 45°, que muito nos reduzia o campo de visão.

Não desisti, porém, em face desta dificuldade, poisque, entortando um pouco os dois arcos dentados, ao longo dos quais a janela descaía, em breve esta, libertada do obstáculo que se lhe opunha, completava o seu giro de 180°, vindo sobrepôr-se assim na parte inferior da janela, por cima da qual nós passámos então a olhar para o exterior.

O nosso quarto ficava no 3.º andar do prédio, e esta circunstância permitia-nos observar melhor a ampla rua, ao longo da qual nós

viamos circular os eléctricos que, repletos de passageiros e muito freqüentes, faziam um longo percurso, num constante movimento de ida e regresso.

E, como a estranha situação em que nos encontrávamos nos tornava agradável aquêlê espectáculo!

— Lá vai o carro n.º 2 — pensei eu, possuido duma grande tristeza. E' o meu carro para a Foz, seguindo pela marginal e Carreiros, onde passará mesmo em frente da casinha em que se encontram os meus filhos! Oh, que saudades me fazia todo aquêlê movimento que, por alguns minutos, eu pude observar, encarapitado sôbre a cadeira!

Encontrava-se um dos meus companheiros neste posto de observação quando, súbitamente, a porta se abre, aparecendo no seu limiar um risonho soldado alemão que, após uma vénia, nos pergunta, em francês, qual de nós é *monsieur le colonel Alves Pedrosa*.

— *C'est moi* — lhe diz o meu comandante.

— Queira, pois, acompanhar-me.

O coronel Pedrosa encaminha-se imediatamente para a porta, quando o recémvindo, detendo-o, esclarece:

— Ah, não, não; V. Ex.<sup>a</sup> deverá fazer-se acompanhar da sua pequena bagagem.

— O quê, pois não volto aqui?

— Não senhor.

E, tomando a sua malinha de mão onde meteu alguns objectos de toilette que dali havia tirado já, fez-nos as suas despedidas, saindo com o soldado a porta que imediatamente se fechou de novo, deixando-nos sobremodo intri-

gados, quanto ao destino que lhe iria ser dado.

Evidentemente que lhe ia ser distribuído algum aposento especial, compatível com a sua graduação e idade, pensámos.

— Mas quando chegará êsse almôço? —  
preguntámos.

— Não deverá tardar.

— Que horas são?

— Meio dia.

— Podíamos ter perguntado a êsse *mesuras* que aí esteve ainda agora...

— É verdade que sim!

— Mas toca-se a campainha.

Sim, a sentinela poderá dizer-nos alguma coisa.

Assim fizemos; e, uma vez em presença do soldado alemão, apenas obtivemos dêste a única resposta que êle nos sabia dar, e com a qual pouco ou nada conseguimos adiantar, por ser esta a segunda vez que sôbre o assunto lha tínhamos ouvido.

— *Tout de suite*—dissêra-nos êle, com uma certa firmeza.

Não nos enganára, porém, o nosso informador, porquanto não decorreram cinco minutos sem que a porta de novo se abrisse para dar entrada a um obêso soldado russo que, transportando um tableiro, nos começou servindo, enfim, o desejado almôço.

Posto que muito sumária, poderia esta refeição considerar-se muito superior a todas quantas na Alemanha nos vinham sendo fornecidas, o que, naturalmente, nos causou a mais agradável impressão.

Consistia ella numa terrina, contendo razoável quantidade de sôpa de farinha de fava, e uma pequena travessa de peras e batatas cozidas com a casca.

— Bravo! — exclamámos — Isto já se parece qualquer cousa com um almoço.

Investimos, pois, irmãmente, com esta refeição que acompanhámos com as negras côdeas de que ainda nos fazíamos acompanhar, e em breves minutos tudo, excêpto as cascas e os caroços das peras haviam, como por encanto, desaparecido, deixando-nos com a melhor disposição para repetir uma nova dôse que, qualquier de nós pagaria por um elevado preço.

Mas quantos dias nos conservariam ainda num semelhante isolamento? Eis a ideia que naturalmente preocupava os nossos espíritos, nada adiantando as informações que, á custa de incessantes perguntas, obtínhamos das várias criaturas que, sob diversos pretextos, entravam no nosso quarto.

Aquele dia passámo-lo, pois, em conjecturas variadíssimas relativas ao nosso ulterior destino, assustando-nos devéras a idéa de ali ficarmos definitivamente.

Apenas um prisioneiro russo que de tarde nos fôra oferecer á venda diversos artigos de *toilette* e tabaco, nos disse, quási confidencialmente, que a nossa permanência naquele hotel não iria além de quatro ou cinco dias, segundo o que, durante dois anos da sua permanência em serviço ali, êle vira sempre praticar.

Estavam, pois, perdidas as esperanças de sair naquele dia dali para fóra.

Entretanto, avisinhavam-se as horas do jantar que, pela 6 da tarde, nos foi servido.

Constára êle de uma sopa um pouco semelhante à do almôço, com algumas batatas e vajens guisadas.

Até ao escurecer subimos, repetidas vezes, ao nosso observatório, presenceando, embora incômodamente, o movimento dos carros e dos peões que, como disse, era naquele dia extraordinário.

A' noite metêmo-nos na cama, esperando de que o dia seguinte nos traria qualquer agradável successo, a começar pelo da nossa saída dali para fóra.

Durante a noite não se produziu acontecimento algum digno de menção, a não ser a passagem de uma extensa columna de infantaria ao longo da rua Etllinger, cujo escoamento demorou mais de cinco minutos a efectuar-se, sob as janelas do nosso quarto.

A banda de musica que a acompanhava, viera postar-se no cruzamento de ruas, junto ao Europaischer Hof, onde permaneceu, durante todo o desfile da columna.

Ai pelas nove horas da manhã, quando estávamos procedendo à nossa toilette, foi pela primeira vez, aberta a porta do nosso quarto, onde entra o mesmo soldado que no dia anterior ali fóra convidar o coronel Pedrosa a acompanhá-lo.

Desta vez foi pelo major Freitas que o homenzinho perguntou, tendo de esperar que o mesmo acabasse de barbear-se para o levar comsigo.

—Mas para onde leva você o senhor major?— perguntei.

—Que apenas cumpria uma ordem superior—respondêra-nos o recém-vindo, ignorando o destino que depois seria dado àquele nosso camarada.

—E o senhor coronel para onde foi?

O nosso homem apenas cumprira também uma ordem que superiormente recebêra, ignorando o que teria sido feito dêsse oficial.

Claro está que não acreditámos na sinceridade das respostas que êste sujeito nos estava dando, fazendo-lhe, no entanto ainda, e apenas por descargo de consciência, mais esta pergunta:

—E nós quando largamos daqui para fóra?

—*Sais pas, messieurs...*—respondeu, num condescendente sorriso, o nosso carcereiro.

Era preciso chuchar também um pouco com aqueles farçantes:

—Mas, oiça lá — perguntou-se-lhes — O que fizeram Vocês ao coronel?

Um mudo sorriso, acompanhado de um encolher de hombros, foi a resposta do nosso visitante.

—Foi para dormir mais á larga, noutro quarto que vocês o vieram buscar?

—*Nein...*—respondeu o homenzinho, com um novo enigmatico sorriso.

—Ah, seus marotos...—volvemos-lhe— que vocês, se calhar, arranjaram-lhe alguma *fräulein* para lhe fazer companhia...

Desta vez, a resposta foi uma sonora gargalhada, e... por aqui ficamos.

Entretanto, havia o major Freitas posto a tiracolo a miserável sacola que a quási todos

nós acompanhava ainda, declarando-se pronto para seguir ao seu ignorado destino.

—*Bonne chance!*—dissemos, num grande abraço trocado com aquele nosso camarada.— É até à vista. Olhe lá, ó Freitas, cuidado com as fräuleines...

Com êsse ar de resignação de que todos nos havíamos revestido, lá foi, pois, o major Freitas levado, em condições que, seguidamente à partida do coronel Pedrosa, nos deixaram de certo modo intrigados.

—Mas o que significará tudo isto?— perguntava eu ao capitão Viegas.—É o que se terá passado com os outros?

—Se lhes tem acontecido o mesmo que a nós, poucos oficiais deverão encontrar-se no hotel, a estas horas—conjecturávamos.

Não tardou, porém, que chegasse a vez ao capitão Viegas, indo, portanto, eu ficar para ali sózinho.

—É esta?—disse-lhe, devéras aborrecido com semelhante ideia.

Este meu companheiro teria, porém, saído há meia hora, quando o mesmo soldado que o havia levado, abrindo mais uma vez a porta, me convida, enfim, a acompanhá-lo também.

Quanto a mim, o homenzinho encontrou-me já absolutamente pronto a sair, não tendo outra demora senão a de tomar no braço o meu capote, que conservava pendurado num cabide; a saca conserváva-a já a tiracolo, desde a saída do capitão Viegas.

Foi com grande satisfação, pois, que recebi o convite para sair dali para fóra, embora me preocupasse um pouco a ideia de não ir encon-

trar já naquela casa uma grande parte dos meus companheiros, especialmente aqueles a quem me prendiam as melhores relações de amizade.

Certamente que, pelo menos, todos quantos me precederam, haviam já tido qualquer destino, restando-me, no entanto, a esperança de que, em qualquer campo definitivo, nos iríamos de novo reunir.

Mas a que teria obedecido aquela chinesse de nos fazerem sair dali à formiga?

Talvez nos mandem em pequenos grupos, pensava eu, se dos demais quartos tiveram sahido outros officiaes que, porventura, tenham reunido aos que sucessivamente fôram saindo do meu. Teriam querido baralhar-nos?...

Em breve o fui saber, pois que, apenas aberta a porta do meu quarto, e tendo eu saído para o corredor, outras se abrem, não só no andar em que me encontrava, como nos dois outros para onde desci. Dêsses varios quartos surgem, porém, como por encanto, todos os camaradas de quem, havia 24 horas, me tinham separado, incluindo aqueles que, a pouco e pouco, do meu haviam sahido.

A surpresa de nos tornarmos a encontrar ali, quando reciprocamente nos supúnhamos já muito longe uns dos outros, provocou em todos uma alegre e ruidosa hilariedade, que os mais engraçados comentários desde logo acompanharam.

Vale de Josaphat, ouvi eu chamar ao estreito corredor em que se effectuara a imprevisa reunião de todos aqueles que, reciprocamente, haviam deixado de se ver.

*Hotel misterioso*, também assim foi classificado o *Europaisher Hof* de Karlsruhe. E por esta será ele, para sempre conhecido, entre os prisioneiros portugueses.

— Mas a que obedeceu uma semelhante mistificação? — perguntei eu.

— Foi para nos interrogarem — diziam todos.

E explicavam dizendo que, nas últimas 24 horas, foram sendo chamados os diversos oficiais, para os submeterem a um minucioso inquérito, após o qual nenhum voltára para o mesmo quarto de onde havia saído.

Foi assim que o coronel Pedrosa, major Freitas e capitão Viegas foram parar cada um a seu quarto diferente, onde se encontraram apenas com outros oficiais já submetidos a uma idêntica prova.

Aos interrogatórios a que fomos submetidos respondeu, cada um de nós, como muito bem lhe pareceu, e por forma a iludir sempre os oficiais alemães que, disfarçados em *toilette* civil, procuravam, dissimuladamente, colher informações que os habilitassem a ajuizar da organização e efectivo das nossas fôrças, que êles supunham superior ao que realmente era.

Independente de qualquer prévio concôrto entre os oficiais portugueses, tornaram-se, pois, as suas respostas de nenhum valor, tão contraditórias elas se ofereceram, sôbre todos os assuntos a que pudessem dizer respeito.

Este facto irritou sobremodo os nossos inquisidores que, na impossibilidade de colherem as suas informações e com elas organizarem um relatório de utilidade, disistiram de concluí-lo, a

meio dos seus trabalhos, com a dupla vantagem, para nós outros, de nos dispensarem de semelhante maçada e nos abreviarem a partida para o campo a que vínhamos destinados, Eu, por exemplo, não chegára já a ser interrogado.

\*

\* \*

Pelas 11 horas e 30 minutos estávamos já debaixo de fóрма na rua Etllinger, junto à porta do hotel. Aguardávamos até que quaisquer formalidades fossem ultimadas, por parte do comandante da escolta que nos acompanhára, a qual, naquele momento, nos cercava já de baioneta armada.

O tempo continuava radiante, amanhecendo formosíssimo aquele dia de primavera, que o meu *carner* de notas indica como sendo o 18.º do mês de maio.

O passageiro quarto de hora que permaneci em meio daquela rua, permitiu que o meu espírito se entregasse ás mais saudosas recordações do meu país, mas especialmente da minha casa e dos séres, para mim tão queridos, que nela se continham.

Não era já só o movimento das ruas, todas essas manifestações de vida e liberdade que prendiam as minhas atenções; mas sim a sedutora visão de um delicioso lar, cuja felicidade eu estava advinhando, a dentro de uma linda casinha que, a alguns passos do lugar em que me encontrava, se oferecia à minha observação, semi-oculta por um vicejante rosal, profusamente florido.

Ao longo dos estreitos arruamentos que, em caprichosas curvas, se talhavam na fresca espessura daquele jardim, corriam alegremente duas interessantes crianças que, por compreensíveis razões do coração, me apeteceu ir devorar com beijos.

Os sons de um piano chegaram vagamente ao meu ouvido, parecendo-me distinguir alguns compassos do 3.º *impromptu* de Schubert, que quasi me fizeram chorar!

E' que tanto aquelas crianças como a música que acabára de ouvir, estavam produzindo na minha alma a mais grata associação de ideias!

Uma esbelta *fräulein* dos seus 12 anos apparecera depois a uma varanda daquela casa e os meus olhos cada vez se prendiam mais na contemplação do gratissimo espectáculo que o acaso me estava proporcionando.

Como eu me sentia bem naquele momento e como desejava que me deixassem passar ali todo o restante tempo do meu cativeiro!

Mas não é tudo: uma elegante dama dos seus quarenta anos, loura, alta, e de porte distinto, caminha ao longo do passeio onde estamos, indo talvez passar junto de nós.

Usava uma *toilette*, cujo talhe discreto como a côr do seu tecido, aliavam ao bom gôsto o sábio conhecimento das prororções que lhe impunham a sua idade e porventura o seu estado de senhora casada, que deveria ser.

Na sua mão enluvada trazia um pequeno livro de missa. Parára a respeitável dama em frente da linda casinha de que acabo de falar, cujo botão eléctrico prime.

Uma criadita abre-lhe, sorridente, o portão do jardim, ao longo do qual caminha.

As duas crianças, e a nossa gentil pianista, correm para a recém-vinda, a quem beijam, entre sorrisos.

Era sua mãe!

Em plena contemplação desta adorável scena familiar, que tão profundamente fez sofrer o meu pobre coração, surpreendêra-me a voz de marcha dada pelo comandante da escolta!

E, verdadeiramente assoberbado de saúda-  
dades, algumas das quais impossivel me será  
jâmais mitigar, lá me fui arrastando, a cami-  
nho do novo campo de prisioneiros, cuja veda-  
ção, de elevados taipais de madeira, nos fôra  
indicada e se começava a ver, lá ao fundo da  
extensa rua que seguíamos.

### XIII

A RUA Etlinger continuava a oferecer-se-nos ampla e horizontal, em *pavé de béton* e povoada de formosíssimos *cotages* que se alinhavam guarnecidos de luxuriantes jardins em toda a extensão do itinerário que vinhamos seguindo.

O casario apenas se estendia ao longo de um dos lados da rua, vendo-se em frente um amplíssimo parque, profusamente arborizado e cortado de arruamentos, numa disposição de que para êste local resultava uma flagrante semelhança, para melhor, com o Passeio Alegre da nossa Foz.

Era efectivamente muito mais larga do que aquele a rua Etlinger, muito mais extensa a recta que ela fazia, liso como o de um salão de baile o seu pavimento em *béton*, e incomparavelmente melhores e de maior beleza architectural as suas construções.

Como no Passeio Alegre, circulavam também, numerosos, os carros eléctricos, mas ao contrário do que ali se vê, crescia em todo o

espaço do terreno compreendido entre os dois *rails* da linha uma extensa faixa de relva cujo tom de esmeralda, estabelecia com o negro brilhante do pavimento um contraste deveras pitoresco e original.

A certa altura degenerava o imenso parque num lindo jardim que atravessámos; os prédios assumiam ali maiores proporções, embora fossem na sua quasi generalidade, construídos de tijolo.

A êste jardim, seguia-se uma vastíssima praça que igualmente cortou a miserável coluna que constituíamos, com os nossos uniformes mais ou menos velhos, rôtos ou mal remendados, as nossas pobres sacolas e embrulhos que uns transportavam nas algibeiras e outros sobraçavam, como volumosos mostruários de caixeiros viajantes.

Ao fundo desta praça recomeçava o jardim que elevados taipais interceptavam, e que uma forte linha de sentinelas guardava com atenta vigilância.

Era ali o *Kriegs offizier gefangenenlager* de Karlsruhe a que nos destinavam. Aberto um portão deu a nossa coluna entrada num grande recinto que uma forte vedação de arame farpado contornava ainda, por forma a garantir mais eficazmente a segurança.

Sendo êste improvisado campo a continuação do jardim, achava-se povoado de numerosíssimas árvores de luxo em que predominavam as tílias e as mimosas, num perfeito estado de florescência.

Os arruamentos, de curvas mais ou menos caprichosas, cruzavam-se, em diversas dire-

ções, coleando os lagos sêcos e os macissos das roseiras e outras plantas que o abandono e a falta de réga tinham deixado secar por completo

Diversas mesas e as correspondentes cadeiras espalhavam-se sob as copadas árvores, onde alguns camaradas de diversas nacionalidades se encontravam entretendo, nas suas leituras ou estudos, os tristes dias do cativo que as contingências da guerra lhes haviam imposto.

De habituados como estavam a idênticos espectáculos, não lhes fez moza alguma a chegada da nossa coluna, que lá foi prosseguindo, em direcção às barracas, onde a aguardava o pessoal do campo. Ali se encontrava também o nosso camarada capitão Teixeira, que era conservado como uma espécie de agente de ligação entre o comando e os prisioneiros portuguezes que por aquele campo pudessem transitar.

Tão depressa a nossa coluna fez alto junto da secretaria do comando, o primeiro cuidado do pessoal do campo consistiu em evitar que comunicássemos com qualquer outro prisioneiro, enquanto nos não fôsse passada a conveniente revista, que aliás não tivemos nos campos de Rastatt ou Friedrichsfeste.

Com êste fim mandaram-nos entrar, devidamente escoltados ainda, na sala do recreio, onde depois de fechadas as portas, nos foram chamando, por grupos de quatro. Junto de uma mesa, começaram por nos convidar à entrega de todo o dinheiro que possuíamos para no-lo substituírem por outro de exclusiva circulação naquele campo.



F. H. Brecht  
Karlruhe 18 1918

Chegada de um grupo de prisioneiros ao campo de Karlsruhe.



Todos nós conservávamos ainda diversas quantias em francos ou marcos, que uns entregaram na sua totalidade, escondendo outros uma parte nos canos das botas ou em lugares mais ou menos ocultos. A todos foi, porém, presente um papel que deveríamos assinar, no qual se continha a declaração escrita na língua francesa em como havíamos feito a entrega de todo o dinheiro de que dispúnhamos.

Em troca desse dinheiro, que entreguei em marcos até ao último *pfennig*, recebi igual quantia em vários papelinhos impressos que só dentro daquele cercado de madeira e arame tinham valor.

Dali fomos, um por um, para uma outra sala, onde nos era passada uma minuciosa revista, fazendo-nos despir os dolmans que dois sargentos examinavam rigorosamente, olhando as algibeiras e apalpando os forros e as golas onde pudéssemos levar escondidas quaisquer notas do banco.

As algibeiras das calças e as sacas ou pacotes que nos acompanhavam foram também devidamente examinados.

Quanto a mim, apenas um pedaço de vela de estearina me apreenderam como objecto proibido, tirando aos meus companheiros bússolas e mapas da Europa e outros objectos proibidos.

Preenchidas todas estas formalidades, fomos distribuídos pelas barracas, onde nos foi fornecida a roupa de cama. Só então nos foi permitido comunicar com os outros prisioneiros.

\*

\*

\*

O campo de Karlsruhe tornava-se particularmente agradável, pela sua excepcional situação, no meio de uma linda cidade, cujos prédios e os próprios moradores dos mais elevados andares, os altos taipais de madeira que o contornavam, nos não impediam de vêr.

Esta circunstância, que nos mantinha, por assim dizer, em contacto com a grande vida que em volta de nós se fazia, e que, a todo o momento sentíamos; a beleza natural daquele aprazível recinto, com as frescas sombras daquelas árvores magestosas, onde assobiava o melro e gorgeava uma verdadeira aluvião de pintassilgos; o grande ruído do burgo, e enfim o constante movimento dos carros eléctricos de que apenas os tejadilhos nos era dado vêr; tudo contribuía para levantar-nos o estado moral que o radical isolamento de Rastatt tão fortemente havia abatido.

Ali encontrámos, de resto, uma mais confortavel instalação; e, embora a alimentação continuasse sendo deficientíssima, poderia considerar-se mais cuidada a sua confecção e devéras esmerada a *mise-en-scène* do nosso refeitório que muito se assemelhava ao *dining-room* de um pequeno navio da Mala Real que um dia visitei em Leixões.

A fome continuava, pois, sendo o pavoroso fantasma que por toda a parte acompanhava os prisioneiros; e nunca eu a senti tão negra, em qualquer outro campo! E' que, em Karlsruhe,

assumiu ela as aflitivas proporções de um verdadeiro suplício de Tântalo.

Encontravam-se ali, há algum tempo, diversos oficiais britânicos, franceses, e italianos a quem escrupulosamente socorriam os governos dos seus países, especialmente os primeiros, aos quais a *British Red Cross* enviava em pão, bolacha, queijo e conservas, a mais completa e abundante alimentação.

Nas suas barracas, que recursos de toda a espécie lhes permitiram tornar o mais confortáveis possível, completavam estes oficiais as deficientísimas refeições que normalmente lhes eram fornecidas, baqueteando-se com variadíssimos e deliciosos pitéus, que fariam a admiração do mais habil cozinheiro.

Estas invejáveis petisqueiras passavam, com freqüência, por nós outros esfaimados portugueses, justamente quando, de regresso de um minúsculo jantar ou almoço, mais dolorosa era para nós a sensação da vacuidade dos nossos estômagos.

—O cheiro destas petisqueiras—dizia o Dr. Figueiredo de infantaria 1—activando poderosamente as varias secreções gástricas, duplica o nosso sofrimento, não tenham os meus amigos a menor dúvida.

E assim era de facto, pois em lugar algum eu experimentára uma tão forte sensação de fome!

O capitão Teixeira, conhecido já de alguns antigos prisioneiros italianos que muito apreciavam a sua natural bonomia, obtinha destes oficiais algumas rações de pão que lhes sobravam da sua abundância e vinha generosamente

distribuí-las, até onde elas chegavam, aos seus camaradas que se lhe queixavam.

Eu fui um dos oficiais contemplados pelo Teixeira, com duas dessas rações que, nos 3 dias da minha permanência em Karlsruhe, constituíram para mim um dos melhores benefícios que tenho recebido, nesta minha vida de esmolar que por aqui venho passando.

Mas não ficou por aqui a gentileza do meu simpático *bemfeitor*, que no dia 20 me oferece, a mim e ao Dr. Fernandes, um delicioso chá, servido na sua barraca.

Esse chá, temperado com açúcar areado e acompanhado por magnificas bolachas francesas que lhe haviam dado, constituira para mim uma refeiçãozinha deliciosa que a minha gratidão jámais me permitirá esquecer.

Depois dêsta momorável gentileza, acompanhei o Teixeira para a sala de reunião, ondo existiam dois magnificos bilhares, um teatrinhe e dois pianos, dos quais um de cauda. Foi num destes pianos que um tenente inglês, dotado de uma prodigiosa agilidade, executou um selectissimo reportório de composições clássicas, que lhe valeram os mais calorosos aplausos.

Beethoven, Chopin, Liszt, Strauss, Schubert e Mendelsson, eis os autores que o nosso camarada britânico executou, segundo a opinião dominante, com uma certa ausência de sentimento.

Como informação incidental, deverei dizer que êste exímio artista se abeirou do piano na pitoresca *toilette* de chinelos e calção, desprovido das respectivas polainas, facto este muito freqüente entre os modernos prisioneiros que

ainda não tiveram tempo de substituir os artigos que a travessia das linhas lhes fizera perder . . .

Neste dia escrevi uma carta de seis extensas páginas, que depois soube nunca haver chegado ao seu destino.

Nesta carta transmitia eu as minhas impressões daquele dia, fazendo sentir que me não passavam ali despercebidos os três dias da romaria de Matosinhos, que o movimento verificado em tôrno daquele campo com tamanhas saúdades me fazia lembrar. E que, além dos carros eléctricos, começou circulando, logo na madrugada de 20, um pequeno comboio formado de carros, cujos tejadilhos, vistos do interior do campo, assim como a locomotiva que os arrastava, se assemelhavam com a nossa antiga *máquina* que por tantos anos fez o seu trajecto para a Foz e Matosinhos, passando pela Ervilha.

Que saúdades me fez todo êsse movimento, tão semelhante ao que a tais horas se estaria produzindo ao longo de Carreiros, sôb as janelas da minha casa!

A certas horas da tarde recrudescera êsse movimento, começando a ver-se passar alguns carros com um duplo pavimento, dos quais o superior podia ser por nós observado, assim como os passageiros que ali se comprimiam.

Estava junto de mim um pequeno número de rapazes do Pôrto e eu não pude conter-me que lhes não dissesse:

— Ah, meus amigos, como tudo isto me faz lembrar a nossa terra! Só faltaria que toda essa gente que nós ali vemos de regresso das

florestas, começasse cantando a *Vassourinha* e o *Amôr de Gêlo*, não é isso verdade?

— Positivamente!— disseram aqueles meus companheiros, recordando, como eu, o nosso querido Pôrto.

## XIV

EM 21 de manhã foi o meu grupo avisado da sua nova mudança de campo que teria lugar depois do almoço. Como esta prevenção me fôsse feita justamente no final de minha *toilette*, limitaram-se os meus preparativos a meter no sacco umas pequenas cousas que dêle havia tirado para meu uso, durante aqueles 3 dias que ali permanecera; e, pondo-o a tiracolo, dirigi-me logo à barraca do meu *bemfeitor* capitão Teixeira que para êste dia me prometera uma nova ração de centeio. Era de uma indiscutivel utilidade, esta oferta, especialmente no momento em que, mais uma vez, nos deslocavam para um campo desconhecido.

Foi com certo desgosto que aquele meu camarada recebeu a noticia da minha partida, com a qual aliás êle não contava, por haver solicitado a minha permanência ali, por intermédio de um general inglêz que o comandante do campo tinha numa alta consideração.

— Isso decerto se não entende comsigo!—

disse-me o Teixeira apenas lhe falei na trans-ferencia que nos fôra anunciada.

— Não sei — respondi-lhe.

— Oh, mas sabê-lo-hemos imediatamente— tornou o capitão. — Vamos ter com o general, que ontem me deu as melhores esperanças a respeito da sua conservação em Karlsruhe. ♦

A resposta do general foi infelizmente desagradavel:— Que tínhamos ido um pouco tarde com o nosso pedido — informou — pelo que fôra impossivel conseguir-se 'autorização superior que alterasse as ordens dadas.

Posto, porém, que me fôsse deveras agradável a companhia do capitão Teixeira, não desgostei de prosseguir viagem, à mercê do destino que me estava talhado.

Os officiaes franceses, que em Karlsruhe eram em número relativamente pequeno, talvez uns trinta, podiam socorrer com os seus viveres dois ou três camaradas que, como os portuguezes, se encontrassem ainda desprovidos de recursos do seu pais; mas evidentemente que outro tanto não poderiam êles fazer em favor de um tão elevado número, como era o que constituía a totalidade do nosso grupo.

Foi por isso que dois officiaes portuguezes que ali permaneceram por bastante tempo, anteriormente à offensiva de 9 de abril, o Djalme e outro, receberam sempre dos nossos camaradas franceses uma ração de *biscuit* e outros gêneros, absolutamente igual à que a êstes era distribuída, completando assim as deficientissimas refeições que em todos os campos alemães eram fornecidas.

— Pois tenho muita pena, meu tenente-

coronel—dizia-me o Teixeira—de nada se haver conseguido, porque fome lhe garanto eu que a não havíamos nós de passar. O nosso primeiro cuidado seria o de conseguirmos um quarto só para nós dois, onde pudéssemos estar à nossa vontade. Quanto ao resto, não lhe desse cuidado.

Neste momento havia-se acercado de nós um tenente italiano, de engenharia, simpático rapaz, com o qual eu travára ali conhecimento.

Lastimando também a minha inesperada partida, teve êste oficial a amabilidade de me oferecer dois grandes *biscuits*, provenientes do seu país, que, juntamente com a oferta do Teixeira, constituíam já uma excelente provisão para três dias.

—Eu avalio por mim quanto os senhores deverão sofrer! . . . — disse aquele oficial.

—Então os camaradas também estiveram muito tempo sem serem socorridos pelo seu govêrno? — perguntei.

—Cinco mêses! — respondeu — dos quais os quatro primeiros dias, gastos na nossa viagem do *front* até Rastatt, sem o menor alimento! Foi verdadeiramente horrível, meu camarada! — exclamou o tenente, acrescentando: — Olhe, coronel que quando chegámos ao campo russo, donde os senhores agora veem, a minha fome e a dos meus companheiros era de tal ordem, que muitos de nós se atiraram à herva que crescia nas bermas da estrada, comendo-a como animais.

—É como se explica uma tal deshumanidade para com os prisioneiros italianos? — perguntei.

—É que, como sabe, só nós, entregámos,

de uma vez, cêrca de trezentos mil homens; e, para, dar logo de comer a tanta gente . . .

— Sim, compreendo, porque cinco mil apenas eramos nós, e também nos conservaram dois dias sem uma côdea — disse-lhe o capitão Teixeira.

— Permaneceram durante muito tempo em Rastatt os officiais italianos? — perguntei.

— Uns mais, outros menos.

— Como está acontecendo comnosco, é claro.

— Eu, por exemplo — informou o tenente — apenas quinze dias lá estive, tendo vindo logo para Karlsruhe, donde ainda não sai.

— E aqui, experimentaram as mesmas faltas que nós outros? — perguntei ainda.

— Oh, sim! — respondeu — Fôram devêras dolorosos os primeiros dias da nossa permanência neste campo. Valeu, a um ou outro, o socorro muito particular de qualquer camarada que de nós se compadecia, e os marcos que doidamente esbanjámos.

— Não admira; apenas três dias aqui permaneceram . . . — disse sorrindo.

— Oh, mas diga, se não é segrêdo — pedi eu.

— Sim — reforçou o capitão Teixeira. — Satisfaça lá a curiosidade do nosso tenente-coronel.

— Embora eu não possa já aproveitar-me das indicações que me forneça . . .

— Infelizmente — disse o italiano. — Mas a coisa é muito simples: consiste em dar uma gratificação de dez marcos mensais ao cozinheiro alemão, que, assim, e mediante certa reserva, enche, minutos depois de cada refeição, uma caçarolazita que se lhe leve.

—Mas isso corresponde a duplicar o número, das refeições, não é verdade?

—Sem dúvida, meu tenente coronel.

—E á custa dos restantes camaradas, o que é infame — disse eu.

—Não é bem assim — explicou aquele oficial. — Os velhos prisioneiros, recebendo numerosas encomendas de suas familias e de diversas outras proveniências, acabam, de ordinário, por deixar de ir ao refeitório, sobrando assim muita comida, que o cozinheiro fornece aos mais necessitados, nas condições que lhe indiquei.

—Nesse caso não há prejuizo de terceiro. O abuso é apenas do cozinheiro; mas como a fome é negra, sem êsse abuso, tornar-se-ia muito maior o nosso sofrimento.

—É claro — concordei.

\*

\*   \*   \*

Entretanto sou chamado de uma janela da sua barraca, por dois coroneis sérvios, simpáticos camaradas, com os quais havia feito conhecimento naquele campo. Um deles, antigo professor da escola de guerra do seu país, criatura dotada de uma bela intelligência, havia comigo conversado largamente de véspera, deixando-me a sua vastissima erudição militar deveras maravilhado.

Aproximo-me daqueles camaradas que, penalizados, me falam da minha próxima saída para outro campo, e me oferecem cada um deles, após um grande abraço, mais seis *biscuits* fran-

ceses, que enchem de alegria a minha pobre alma de faminto!

Nunca mais poderei esquecer semelhantes gentilezas que, para mim, assumiram as verdadeiras proporções de uma esmola!

Do grupo formado junto da secretaria do campo, alguém me acena para que me aproxime. Deixo enfim os meus gentis camaradas e vou àquela secretaria, onde novamente me é imposta a entrega do dinheiro que possuía. Desta vez, porém, não era para o trocar por outro, mas apenas para, em seu lugar, me darem um pedacito de papel, onde se continha a indicação da quantia que ali entregara, num misero total de 80 marcos. Era o que me restava de 250 francos que eu conseguira trazer da Flandres, por isso que ainda me não haviam pago quaisquer vencimentos.

Preenchida esta formalidade, nova revista me foi passada, semelhantemente àquela a que tive de sujeitar-me quando ali cheguei.

Entrámos a seguir na fôrma, com mais trinta oficiais franceses que nos deviam acompanhar. Uma forte escolta, de baioneta armada, cerca-nos, escalonando-se os velhos soldados que a constituem, desde a testa à cauda da coluna que formávamos.

Postado em posição conveniente, um fotografo começa assestando a sua objectiva sôbre as nossas pessoas, cuja marcha o incumbiram de surpreender, para assunto de postais illustrados, que mais tarde nos seriam vendidos.

De longe, visto que após a revista nos era defêso comunicar de novo com outros prisioneiros, diziam-nos adeus os nossos camaradas que

ainda ali permaneciam, incluindo o Teixeira, que nunca mais voltou a encontrar-se com quaesquer officiaes portuguezes.

\*

\*

\*

Em sentido contrário ao da nossa vinda, atravessámos de novo a linda cidade de Karlsruhe que devéras lastimámos não ficar sendo o campo do nosso definitivo destino.

Mas onde iríamos parar desta vez ?

—Ao Hanover—dissera-me o major comandante do campo a quem ousadamente o havia preguntado.

Era tudo quanto, muito vagamente, êste official me podia ou queria dizer, declarando ignorar o nome do campo que nos fôra destinado.

Que iríamos fazer uma longa viagem, e eis tudo o que de positivo se conseguiu averiguar.

\*

\*

\*

Pelas ruas que, a caminho da estação, iamos seguindo, era, naquele dia, menor o movimento, como consequência talvez de haverem já findado os dias santos.

Uma interessante rapariga, em singela *toilette* masculina, de calção e bonet militar, acompanhava casualmente a nossa coluna, caminhando ao longo do passeio, na altura quasi da nossa fila testa que, do meio da rua, noutras

circunstâncias, lhe poderia até ter dirigido a palavra.

Este simples facto constituira bastante motivo para que os numerosos alferes que pela bela *fräulein* iam desfilando, lhe começassem fazendo o *pé* do seu respectivo pôsto.

Na estação era, porém, grande o movimento de passageiros, como de resto me aconteceu notar, sempre que na Alemanha viajei em caminho de ferro.

\*

\*       \*

O tempo que, desde a nossa partida de Rastatt, se conservára óptimo, oferecia-nos mais um dia verdadeiramente primaveril.

Desta vez, fôra pouco demorada a partida, mal tendo nós tempo de ocupar as carruagens que, pelo chefe da estação, nos foram destinadas.

Posto assim em marcha o comboio, começaram de novo sucedendo-se as estações, junto aos lindos povoados que, ora se nos ofereciam, espreitando curiosos por sôbre a espessa ramaria das florestas, ora se estendiam ao longo de vastíssimas planícies tapetadas de searas, onde riam alegremente numerosas constelações de papoilas.

Assim passaram por diante dos meus olhos as lindas estações de Durlach, Wingarten, Untergrombach e Bruchsal, formosíssima cidade, emergido da interminável floresta que nos vinha acompanhando.

Seguiram-se depois Ubstadt, Langenbru-

chen, Mingolsheim e Rot-Malsch, estação que a mesma floresta escondia sob as suas copadas árvores ; Wiesloch e depois Walldorf, junto da pitoresca aldeia dêste nome, onde existia uma importante fábrica de telha e mosaicos.

A marcha do nosso comboio fazia-se numa direcção sensivelmente do Sul para o Norte, acompanhando-nos, para a nossa direita, uma extensa montanha *boiséé*, a meia encosta da qual se viam numerosas povoações de recente construção, que por vezes se prolongavam para o imenso vale por onde caminhávamos.

Em St. Ylgen o vale alarga francamente, numa vasta planície, relvosa e policroma de culturas, onde se elevam, perfurando o espaço, algumas dezenas de chaminés de fábricas que assinalam aquele lugar como pertencendo a uma importante região fabril.

Assim, também em Kirchheim, no sopé da montanha que nos vem acompanhando, registei a existência de uma importante fábrica de serração de madeiras.

Eis que nos surge, enfim, uma grande cidade, que os soldados da escolta dizem ser Heidelberg.

Todos se levantam dos seus lugares, aproximando-se das janelas da carruagem para melhor poderem observar aquele grande burgo, cujo casario se nos oferece a uma curta distância, por ficar a estação situada em meio daquela cidade.

Foi de curta duração a nossa paragem em Heidelberg, permanecendo ali o comboio apenas o tempo suficiente para efectuar-se a competente mudança de agulha.

Supúnhamos que nos seria fornecida qualquer refeição no campo de oficiais prisioneiros ali existente. Alguns meus camaradas chegaram mesmo a conceber a esperança de nos destinarem a êsse campo, duvidando assim da informação do comandante de Karlsruhe que, excepcionalmente, nos saiu verdadeira.

Em breve, pois, o comboio recuperou a sua marcha retrógrada, até alcançar o desvio para a nova linha que nos devia conduzir a Frankfurt e, posteriormente, para a província do Hannover.

Foi Friedrischsfeld a primeira estação desta nova linha, junto da cidade dêste mesmo nome. Como Heidelberg, é também um centro fabril de grande importância, o que, de resto, se nota em quasi toda a Alemanha que percorri, onde a agricultura dos campos me pareceu um pouco sacrificada à indústria.

Não quero dizer com isto que não haja ali imensas culturas pois que, especialmente nesta região, livre das suas vastíssimas florestas, se não via um só palmo de terreno inculto, adoptando-se mesmo os mais práticos e adiantados processos no amanho das terras e aproveitamento das colheitas.

Reforo-me apenas a algumas zonas pantanosas de grande extensão que, devidamente drenadas, produziriam decerto magnificas culturas, e que se encontram inteiramente abandonadas.

Outras lindas cidades, de mais ou menos importância, e formosas aldeiazinhas se foram sucedendo, como Ladenburg banhada por um importante afluente do Rheno; Gross-Sachsen,

Heddesheim numa grande planície totalmente semeada de batata, que numerosos ranchos de mulheres sacham, com notável desembaraço e certa perícia.

Seguiu-se depois a risonha povoaçãozinha de Lutzelsachsen, num pitoresco lugar cortado de lindas estradas, e a cidade de Weinheim, paradisiaca povoação, caprichosamente alcançada na encosta dum gracioso outeiro, coberto de luxuriante floresta, onde murmuravam as águas cristalinas de imensos regatos, num poético e adorável concerto com o jovial assobio do melro, o terno canto das rôlas e o gorgueio suave duma infinidade de pintassilgos.

No cume desta elevação assentam as ruínas dum vetusto castelo feudal que um emaranhado de silvas e velhas trepadeiras envolvem por completo, como para autenticar a sua grande longevidade.

A Leste continua acompanhando-nos uma outra cordilheira *boisée*, cortada de profundas ravinas e muito semelhante àquela que, desde Rastatt, se nos vinha oferecendo.

A natureza, verdadeiramente esplendorosa, desta feracissima região, continuava fazendo as delícias da nossa viagem que decorria agradávelissima, mau grado a sensível carência duma refeição que, com tão belo apetite seria por todos recebida, naquelas alturas. Valeram-me, para entreter o vazio estômago, os abençoados *biscuits* do meu simpatico amigo Teixeira e os dos excelentes camaradas italianos e sérvios que, como aquele, eu conto também no número, assaz elevado, dos meus generosos bemfeitores.

A passagem do comboio em Laudenbach, marcou, segundo informações do oficial comandante da escolta, o final do Granducado de Baden e a nossa entrada no principado de Hessen.

Seguiu-se depois a linda povoação de Hepenheim, junto dum novo outeiro, menos pitoresco do que o precedentemente descrito, mas igualmente encimado por um elevado e esguio castelo.

A cordilheira que nos vinha aconpanhando, arredonda-se agora numa série de *mamellons* que se interceptam entre si, originando largas ravinas cobertas de arvoredos, cujas proporções se avantajam grandemente às da restante superfície daqueles grandes movimentos do terreno.

Na direcção de Oeste, continua estendendo-se a planície.

Benesheim. Eis uma grande estação, junto da formosa povoação com o mesmo nome, cujas lindas casinhas e elegantes chalets, duma recente construção, nos espreitam sorridentes, por entre um formoso arvoredos que se prolonga pela floresta até ao cume duma ciclópica montanha de que este povoado ocupa o sopé.

Acêrca de Auerbach encontro, no meu livrinho de notas, estas palavras com que tão singelamente defini a beleza dessa povoação:

—Um encanto!— escrevi eu.

E, encantadora era, na verdade, não só esta, como diversas outras aldeiazinhas que se lhe seguiram, emergindo tôdas elas de grandes macissos de arvoredos que, como enormes *bouquets*, envolviam as suas casinhas novas de côres alegres e elegantíssima construção.

Em tôdas as estações, rezam ainda as minhas notas, observa-se um grande movimento de passageiros, gente limpa, em que predominam, como sempre, as senhoras e as crianças.

Quanto à paisagem, continuára ela consistindo na soberba floresta, revestindo, para Leste, a cordilheira, de variável configuração que nos vem acompanhando, e na planície vastíssima que, para Oeste, se prolonga indefinidamente, coberta, como sempre por uma ininterrupta cultura do terreno onde, em vários talhões, eu começara notando os pitorescos matizes do lindo trevo florido.

Apenas, por havê-las registado, eu indico aqui mais as povoações de Cwingenperg, Biekenbach e Eberstadt, cidade lindíssima, num extenso vale de pinheirais.

Leio mais no meu *carnet* os nomes de outras cidades e interessantes povoações, como Darmstat, Arheilgn, Wixhausen, Eszhusen e Egelsbach, das quais esta última se assemelha extraordinariamente a Bemfica, nos arredores da nossa capital.

Sprendingen, Buchschallg e Neu-lsenburg, são povoações rodeadas de grandes pinheirais, de aspecto bastante diferente, porém, dos que crescem no nosso país.

Foi em frente desta última cidade que, indo o nosso comboio em vagarosa marcha, por haver deixado a estação, eu vi com os meus companheiros, uma interessante *fräulein* passeando, ao longo da linha, de braço dado com um esbelto oficial alemão, de que aquela levava na cabeça, onde o colocára com certa graça, o kepi que tirára ao seu feliz companheiro.

À nossa passagem, vendo-se observada por um tão elevado número de oficiais estrangeiros, que, numa desconhecida linguagem lhes faziam as mais divertidas referências, não pôde a *fräulein* deixar de sorrir-se, carregando fortemente o sobressenho o oficial que a acompanhava.

A estação de Frankfurt-Louisa, precedia a grande estação de Frankfurt, na importante cidade com este mesmo nome que, como é sabido, tem a significação de caminho dos francos, datando do tempo de Carlos Magno.

Transposto o Meine, afluente do Rheno, deu o nosso comboio entrada nas agulhas da imensa gare que, profusamente iluminada a poderosos fôcos eléctricos, se nos oferece em absoluto coalhada de gente. Ali foram despejadas algumas centenas de passageiros dos numerosos que certamente haviam ido passar no campo os três últimos dias santos e que nós víramos enchendo as diversas gares por onde vínhamos passando.

Como sempre, fomos os últimos a desembarcar, assistindo, das carruagens, não só ao esgôto de todos os passageiros que ali haviam saído, como ao embarque dos que na gare se encontravam. Sô mais tarde recebemos ordem do oficial comandante da escolta para descermos para a gare e entrarmos na fóрма, afim de irmos tomar a nossa refeição.

A fraqueza que todos sentíamos naquele momento, fez-nos receber um semelhante aviso com o maior entusiasmo. A breve trecho, a nossa coluna sai, pois, a porta da estação que nos dá acesso à Post Strasse. Seguimos por

esta rua, num percurso de cêrca de 100 metros, ao fim dos quais, rodando à direita, se desembocou numa grande praça, a Banhof Platz, que eu suponho ser um dos mais chics lugares de Frankfort.

Oh, que agradável surprêsa constituiu para todos nós aquela duche de civilização que nada ficava a dever à de qualquer boulevard de Paris.

— Mas, afinal, iríamos dar mais uma vez com os ossos em algum hotel, modelo Karlsruhe? — pensávamos.

O comandante da escolta não nos deu porém tempo para largas conjecturas, fazendo-nos entrar num barracão em ruínas que se encontrava naquela praça, destoando flagrantemente, por sinal, dos elegantes prédios que a circundavam.

Não cheguei a averiguar o motivo duma semelhante anomalia, mas apenas que se tratava dum posto qualquer da Cruz Vermelha, onde encontravam pousada e tomavam qualquer refeição todos os militares em trânsito, e especialmente os prisioneiros.

Numa sala defumada, de desconjuntado soalho, tecto baixo e paredes sujas, deu entrada o grupo de oficiais franceses e portugueses que constituíamos, tomando todos lugar em torno de algumas sebatas mesas de equilibrio bastante duvidoso.

O aspecto imundo daquela sala dava-nos a impressão duma taberna reles, que nada abo-nava em prol das iguarias que ali nos iriam servir.

— Mas porque nos não levou êste sujeito a qualquer restaurante da cidade? — preguntá-

vamos, indignados contra o comandante da escolta.

— E' que vocês esqueceram de certo que somos prisioneiros—observou alguém.

Neste momento, entram dois criados, transportando taboleiros de louça e talheres, que começaram colocando em frente de cada um de nós.

O serviço dêstes homens usando uma rigorosa *toilette* de criado de hotel *chic*, com os seus *smokings* brancos, era dirigido por um interessante rapazinho dos seus doze anos, que, como chefe ou *maitre-d'hotel*, se apresentava ali, não só de peitilho engomado e gravata branca, mas envergando uma elegante casaca e colete encarnado com botões amarelos.

O contraste daquele serviço, primoroso, com o lugar em que nos encontrávamos era tudo quanto havia de mais extraordinário; mas, no fim de contas, o que todos nós queríamos era comer, pouco se nos dando de que a *mise-en-scene* não fôsse completa.

Em seguida á distribuição da louça e dos talheres, começou a ser-nos servido o jantar, que consistiu num prato de macarrão guisado com carne picada e mais umas seis batatas cósidas. Esta refeição que tanto nos agradou, por sair da miserável vulgaridade das que na Alemanha nos vinham sendo fornecidas, ia já em meio, quando o oficial alemão nos avisa de que teria de pagar um marco e 20 pfenings cada um.

— Mas nós não temos dinheiro—respon demos.

— Não faz mal—tornou aquele— porque eu trago comigo todas as quantias que os senhores entregaram em Karlsruhe.

— Nesse caso, se pagamos — propôs alguém — não poderíamos tomar qualquer bebida?

— Sim — disse o oficial — excepto vinho.

Bebemos, pois, cada um sua laranjada, e, com o pão ou *biscuits* que levávamos comnôscos, completou-se uma refeiçãozinha que nos deixou deveras confortados (1).

Eram 6 horas quando terminou o nosso banquete, e só às 10 horas partiria o combóio em que deveríamos prosseguir na nossa viagem. O oficial deixou-nos entregues aos soldados da escolta, e fez-se ao largo. Era natural. Um alferes dos seus 25 anos, quando muito, não podia deixar de ir gosar um pouco as delícias daquela grande cidade, quando mais não fôsse, para ir jantar num magnífico hotel. E foi naturalmente o que êle fez.

Pela nossa parte, como também nos sentiamos com muito melhor disposição, do que a normal, apenas o oficial nos deixou, abrimos surrateiramente uma e depois as duas outras janelas do miseravel barracão em que nos encontravamos, e começamos de observar o grande movimento das ruas que, como em todas as cidades da Alemanha, consistia principalmente em velhos, crianças e mulheres.

---

(1) A má vontade do oficial alemão contra os officaes francezes era manifesta: Vendo o alferes que estes conservavam os kepis na cabeça durante o jantar, disse-lhes:

— Parece que é costume em França comer-se com a cabeça coberta? . . .

— *Ça dépend* . . . — respondeu-lhe, com enfado, o major Blandin du Chalat.

E nada mais.

Bastariam, porém, estas, para que todos os meus companheiros franceses e portugueses, se interessassem por esse movimento, que, por nos acharmos num *rez-do-chão*, e quasi à fala, portanto, deu origem a alguns episódios mais ou menos alegres que não vale a pena descrever neste lugar . . .

Arranjaram-se namôros, naquelas 2 horas de luz do dia, que nos restavam, com sorrisos, adeuses e beijos atirados com a mão, num movimento ou gesto verdadeiramente cosmopolita, o qual diga-se de passagem, não abo-nava, em demasia, em favôr das damas, embora interessantes, donde eles partiam.

Como nota da minha observação, deverei registrar o facto de a grande maioria das damas, como o dia estava fortemente calmo, passeiarem pelas ruas com o chapéu na mão, que punham e tiravam com a maior naturalidade.

Mesmo na nossa frente, encontrava-se o *Carleton-Hotel*, ao qual se seguia o Teatro Circo Schumann-Teater, para onde entrava imensa gente, por ali se estar dando um qual-quer espectáculo? . . . Não; essa casa estava servindo de posto da Cruz Vermelha.

A *Bahnhof-Platz* constituirá, pois, a nossa distracção naquela tarde, que não poderemos esquecer, por haver ela constituído uma das poucas situações agradáveis que na Alemanha se nos depararam.

Passam três velhotas, tipos de mulheres de recados do nosso Pôrto, muito pobremente vestidas, quasi andrajosas e sebentas, e calçando uns miseráveis chinelos de ourolo.

— No fim de contas — disse eu ao meu vi-

zinho na janela, o inteligente camarada Dr. José de Figueiredo — estamos aqui vendo tipos verdadeiramente meridionais, pois não é verdade?

— Não é isso — responde-me aquele. — Nós lá é que temos já muitos tipos como êstes.

— Talvez — concordei. — E não me admiraria nada se visse estas pobres criaturas nas ruas de Trás ou dos Caldeireiros daquela nossa cidade.

— Mas olhe que ali onde as vê — observa um outro camarada — e com toda aquela porcaria que as cobre, são capazes de ir conversando em alemão, umas com as outras . . .

Este dito que, entre muitos outros, fez as honras daquela tarde, foi logo registado em vários canhenhos, incluindo os de alguns camaradas franceses, aos quais tivemos de explicar o motivo da nossa hilariedade.

\*

\*

\*

O escurecer determinára-nos a fechar as janelas. É que deveria estar a regressar o alferes e muito conviria conserva-lo alheio ao abuso cometido, com o assentimento dos soldados, cujas boas graças nos foi, como sempre, fácil obter, mediante alguns marcos.

O comandante da escolta não tardou, de facto, a aparecer, com manifestos ares de quem havia jantado optimamente, a avaliar pelo grosso charuto que trazia na bôca.

— Meus senhores — disse êle — preciso agora saber se querem tambem ceiar, devendo dis-



O Manuel



tinguir-se, entre os que desejam a refeição quente para ser comida aqui, ou fria para poder ser transportada na viagem.

Todos declararam desejar a ceia, tomando o alferes nota dos que a desejavam fria.

Pelas nove horas entra de novo o asseado pessoal que nos havia servido o jantar, dando conhecimento ao alferes de que toda a refeição seria quente, em virtude de dificuldades surgidas à última hora.

Devo dizer que ninguém se desgostou com esta notícia, tanto mais que só um limitadissimo número de camaradas desejava prover-se da competente reserva alimentar.

—Não faz mal—diziamos quasi todos—*candeia que vai à frente é que alumia*.

O *menu* consistiu então numa abundante *hors d'œuvre* de salada de batata, a que se seguiu uma fatia de *roast-beef*.

Não havia mais que exigir, embora o atraso em que todos nós andavamos nos permitisse muito bem a repetição das duas refeições que naquele dia nos foram servidas.

No final da ceia, era quasi a hora da partida, circunstância esta que logo determinou a nossa marcha para a estação.

A imensa gare oferecera-se-nos mais uma vez, coalhada de passageiros, saindo uns e entrando outros, segundo direcções estabelecidas, e por fórma a não se interceptarem as duas correntes.

As carruagens em que havíamos viajado até ali, lá estavam à nossa espera, com os capotes e outros objectos que lá deixáramos.

Mas a ceia fizera-me uma sêde insuportá-

vel, porque o *roast-beef* estava um tudo nada picante.

O *bufet* da estação oferecia-se me ali a dois passos, e eu lembrei-me, assim, de pedir ao alferes para me deixar ir beber.

—Attendez—disse-me êste official; e desapareceu.

Momentos depois, vêjo, maravilhado, regressar o alferes, que, trazendo um copo de água, mo oferece muito naturalmente.

—Oh! Mas V. é muito gentil—disse-lhe eu...

—Um prisioneiro . . .

—Não tem nada isso. E' para V. vêr que os officiaes alemães não são tão bárbaros como os inglêses dizem.

Retomados os nossos lugares, em breve o combóio se pôs em movimento, caindo, pouco depois, cada um para seu lado, num sôno de que só, a um ou outro, muito excepcionalmente, acordava o ruído nas gares, por ocasião da nossa passagem pelas sucessivas estações.

Esta parte da viagem passou, pois, para todos nós, como se ela não tivesse existido.

No meu decidido empenho ainda de apontar o bem e o mal que por aqui vi fazer, dei registrar o amável convite feito pelo alferes alemão ao coronel Alves Pedrosa, a quem particularmente se dirige, nos seguintes termos:

—A Mr. le colonel, como mais graduado e mais idoso, convido para vir dormir numa das duas camas que possui o compartimento da carruagem onde eu viajo.

Todos nós gostámos de vêr esta deferência para com o nosso velho camarada, a quem o cumprimento do seu dever militar havia im-

posto sofrimentos e trabalhos que, por muito nos pezares a nós, muito mais lhe deveriam a êle custar a suportar.

O dia 22 de maio que amanhecera, como todos os anteriores, formosissimo, permitiu-nos disfrutar mais um pouco da nossa viagem, que, fazendo-se através de uma região de pastagens, oferecia ainda as suas belezas, mas sem o pitoresco das adoráveis paisagens de Baden e Hessen que no dia anterior havíamos gozado.

Aí pelas 6 horas tem o nosso comboio alcançado a estação de Cassel, onde o alferes alemão nos convida para um pequeno almôço.

—Estamos com o nosso homem—diziamos.

—Eu não vos dizia que só agora começamos a ser tratados como oficiais?—ponderou sentenciosamente um dos meus companheiros.

Num grande *hall*, onde se achavam postas seis grandes mesas, foi-nos servido um abundante chá, café, duas grossas fatias com queijo, outras duas com salame e um pequeno *cake*, a que todos fizemos as honras devidas.

—Já não são nenhuma criança—dizia-se ao meu lado—mas podem dizer-se duas mulheres ainda muito aceitáveis...

Eis os termos em que eu ouvira apreciar as duas desenhovalhadas criadas, já quarentonas, que, entre sorrisos e perguntas diversas, nos vinham servindo.

De novo nas carruagens, lá fômos prosseguindo na nossa viagem, que as eruditas informações do nosso camarada Figueiredo tornavam devéras agradável, tanto mais que êle havia permanecido dois anos em estudos na Alemanha.

*Cassel*. Foi aqui que residiu, por algum tempo, Jerónimo Bonaparte, o irmão do Imperador, quando aquele fôra rei da Westphalia.

Lá fôra naquela altura, existem grandes quedas de água, dentro do parque de um castelo que pertenceu ao Imperador, e no qual, em 1871, esteve preso Napoleão III. O castelo denomina-se *Wilhelmshohe*, termo que significa *Montanha de Guilherme*.

As estações sucediam-se, perdendo nós o primitivo entusiasmo de registrar os seus nomes.

Apenas os lugares mais interessantes constam do meu *carnet*, onde encontro *Munden*, linda povoação de elegantes chalêsinhos, assentando numa fertilíssima veiga banhada pela corrente de uma pequena ribeira, cujas águas prateadas ali serpenteiam docemente, escoando-se, preguiçosas, sôbre um macio leito, marginado de elevados salgueiros.

—Temos feito uma bela viagem, não é verdade? —perguntou o Dr. Figueiredo.

—Sem dúvida —concordámos.

—É' lindo isto, meu amigo, não é verdade? —perguntou o mesmo oficial médico ao alferes Guerreiro, com o qual o doutor muito costumava gracejar.

—Eu, se quere que lhe diga — respondeu este —ainda não vi nada que me fizesse abrir a boca; e, francamente, acho até que a Alemanha não tem nada de extraordinário que valha as expressões de assombro que lhe estou ouvindo.

—Mas você ainda não conhece nada da Alemanha — protesta o Dr. Figueiredo.

Fala-lhe do lindo vale do Rheno, de Berlim,

onde esteve dois anos, e de várias outras cidades.

O dr. Figueiredo é um músico distinto e fez ali uma verdadeira conferência sobre a arte e os artistas dêste país, acabando por dirigir ao seu inocente adversário estas eloquentes palavras com que todos riram, e pareceram vencer aquele nosso camarada.

— Olhe, meu caro Guerreiro—disse— Você da Alemanha conhece tanto como de Lisboa pode conhecer um gorila que apenas atravessou aquela cidade, quando o transportaram do cais de desembarque para o Jardim Zoológico . . . (1)

Entretanto, iam-se sucedendo as estações, através da provincia do Hanover, que se assinalava especialmente como região de vastíssimas pastagens, onde se faz uma larga criação de gado bovino.

É também região fabril de certa importância, tendo eu visto junto da linha uma grande fábrica do bem conhecido pneumático *Continental*.

A Natureza vai-se tornando mais triste, embora com as suas extensas florestas, que mais ou menos envoltas por uma certa bruma, são, de ordinário, o característico de toda a paisagem alemã.

Do meio duma dessas florestas, que reveste uma grande montanha, em frente da estação de *Nordstemmen*, eleva-se um suntuoso palácio gótico de recente construção, a que procu-

---

(1) Não podera dizer-se extramamente arravel o Dr. Figueiredo, na comparação estabelecida. Mas o Guerreiro não dera sorte . . .

rou dar-se todo o aspecto de um castelo medieval.

Pouco depois dávamos entrada na estação do Hanover, onde saímos para comer mais uma sopa que, embora magnifica por constar de macarrão, batata e carne, nos foi já servida numa pobre tijela de ferro esmaltado.

A seguir, demos novamente entrada no comboio, onde prosseguimos na nossa viagem até à estação de Wunstorf.

Daqui mudámos para um outro combóio de via reduzida, que nos conduziu a Uchte, donde teríamos de caminhar a pé para o novo campo que daquele lugar distava cêrca de 7 quilómetros!

A paisagem que há muito tempo vinha sendo triste, oferecia-se-nos ali verdadeiramente desoladora, especialmente na direcção do campo de Uchte-Moor ou Fuchsberg a que nos destinavam.

A palavra *Moor*, tem em português a significação de *pântano*, traduzindo-se assim por *Pantano de Uchte* o nome *Uchte Moor* pelo qual era conhecido o lugar para onde nos dirigimos.

Do novo campo todos nós ingnoravamos, naquele momento, ainda, não só o nome, pelo qual êle era conhecido, como as suas péssimas condições de salubridade que quási o tornavam inabitavel.

Aguardando a nossa chegada, encontrava-se na estação o capitão comandante, homem de facies severo, quási agressivo, a que muitos dos meus companheiros acharam uma rigorosa semelhança com êsse outro de Libano dos



Santos, que eu conhecera como tenente ajudante do regimento de infantaria n.º 5.

O alferes que nos acompanhava dirigiu-se àquele oficial, no intuito de prestar-lhe quaisquer informações, relativas ao serviço de que vinha encarregado, para o que se aproximou daquele seu superior, a quem, de calcanhares unidos, fez a continência regulamentar.

O Libano (como desde logo aquele capitão ficou sendo conhecido) limitou-se a corresponder singelamente ao cumprimento do seu subordinado, a quem nem sequer se digou estender a mão.

Verificada a exacta comparência ali de todos os prisioneiros, foi o coronel Alves Pedrosa escolhido pela sua idade, para efectuar, de carro, a marcha para o campo, seguindo a pé com idêntico destino, todos os demais seus camaradas, incluindo a minha pessoa.

Apenas deixamos as derradeiras casas da povoação deu a pequena coluna que formávamos entrada no pântano, sobre o qual os nossos passos, por vezes, se atolavam como se fôssemos caminhando ao longo de uma estrumeira trasmontana da Terra Quente. E' que, ao longo do pântano, estendia-se um vastíssimo tapete de turfa, que vários grupos de prisioneiros franceses andavam extraíndo para combustível.

A penosa marcha que íamos efectuando, pelas horas do sol e sob o pêso das nossas pequenas bagagens, determinára freqüentes altos que o comandante da escolta, sempre gentil para comnôco, nos concedera da melhor vontade.

Logo no primeiro dêsses altos se nos diri-

giu este official, informando-nos de que não seria longa a nossa permanência no campo a que nos dirigíamos, visto ser elle exclusivamente destinado a officiaes prisioneiros francezes.

—Foi o próprio comandante do campo—acrescentou—quem me deu esta informação, estranhando até que os officiaes portuguezes para aqui fossem mandados.

—Os senhores de certo não gostaram do seu futuro comandante...—disse o alferes.

—Evidentemente—respondemos.

No seu engraçado francês, disse então, francamente, este official:

—*C'est vrai, c'est vrai; monsieur le commandant n'est pas très joli...*

\*

\*      \*

Em vários arrancos, lá se ia arrastando a nossa marcha, ao longo do imenso pântano que, para Oeste, se prolongava até à Holanda, numa extensão duns 60 quilómetros.

Nem uma unica árvore se nos oferecia, na direcção em que avançávamos, sendo com uma grande mágua que, num retrospectivo olhar, eu via ficarem, cada vez mais distantes de mim, essas lindas florestas que, desde Baden, me vinham acompanhando.

—Mas a que obedeceria a ideia de formarem no meio deste pântano, um campo de prisioneiros?—preguntávamos.

—E' que... isto...—explicou, num sorriso, o official alemão—é... um campo de represália...

—Como assim?—estranhámos, indignados.

—Sim—confirmou aquele—de represália e, durante muito tempo, apenas destinado a sargentos.

Esta informação deixára os próprios camaradas franceses verdadeiramente desalentados, restando a todos nós a esperança de que a adaptação do campo a oficiais lhe teria introduzido quaisquer comodidades compatíveis com os tratados existentes entre a França e a Alemanha e dos quais certamente nos havíamos de indirectamente aproveitar.

—Vejam lá se êstes tipos mandam os nossos camaradas inglêses para um campo de semelhante categorial . . . —dizia um capitão francês.

Durante a longa caminhada, tornou-se forçoso fazer alguns altos, embora de pequena duração, porque nos escaceavam as fôrças e o calor apertava.

No primeiro dêses altos deu-se, porém, um facto que eloqüentemente definiu o ódio tradicional ou repulsão que existia entre franceses e alemães. Uma má vontade natural, quasi instinctiva, se exteriorisava, num recíproco desprezo, em que eu não sei de qual dos lados seria maior o rancôr. Jámais um oficial francês se referiu a um seu camarada alemão que não empregasse a palavra *boche*. Os das outras nacionalidades, especialmente o nosso portuguezinho tinha necessariamente que imitar, como em tudo o mais, simulando também um ódio mortal ao *boche*, quando, para variar, lhe não chamava teutão.

Mas, vamos a ver se consigo contar, decentemente, essa scena que eu e mais dois cama-

gradas portuguezes presenciamos, e me deu a medida dessa animadversão, que aliás eu vinha constatando, já dos vários campos de prisioneiros e que, durante aquela viagem em comum, se tornara deveras manifesta.

Haja em vista o reparo momentâneo do comandante da escolta, perante a semceremónia dos franceses, quando estes, em casual contraste conosco, se conservavam cobertos, durante o nosso jantar de Francfort, e a resposta sêca, quasi desprezível, que lhe foi dada pelo major Chalât.

Ora, desta vez, passava-se o caso, como digo, no primeiro alto que nos foi permitido fazer.

Aproveitara-se o aparecimento de uns escasos arbustos que excepcionalmente cresciam junto ao caminho que seguíamos, para, sentados junto deles, lhe aproveitarmos a quasi nula sombra.

O alferes, seu cachimbo na boca, olhar penetrante e facies vagamente irónico, permanecia em pé, de mãos atrás das costas, junto da miserável caravana que formávamos, sentados uns, estendidos muitos, sobre o solo e um ou outro em pé, como a mim acontecia. O desalento físico e moral que de todos nós se apoderara não poderia ser maior. Ninguém falava, embora talvez todos meditassem.

O major Chalât afastara-se alguns metros, mediante prévio consentimento do alferes, até ocultar-se com a exótica folhagem que se lhe oferecia; e fácil era de adivinhar o que elle para ali fôra fazer . . .

A breve trecho, porém, um indiscreto som agudo, semelhante um clarinete, se tornara audível.

Vinha do lado de lá do pequeno arbusto que ocultava o major Chalat, e a ninguém pudera ter passado despercebido, no meio daquele silêncio, em que apenas se ouvia o vago zumbido de um grande enxame de moscas.

Todos, mais ou menos, sorriram, perante o pitoresco fenómeno, excepto o alferes alemão, que nos deixara a impressão de nada ter ouvido. Á sua face pálida de gazeado, subira, porém, uma onda de sangue; e uma forte contracção dos lábios denunciara a cólera que de súbito o invadira.

A irresponsabilidade do facto, tão natural, aliás, impunha-lhe, na verdade, o discreto silêncio a que inteligentemente se remetera. Mas, passara pelo grupo onde me encontrava, e, sentindo a necessidade de um desabafo, murmurou entre dentes:

—*C'est la Marseillaise . . .*

Nenhum oficial francez poderia ter ouvido semelhante insolência, que, como tantas outras, nada tinha de pessoal, mas que grosseiramente iria ferir o sentimento nacional daqueles nossos camaradas, com os quais, naquela situação mesmo de prisioneiros, teria sido inevitável um conflito.

Pela nossa parte, não obstante o incontestável espírito contido na pesada expressão do alferes, sentindo-nos, de certo modo, atingidos por aquelas palavras, fingimos, discretamente nada ter ouvido; e, apenas, quando a coluna que formavamos retomava a marcha, fôra largamente referido e comentado o facto, entre os três que o haviam presenciado.

XV

Só após uma hora de marcha nós começámos a divisar, por se projectarem no horizonte, os contornos do abarracamento e os vários postes que o limitavam, destinados à suspensão dos candieiros que faziam a sua iluminação.

A visão desses barracões deu-me um pouco a impressão da praia de Parámos, em Espinho, com as suas barracas de pescadores, e os numerosos mastros correspondentes ás diversas *campanhas* que ali seriam representadas pelos postes a que me refiro.

Ao fim de quasi duas horas de extenuante caminhada, transpusemos enfim a sólida vedação de arame farpado, dentro da qual, mais uma vez, iríamos ficar engaiolados.

Não poderei descrever nunca a dolorosa impressão que a minha alma sentiu, ao penetrar nesse recinto desconfortável, para onde acabavam de arrastar-me, como se fôra um degredado.

Em cada um dos meus companheiros pude eu ver, como em outros tantos espelhos,

o miserável aspecto que naquele momento oferecia.

Os fatos rotos e em desalinho, de golas sujas e desabotoadas, achavam-se totalmente cobertos por uma espessa camada de poeira, que se estendia para os nossos rostos, onde um abundante suor a dissolvia, em grossos pingos que sentíamos correr ao longo das faces.

Um numeroso pessoal, de agressivo aspecto, aguardava-nos à porta de uma barraca, onde nos iria ser passada a competente revista, que alguns dos meus camaradas tanto receavam, por trazerem consigo ainda algum dinheiro francês, com o qual poderiam, a todo o tempo, tentar uma evasão.

Quanto a mim, apenas os folhetos, contendo as minhas notas, eu tinha todo o empenho de sonegar, por fórma a evitar a inutilização do meu trabalho, até àquela altura.

Já em Karlsruhe eu havia sumido êsses folhetos, com magnífico resultado, metendo-os entre a camisola e a camisa; mas a nossa coluna, que havia já feito alto em frente da barraca a que aludo, estava sendo atentamente observada, não podendo assim eu passar facilmente da saca para aquele lugar, uma coisa tão volumosa sem chamar as atenções de alguns dos esbirros que tinha na minha frente.

Aguardei, pois, os acontecimentos, até ao momento da revista, para a qual eu e mais cinco camaradas da direita da fracção que constituíamos fomos, a breve trecho, chamados.

A revista, muito mais rigorosa do que a de Karlsruhe, teve apenas a vantagem de ser um

pouco mais tumultuariamente feita, por incidir ao mesmo tempo sôbre seis oficiais.

Embora, pois, me fizessem despir o dolmen e descalçar as botas, tornou-se-me relativamente fácil o esconder os meus papéis sob a camisa, no momento em que o sargento que me tomára à sua conta teve de volver as suas atenções para o major Freitas que, num estado de nervosismo difficil de descrever, protestava, em termos incompreensíveis, contra o abuso de lhe tomarem conta da carteira com os retratos da familia e outros papeis de importância, de que não queria de forma alguma separar-se.

Eu não tinha sequer pensado na minha carteira que, por milagre, escapára numa algibeira exterior do dolman ao exame do sargento.

Quanto aos folhetos, não poderia ainda considerar-me inteiramente seguro, por isso que me faltava ainda o ser devidamente apalpado.

Quanto me custou o ter de sujeitar-me a um semelhante vexame como êsse de ali ser brutalmente apalpado por toda a parte, especialmente nos pontos onde mais suspeitavam de que se pudesse esconder uma bússola, carta da Alemanha, dinheiro ou quaisquer outros objectos que nos pudessem facilitar uma evasão!

O sargento alemão começára apalpando os foles do meu calção quando eu, num assômo de indignação, lhe chamo a atenção para os meus galões de tenente-coronel, gritando-lhe esta palavra, que por acaso moderou a fúria de apalpador:

— *Oberstleutenant!* (Tenente-coronel).

— *Ya!* — fez, êle deixando-me logo em paz e pegando-me no dolman para mo ajudar a vestir.

Deveras satisfeito com o meu expediente, que me havia salvado os manuscritos, passei dali com outros oficiais para uma grande barraca, no género da de Rastatt, onde um outro sargento me quere distribuir uma cama no meio dos demais oficiais que me acompanhavam.

Fiz logo o meu protesto em francês, declarando ser oficial superior; mas aquele sargento também desconhecia esta lingua.

Era, pois, mister recorrer, mais uma vez, a essa palavra de que tão completo resultado eu colhera, momentos antes:

— *Oberstleutenant!* — disse, pois, eu. E um idêntico successo ao primeiro acolheu a nova prevenção que eu fizera a êsse homem, o qual immediatamente me conduziu a um pequeno quarto que existia ao fundo da barraca em que nos encontrávamos.

Este quarto, de simples táboas mal ajustadas, dando livre curso à luz do exterior, possuía, como mobília, uma cama semelhante às de Rastatt, uma nojenta mêsca, junto da qual se viam dois môchos tôscos, do modelo de todos os que se encontram nos diversos campos de soldados: Uma pequena bacia do rosto e uma toalha de estôpa, eram os únicos utensílios de *toilette* que ali se encontravam; esta falta de comodidades não me preocupava contudo, demasiadamente, desde que uma melhor alimentação me fôsse proporcionada naquele campo.

Sai, pois, ao encontro dos meus compa-

nheiros que logo me dispararam as mais téticas informações, colhidas entre um outro grupo de camaradas portugueses, que nos havia precedido, e ali se encontrava há oito dias. Dois deles, os majores Montalvão e Andrade Perez, não precisariam queixar-se para que, ao vê-los, eu não ficasse ajuizando da grande fome que deveriam ter experimentado. Os seus rostos, emagrecidos e pálidos, de fundas olheiras e precocemente envelhecidos, constituíam, por si sós, uma autêntica revelação do sofrimento físico que vinham passando.

— Duas sôpas aguadíssimas, representando a primeira o almoço e a segunda o jantar — informaram-me aqueles dois oficiais — eis a que se reduz a nossa alimentação, neste maldito campo.

— Mas, assim, é impossível resistir-se! — disse eu.

— Não lhe reste a menor dúvida. — volveram aqueles — A grande maioria dos nossos camaradas com certeza se vai abaixo.

— Eu pasmo, realmente, com o estado de abatimento em que os venho encontrar a todos — disse-lhes eu.

— Você vai de caminho vêr em que consistiu o nosso jantar de hoje que é, de resto, como o dos demais dias da semana — informaram.

— E' melhor, pois, ir-se dirigindo ao refeitório para beber essa coisa líquida a que chamam jantar, e depois nos contará as impressões que ela lhe deixou. Hoje ainda a falta lhes não há de ser muito sensível, porque veem amparados com as substanciais sopinhas de

Frankfort e do Hanover; mas, daqui a dois ou três dias, em a barriga se lhes começando a pegar às costas, verão o que é sofrer!

—Ora o que eu quereria, antes de mais nada, era um grande púcaro de água, porque venho com uma sêde devoradora—disse eu— Com êste grande calor e a caminhada . . .

—Água?! . . . —fizeram os meus camaradas.—Até essa aqui nos falta.

—O quê? —estranhei.

—Sim, a água é fornecida em rações mínimas—informaram—poisque, como Você deve ver, estamos no meio de um grande pântano, onde a água pestilenta, extraída pelas bombas que aí vê, nem para lavar a roupa serve. Além de não dissolver o sabão, uma tal água dá aos tecidos uma côr amarela que difficilmente lhes torna a sair, chegando também a mudar a côr aos cabêlos!

—Desisto então de beber; mas isso é horrível!

—Não, não; um copo de água sempre se lhe poderá arranjar.

È, depois de, em vão, nos dirigirmos a dois camaradas, conseguimos que um terceiro me desse um pequeno copo de água potável, que mal me chegou para lavar a garganta da poeira que para lá havia entrado, durante a longa caminhada.

—Mas Você precisa agora de ir *beber* o seu jantar—preveniram os meus camaradas.—Veja lá, não vá esquecer-se . . .

Ao voltar-me, aproximam-se de mim dois meus companheiros de viagem que, verdadeiramente indignados, me perguntam :

—Você já viu o belo colchão que nos está reservado?

—Não . . .

—O quê! . . . Pois não sabe que tem de dormir em cima de um mólho de lenha?

—Como assim?

—É' isto que lhe digo, meu tenente-coronel.

E os que me acompanhavam confirmaram:

—Não tenha Você a menor dúvida; o miolo dos colchões, neste campo, não é mais do que a pura urze do monte, com os respectivos canhotos que, durante a noite, nos vão pôr o corpo numa perfeita salada.

—Mas isso é uma infâmia!—disse eu.

—Que todavia o meu amigo terá de grammar, enquanto aqui estiver.

Dali fômos, emfim, para o célebre jantar, o qual absolutamente correspondeu ás referências que pelos meus camaradas lhe vinham sendo feitas.

Um perfeito escárneo!

Dentro de diversas bacias que ali funcionavam de terrinas, continha-se uma água morna, de côr duvidosa, onde nadavam meia dúzia de sementes negras, com todo o aspecto e proporções dos joios que os moleiros honestos das nossas terras escolhem do trigo, antes de o lançarem para dentro da tremonha.

E mais nada! Era tudo!

Aquilo seria incontestavelmente a morte de todos nós, a não ser que um assômo de generosidade viesse tocar o negro coração do nosso feio comandante.

À salda do refeitório eramos, eu e os meus companheiros, aguardados pelos oficiais que já

se encontravam há dias em Fuchsberg, para nos pedirem as nossas impressões ácerca da miserável refeição que acabava de nos ser servida.

O nosso silêncio que (tão infelizes como nós outros) aqueles camaradas respeitaram, disseram-lhes mais do que a mais forte explosão de cólera em que pudésemos haver desafogado a grande indignação que naquele momento sentíamos.

—Mas isto é assim todos os dias?— perguntei.

—Invariavelmente—respondia todo o mundo.

Um ligeiro passeio em torno ao campo que a seguir fui dar com o Dr. Fernandes, permitiu-me vêr um pequeno cemitério que o comando improvisára do lado exterior do arame, onde vimos logo algumas tôscas lápides marcando as sepulturas de alguns desventurados prisioneiros que a fome certamente para ali havia lançado.

—Se isto não muda depressa, meu amigo—disse-me o Fernandes, tristemente—não tardamos em dar ali com os ossos! . . .

—Oh, não; Deus há-de compadecer-se de nós—respondi eu àquele meu amigo, verdadeiramente aterrado com o que acabava de lhe ouvir; e, mais triste que uma lágrima, dirigi-me silencioso com este oficial para a barraca, onde teríamos que aproveitar a frouxa luz do crepúsculo para nos deitarmos, visto não possuir aquele campo outra iluminação que não fôsse a que exteriormente o circundava.

—Coragem, meu amigo! disse emfim, num estreito *shake hands*, ao meu desalentado com-

panheiro, no momento de nos separarmos — E  
bôa noite . . .

—Bôa noite—volveu-me aquêle.

E deixámo-nos.

\*

\* \* \*

Quando dei entrada no meu quarto, achava-se êste já mergulhado numa meia treva, por efeito não só de a noite se avizinhar, como por se encontrarem quási inteiramente cerradas as portas das duas janelas que êle possuía.

Como, porém, precisava de luz para me deitar, abri logo essas portas que nunca mais tornei a fechar, enquanto ali permaneci, por se acharem as janelas providas de vidraças, e não dever reçar que me fossem ali roubar os meus haveres . . .

Olhei para o exterior, não vendo na minha frente mais que o imenso pantano árido e nú que, numa infinita planície, se estendia desoladoramente para Oeste, em cujo horizonte se esbatiam já, em longas pinceladas, as rubras tintas de um afogueado poente.

Que desagradável contraste aquêle com o da adorável paisagem que eu disfrutava da minha janela de Rastatt!

Onde estavam as lindas arvores dessas soberbas florestas de Baden que os assobios do melro, os gorgeios dos pintasilgos e o suave murmúrio das águas tornavam tão aprazíveis?!...

—Oh guerra maldita, que duríssima prova tu me tinhas reservado!—pensava eu—Não era,

impondo um tão duro sofrimento aos vencidos que um exército, que se preza de ser o primeiro do mundo, cumpre e respeita o grande preceito que manda usar da máxima generosidade na vitória.

Eram 9 horas e meia, e a fome, essa minha quasi inseparável companheira, desde 9 de abril, começava mais uma vez a atormentar-me com as suas imperiosas solicitações.

Restavam-me ainda seis daquelas preciosísimas bolachas de Karlsruhe, com as quais eu podia iludir um pouco a necessidade daquele momento.

Mas eu era obrigado a usar de uma certa economia, na utilização dessa minúscula reserva alimentar, por fórma a não a exgotar inteiramente naquela noite!

Lancei, pois, mão de um pequeno embrulho, onde se continham os seis *biscuits* dos meus camaradas sérvios, tomando um deles que vagarosamente rilhei para me dar um pouco a ilusão de um mais amplo repasto.

—Chegam-me para três noites como esta, pensava eu—a dois *biscuits* por cada uma destas ceias.

Nestas condições, tomei o segundo *biscuit* que levei naturalmente à bôca, chegando ainda a ferrar-lhe os dentes.

—Mas...—ocorrera-me de repente—o que hei de eu comer de manhã com essa água chilra do café?

E emendando tristemente a mão, disse para comigo:

—Primeira fórma...

E, coloquei, de novo, no seu lugar aquele

misero *biscuit*, que para mim ficou sendo histórico. Sobre êle notara eu no dia seguinte, os vestígios da dentada que, com tão excelente apetite, lhe havia dado naquela noite

Passei depois a abrir a cama, cujo aspecto era absolutamente idêntico ao da masseira de uma padaria. E não me haviam enganado os meus camaradas nas pitorescas referências que haviam feito ao *miolo* do colchão em que teria de dormir:

Era de urze autêntica, mas da mais grossa, sob minha solene palavra de honra o declaro aqui; e, dessa urze, eu conservo ainda uma pequena amostra que comigo trouxe, como *souvenir* que, já agora, há de fazer parte do pequeno museu da guerra que, a pouco e pouco, venho reunindo.

Mas eu não poderia, de fôrma alguma, deitar-me naquela cama, sem, pelo menos, atenuar um pouco os perigos a que me expunha o agressivo colchão. Estendi-lhe, pois, por cima uma das duas mantas que na cama existiam. E foi, por uma tal deliberação, que, entre ferir o corpo e apanhar algum frio, eu optei imediatamente por este.

Ainda assim difícil se me tornou adormecer, sendo preciso ir com a mão, mesmo às escuras, procurar os mais grossos pés das urzes que me magoavam, e cortá-los, após, com não pequeno esforço. Tais cuidados não impediram, porém, que, de manhã, eu acordasse tão moído como se houvesse recebido uma valente tarefa.

Apesar também de estarmos em fins de maio, as noites arrefeciam horrivelmente, no meio, daquele pântano, o que me fazia lastimar

deveras a falta da manta que me via obrigado a colocar debaixo de mim.

\*

\* \*

Logo de manhã cedo, com grande espanto meu, fôra eu despertado pelo alegre chilrear duma andorinha que depois verifiquei ter o seu ninho sob os beirais da barraca, próximo duma das janelas do meu quarto, pela qual entrava uma larga réstea de Sol.

—Oh abençoada avezinha!— esclamei de véras comovido—como te arrojaste a vir fazer a tua casa e criar os teus filhinhos neste lugar ingrato, que é a mais completa negação da vida, o mais flagrante contraste com a suave alegria dos teus gorgeios? Acaso desconheces essas formosas cidades e adoráveis aldeiazinhas que, desde Baden a Essen, se perdem pelas florestas, ou se espalham, como sorrisos, ao longo de maravilhosas campinas? Oh não, não to permitiriam a magestosa largueza dos teus vôos e o tentador convite que à tua asa soberana devem fazer os lindos horizontes que se te oferecem! Como pudeste, pois, trocar o sublime encanto dessas doces paisagens pela horrível desolação dêste pântano da morte?!...

A andorinha continuava chilreando, não sei se para responder às perguntas que eu lhe estava fazendo; e eu pensei então que, decerto, fôra o bom Deus quem a mandára saúdar os pobres prisioneiros, no triste destêrro que a ferocidade dos seus inimigos lhes acabava de impôr.

—Há, pelo menos ar, luz e andorinhas em Fuchsberg . . . — disse eu, saindo da funda masseira onde passára a noite—e o colchão, com mais meia dúzia de calcadelas como a desta noite, vai decerto ganhar uma còvinha, onde acabarei por acomodar-me como em sumaúma... Tenho apenas de partir-lhe, com muito geitinho, os mais grossos troncos da urze que me feriram esta noite; mas isso é operação que, só de surpresa, se póde levar a efeito, no momento de estar deitado.

Erã 7 horas. No exterior, apenas um ou outro madrugador oficial francês passava em camisola com a bacia da cara cheia de ensaboados que ia esfriar junto à bomba, na água salôbra e pestilenta que, num esforço estenuante, êle teria de trazer à superfície.

Apenas os numerosos padres liam os seus *breviariuns*, passeando, vagarosamente, sôbre uma relva, ou ao longo dos vários arruamentos que se estadiam junto às barracas.

Existiam em Fuchsberg 15 sacerdotes prisioneiros que, no exército francês, haviam geralmente desempenhado os seus serviços nas ambulâncias, pelo que todos êles usavam o respectivo braçal da Cruz Vermelha.

Pertenciam êstes beneméritos a diversas ordens religiosas, e todos êles ostentavam, pregado nas suas fardas, sob as honrosas insignias da Cruz de Guerra ou Legião de Honra, um grande crucifixo em metal, com que verdadeiramente faziam a distinção da sua classe.

De longas barbas e envergando os seus humildes uniformes de soldado, eram estas

prestimosas criaturas, na sua grande humildade, deveras queridas e respeitadas pelos seus comandantes que, officiosamente, lhes confiavam, de ordinário, junto dos batalhões, a apreciável missão de capelães.

Existiam entre estes eclesiásticos, alguns dotados duma elevada cultura, especialmente o talentoso *père* Allain, da ordem dos Trapistas, que os próprios colegas apontavam como um sábio.

Esta simples informação assumiu, para os officiais católicos portuguezes, as proporções dum acontecimento importante, no nosso primeiro domingo de Fuchsberg, em que ao *père* Allain coube, casualmente, a vez de celebrar missa no mesmo refeitório do campo que, para tal efeito, era, nestes dias, transformado em capela.

Numa eloqüente oração, a propósito do Evangelho daquele dia, prendera o intelligentissimo e simpático sacerdote a numerosissima assistência que, por parte especialmente dos meus camaradas franceses, ali era quasi geral.

Não só a grande concorrência destes officiais ao sacrificio da missa, mas ainda os lindos cânticos de que todos eles, sem a menor excepção, o faziam acompanhar, acercando-se, em numero de 100 ou mais officiais, com as suas condecorações, da mesa da comunhão, constituíram factos que muita admiração me causaram, tendo, outrossim, produzido um exemplo que, não deverei negá-lo, deveras frutificou entre os officiais portuguezes.

O *Nous voulons Dieu*, cuja música quasi todos os officiais portuguezes conheciam muito

bem, era, com grande entusiasmo, entoado pelos nossos camaradas franceses, aos quais, entre outras, ouvi a seguinte quadra, em que, ao seu grande patriotismo está aliada uma profunda crença religiosa:

*Nous voulons Dieu, dans notre armée,  
Afin que nos vaillants soldats.  
En defendant la France aimée,  
Soient des heros dans les combats.*

O numeroso grupo respondia, com verdadeiro *entrain*:

*Bénis o tendre mère  
Ce cri de notre foi.  
Nous voulons Dieu  
C'est notre père:  
Nous voulons Dieu  
C'est notre roi (1)*

Por ser uma produção de adorável beleza literária, não deixarei também de oferecer aos meus queridos leitores os lindos versos que, na festa solene de *Corpus Christi*, em 30 de maio, eu ouvi cantar, durante a missa, a um jovem tenente do 482.º de infantaria, oficial-aviador três vezes ferido em campanha, osten-

(1) Não sou nenhum ateu; mas confesso que tinha imensa pena de não possuir a crença daqueles meus camaradas, homens de elevada cultura de espirito, inteligentes, e, na sua generalidade, uns admiráveis heróis.

tando além da Legião de Honra, a Cruz de Guerra, com três palmas e numerosas estrélas que, para esta insignia, representam uma elevada distinção :

*Seigneur, vous avez fait des merveilles sans nombre:  
Les champs et les forets, sous les grands horizons.  
Les vallons, les sommets, teints de lumière et d'ombre,  
Les mobiles saisons.*

*Vous avez fait d'azur une voute sereine  
Qui repose les vœux, sans borner l'infini;  
Vous avez embaumé les sentiers de la plaine (bis).  
Mon Dieu, soyez beni.*

*Vous avez fait les eaux, miroir où tout s'imprime,  
Rivière qui murmure, ou torrent qui mugit;  
Vous avez fait les flots, dont la fureur sublime  
Epouvante et ravit;*

*Vous avez fait l'épi, vous avez fait la rose  
Et l'oiseau, roi léger du monde aerien;  
Vous avez fait, Seigneur, une plus belle chose (bis)  
Une âme de chretien.*

*Et cette âme, Seigneur, vous l'avez accablée  
Des traits de votre amour et de vos dons divins  
En la créant, déjà vous l'avez égalée  
Aux brillants Seraphins.*

*Vous avez fait pour elle une immortelle vie.  
Et pour elle, ó Seigneur, vous avez fait aussi,  
La haut, votre beau ciel, ici l'Eucharistie (bis)  
Merci, mon Dieu, merci.*

Estes versos, sob o titulo *Merveilles de la Création*, foram feitos pelo cónego Bolastand, tendo-me sido oferecidos pelo père Allain, a que anteriormente me refiro.

Desgostava, naturalmente, os humildes eclesiásticos a manifesta má-vontade do intratável comandante do campo, que, apenas aos domingos, lhes facultava lugar onde elles pudessem celebrar missa. Ora eu possuia, como disse, um

quarto que me fôra distribuido em atenção à minha graduação, semelhantemente ao procedimento havido para com o coronel Pedrosa.

Supondo que eu acederia de bom grado ao seu pedido, fez-me sentir o père Allain o seu grande desejo de que, pelo menos, dois padres rezassem missa no meu quarto, a qualquer hora da manhã, em que menos incómodo isso me causasse.

Escusado será dizer que, desde então, passaram a celebrar-se muitas missas diárias no meu pequeno quarto, as quais se prolongavam desde as sete da manhã, até cêrca das onze horas, a duas que, ao mesmo tempo, tinham lugar sôbre a única mesa de que eu ali disponha (1).

\*

\* \*

Dois dias após a nossa chegada a Fuchsberg constou aos nossos camaradas franceses que o Comité de Assistência aos seus prisioneiros, lhes havia mandado grande quantidade de caixotes com *biscuit*. Na verdade, o govêrno francês forneceu sempre bolacha aos seus prisioneiros numa abundância que excedia bastante, não só na qualidade como na quantidade, da farinha, a ração que normalmente na Alemanha lhes era distribuída.

---

(1) O registo dêste facto rendeu-me, após a publicação dêste livro, a fama de reaccionário, como a fôrma correcta das minhas referências aos alemães, semelhantemente, me grangeou a de germanófilo...

Foi grande a alegria manifestada por aqueles nossos camaradas que, tão famintos como nós outros, até àquele momento, passariam, desde então, a alimentar-se um pouco melhor.

Quanto a nós portugueses é que teríamos, infelizmente, de continuar a curtir as mesmas necessidades, até que o governo português ou a nossa Cruz Vermelha se amerceasse de nós, pelo grande sofrimento por que estávamos passando.

Mas que horrível situação a dos prisioneiros portugueses, sem ao menos possuírem um contracto internacional que regulasse os seus direitos e obrigações!

Também não possuíamos um Comité de Assistência que zelasse os nossos interesses, não havendo talvez possibilidade de o formar. E' que se encontravam bastante disseminados os nossos oficiais, não constituindo, assim, o número de *cem* que seria preciso existir em qualquer campo, para que, em face do contracto franco-alemão, esse Comité se pudesse organizar.

Que desgraçada situação a nossa!

A anemia começava já lavrando, assustadoramente, nos oficiais de mais débil compleição, tornando uns verdadeiramente esqueléticos e abatendo outros, como o meu colega Sande e Lemos, que perdera nada menos de 25 quilos em 2 meses!! (1)

Quanto a mim, apenas abatera 9 quilos,

---

(1) Bastante obeso, desaparecera-lhe a barriga, pelo que passou a apertar as calças nos botões dos suspensórios!

diferença esta que eu notava apenas nos braços e nas pernas, e se tornava quási despercebida na face, pelo que os meus camaradas me achavam todos de uma apparencia magnifica, não obstante os insistentes protestos que eu lhes vinha fazendo contra o excepcional favoritismo do milagroso S. Benedito.

O contraste do valioso auxilio recebido pelos nossos camaradas francezes, com o abandono a que nos sentiamos votados, determinára em mim um forte desalento, em que, naturalmente era acompanhado por todos os meus companheiros.

Estendido sôbre a minha desconfortavel cama, no duplo intuito de amaciá-la um pouco durante o dia e de poupar, quanto possivel as minhas energias, vejo eu o Dr. Fernandes entrar a porta do meu quarto que, num alegre sorriso, me avisa para comparecer na sala do refeitório.

— Mas, o que significa toda essa alegria meu caro Doutor? Acaso a miseravel sôpa que vamos comer justificará uma tão boa disposição de espirito?

— Mas é que não se trata da sôpa, meu amigo.

— Não percebo . . .

— São os *biscuits* dos francezes, venha daí.

— Será possivel!—estranhei, saltando, num pulo, para fóra da maceira.

— E' como lhe digo — confirmou o Dr Fernandes. — O major Blandin du Chalat acaba de ordenar que aos officiaes portuguezes seja diariamente distribuida uma ração de *biscuit*, absolutamente igual à dos nossos camaradas francezes.

— Mas isso é uma gentileza que, na presente conjuntura, tem, para nós, a mais alta significação!

— Sem dúvida, meu amigo; mas venha daí que não há tempo a perder.

Apenas entrámos no refeitório, depararam-se-nos grandes montes de *biscuits* que os oficiais franceses haviam encastelado em frente de cada prisioneiro, sem distinção de nacionalidade.

O meu lugar, para onde lancei um rápido olhar, apenas ali dei entrada, não fôra pois esquecido.

Qual sonho fagueiro, o meu quinhão atingia o fabuloso número de 36 *biscuits*, com que eu iria fazer a consolação de um estômago faminto, durante aqueles sete dias mais próximos!

— Já se não morre de fome! — declarou o Dr. Fernandes, meu visinho fronteiro, à mesa do refeitório.

— Não — confirmou o tenente-médico Figueiredo, igualmente meu vizinho, naquela sala: — Com êstes cinco *biscuits* diários já nos agüentamos sofrivelmente, até à vinda das encomendas que, dentro de um ou dois meses, nos deverão chegar de Portugal.

E assim fôra levantado poderosamente o estado moral e um pouco o fisico dos desventurados prisioneiros portugueses . . .

\*

\* \*

Este generoso auxílio, que tão imprevistamente nos começara a ser prestado, prolongára-

se por todo o tempo da nossa permanência em Fuchsberg, não se limitando apenas aos excelentes *biscuits*, pois se estendia mesmo a algumas deliciosas conservas que aos camaradas franceses enviavam os numerosos comitês de socorro do seu país e especialmente a sua Cruz Vermelha.

Com uma generosidade devéras comovente, repartiam os simpáticos oficiais connosco todos êsses géneros, por mais instantes que houvessem sido os nossos protestos e recusas que, não obstante a nossa grande necessidade, lhes vínhamos fazendo, por muito bem compreendermos que, de tais ofertas, lhes resultava assim um correspondente cerceamento da ração que lhes deveria caber.

—Que não pensássemos em semelhante cousa—respondiam-nos invariavelmente—porquanto seria impróprio de uma boa camaradagem o consentirem as nossas faltas, desde que êles as podiam minorar, repartindo connosco o pouco de que dispunham.

As conservas não eram, porém, em tão grande quantidade que permitissem uma larga distribuição dêstes géneros. A comissão de assistência francesa daquele campo mandava servir êsses géneros apenas três vezes por semana, na proporção de uma lata por cada quatro ou dois oficiais, segundo as circunstâncias.

Era assim, com grande prazer, que, seguidamente à formatura para o primeiro *appel*, ou no final da primeira refeição, nós ouvíamos a prevenção do capitão Crépain, membro da aludida comissão, que, após um sinal qualquer, com que chamava a atenção de todos, se nos

dirigia nestes precisos termos que acabaram por tornar-se verdadeiramente sacramentais:

—*Messieurs, à deux heures et demi, quatre assiettes par table.*

E, a esta hora, lá estava no depósito de géneros um oficial por cada grupo de quatro, provido do respectivo pratinho, onde recebia a competente ração que no refeitório era depois rigorosamente dividida por aqueles a quem fôra destinada.

\*

\*      \*

Não só estas divisões como as do pão, do açúcar e a da própria sôpa, demandavam uma certa perícia por parte do individuo a quem elas eram confiadas, recaindo, geralmente, naqueles que em tais operações vinham revelando melhores aptidões e escrúpulo.

A divisão do açúcar, tão pequena era a quantidade fornecida para cada mesa de 12 officiais, podia considerar-se o mais difficil encargo que a qualquer de nós era imposto, acabando, em regra, por grangear os fóros de distribuidor permanente àquele que, a contento de todos, a conseguia levar a efeito.

Imaginem os leitores a difficuldade com que lutaria um individuo a quem na sua frente era colocado um pires com 60 gramas de açúcar que, sem uma balança de precisão, êle teria de dividir em 12 partes, rigorosamente iguais, para evitar reclamações . . .

O distribuidor começava, em regra, por marcar sôbre a totalidade do açúcar, disposta

no fundo do pires, uma espécie de diâmetro que dividia em 2 partes o círculo formado por este género.

Com muito cuidado, passava então metade do açúcar para um outro pires, ficando assim constituídas logo rações para dois grupos de seis oficiais, onde novos peritos procediam a idêntica divisão para grupos de três.

Na repartição destas quartas partes da totalidade, é que devéras consistia a dificuldade suprema da operação, por haver de fazer-se nada menos do que a triseccção da pequena circunferência, que no fundo do pires formavam as 15 grammas que teriam finalmente que fraccionar-se, sob o ôlho vigilante e fiscalizador dos interessados.

\*

\*      \*

Tendo-me occupado neste capitulo dos nossos camaradas franceses, não deixarei de indicar aqui os nomes dos 3 oficiais que constituíam a comissão de assistência ali eleita, visto que à sua especial deliberação ficaram os prisioneiros portugueses devendo o inolvidável auxilio de alimentação que lhes foi proporcionado.

Eis, pois, essa comissão:

Presidente: *Comandant du 269<sup>e</sup> d'infanterie Blandin du Chalat.*

Vogais: *Capitaine Eugène Crépain, du 414<sup>e</sup> d'infanterie, e Sous-lieutenant d'infanterie coloniale A. Padvani.*

Como reconhecimento para com estes camaradas, pedimos ao govérno português, por intermédio da embaixada de Espanha, uma

recompensa honorífica para cada um dos aludidos oficiais, a qual poderia consistir na concessão de qualquer condecoração portuguesa que aqueles nossos camaradas decerto aceitariam com bastante agrado.

Entregue ao comando do campo a carta em que fazíamos a aludida petição, foi-nos, 20 dias depois, a mesma carta devolvida, com o despacho de não poder seguir ao seu destino por não ser permitido tratar aquele assunto, senão depois de feita a paz!

Além dos oficiais que constituíam o Comité de Assistência, muitos outros ali existiam deveras simpáticos, como o alferes Legof, o doutor Robisson da faculdade de medicina de Paris, o tenente de cavalaria Castelneau, filho do illustre general com êste mesmo apelido, etc., etc.

Do Dr. Robisson dizia o seu colega tenente medico Figueiredo, a propósito da sua minúscula figura, muito se assemelhar com a sua linda barba à Guise a um perfumado Mignon da côrte de Henrique III, ao qual só faltavam os competentes punhos de renda. O alferes Bonart com o seu feitio revolucionário, morêno, sêco e de olhar duro, merecêra também ao meu camarada Figueiredo a denominação de Enjorlas, com que em absoluto me conformei, porquanto possuía aquêle official todo o tipo dum antêntico *sans-culotte* da Revolução.

\*

\* \*

As necessidades de cumprimento do contracto franco-alemão, pelo que dizia respeito ao

internamento dos oficiais franceses, na Holanda e Suíça, determinára a concentração em Fuchsbur de cêrca de 600 dos mais antigos prisioneiros franceses e belgas, alguns com mais de quatro anos de cativo, e trazendo atraz de si uma bagagem e mobiliário que, para muitos, atingia o pêso de 300 quilos!

Eu e outros meus camaradas portugueses, que apenas possuíamos a miserável roupa que trazíamos no corpo, admirávamos as comodidades relativas de que êstes oficiais se haviam rodeado. Alguém nos observou, porém, e com toda a razão, que nos deveríamos lembrar da longa permanência de quatro anos que êles haviam feito na Alemanha.

Nenhum de nós avaliava ainda o que seria essa cousa horrível dum cativo de quatro anos!

As comodidades dêstes oficiais não consistiam apenas nas suas elegantes mesinhas, nas suas magnificas cadeiras à Voltaire, nas suas baterias de cozinha, nas suas louças e cristais; êles traziam também comsigo sólidas reservas de gêneros que, em grupos de 2 até 4, o máximo, lhes permitiam preparar esplêndidos almoços e jantares, com os seus *désserts*, que um aromático café invariavelmente rematava.

Estas lautas refeições de três e quatro pratos, que para todos os jóvens prisioneiros, como nós os portugueses e muitos franceses provenientes da ofensiva de Março, no Somme, representavam verdadeiras bacanais, provocavam-nos um grande sofrimento que aqueles nossos camaradas não tinham maneira de evitar e que êles procuravam, de certo modo, mino-

rar, convidando sucessivamente para a sua m<sup>ê</sup>sa, um ou outro faminto da sua particular simpatia ou rela<sup>ç</sup>ões.

A abundância, para êstes officiais, era de tal ordem que, pela manhã, se podiam vêr ainda, sôbre as m<sup>ê</sup>sas postas, os despojos dos seus riquíssimos jantares em que o próprio vinho do Rheno, a 10 marcos cada garrafa, e os licôres sobravam, de ordinário, e eram deixados em lindos cálices de Baccarat, o que, diga-se de passagem, representava um verdadeiro atentado contra a dura miséria que nós outros arrastávamos.

\*

\* \*

, parte o suplicio que nos impunha esta desigualdade manifesta entre a abundância dos antigos prisioneiros e a miserável ração de que dispúnhamos, não poderia dizer-se desesperada a situação dos officiais portuguezes em Fuchsberg, naquele momento, mercê da generosa oferta dos cinco *biscuits* diários, com que os officiais francezes nos vinham obsequiando.

\*

\* \*

Quanto ás minhas occupa<sup>ç</sup>ões continuára eu fazendo-as consistir na prepara<sup>ç</sup>ão destas notas que, até então, conseguira sonegar á leitura das autoridades militares alemãs, por onde havia transitado.

Constava, porém, que não iria além de 2 mezes a nossa permanencia em Fuchsberg, tornando-se-me difficil, desde que os meus manuscritos se fossem tornando mais volumosos, o poupá-los ao exame do comandante de um novo campo que muito bem poderia inutilizar o meu trabalho, como ali mesmo acontecera com outros prisioneiros.

Como proceder, pois, em semelhante conjuntura?

Obtendo um duplicado dos manuscritos existentes que continuaria em meu poder, e submetendo à censura do campo o original.

Fôra isto que, muito avisadamente, me aconselhára o capitão Cruz Viegas e que eu logo tratei de pôr em pratica, tanto mais que não havia escrito ainda senão os seis primeiros capitulos, e estes não continham matéria que determinasse a sua apreensão.

Era, pois, mister lançar, quanto antes, mão à obra para o que precisava de um secretário, com bôa caligrafia e melhor disposição para me aturar!

Ora eu conhecia diversos rapazes que me poderiam auxiliar em tão simples empreendimento, mas embora soubesse que nada êles tinham que fazer, custáva-me devéras o formular-lhes um pedido que, só por acanhamento, pudessem satisfazer.

O alferes Mendes Calado, simpático rapaz, primo do meu illustre camarada Calado Crêspo, do nosso Consulado em Barcelona, tendo casualmente sabido dos meus desejos veio espontaneamente oferecer-me os seus serviços, que eu aceitei, com tanta mais satisfação, quanto era

certo que simpatizava bastante com este jovem oficial.

Muito inteligente e primorosamente educado, encontrei pois um valioso auxiliar neste meu companheiro, cuja colaboração, embora material, eu não poderei nunca esquecer.

Com uma assiduidade que excedia toda a minha expectativa, em breve o Calado copiava todo o meu trabalho, até àquela data feito e que, em sucessivos cadernos, eu ia dando a um intérprete para a censura.

Esse homem que, no fim de contas, era um pobre diabo, entregava-me, de um dia para o outro, devidamente marcados com o carimbo da censura, os cadernos que eu lhe vinha confiando, e idêntica operação fez a seguir, nos seus duplicados, por forma a ficar eu com todos os meus manuscritos, perfeitamente garantidos contra a curiosidade do pessoal de um novo campo (1).

---

(1) Creio bem nada haver lido o censor, porquanto só muito mal este conhecia o português.

## XVI

ENTRETANTO iam deixando Fuchsberg os jovens prisioneiros franceses, que, em successivas levas, cediam os seus lugares a outros tantos camaradas dos mais antigos na Alemanha e que naquele campo estavam, como já referi, sendo activamente concentrados, antes do seu internamento na Suíça.

Não deveria tardar também a nossa vez, dizia-se, chegando mesmo a constar que seríamos destinados a um campo exclusivamente reservado a portuguezes.

Quanto à sua situação é que nós não conseguíamos obter a menor indicação, sendo, no entanto, todas as informações unânimes em dizer-nos que só a lucrar teríamos com a mudança, porquanto era qualquer campo de soldados infinitamente melhor do que aquele em que permanecíamos!

No dia 28 de Junho, seguidamente à 2.<sup>a</sup> formatura para o *appel*, foram os officiaes portuguezes prevenidos de que no dia seguinte, de madrugada, teria lugar a sua transferéncia.

Foi com verdadeiro agrado que todos nós recebemos esta prevenção, embora pelo nosso espirito passasse um pouco a suspeita de que uma deficiente alimentação nos reservasse piores dias do que os de Fuchsberg, onde o generoso auxilio dos franceses positivamente nos poupou a uma inevitável morte.

Começava já a avizinhar-se, porém, a chegada de encomendas das nossas familias, e porventura qualquer outro auxilio que, pela nossa Cruz Vermelha ou pelo governo português, nos pudesse ter sido enviada, tanto bastando para que todos dali partissemos com o moral bastante levantado.

A nossa marcha para a estação de Uchte, onde chegámos às 7 da manhã de um belo dia de S. Pedro, fez-se num *Décauville* de que o campo de Fuchsberg dispunha para o transporte de mercadorias provenientes daquela estação, a qual, como os leitores estão vendo, era a mesma em que havíamos saído, quando fôra da nossa vinda para aquele malfadado lugar.

Uma pequena locomotiva arrastava o comboiozinho de vagonetas, em que, por efeito de um excepcional rasgo de humanidade do nosso ex-comandante, nos mandaram entrar.

Nunca poderei esquecer a consoladora sensação de alivio que me deu essa travessia feita ao longo do pântano em que eu jazêra durante 38 dias!

Com que satisfação eu vira aumentar, cada vez mais a distância que me ia separando dêsse negro abarracamento, onde se perdera uma parte tão preciosa da minha existência!

Depois de meia hora de uma ronceira marcha do exótico comboio, atinge êste enfim a orla de um negro pinhal que, dos nossos, apenas tinha o balsâmico aroma das resinas.

O terreno sóbe, a partir dessa orla, num certo declive que reclama o auxilio de uma segunda locomotiva. Estas, porém, são insuficientes para nos arrastarem, pelo que tivemos de saltar das vagonêtas e caminhar a pé, durante alguns metros.

Tudo nós daríamos por bem empregado para não termos de voltar para trás, tanto mais que até a desoladora visão do imenso pântano nos havia já sido interceptada pelas espessas ramagens do pinheiral.

Em breve recuperávamos, porém, os nossos lugares sôbre as estreitas vagonetas que agora deslizavam velozes ao longo de uma extensa recta, como se nos quisessem compensar do tempo que perdêramos.

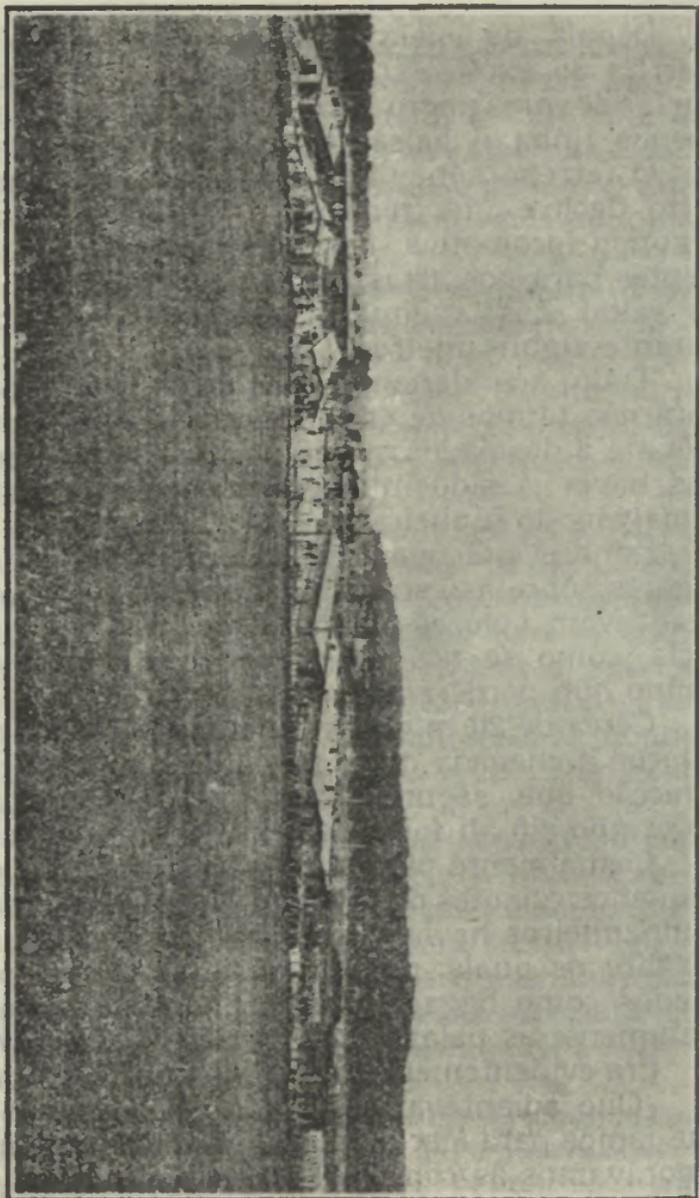
Cêrca de 20 minutos esperámos apenas na estação a chegada do comboio para Hamburgo, direcção que, segundo o informe de um official do campo, só ali fornecida, nós iríamos tomar.

Casualmente olhamos para um monte de pequenos caixotes de madeira que alguns meus companheiros haviam adquirido em Fuchsberg e sôbre os quais, por terem de seguir despachados como bagagem, todos nós lemos imediatamente as palavras *Breesen in Mecklenburg*.

Era evidentemente o local do nosso destino.

¿Que adiantávamos, porém, nós em saber que íamos para Mecklenburg, se absolutamente ignorávamos as condições do campo a que nos destinavam, do qual, quando muito, apenas

Campo de prisioneiros de Breesen in Mecklenburg



conheceríamos o nome, dado o caso que êle fôsse de facto em Breesen, como poderia concluir-se da direcção que víamos escrita nas bagagens que nos acompanhavam?

Que êle ficava situado muito ao norte, diziam-nos; e esta circunstância nos permitia tão sómente concluir que não pouco frio ali teríamos de suportar.

—Mas é uma desumanidade—protestava-se—mandar oficiais portuguezes para uma semelhante região! Quem há de resistir ali aos rigores do inverno?

Alguém observou então que nos deveríamos lembrar da proximidade da costa, circunstância esta de que certamente resultaria uma tal ou qual amenidade do clima, relativamente a outras regiões que, embora situadas mais ao sul, se encontrassem mais distancias da beira-mar.

Esta aceitável observação tranquilizara um pouco os nossos espíritos, convencendo-se cada um de que não valia a pena anticiparmos os nossos juizos e, paralelamente, o nosso sofrimento, desde que nada de positivo conhecíamos sobre o local do nosso destino.

O comboio chega, entretanto, com duas carruagens de segunda classe, reservadas para os prisioneiros portuguezes.

Dentro dessas carruagens vinha uma numerosa escolta à qual nos confia aquela que até ali nos havia acompanhado.

Somos prontamente distribuidos pelos vários compartimentos, com muito sumárias atenções, por parte do comandante da nova força, que quási chegou a puxar pelo braço de um tenente para o fazer mudar de um para outro

compartimento, afim de ceder o seu lugar a um dos soldados da escolta que êle distribuirá, por forma a garantir a vigilância precisã sôbre as nossas pessoas.

A viagem até Bremen não teve nada de extraordinário, para quem havia atravessado as formosissimas regiões de Baden e Hessen.

Sempre as mesmas florestas, alternando com as imensas campinas de ondulantes searas, as pastagens ou os verdes batatais; as povoações mais ou menos importantes, em tórno das quais cresciam imensas árvores de fruto; uma ou outra fábrica, sem importância; e eis tudo quanto, num ligeiro golpe de vista, me foi dado observar das janelas da minha carruagem.

A entrada em Bremen foi precedida pela travessia do Wesser, deixando-nos aquela cidade uma magnifica impressão, e especialmente o inesperado almôço que ali nos foi fornecido, por alturas do meio-dia, hora esta que, por, bastante adiantada, nos permitiu fazer-lhe as honras devidas.

Não correspondeu, infelizmente, esta refeição ao nosso habitual apetite, pois consistira ela tão sômente em três *sandwiches* de *foie-gras* e uma caneca de café mal açucarado.

Amparam-nos, no entanto, as estreitas fatias de centeio, muito escassamente besuntadas no restaurant da gare com essa hipotética gordura, a que luxuosamente nós chamámos *foie-gras*, podendo assim agüentarnos, *si bien que mal*, até Hamburgo, onde certamente nós iriam dar de jantar.

Foi aí pelas 4 horas que êste imenso burgo còmeçou a ser visto das janelas das nossas car-

ruagens, oferecendo-se à minha fugidia observação como uma cidade de primeira ordem, cujo alegre casario, compacto e banhado de sol, se estendia, ericado de esguias tórres de igrejas, ao longo duma vastíssima planície que, para Oeste, se alargava prodigiosamente até ao oceano.

A estação de caminho de ferro ficava como a de Francfort, Heidelberg e tantas outras, em meio da cidade que assim tivemos que atravessar, e pudemos vêr, nos seus grandes boulevards e esplêndidas praças, nos seus soberbos monumentos, elegantísimos prédios e sobretudo nesse grande emaranhado de pontes de ferro e guindâstes que se erguiam ao longo do Elba, onde apenas se viam ancoradas algumas raras embarcações alemãs de grande cabotagem que há mais de 4 anos ali dentro se achavam engarrafadas.

Pelas ruas deslisavam extensos comboios eléctricos com as proporções e comodidades das carruagens em que viajávamos e que, segundo supponho, deveriam ser destinados a vencer longos percursos.

Não estranhem os leitores estas minhas incompletas descrições de tudo quanto vi, porquanto é meu empenho o não lhes fazer perder o original sabor das impressões que mas sugeriram, durante estas minhas excepcionais viagens, como *Kriegs gefangen* . . .

Não falta, eu o sei, em Portugal, quem muito bem conheça Hamburgo, e mesmo tôdas essas belas regiões de que me ocupei nos anteriores capítulos d'este livro; e é justamente para os que já viajaram a parte da Alemanha por

mim percorrida, que êstes meus discritivos, a *vol d'oiseau*, deverão, por ventura, ter maior interêsse.

\*

\* \*

A estação de Hamburgo, bastante grande e movimentada, encontrava-se, naquele dia, em festa pelo motivo da partida dum contingente de novos soldados para a frente ocidental.

A vastíssima gare achava-se ligeiramente engalanada com bandeiras, trofeus, inscrições diversas, e um grande laço com as côres nacionais alemãs, o qual se estendia segundo a corda do grande arco que formava a elegante *marquise* em cristal, que superiormente protegia aquele vastissimo recinto.

Nas largas fitas que constituíam as pontas dêste laço monumental, liam-se as palavras *Feliz regresso à Pátria*; e no centro, envolta em grandes fôlhas de louro, as bem nossas conhecidas insignias da *Cruz de Ferro*.

Os soldados, quási todos de uma idade, orçando pelos 18 anos, traziam ao peito um pequeno ramo de flôres naturais, e tinham passado o dia naquela estação, onde lhes fôra servido o jantar no pôsto da Cruz Vermelha que ali se achava instalado, e onde nós demos também logo entrada.

Ocupava êste pôsto uma grande parte duma das faces da estação, onde, além duma boa cozinha e outras dependências, existia um grande salão, destinado a festas e onde se achavam

dispostas várias mesas em que aos jovens combatentes fôra servida a refeição a que aludo.

Foi para êsse salão, já desocupado pelos soldados, que nos mandaram entrar, com o fim de ali aguardarmos a sôpa que em breve nos iria ser distribuída.

As paredes dêste salão achavam-se igualmente engalanadas, tendo ao fundo um retrato a óleo do Kaiser, em tamanho natural. Como não tinha que fazer, entretive-me a copiar as diversas inscrições patrióticas que certamente ali haviam colocado por efeito da festa daquele dia..

Eis pois essas inscrições, cuja tradução me foi depois facultada pelo meu inteligente camarada tenente de artilharia Pereira do Vale, para quem o estudo do alemão não constituïra um simples entusiasmo de quinze dias :

*Ist Gott fur uns, wer mag Wider uns sein?*

Estando Deus por nós, quem pode estar contra nós?

*Ein feste Borg ist unser Gott.*

Uma fortaleza é o nosso Deus.

(Sentimo-nos forte com Deus).

*Einer furt Alle,*

Um por todos.

*Der Koning rief and Alle, Alle kamen.*

O rei chamou e todos, todos vieram.

*Gott mit uns.*

Deus connôscô.

*Vom Fels—Zum Meer.*

Da montanha até ao mar.

*Mit Herz und Hand fürs Vaterland.*

Com o coração para a Patria.

*Ich Kenne nur noch Deutsche.*

Eu conheço sómente o alemão.

*Ich Kenne keine Parteien mehr.*

Eu não conheço partidos.

*Wir wollen sein ein einzig Volk von Brüdern. In Keiner  
Not uns trennen und Gefahr.*

Queremos ser um unido povo de irmãos. Em nenhuma alliação e perigo nos separamos. (1)

A sôpa, que constitua o restante da dos jovens soldados, era, por êsse facto, magnifica, consistindo numa bem temperada mistura de macarrão com batata e farinha de fava.

Se a quisemos comer, tivemos de nos dispôr segundo uma grande bicha que, avançando por um lado, de maneira a passar em frente da cozinha, regressava pelo outro, depois de haver recebido a competente tijela, com a qual desfilava para o salão, onde, por idêntico processo ao da cozinha, lhe era distribuída uma pequena caneca de café azedo.

No salão encontrava-se um piano que um dos meus companheiros, o alferes Dôres, abriu

---

(1) Do drama Guilherme Tell de Schiller.

no final do jantar, e onde sem se fazer rogado, começou tocando uma linda valsa de Berger.

Teria este official executado pouco mais de seis compassos desta composição, quando um tenente alemão, entrando inesperadamente ali, o increpa desabridamente, provocando em todos nós a mais viva indignação.

Entretanto, partia o comboio militar, conduzindo o contingente dos soldados, em meio de inúmeros vivas, tocando uma banda militar o hino nacional.

Pouco depois éramos prevenidos de que só na madrugada do dia seguinte prosseguiríamos na nossa viagem, pelo que teríamos de recolher-nos.

Fomos, pois, conduzidos a um luxuoso dormitório onde parece haverem também pernoitado os soldados alemães, visto encontrar-se, como ás demais dependências da Cruz Vermelha, mais ou menos decorada com os retratos do Kronprinz, Von der Goltz, V. Heerinengen e Herzog Albrecht, bandeiras nacionais e várias insígnias das Cruzes de Ferro e Vermelha.

De madrugada, ainda com de noite, foi a luz eléctrica acesa para nos podermos vestir, o que prontamente fizemos, dirigindo-nos depois a uma ampla casa de lavagem, em tórno da qual se achavam dispostas numerosas bacias, para onde corria a água de outras tantas torneiras.

Dentro desta casa via-se pendente de um gancho de ferro uma grande quantidade de toalhas de . . . papel pelissado que enxugavam admiravelmente o rosto e a todos os respeitos substituíam autênticas toalhas de algodão, a

que, sob o aspecto higiênico, aquelas se avantajavam até, por não voltarem a servir para mais ninguém.

A nossa partida de Hamburgo, feita numa direcção diferente daquela que havíamos trazido, permitiu-me apreciar novos aspectos daquela grande cidade que nada modificaram a bela impressão que no dia anterior recebera.

Da restante viagem, nada de extraordinário eu tenho a referir quanto à paisagem que, embora interessante, eu considerei bastante inferior a tudo quanto anteriormente já havia disfrutado. As pastagens, em que abundavam os gados bovinos, alternavam com as culturas entre as quais predominavam, como sempre, as searas e os batatais.

Apenas a cidade de Ratsburg eu considero digna de uma especial referência, por se achar disposta no meio dum pitoresco lago, e oculta por uma soberba floresta, num admirável conjunto de águas e espesso arvoredado onde as lindas casinhas e as suas miragens no lago me deram a impressão duma cidade encantada.

Eram 10 horas quando o nosso comboio deu entrada neste adorável lugar, verdadeiramente digno de um desses maravilhosos contos das «*Mil e uma noites*», e o tempo continuava decorrendo óptimo, como sempre que na Alemanha viajavam os oficiais prisioneiros portugueses . . .

A grande superficie de água que súbitamente se me deparou ali, chegou a dar-me a idea de que um grande braço de mar se estendesse desde o Báltico até àquele ponto, o que impossível me seria averiguar, continuando

a viajar absolutamente desprovido de uma carta.

Oh! o mar tão meu querido, para o qual nunca os meus olhos se cansaram de olhar, supús eu assim tê-lo ali ao pé de mim e por ventura não muito longe também do campo a que me fossem destinar!

Essas águas, a que por sugestão eu chegava a atribuir as suaves emanações duma praia marítima, onde em levíssimas toilettes, barqueava um lindo grupo de jóvens damas; as lindas casinhas e os formosíssimos *chalets* da pitoresca povoação, guarneecendo uma graciosa colina, desde a borda do lago de cujas águas quasi emergiam até ao seu cume; uma ténue bruma que como um véu imenso cobria toda essa paisagem adorável; a serena tranquilidade, enfim, daquele lugar idílico evocára-me, um pouco, a lembrança da nossa linda Foz, para onde voou logo direitinho o meu espirito, voando com êle também, no mesmo instante, o meu triste e saudoso coração.

Mais duas estações serviu o nosso comboio, antes duma terceira pequena estação, a de *Clein Thurow*, que o comandante da escolta nos indica como sendo enfim a derradeira daquela viagem, e muito vizinha do caminho de Breesen, a que nos destinávam.

Fôra relativamente agradável a impressão por mim recebida, em face da Natureza daquela região que, embora me não oferecesse as belezas de Badem ou Essen, em nada se parecia com o desolador pântano de Fuchsberg.

Junto mesmo à estação, que apenas dista 500 metros do campo de Breesen, cresce uma

admirável floresta, cujas elevadas árvores encheram a minha alma de alegria, estendendo-se por toda a restante superfície do ondulado terreno uma vastíssima sucessão de searas de que para uma aldeia vizinha resultou o nome de Roggendorf (1).

\*

\* \*

O campo de Breesen consistia, como todos aqueles em que havia permanecido, numa série de abarracamentos de madeira cujas proporções ficavam, no entanto, muito áquem de todos quantos nós havíamos conhecido. Esta primeira impressão indispusera bastante a maioria dos meus companheiros que, tendo esquecido talvez já os horrores de Fuchsberg, pretendiam ir encontrar no novo campo uma situação pior do que naquele, pelo simples facto de, segundo constava, apenas os oficiais portugueses ali irem ser reunidos.

Em breve, porém, se reconheceu que um grupo de 40 polacos se achava ainda instalado em Breesen, onde aguardava uma próxima transferência para um campo do seu país. Estes camaradas nos iriam, pois, pôr ao corrente das condições de alimentação com que ali poderíamos contar, visto serem estas as que principalmente a todos nós preocupavam.

O comandante, um velho major de reserva, como o restante pessoal do campo, afiguraram-

---

(1) Terras de centeio.

-se-nos, porém, desde logo bastante amáveis, não só em consequência dos sorrisos que nos dispensavam como por nos haverem poupado a quaisquer revistas, sempre incômodas e vexatórias, pela brutalidade com que costumavam ser efectuadas.

Feita a nossa distribuição pelas barracas, couberam alguns quartos aos oficiais superiores que, por aqueles foram distribuídos, segundo as suas afinidades de camaradagem, na proporção de três por cada um dos aludidos quartos.

Os majores Montalvão e Freitas ficaram, nestas condições, sendo os meus companheiros de quarto que, casualmente, era o mais iluminado e de melhor aspecto de quantos aos outros meus camaradas haviam sido distribuídos.

Estes quartos, situados no centro das barracas gerais destinadas aos restantes oficiais de outras graduações, apenas diferiam da parte ocupada por estes, no mobiliário que, para os oficiais superiores, era individual, pelo que dizia respeito a mesas, cadeiras e bacias de rôsto.

As barracas destinadas aos capitães e subalternos, achavam-se igualmente divididas ainda para grupos de quatro, com a faculdade também de se agruparem nas mesmas condições dos oficiais superiores.

Estas divisões não tinham porta; e, como mobiliário, possuíam apenas duas mesas e quatro môchos, além dos leitos de ferro, para cada grupo.

A impressão geral melhorára um pouco, após a instalação, visto haver-se reconhecido que as barracas possuíam parêdes duplas sendo interiormente forradas a papel.

Nas barracas existiam diversos fogões, correspondendo um a cada grupo de 8 officiaes. Cada quarto de estes officiaes superiores possuia um fogão que lhes era exclusivamente destinado.

Os generos para a alimentação dos prisioneiros eram fornecidos pelo comando do campo e confeccionados segundo a direcção dos mesmos prisioneiros, para o que igualmente lhes era fornecido o competente combustivel.

No dia da nossa chegada, tanto o almoço como o jantar foram-nos fornecidos pelos nossos camaradas polacos, consistindo em duas magnificas sôpas de cevadinha que, a qualquer destas refeições, nos foi dado repetir.

A partir, porém, do dia seguinte teriam os officiaes portuguezes de dirigir a sua alimentação. Nesta conformidade, se procedeu desde logo, entre nós à eleição da comissão dirigente.

Outros officiaes foram também nomeados para os serviços de distribuição da nossa correspondência e encomendas, etc., etc.

\*

\* \*

Feita a minha cama e dispostos os meus sumários objectos de toilette nos seus lugares, fui dar uma volta ao campo, no sentido de proceder a um ligeiro reconhecimento das suas várias dependências.

O campo constituia, num perfeito quadrado de cerca de 150 metros de lado, em tórno do qual existia uma estreita ruazinha destinada ao passeio dos prisioneiros; quási todo o restante

terreno se encontrava cultivado por conta do comando, e uma pequena parte pelos oficiais polacos que ali possuíam um magnífico talhão de batatas.

As informações que nos forneceram estes oficiais, relativamente à alimentação, foram o mais desagradáveis possível.

Os polacos não se incomodavam, porém, muito com tais deficiências de alimentação, por se encontrarem já em dia, não só com o auxílio que por suas famílias lhes estava sendo enviado, como também com o que lhes provinha de vários comités de socorro aos quais eles de há muito se haviam dirigido.

A nossa comissão de rancho empregou o seu melhor esforço no sentido de melhorar a nossa situação dentro dos estreitos recursos de que dispunha, sentindo-se, porém, impotente para obrar o divino prodígio da multiplicação dos escassos géneros que semanalmente nos eram fornecidos.

A título de curiosidade, registarei apenas que durante as três primeiras semanas, consistiram em pequenas melancias, melões e tomates verdes que á sôpa davam todo o aspecto duma lavagem para cevados.

E a verdade é que todos nós, á falta de outra cousa, nos atirávamos ás cascas de melancia cozida com um apetite que envergonharia os *réquinhos* de qualquer lavrador das nossas aldeias.

As reclamações sucediam-se, respondendo-nos o comandante de Breesen o mesmo que já diziam os de Fuchsberg e Rasttat aos oficiais franceses e britânicos, que a culpa duma seme-

lhante miséria se podia tão sómente atribuir aos países aliados que, com o seu apertado bloqueio, impediam a Alemanha de se abastecer dos viveres necessários para nos dar uma melhor alimentação.

— Mas os oficiais alemães decerto não comem como nós — observára duma vez o major Blandin du Chalat.

— Evidentemente — tornou-lhe, num sorriso, um alferes alemão, a quem aquele distincto official se havia dirigido — pois tinham os senhores a pretensão de serem tratados como um official alemão?! . . .

\*

\* \*

Um dia fomos muito agradavelmente surpreendidos com uma bela sôpa de macarrão e vagens que à comissão do rancho ia rendendo uma calorosa manifestação.

Tão grande foi a surprêsa produzida que, a um dos meus camaradas ela inspirou esta espi-rituosa exclamação prontamente registada no meu pequeno carnet de notas:

— Não, meus amigos — disse aquele — não nos iludamos, porque êste macarrão deve ser feito de papel . . .

Esta observação que nos habituamos a fazer a propósito de tudo quanto supúnhamos escassear na Alemanha, tinha uma justificada explicação no facto de toalhas, guardanapos, suspensórios, assentadores de navalhas de barba e até calçado nós vemos fabricar de papel.

O macarrão, que apenas dois dias daquela semana nos fôra, talvez por engano fornecido, era, porém, um autêntico macarrão de boa farinha, como o que a *Invicta* aqui poderia fabricar, em tempos normais.

A impossibilidade, confessada pelo comando, de nos fornecer uma melhor alimentação sugeriu-nos a ideia de, por nossa conta, ser adquirida uma certa quantidade de nabo, como qual pudéssemos, na pitoresca expressão do major Montalvão, avolumar o *entulho* das nossas miseráveis sôpas, embora aumentando um pouco a nossa contribuição diária.

Assim se fez, pois, com certa vantagem, porquanto se tornaram, de facto, bastante mais sólidas as nossas refeições.

O deficiente pessoal existente no campo, que apenas dispunha dum pequeno número de soldados franceses e britânicos, não permitia porém, em geral, que o rancho se confeccionasse às horas regulamentares, por levar muito tempo a fazer-se a descasca daquele género, que, além de tudo, ficava ainda muito sumáriamente feita.

O almoço passava, de ordinário, a ser-nos distribuído à 1 hora e não raro às 2, e o jantar às 7 e meia e 8 horas.

Como remover, pois, esta dificuldade?

Indo os próprios oficiais, por grupos, proceder à descasca do nabo, como dias depois o fôram para a da ervilha, e emfim para a da cenoura, acompanhando assim as diversas fases da alimentação que no campo de Breesen vínhamos tendo, enquanto não chegavam as ordenanças portuguesas que, em número suficiente, para ali foram destinadas.

Depois da cenoura veio o repólho, e finalmente a batata, que por uma estranha medida de economia, com que nunca me pude conformar, era cozinhada sempre com a casca!

Eis, pois, meus caros leitores, o desenfastiado regimen alimentar a que durante muitos meses, eu e os meus companheiros, tivemos que sujeitar-nos.

O pão, sob a fôrma dum longo paralelepípedo, era-nos distribuído aos domingos, por fôrma a regularmos nós a divisão das rações diárias para toda a semana.

A insuficiência das escassas 200 gramas dessa ração dava origem a que alguns dos meus camaradas liquidassem, de ordinário, até à quinta ou sexta-feira, a totalidade do pão, chegando alguns na quarta e até na terça a ficar logo sem uma única migalha.

Eram de ordinário, rigorosamente, marcadas as sete rações da semana, o que não impedia que todos nós pedíssemos um pedacito emprestado, em cada dia, à ração do dia imediato, com o sacrificio da do derradeiro dia que uma ou outra vez ficava absolutamente reduzida a zero.

O major Montalvão fazia, à regua graduada, a divisão das suas rações, contando assim por centímetros as quantidades dêste género que ia comendo ou lhe restavam ainda!

\*

\* \* \*

Um dia constou em Breesen que uma grande quantidade de caixotes ali havia chegado, com

destino ainda aos numerosos ex-prisioneiros romenos que haviam, tempos antes, deixado o campo em que nos encontrávamos.

Mais constou, seguidamente, que o comandante, por sua iniciativa, ou em virtude de ordens recebidas, ia distribuir por nós e oficiais polacos essa providencial remessa, que um benemérito comité, em tão boa hora para ali havia mandado.

Este boato teve, de facto, uma pronta confirmação, sendo-nos distribuídas diversas porções de magnífico queijo, manteiga, chocolate, arroz, açúcar, feijão, farinha, muitas conservas e diversos outros generos, numa importância total de 20 contos da nossa moeda!

Como não dispuséssemos de balanças para as distribuições individuais, e se tornasse impossível o fazê-las com precisão, escolhia-se sempre o mais hábil dos camaradas de cada grupo de oficiais, para fazer a divisão.

Sendo, porém, natural que cada um pretendesse tomar para si a ração que se lhe afigurasse maior, encarregava-se um qualquer de ir dizendo, *sem as vér*, quais as rações que sucessivamente deveriam pertencer a cada um dos diversos companheiros do grupo.

— Para quem é esta? — perguntava aquele.

De costas voltadas, respondia o outro:

— Para o alferes A.

E sucessivamente:

— Para o capitão B.

— Para o tenente: C., etc., etc., até final da distribuição.

\*

\* \*

Não foi apenas o auxílio destinado aos nossos camaradas romenos que, tendo revertido em benefício dos oficiais portugueses, veio melhorar a situação difícil em que nos encontrávamos, pois que a Sociedade «*Pietas*» da Suíça iniciou também, pela sua secção portuguesa, o envio duma série de magnificas encomendas quinzenais que individualmente começaram a ser recebidas pelos prisioneiros portugueses, em princípios do mês de Agosto e se prolongou até aos derradeiros dias da nossa permanência na Alemanha.

Essas encomendas, que consistiam geralmente em conservas diversas, leite, arroz, feijão, toucinho, açúcar e café, equivalêra para nós ao generoso auxílio que em Fuchsberg nos fôra prestado pelos oficiais franceses, poupando-nos, outrossim ao sofrimento físico que teríamos de passar, enquanto não chegassem as remessas de alimentos que havíamos pedido para as nossas famílias.

O comité de Lyon não quis igualmente esquecer os prisioneiros portugueses, aos quais fez um pequeno envio colectivo de géneros, que altamente beneficiou também a nossa difícil situação.

A este comité seguiu-se o *War Prisoner's Aid Young Mens Cristian Associations*, com séde em Copenhague que, em duas soberbas remessas individuais, nos contemplou com magnificos cigarros e tabaco, bolachas de

água e sal, café, chocolate, marmelada, leite condensado, arroz, farinha de aveia, açúcar e sabão.

Estas remessas e as que mais tarde nos vieram das nossas famílias transformaram os oficiais portugueses em outros tantos cozinheiros, para o que, em pequenos grupos, ou individualmente, todos se proveram das competentes caçarolas, em que, sôbre uns tantos fogões que o comando destinára para êsse fim, cada oficial de dia ao grupo de que fazia parte preparava uma pequena refeição com a qual era assim completada a deficientíssima alimentação do campo.

O feijão guisado, com um tudo nada de toucinho, arroz ou a sopinha temperada com um pouquinho de *corned beef*, as batatas, cozidas ou guizadas, que nós adquiríamos, trocando por elas, aos velhos soldados alsacianos em serviço no campo, o sabão que nos mandavam de Portugal, eis, áparte uma ou outra cafésada, em que, de ordinário, consistia a nossa mesa suplementar.

Era de vêras curioso vêr-se o exótico formigueiro constituído, a certas horas do dia, por êsses oficiais na sua ida para as cozinhas, ou regressando das mesmas, em que, muito senhores do seu papel, êles transportavam a competente caçarola que, não raro, empunhavam enluvados para não estragarem as mãos.

Não vão os leitores supôr que esta prática era desprimorosa para os oficiais portugueses, porquanto eu vi imensos oficiais britânicos procederem semelhantemente em Karlsrhue, e os franceses em Fuchsberg, onde, especial-

mente nos antigos prisioneiros, se encontravam distintíssimos oficiais de carreira.

De resto, não valeria a pena alimentar um semelhante escrúpulo, dentro dum recinto onde se vivia só entre camaradas, quando, públicamente, nos vários postos da Cruz Vermelha por onde passávamos, nas nossas viagens em caminho de ferro, nos faziam ir receber a sôpa, de tigela em punho, como mendigos à porta dum quartel, o que eu reputo muito mais humilhante e até vexatório para a nossa dignidade de oficiais.

Relativamente à recepção de encomendas de Portugal, posso eu considerar-me um dos mais infelizes dos meus camaradas, não obstante os constantes avisos que em tôdas as cartas recebia de numerosos envios que me eram feitos, não só pelos meus filhos e irmã, como pelas minhas bondosas madrinhas de guerra as distintíssimas damas portuenses Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Eulália Tôrre, D. Maria Leopoldina Kopke e D. Carolina Seixo; pelo meu estimável amigo Snr. Figueiredo e Castro e ainda por outras pessoas das minhas relações.

De cêrca de quarenta encomendas que, durante os 9 meses do meu cativeiro me fôram anunciadas, apenas, até ao dia 1 de Dezembro, eu havia recebido seis, três das quais completamente vazias por se haverem partido durante a viagem.

Nestas condições, via-me eu obrigado a poupar o mais possível os gêneros que recebia, especialmente o toucinho que me vinha da *Pietas*, o qual eu dividia em partes mínimas

de 2 a 3 gramas, por cada cozinhado de arroz, ou feijão!

A alguns dos oficiais portugueses, e por tal sinal àqueles a quem me prendiam mais ligeiras relações de amizade, eu devo atenções que jámais poderei esquecer, porquanto, conhecedores do grande azar que me vinha acompanhando na recepção das encomendas de Portugal, me obsequiavam com uma espontaneidade e freqüência que chegou a comover-me, repartindo comigo o que recebiam das suas famílias. Cito, entre estes, o capitão Orlando Quaresma de Paiva, excelente camarada e único oficial do batalhão de infantaria 18 que eu comandeí e que comigo foi casualmente parar à Alemanha; o alferes das metralhadoras Jorge Nogueira Soares, simpático e alegre rapaz, que, no dia dos meus anos, me convidou para jantar com êle e com o não menos simpático alferes Calazans, de quem um filhinho, por acaso, fazia também anos naquele dia.

Estas gentilezas que nunca se podem esquecer, porquanto é na adversidade que melhor se reconhecem as dedicações, fôram ainda praticadas para comigo por outros oficiais, como, o major do 15 Andrade Peres, que, mais feliz do que eu na recepção de várias encomendas pagas da *Pietas*, me emprestou diversas latas de conserva, com as quais eu me fui remediando, até à chegada de outras que, mediante seu pronto *abonement* para a Suíça, eu viria mais tarde a receber, o que infelizmente não aconteceu.

Todos êstes excelentes camaradas, que não tinham a menor obrigação de se lembrar das

minhas necessidades, possuíam a felicidade de receber mais ou menos em dia as suas cousas, mas podiam reparti-las com outro qualquer camarada que não fôsse eu. Até, porém, o alferes Pimenta meu antigo sargento em infantaria 18, se lembrou de mim algumas vezes, especialmente em Fubsberg, quando ainda só êle e mais dois ou três antigos prisioneiros recebiam um pequeno auxilio da *Pietas* e da *British Red Cross*, donde lhes vinha quinzenalmente uma certa quantidade de pão, que não raro chegava à Alemanha bastante deteriorado.

O Pimenta entra certo dia no meu quarto para me mostrar um dêsses pães que por completo se achava coberto de bolor. Verdadeiramente penalizado, diz-me o excelente môço que êste facto, devêras lastimável, o impedia de me oferecer êsse pão, como seria do seu agrado.

— Eu lhe digo, meu caro Pimenta— respondi àquêle meu camarada—êsse bolor decerto me não vai fazer mal; é só ter o cuidado de raspar essa camada verde que certamente não passa da superficie.

— Como V. quizer . . . — respondeu o Pimenta — Eu, cá por mim, vou fazer as diligências por comer outro que lá tenho nas mesmas condições; mas . . . isto não é cousa que se ofereça a ninguém . . .

— Não, não, meu amigo — insisti — eu agradeço-lhe a sua atenção, como se o pão acabasse de sair do forno; e desconfio bem que até me vai saber menos mal.

O Pimenta deixou-me ficar o pão, para o qual, após a sua retirada, até os olhos se me

ríram; e metendo-lhe imediatamente a faca, em breve reconhecia que o tom verde que lhe cobria quási tôda a superficie, havia já interessado bem fundamente pelo miolo, do qual, por êsse motivo, nada me poderia aproveitar.

Experimentei, porém, sempre um pedacito dêsse pão, começando pela parte menos carregada das pequenas criptogâmicas, devendo confessar que a experiência me deixou uma impressão bastante satisfatória.

A verdade, pois, é que eu comi o pãozinho bolorento da *British Red Cross*, até à sua derreadeira migalha, conseguindo, à sua custa, fazer uma pequena reserva de *biscuit* dos franceses, que, no final dêste pão, me permitiu melhorar durante mais alguns dias a minha alimentação, naquele malfadado campo.

A minha infelicidade não consistira apenas na falta das encomendas com gêneros que quási todos os meus companheiros começaram recebendo com uma certa regularidade, porquanto haviam já sido tardias para mim as primeiras notícias que meus filhos me enviaram.

Desde o dia 3 de Abril que eu não sabia nada de minha família; e nessa angustiada situação me mantive até ao dia 9 de Julho em que enfim recebo a primeira carta de meu filho, com as melhores notícias suas e de suas irmãzinhas.

A visão do sobrescrito, em que, num relance, eu reconheçêra logo a letra tão minha familiar dêsse ente querido, produziu na minha alma uma tal impressão de alegria e ao mesmo tempo de alívio que só poderá igualá-la

aquela que eu sentir no dia em que Deus, na sua infinita misericórdia, me permitir novamente abraçar e beijar muito todos os meus filhos.

A partir da recepção desta carta, ainda cheia de apreensões pela minha sorte, e portanto enviada ainda um pouco ao acaso, por muito vagamente apenas constar em Portugal que eu me encontrava na Alemanha, as notícias de minha família tornaram-se um pouco mais regulares, o que para mim valia tanto como o próprio ar que respirava.

Tranquilizado, pois, a êste respeito, pude então recommençar, a preparação das minhas presentes notas, em que, por assim dizer, eu entretinha todo o meu tempo.

Um facto veio, porém, obrigar-me a abrir um longo parentesis neste meu trabalho, que então ia já pelo seu 8.º capítulo, concluído nos meus derradeiros dias de Fuchsberg: Foi o caso que, tendo-se em Breesen constituído uma comissão de divertimentos que imediatamente iniciou os seus trabalhos com o aproveitamento e renovação do antigo teatro construído pelos nossos camaradas romenos, sou eu procurado por dois membros dessa comissão que me pedem para lhes escrever uma comédia que pelos officiaes portuguezes pudesse ser levada à scena, no mais curto prazo de tempo.

Pôsto que eu nunca houvesse escrito nada para o teatro, como se tratava dum divertimento de carácter particular, em que eu contava com a condescendência dos meus camaradas, dúvida alguma tive em dar aos dois officiaes que me haviam procurado a certeza de que

alguma cousa iria tentar, lançando nesse mesmo dia, mãos à minha obra.

O assunto fornecera-mo uma aventura absolutamente autêntica que eu conhecia dos meus belos tempos de E'taples e Paris-Plage, na *Base* portuguesa de operações do nosso C. E. P.

Os dois primeiros actos da minha peça, a que eu dera o titulo de «*O amor na Base do C. E. P.*» escrevera-os em seis dias, aproveitando, para maior simplicidade, um pequeno diálogo da minha novela militar a «*Fidalguinha da Levada*», com que preenchi uma parte duma das principais scenas do 1.º acto.

O terceiro dera-me, porém, a água pela barba, porquanto apenas uma frase me obrigava irremediavelmente a fazê-lo.

A minha dificuldade, pois, não consistia propriamente em escrever melhor ou pior esse acto, mas apenas em preenchê-lo com algumas scenas aceitáveis que me permitissem enfim disparar essa frase de efeito com que eu o pretendia fechar.

Ao fim, porém, duns quinze dias de penosas locubrações de espirito, que mais duma vez me levaram a arrepender-me sériamente do compromisso que tomára, dava eu por concluída a minha peça que a seguir li em reunião magna dos seus futuros intérpretes.

Os ensaios de leitura iam tendo lugar na sala do refeitório, paralelamente aos serviços de reconstrução do palco, onde dia e noite se trabalhava; dificuldades, porém, provenientes da situação em que nos encontrávamos, prote-lavam enfadonhamente a representação da minha comédia, pelo que a nossa pequenina sala

de espectáculos começava já a ser denominada de *Teatro da Paz*.

Este titulo, que os primeiros sintomas da paz haviam de resto inspirado a um dos meus camaradas, provocára uma tal febre de actividade em todos nós que, em menos de oito dias, estava o palco em condições de nele se poder dar a nossa primeira récita, não obstante o desagradável contratempo de, no próprio dia do espectáculo, nos haver falhado uma instalação especial de luz eléctrica, em que dispendêramos a elevada sôma de duzentos e dez marcos.

Os capitães Viegas e Mousinho de Albuquerque, com uma boa vontade e esforço que eu nunca poderei esquecer, remediaram um pouco esta falta com a simples mudança de algumas lâmpadas da sala para o palco, onde emfim teve lugar a *première* da minha modesta comédia, a que só o hábil desempenho de alguns inteligentes rapazes conseguiu dar o relêvo e a graça que infelizmente ela não possui.

Estava, pois, finda a minha árdua incumbência, de que apenas me resultaram algumas noites bem passadas, no meio d'esses alegres rapazes que, pela sua fina educação e bons desejos de me serem agradáveis, se tornaram verdadeiramente dignos da minha estima e do meu mais vivo reconhecimento.

Nunca mais eu poderei esquecer êsse *fervel opus* do dia 27 de Outubro, em que o capitão Zaid de Almeida, de pincel em punho, transformára habilmente alguns jôvens alferes, de lindos rôstos, em outras tantas adoráveis mulheres que, sob as elegantes cabeleiras que nós

lhes alugámos em Hamburgo, e trajando vaporesas toilettes, generosamente cedidas por uma familia de Roggendorf, quási iam fazendo andar à roda as cabeças de alguns camaradas, a quem há muito não era dado vêr um lindo rôsto de mulher.

Os selectos números de música magistralmente ensaiados pelo talentoso tenente Pinto Ribeiro, num sexteto que primorosamente completava o exímio pianista Ribeiro Gomes, deram, nos intervalos, a essa modestíssima festa de *gefangenen*, a indispensável nota teatral. Apenas faltou a ceia final, no restaurante, estúpidamente substituída, no regresso às nossas barracas, por uma miserável fatia de centeio, excepcionalmente polvilhada com um pósinho da nossa escassa ração de açúcar.

Seguidamente á representação da minha comédia, devia seguir-se a duma peça em dois actos, especie de revista, inspirada na nossa vida de prisioneiros, com música do tenente Ribeiro Gomes, e magistralmente escrita pelo alferes Hermani Cidade, erudito professor da Faculdade de Letras a quem a apertada rêde da mobilização lançou para esta aventura da guerra e depois para o cativo, onde eu tive o prazer espiritual de o conhecer.

Chegára essa revista a entrar em ensaios que inopinadamense fôram interrompidos, em virtude de dificuldades pecuniárias e outras que determinaram o autor a retirar desgostoso a sua peça que, nestas condições, não chegou a ir à scena.

As noticias relativas a uma próxima paz, absorvendo totalmente as atenções dos officiais

prisioneiros, desinteressára também destas diversões os mais entusiastas amadores teatrais, em cujos espiritos apenas laborava a consoladora ideia dum pronto regresso à pátria querida.

E assim deixámos inteiramente abandonado o nosso elegante teatrinho, tão devotadamente feito à custa do esforço material de todos nós, e onde, nas suas belas pinturas, fica atestado o alto merecimento artistico dos meus hábeis camaradas, Zaid, Silva e Levy.

A todos êsses excelentes amigos, mas especialmente àquêles que mais de perto comigo colaboraram nessa tarefa, aqui deixo, pois, a expressão do meu sincero reconhecimento, juntamente com o da muita amizade que a todos fiquei dedicando.

São êles: o capitão Zaid de Almeida, os alferes Manuel dos Santos, Costa Oliveira, Florêncio, Nogueira Soares, Carvalho, Carneiro, Mira Saraiva, Rosas e Cabral, tenentes Monteiro e Teles Grilo, Dr. Guimarães, Almeida e Costa Cabral.

\*

\*      \*

A actividade intellectual dos officiaes prisioneiros não se exerceu apenas no teatro, ficando também e principalmente assinalada pela produção de uma série de interessantes conferências de que poderei indicar as de Hernani Cidade sôbre Camões, as de Anibal Montalvão sôbre as nossas colônias, do Dr. Carlos Olavo sôbre os nossos prosadores contemporâneos, de Delduque da Costa sôbre a provincia do Minho, de

Picão Telo sôbre o Alemtejo, coronel Deocleciano Martins sôbre Bragança, e antes da nossa reunião em Breesen pelo tenente-coronel Craveiro Lopes sôbre a Índia, quando êste oficial se encontrava ainda em Rastatt, e nêste mesmo campo pelo capitão Américo Olavo sôbre Portugal (1).

Estas conferências tinham tanto mais merecimento quanto é certo não dispôrem estes oficiais do menor elemento com que pudessem fazer a preparação dos seus trabalhos, alguns dos quais constituíram verdadeiras dissertações dum invulgar fôlego literário.

\*

\*      \*

Era, d'estarte, que eu e os meus companheiros conseguíamos atenuar um pouco a amargura do nosso cativeiro, esquecendo êsse terrível ponto de interrogação que permanentemente víamos na nossa frente, pelo que dizia respeito ao dia do nosso regresso à Pátria.

A leitura dos jornais alemães, únicos em que nos era dado colher quaisquer informações, não nos oferecia a imparcialidade bastante para podermos concluir das probabilidades duma paz que, dada a irredutibilidade da Alemanha, se nos vinha afigurado ainda um pouco distante.

---

(1) Esta conferência, muito interessante, foi pelo seu autor exposta em francês, para poder ser compreendida pelos numerosos oficiais franceses que a ela assistiram.

As repetidas ofensivas levadas a efeito desde 21 de Março pelo exército alemão no Somme, Lys, Ipres, e novamente no Somme em Junho, embora fôsem quasi súbitamente detidas pelos aliados, deixaram-me a impressão de que uma certa vitalidade possuíam ainda os nossos inimigos, tanto mais que era grande sempre o número de prisioneiros que estes faziam em todas essas ofensivas.

Os progressos destas não iam, porém, além dos estreitos limites que lhes impunha a chegada mais ou menos pronta das reservas aliadas, perante as quais imediatamente se quebrava todo o seu ímpeto.

Reconhecia-se, pois, numa evidência manifesta, que os nossos inimigos se limitavam a esgrimir mais ou menos habilidosamente, valendo-se da única vantagem que ainda lhes restava em seu favor, qual era a de se encontrarem do lado da grande concavidade oferecida pela imensa frente de batalha.

Esta circunstância permitia-lhes, de facto, operar, com uma relativa presteza, a deslocação das suas tropas de manobra para um ponto de ataque, de antemão escolhido e táticamente dissimulado, contrariamente ao que acontecia aos aliados que para acudir a esse ponto, tinham sempre que efectuar uma deslocação de maior envergadura, por haverem que percorrer as distâncias muito maiores que lhes oferecia a convexidade da sua frente.

Impunha-se, pois, a necessidade de ampliar a frente do contra-ataque aliado, por fórma a fazê-lo simultâneamente incidir não só sobre o ponto de ataque inimigo, mas ainda contra

outras partes da frente que facilitassem um envolvimento das forças adversas, cujas reservas se tornariam assim insuficientes para acudir, ao mesmo tempo, a diversos pontos.

Duas coisas eram precisas para que esta acção pudesse ser exercida pelos nossos aliados, e não tardaria, na opinião do major Bladin du Chalat, a alcançar-se esse *desideratum*: Uma delas era o reforçamento da nossa frente com os fabulosos contingentes que, a todo o momento, estavam a chegar da América, desembarcando incessantemente nos diversos portos da França; a outra era a entrega do comando único a um hábil general francês que, na posse dum poderoso efectivo de tropas, dele pudesse livremente dispôr, sem dependências de nacionalidade.

A derradeira ofensiva alemã, entre Reims e Soissons, em que o inimigo chegou a alcançar de novo o Marne, tentando, num supremo e desesperado esforço, o seu avanço sôbre Paris, precipitou a sensata resolução do comando único, que foi enfim confiado ao prestigioso general Foch, com o aplauso unânime de todas as nações aliadas.

A este facto succedeu-se mais ou menos prontamente toda essa série de vitórias que verdadeiramente marcou o início da formidável derrota sofrida pelo exército alemão.

As noticias das operações por nós colhidas nos jornais alemães não escondiam já o desalento moral que dia a dia, se vinha apoderando do povo alemão, começando todos nós a alimentar a fagueira esperança dum próximo regresso à nossa pátria querida.

Nós que apenas apelávamos para um futuro internamento na Suíça, ao fim de 18 meses de cativo, para o que ainda nem um contracto existia entre o nosso e o governo alemão, começámos a considerar já tudo isso dispensável, até que em 5 de Outubro as propostas de paz da Alemanha nos veem trazer a mais segura certeza de que estava enfim prestes a terminar o nosso já bem longo sofrimento.

\*

\* \*

Qual seria a resposta de Wilson à proposta de paz que lhe fôra enviada pelo governo alemão?

Eis a pergunta que, durante alguns dias de impaciente expectativa, se fazia entre os officiaes portuguezes.

As opiniões variavam infinitamente, percorrendo toda a escala das probabilidades mais ou menos possiveis, desde o mais desanimador pessimismo, até ao racional optimismo, assentando na lógica observação dos factos.

Uma esperança nos garantia, porém, contra as hipóteses desagradáveis que a todo o momento se aventavam: era a de que, infalivelmente, a Alemanha se veria forçada a aceitar quaisquer condições de paz que viessem a ser impostas pela *Entente*.

Entretanto, vinham os jornais acusando um prodigioso avanço dos aliados ao qual correspondia uma retirada quasi voluntária do exército alemão.

Sobre cartas da França produzidas na Ale-

manha, e abrangendo a frente ocidental, marcavam diáriamente alguns dos meus camaradas, por meio de alfinetes, os progressos feitos pelos exércitos aliados, o que atraía todos os outros oficiais às barracas onde existiam essas cartas.

Era depois da leitura dos jornais que se fazia o registo do avanço da frente aliada que um fio de linha preta, acompanhando as sucessivas deslocações dos alfinetes, definia com uma certa precisão.

O poderoso exército alemão recuava enfim, como antes haviam recuado os portugueses no Lys, ou os ingleses e os franceses no Somme, e como recuam sempre tôdas as tropas, quaisquer que elas sejam, desde que outras forças, desmesuradamente superiores, se lhes ofereçam.

Quantas vezes eu ouvira dizer que o nosso país não tinha necessidade dum exército superior ao reclamado pela manutenção do seu dominio colonial, bastando-lhe um pequeno núcleo de forças policiais para assegurar a ordem no continente, visto que impossivel se lhe tornaria, pela sua pequenez, o defrontar-se com qualquer outra nação da Europa?

Outro tanto ninguém se atreveria a dizer relativamente à Alemanha, soberba potência europeia que, desde 1870, vinha porfiadamente valorizando o seu exército, fornecendo os mais sábios e adiantados ensinamentos ao mundo inteiro, em questões de ciência militar; e, contudo, foi êsse colosso totalmente abatido e derrotado, não obstante a sua poderosa aliança com outros elementos igualmente fortes, desde

que a restante humanidade contra êle decididamente se congrassou.

A cooperação do nosso corpo expedicionário produziu, dentro dos estreitos limites que lhe impunha o seu pequeno efectivo, todo o efeito que dele havia a esperar; e, pôsto que os nossos soldados, em virtude dum conjunto de razões de fácil compreensão, se não sentissem tão vivamente impulsionados para esta guerra como os seus aliados, pôde afoitamente dizer-se que êles se desempenharam honrosamente da espinhosa missão que lhes fôra confiada.

Muitos mêses de trincheiras haviam já revelado verdadeiros heróis e determinado os mais honrosos louvores para as nossas tropas, por parte, não só do comando português, como do alto comando britânico, a que elas estavam adstrictas, quando o inimigo, freqüentemente acossado pelas nossas agressões, se dicidiu atacar tempestuosamente a frente portuguesa, durante todo o mês de Março e especialmente em 9 de Abril, quando os nossos homens se encontravam verdadeiramente exaustos de fôrças e reduzido a menos de metade o seu efectivo.

Oito divisões empenhára o inimigo nessa formidável batalha do Lys, orçando por 1500 o número de canhões de diversos calibres com que êle bombardeou tôda a frente portuguesa, que apenas dispunha de 76 peças de campanha e 16 obuzes, a cargo de artilheiros do nosso C. E. P., visto ser inglesa a escassa artilharia pesada que, nesse dia, se achava adstricta ao nosso sector.

Apesar, pois, desta desproporção flagrante que ao próprio adversário devêras surpreendeu

mais tarde, tôdas as baterias portuguezas se mantiveram em permanente actividade até ao seu derradeiro cartucho, o que prova o facto de ser grande a percentagem entre os prisioneiros, tanto de officiaes como de peças de artilharia.

Apenas, por se tratar dum official cujo assinalado valor é já do dominio público, e se acha em parte, galardoado pelo nosso govêrno, com uma alta distincção eu ousou fazer referênciã ao capitão Braz de Oliveira, comandante da 2.<sup>a</sup> bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A., que, indo muito além das obrigações que lhe impunha a sua árdua missão, conseguiu manter em actividade a sua bateria, não só até ao derradeiro cartucho de que dispunha, mas até ao momento de ser feito prisioneiro com o reduzido pessoal que a forte chuva de metralha inimiga milagrosamente lhe deixára em pé.

É que êste official não só possuía uma dotação de munições dupla da que estava superiormente determinada, contrariando assim as ordens recebidas, como êle próprio fez, debaixo de fogo, o remuniamento à mão, auxiliado apenas pelo seu subalerno Costa Cabral, por lhe ser impossível effectuá-lo pela tracção animal.

As muares calam despedaçadas pelos estilhaços que igualmente atingiam, aos milhares, os carros de munições; e com tanta felicidade se houveram êstes dois officiaes no desempenho dêste arriscadíssimo serviço, que nem uma só beliscadura atingira qualquer deles.

6000 granadas que a bateria de Braz de Oliveira possuía, consumira-as êle num fogo violentíssimo, de 25 tiros por minuto, para cada

uma das suas seis peças, desde as 5 às 8 e 30 minutos da manhã, e das 10 ao meio dia.

A interrupção do fogo, que por hora e meia êle teve que fazer, fôra-lhe imposta pelo excessivo aquecimento acusado pelas peças da bateria que chegaram a pôr-se em brasa, não havendo baldes de água fria que as pudessem refrescar!

Uma ordem do comando do grupo a que pertencia a sua bateria, dissera-lhe, pelas 8 horas, que, não existindo as necessárias comunicações, tomasse êle as providências convenientes, segundo a situação que se lhe oferecia.

Essas providências, dissera logo o capitão Oliveira, consistiam apenas em fazer fogo até rebentar com a última peça.

Entretanto as granadas inimigas choviam sôbre a sua bateria, onde chegavam às 10 e 20 de cada vez.

Mas era preciso tomar conhecimento de tudo quanto na sua bateria se ia passando, pelo que Braz de Oliveira percorria, de gatas, constantemente, dumas para as outras, todo o espaço, de 100 a 200 metros, compreendido entre as suas peças, por impossível se lhe tornar o fazer de pé essas visitas.

Apesar desta precaução uma granada vem cair a 2 metros dêste valente oficial, a quem arremessa ao ar, com tanta felicidade, porém, que dano algum lhe produz, por casualmente êle haver caído bem sôbre o terreno.

Cêrca das 10 horas o bombardeamento inimigo recrudescer de intensidade, aumentando paralelamente o calibre das granadas, que de 7,7 e 15 passa rapidamente para 21!

E' então que, após uma arrojada travessia

digna da maior admiração, se lhe apresenta, de regresso das linhas, onde passára a noite como agente de ligação da bateria com um batalhão da frente, o alferes Gonçalves, que imediatamente comunica ao seu comandante a notícia do recuo da infantaria que, no dizer daquele oficial, acabava de ser esmagada na 2.<sup>a</sup> linha.

Braz de Oliveira recomeça então o fogo da sua bateria, com uma tal velocidade que, ao fim dum quarto de hora, lhe determina a rutura duma das suas peças.

Um projectil de 21 atinge-lhe em cheio uma outra peça que inteiramente pulveriza.

— Fôgo, porém, sempre, *com um raio de diabos!* — exclama o capitão Braz, ao mesmo tempo que reduz de 600 metros a alça das 4 peças que ainda lhe restavam.

Os efeitos do seu tiro não podiam ser mais mortíferos, deixando as estradas juncadas de cadaveres de homens e cavalos, e aqui e além cheias de viaturas despedaçadas. O pessoal da sua bateria estava já quasi todo ferido, porém sempre pronto a disparar com ligeireza as suas peças.

Foi perante a acção terrivelmente destruidora desta bateria que, após o seu aprisionamento, Braz de Oliveira ouvira muitas vezes perguntar aos alemães *quem era o comandante duma certa bateria* que tão grandes destroços produzira nas colunas da sua infantaria.

O valente oficial, percebendo muito bem que se tratava da sua unidade, fazia-se naturalmente desentendido, conservando-se no pitoresco dizer dum seu subordinado, *caladinho sempre como um rato*.

Eis, pois, meus caros leitores, um exemplo devéras consolador para todos os portuguezes, e em especial para o exército que Braz de Oliveira tão brilhantemente representou na maior guerra em que a humanidade se tem debatido, não só cumprindo honrosamente o seu dever militar, porque êsse todos nós mais ou menos o cumprimos, segundo as nossas fôrças e aptidões, mas indo, como se vê, muito além do que tácticamente lhe impunha a sua elevada patente de capitão comandante de uma bateria.

Não suponham os leitores que quaisquer estreitas relações de amizade me prendem a êste oficial com quem, apesar de meu companheiro durante muitos meses nos vários campos de prisioneiros alemães onde permaneci, só raríssimas vezes me costumava encontrar.

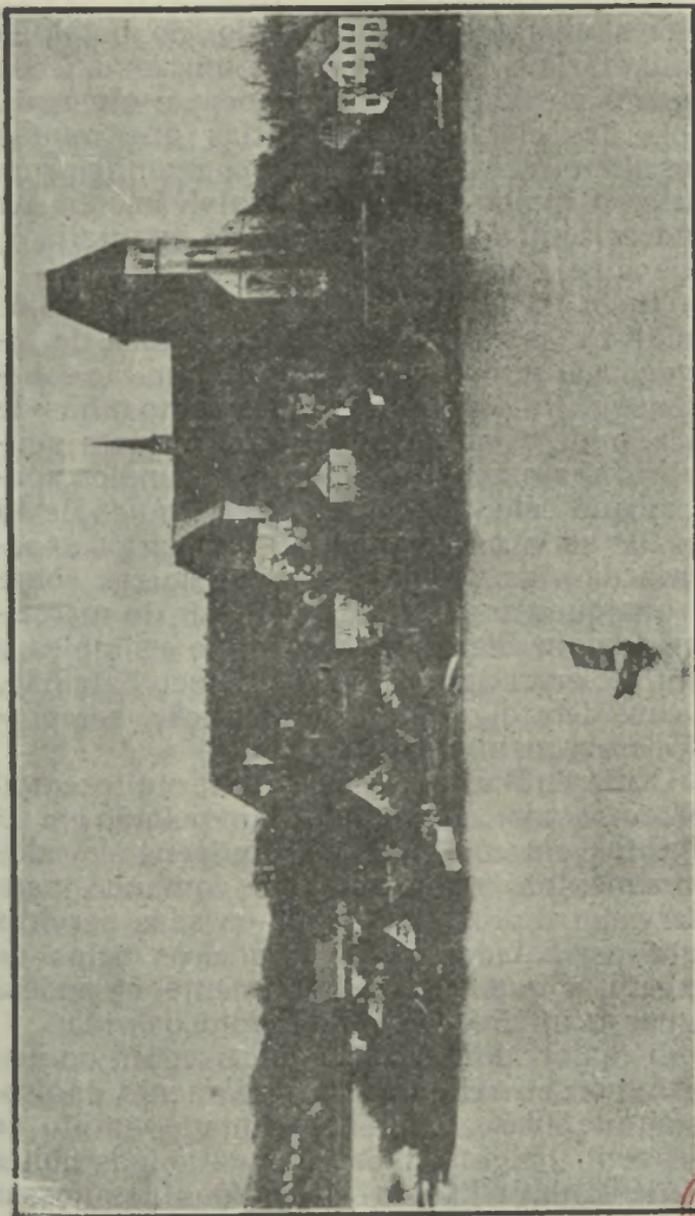
Os factos que aqui aponto e que aliás são do domínio de toda a gente, foram-me referidos pelos subordinados de Braz de Oliveira, na bateria que tão brilhantemente êle comandou na Flandres; a sua bôca apenas se abriu para me confirmar a verdade de todos êsses acontecimentos.

Que êle me releve estas palavras que eu sei muito bem irem ferir devéras a sua grande modéstia, pela sinceridade com que aqui as deixo escritas.

\*

\* \* \*

A outros camaradas eu poderia também referir-me se não fôsse meu propósito o evitar abordar assuntos que largamente constarão decerto dos relatórios officiais.



Um aspecto de Ratzburgo



O alferes Augusto Machado, do batalhão de infantaria n.º 8, seria assim um dos oficiais de quem eu não deixaria de ocupar-me aqui, depois das elogiosas referências que muitas vezes lhe ouvi fazer pelo meu companheiro de quarto, o major Anibal de Montalvão, que na Flandres comandou o batalhão de infantaria 8, a que aquêlê official pertencia.

Quem conhecer bem o carácter do major Montalvão, as suas elevadas faculdades de intelligência, o seu provado valor militar, tão sobejamente assinalado em diversas campanhas de África, onde duas vezes foi ferido; quem souber principalmente que não é por simples aparência que êste official com uma prática de 16 anos de serviços coloniais e uma larga experiência da vida, formula os seus juizos sôbre um qualquer assunto, pôde avaliar do merecimento de um alferes, modestíssimo e simples, a quem, de entre tantos officiais do seu batalhão, êle considera digno de, por distinção, ser promovido ao pôsto immediato.

O alferes Machado que, durante muito tempo exerceu sempre o comando dum pelotão em 1.ª linha, foi, em consequência dos seus elevados merecimentos, nomeado pelo comando para observador do batalhão, onde os seus serviços foram assinalados por verdadeiros actos de coragem, a que, mais próprioamente, se poderá chamar o inteiro desprendimento da vida.

O major Montalvão se encarregará de justificar, no seu relatório, o fundamento da proposta que fizer, tendo-me contado, muito de passagem; nalgumas das nossas longas noites da Alemanha, quando já deitados nas nossas

estreitas camas e de luz apagada, abordávamos um qualquer assunto para preenchermos os minutos que procediam o sono. Eis o que êle me conta:

—Multiplicava-se, prodigiosamente, fazendo o serviço dele e não raro o dos outros, nas condições mais difíceis e perigosas. E assim, foi êle que, durante a ofensiva do Lys:

1.º Fez o remuniamento do batalhão, acompanhando os cunhetes até junto das companhias, embora êsse serviço lhe não competisse por, estar a cargo do oficial de granadeiros que, naquela ocasião, não estava presente.

2.º Serviu de guia aos pelotões de reforço que vinham do batalhão de apoio, indicando-lhes os locais dos seus destinos e acompanhando-os pelas estradas e caminhos, completamente batidos pela artilharia inimiga, serviço para que êle se prontificou, por sua espontânea deliberação, visto não ter chegado a receber qualquer ordem nesse sentido.

3.º Nos intervalos dêstes importantes serviços, tendo caído uma granada sôbre um abrigo onde haviam sido recolhidos diversos feridos, foi ajudar a retirar dêsse abrigo aqueles que ainda se encontravam com vida, fazendo-os conduzir ao pôsto de socorros, revelante serviço este que levou a cabo, debaixo dum terrível bombardeamento, etc.

Mas muitos outros oficiais e praças se houveram com raro denôdo na acção de 9 de Abril, confirmando assim os seus anteriores créditos de militares valentes e destemidos, como por exemplo o tenente Belo de infantaria 2, o exemplo mais flagrante de serenidade, perante a

brutal agressão dum forte bombardeamento ; o alferes Leão e o capitão Américo Olavo, ambos igualmente dêste batalhão constituindo, êste último, por sinal, o mais eloqüente exemplo da coerência entre os seus princípios e a correcta attitude que, nas mais difíceis situações, revelou sempre, por uma fórma devéras iniludível, desde o seu *raid* de 2 de Abril que já lhe havia rendido a justíssima recompensa da Cruz de Guerra (1).

As vagas referências que aqui deixo muito passageiramente feitas a êstes oficiais, não excluem, é claro, tanto outros feitos que a acção de 9 de Abril decerto deverá ter revelado, como por exemplo o são as atitudes do batalhão de infantaria n.º 13 do comando do major Andrade Piçarra, e o avanço, sob a forte barragem, dum parte de infantaria n.º 15, do comando do major Andrade Peres, que, vindo de Paradis para La Couture, se reuniu ao 13, com o qual realizou a defesa de que em Portugal se tomou logo conhecimento pelos que conseguiram a tempo escapar ao aprisionamento.

Destas referências que, muito *à vol d'oiseau*, eu aqui faço a alguns dos nossos oficiais, pode

---

(1) Tomou parte neste *raid*, para o qual se ofereceu, o valente oficial de engenharia Costa Alemão Teixeira, a quem foi incumbida a missão de destruir o arame à frente do ponto de ataque, e de destruir também por meio de explosivos certos abrigos em bétom que existiam nas linhas inimigas. Este oficial, que tão heroicamente se houve nesta e noutras, acções, pelo que também foi condecorado com a Cruz de Guerra, veio infelizmente encontrar no seu país morte inglória, num recontro com uma guerrilha política, para onde o lançou o seu génio excepcionalmente aventureiro.

felizmente concluir-se que o nosso C. E. P. se houve, no seu conjunto, como as demais forças com as quais cooperou.

A extensão muito restrita da frente que ocupávamos foi levada na onda ofensiva de 9 de Abril, que desde La Bassée e Armentières se fez sentir, por uma forma tão violenta, que, não só nós como as forças inglesas que nos prolongavam os flancos, a não conseguiram deter.

Envolvidas essas forças na sua quasi totalidade, por haver o inimigo efectuado o seu avanço principalmente pelos sectores ingleses que limitavam a nossa frente e segundo parece por um dos nossos sectores de brigada, evidentemente que tinha de ser tão grande o número de prisioneiros, como era o de todos aqueles que, mantendo-se heroicamente no seu posto, se viram súbitamente cercados pela numerosa infantaria alemã e suas metralhadoras, contra as quais toda a resistência se tornou inútil.

Não dispondo de reservas de efectivo apreciável, algumas das quais ainda caíram em poder do inimigo, poderia considerar-se assim liquidado o nosso C. E. P., contrariamente ao que acontecia com os nossos aliados, cujas perdas, por muito numerosas que fôsem em qualquer parte da extensa frente que ocupavam, eram prontamente supridas por novas forças das suas inexgotáveis reservas.

Nisto consiste, pois, tão sómente, a diferença da nossa acção, perante a dos nossos aliados. A fornalha era grande de mais para tão pouco combustível como o que lhe oferecia o nosso C. E. P.; mas esse combustível não se queimou mais depressa do que qualquer outro

e como qualquer outro crepitou até inteiramente se extinguir.

Nos 13 quilómetros e tanto, éh fim, que ocupavam as nossas tropas, nenhuma outra se teriam agüentado mais eficazmente; e, onde elas se sacrificaram, dispensável se tornou o sacrificio de quaisquer outras.

Eis tudo, que bastante é, para que, de nacionais e estrangeiros, possa ser esquecido.

## XVIII

DEPOIS desta minha divagação sobre um assunto que propriamente não estava no programa que me propus tratar, ao conceber este meu já bem longo trabalho, vou de novo retomar o fio dos acontecimentos de que me vinha ocupando no momento de me referir ao pedido de armistício formulado pela Alemanha, o qual tão grandes esperanças veio enfim trazer aos nossos espiritos, onde há tanto tempo se alimentava uma insuportável ânsia de liberdade.

Depois de vários boatos, mais ou menos pessimistas, chegou ao nosso conhecimento a resposta de Wilson que logo encheu de júbilo os corações oprimidos de todos nós, onde a crença numa vizinha paz começara verdadeiramente ganhando vulto.

A esta resposta animadora seguiram-se, porém, as pesadas condições impostas pelos aliados, que apenas o pessimismo de alguns dos meus companheiros considerava inaceitáveis, não porque ardentemente não desejassem o

esmagamento de quem tanto nos vinha fazendo sofrer, mas porque a persistência no sofrimento os tornára descrentes de uma tamanha felicidade.

A Alemanha via-se, porém, forçada a aceitar tôdas e quaisquer condições que a Entente lhe quisesse impôr, desde que a Turquia e Austria a haviam abandonado, mas principalmente porque o apertado bloqueio aliado a tinha reduzido à *fome*, na acepção mais rigorosa desta palavra.

Em 12 de Novembro espalhára-se, logo de manhãzinha, a alegre notícia das condições de armistício por parte da Alemanha, sendo esta boa nova imédiatamente festejada com um formidável S. O. S. de pancadaria, em tôdas as barracas, onde se produziu um atroador ruído, tal qual como se o nosso campo se houvesse transformado numa grande praça de touros, em dia de pateada.

Os 230 oficiais que se encontravam em Breesen, bateram desesperadamente, durante alguns minutos com bengalas, botas, cadeiras ou com o primeiro objecto que se lhe oferecêra, contra as paredes de madeira das barracas, numa infantil manifestação de alegria a que o próprio pessoal do campo deveria sem dúvida ter encontrado uma certa graça.

De entre tôdas as condições do armistício fôra a do nosso pronto repatriamento aquêla que naturalmente mais nos agradára por nos ir garantir a passagem das próximas festas do Natal com as nossas famílias.

Uma grande excitação de ânimos se manifestou, a partir dêste momento, em todos nós,

para quem os restantes dias da nossa permanência na Alemanha representavam um sofrimento duplo do que até àquele momento vínhamos experimentando.

Entretanto iam-nos, dia a dia, chegando as mais sensacionais notícias, como sejam as da abdicação do Kaiser e Kronprinz, a da formação do conselho de soldados e tantas outras que, verdadeiramente, marcavam aquela espécie de desfazer de feira que mais garantido tornava ainda o triunfo dos aliados.

Indicava-se para muito breve o nosso repatriamento que, na pior das hipóteses, não poderia exceder o final do armistício, o que não impedia que alguns dos meus camaradas comesçassem concebendo os seus planos de fuga, receiosos de que os portugueses viessem a ser esquecidos.

A impaciência levava-nos a supôr tudo quanto poderia vir entravar a nossa saída da Alemanha.

O comandante do campo, um velho reformado, a quem os *soviets* permitiram continuar à testa do seu cargo, mostrava-se, porém, disposto a conservar no campo o regimen disciplinar anterior ao estabelecimento do armistício, ordenando, muitas vezes debaixo de chuva e por um frio horrível, as formaturas para as duas chamadas diárias da manhã e da tarde, contra o que todos nós começamos protestando.

Evidentemente que não podíamos continuar a entrar na fôrma, como o vínhamos fazendo até ali, porquanto a nossa situação se havia modificado consideravelmente.

Por intermédio do presidente da nossa

comissão de Assistência apresentámos, pois, a competente reclamação ao aludido major que logo declarou não poder dispensar-nos das formaturas habituais para as chamadas, porquanto o governo alemão era responsável, perante os aliados, pela entrega dos prisioneiros que existiam nos diversos campos, prometendo apenas realizar a formatura da manhã sempre depois das 10 horas, em vez de às 8, como era costume.

Não contentes com esta resposta, pois que muito bem podia o comandante fazer a nossa contagem nos dormitórios durante a noite, foi por alguns oficiais resolvido o faltar-se áquelas formaturas.

O major pretendeu ainda atemorizar os faltosos, mandando-os chamar por um dos intérpretes, que se fez acompanhar por um velho soldado armado; vendo, porém, que esta medida ridícula lhe não dá o menor resultado visto ser muito formalmente desobedecido, prometeu o velho oficial reduzir a uma só o número das formaturas diárias.

As faltas mantiveram-se, porém, se não aumentaram mesmo, o que determinou o major a acabar enfim com as chamadas, que ficaram reduzidas a uma simples contagem durante a noite, quando todos nos encontrávamos já deitados.

As transigências, por parte do comando, aumentavam dia a dia, e eram uma consequência dos freqüentes abusos dos prisioneiros que assim iam adquirindo novas regalias.

Os passeios, que anteriormente representavam uma especial concessão, feita mediante um termo de palavra de honra entregue por

escrito na secretaria, como garantia de que o seu signatário se comprometia a não fugir, (embora o fizessem acompanhar por um soldado) passou a efectuar-se livremente, despovoando-se, quási por completo, o campo de Breesen, mesmo nos dias de chuva copiosa.

Os locais do destino dos meus camaradas eram geralmente Ratzburg, pitoresca cidade-sinha a que já tive ocasião de referir-me, Roggendorf, Breesen, Gadbuch e outras povoações relativamente próximas do campo, donde alguns oficiais recolhiam, não raro, sómente no dia imediato ao da partida, e às vezes mesmo mais tarde ainda.

E' que lhes não fôra nada difícil o travarem relações com a população civil que amavelmente os recolhia, não obstante a sua condição de inimigos

Essas excursões que cada um acabava por fazer para onde muito bem lhe parecia, começaram a aborrecer o comandante do campo, a quem não agradavam nada as freqüentes permutas que os prisioneiros vinham fazendo com as populações civis.

Diversos artigos, tais como o sabão, calçado, as roupas brancas e em geral tudo quanto escasseiava na Alemanha, era trocado por batatas, que ao anoitecer davam entrada no campo, em larga escala, para o que os meus companheiros utilizavam os cabeçalhos das camas, depois de esvasiados da palha que os enchia.

Um aviso do comando, no sentido de obstar a estas transações, não surtiu o menor efeito, porquanto a alimentação do campo, até

então considerada já deficientíssima, havia sido reduzida a metade, como consequência da falta, cada vez mais sensível, de viveres em toda a Alemanha.

O comando passou então a conceder as saídas, mediante palavra de honra entregue à sentinela, em como nenhuma espécie de negócio ou permuta seriam feitos durante o passeio, com a população civil, especialmente com o elemento feminino . . .

Alguns oficiais haviam, porém, já realizado importantes *stocks* de batata, adquirindo-a outros, como eu, por alto preço, comprada a um sargento alemão encarregado do depósito de géneros do campo, que, por sinal, apenas vendia aquela que acusava já um princípio de deterioração.

As facilidades de saída e a circunstância de nos ser facultado algum dinheiro alemão para as nossas despesas, em troca do campo, começou a fazer conceber a muitos dos meus companheiros, a idéa duma evasão, determinada especialmente pelo estado miserável a que chegará a nossa alimentação.

O que nos valia eram tão sómente as batatas que, à falta de tempéro, nós comíamos assadas. Mas essas batatas em breve nos iriam faltar, não só porque se nos tornava defeso o comprá-las, como por começarem os civis a recusar-se já a fazer a permuta d'este género por sabão e roupas brancas de que os oficiais portugueses os haviam já provido em larga escala.

Mas fugir por onde e para onde ?

— Pela Dinamarca, donde embarcaríamos

para Portugal—aventavam uns.—Para a França pela Suíça.

E raros se lembravam da Holanda.

Não faltava, porém, quem aconselhasse paciência e uma certa esperança nas medidas que o govêrno português decerto deveria já ter tomado para o nosso pronto repatriamento, que assim se não poderia fazer esperar,

Era isso crível; mas, por muito grande que fosse o desejo do nosso govêrno de repatriar-nos, o que certamente êle não poderia era conseguir arrancar-nos dali para fóra, antes dos ingleses e franceses, que na Alemanha possuíam as competentes comissões de repatriamento.

Pelo comité *Pietas*, sempre incansável em confortar-nos física e moralmente, foi-nos comunicado que era a comissão inglesa a encarregada de fazer o nosso repatriamento, juntamente com os prisioneiros do seu país.

Como esta comissão se encontrasse em Berlim, foi resolvido, em assembleia geral, por nós convocada, que o tenente-coronel Craveiro Lopes, na qualidade de presidente da nossa comissão de assistência, se dirigisse imediatamente àquela cidade, onde iria colher informações, relativamente ao assunto do nosso regresso à Pátria.

Acompanhou aquele nosso delegado o capitão Maçãs Fernandes, official muito inteligente e que lhe poderia servir de intérprete, perante os nossos camaradas britânicos, por falar correntemente o inglês. Não obstante, porém, os mais devotados esforços empregados por êstes dois officiais, no desempenho da sua missão,

regressaram êles ao campo de Breesen verdadeiramente desanimados.

Nenhum prisioneiro francês havia sido ainda repatriado, informavam os nossos delegados, sendo limitadissimo o número de ingleses que, até àquele momento, haviam embarcado para o seu país.

Os mares do norte, especialmente o Báltico, achavam-se ainda bastante infestados de minas que levaria muito tempo a rocegar, tornando-se, entretanto, perigosissima a sua navegação.

O general Dupont, presidente da comissão francesa, ia começar a tratar do repatriamento dos seus prisioneiros, aos quais aconselhava a devida paciência para aguardarem o momento do seu regresso à pátria, que a seu tempo a todos havia de chegar.

O moral dos officiaes portuguezes achava-se, nestas circunstâncias, profundamente abatido, quando no campo de Breesen é recebido o seguinte telegrama do nosso ministro em Haya :

«O vosso repatriamento deverá efectuar-se pelos portos do norte da Alemanha ; se, porém, vós tivésseis maneira de chegar à fronteira holandesa, por grupos ou em conjunto, serieis bem recebidos, empregando eu os melhores esforços para o vosso pronto repatriamento, a exemplo do que se tem praticado com os prisioneiros de outros países».

Este telegrama constituiu um verdadeiro convite à nossa evasão, pelo que immediatamente se constituíram vários grupos entre os portuguezes que do campo de Breesen começaram saindo, mais ou menos dissimuladamente, fazendo-se acompanhar de falsas licen-

ças e dizendo-se, em toda a parte por onde passavam, como fazendo parte duma suposta comissão de oficiais portuguezes, encarregada de fazer o repatriamento dos seus camaradas.

Fui convidado para fugir, por diversos rapazes, que se decidiram a partir sem mim, attribuindo-me uma natural indecisão que, em tais circunstâncias, apenas serviria para lhes embaraçar o exito duma tal empresa; mas eu começava a passar mal, vivendo apenas dalguns escassos géneros que conseguira comprar por alto preço; os vários grupos que vira partir não regressavam mais, o que me levava a crer que haviam sido bem sucedidos; não tinha notícias de minha família, havia três meses, tendo conhecimento das terríveis epidemias que grassavam em Portugal; pelo que, uma tal situação começara a despertar-me também o desejo de fugir.

O capitão Montenegro, meu particular amigo e lial camarada da guarnição do Pôrto, várias vezes me falou na conveniência de tentarmos uma evasão; e de bom grado eu o acompanharia, se duas dificuldades se não opuzessem à realização dessa aventura que tanto me estava seduzindo: a falta de dinheiro suficiente, e o imperfeito conhecimento da língua alemã. Nós não reuníamos os dois mais que 200 francos que certamente não chegariam para efectuarmos uma tão longa viagem.

Estava, pois, eu nesta embaraçosa situação, quando o capitão Carreira, de infantaria, 1, me procura para me propôr a fuga na sua companhia e do capitão Dias Costa.

As minhas considerações iam levando êstes

oficiais a desistirem de levar-me, o que para mim teria sido um verdadeiro desastre ; mas eu soube que alguns dos camaradas que nos haviam precedido tinham conseguido do consul espanhol em Hamburgo passaportes individuais que, providos das competentes fotografias, constituíam documentos bastantes para *épater le bourgeois*, onde quer que os mostrássemos.

Estes documentos não possuíam, de facto, o visto da autoridade alemã nem da holandesa, pelo que não tinham as condições de validade indispensáveis para nos podermos dirigir à fronteira da Holanda.

— Fariamos, porém, como os outros,—pensei, verdadeiramente esperançado já no êxito da minha aventura.

Fui, pois, procurar os capitães Carreira e Dias Costa, aos quais apenas pus como condição para seguir com êles o fazer-me acompanhar pelo Montenegro. Não se opuseram, porém a isso, pelo que preparei, nalguns minutos, uma pequena mala de cartão, que últimamente havia adquirido.

Dentro dessa mala arrecadei eu, além dos manuscritos destinados ao presente livro e original da comédia, o resto da minha ração de pão para a semana, uma latinha de *corned-beef* que a *Pietas* me tinha enviado da Suíça, um resto de manteiga que o capitão Orlando de Paiva me havia oferecido dias antes, uma camisa e umas ceroulas com o carimbo da empresa do *Século*, e alguns pequenos objectos que, de certo modo, autenticavam a vida miserável que eu passára na Alemanha e dos quais eu não queria de fórma alguma separar-me.



Em Breesen



Os meus companheiros Dias Costa e Carreira iam bastante melhor prevenidos de pão e conservas, o que deveria considerar-se importantíssimo para a hipótese dum possível contratempo na nossa viagem.

A minha pequena mala, não ainda inteiramente cheia, foi completada por êstes dois officiais com mais algumas latas de *corned-beef*, carne de porco e leite condensado, o que a tornou déveras pesada. Mas com que prazer eu carregára com todo êsse pêso que, a caminho da estação, ameaçava arrancar-me fóra o braço!

No campo, apenas me despedi do major Freitas, meu companheiro de quarto, dos coroneis Pedrosa e Martins, meus vizinhos de paredes meias, dos rapazes de infantaria 8, também meus vizinhos, do lado oposto da barraca, e do alferes Calado, meu adorável secretário, cujo cartão de palavra de honra eu aproveitei para entregar à sentinela do campo, no momento da minha saída. Quanto ao meu cartão trouxe-o cautelosamente comigo, por causa das dúvidas...

Na gare de Claine Thurow, onde aguardávamos a chegada do comboio, um soldado alemão que parecia também seguir viagem, aproxima-se do nosso grupo, para pedir lume que lhe fornecemos prontamente, oferecendo-lhe eu um grande charuto, duns poucos que dias antes havia adquirido por ocasião dum dos meus passeios a Ratzburg. Com a presença deste homem ocorrêra-me logo a ideia de o aproveitar para nos comprar os bilhetes para Hamburgo.

Idêntica lembrança tiveram os meus companheiros, especialmente o capitão Carreira que, conhecendo um pouco de alemão, desde logo

começou fazendo a côrte ao dito soldado, de quem, em poucos minutos, obteve a promessa de ficar à sua inteira disposição.

A nossa aventura começava assim a oferecer umas tantas probabilidades de êxito, porquanto nós reputávamos como principal dificuldade a aquisição dos bilhetes para o seguimento da nossa viagem, a partir de Ratzburg, por não possuírmos qualquer passaporte que nos autorizasse a um afastamento do campo, para distância superior a 15 quilómetros.

Neste momento, ansiávamos apenas pela chegada do comboio, quando ao longo da estrada que ligava a estação com o campo nós vimos dirigirem-se ao nosso encontro diversos outros oficiais que, providos das suas malas ou pequenos embrulhos, caminhavam para a estação, parecendo assim tentar como nós uma evasão da Alemanha.

Assim era, de facto. Os alferes Carrusca, Picão Telo, Vieira, Sacadura e um outro, excelente rapaz, cujo nome agora me não ocorre, iriam também ser nossos companheiros de fuga, vindo, portanto, completar o número de *nove* que passámos a constituir.

Era um pouco elevado êsse número, pensei; mas a estranha coincidência dum tal algarismo a entrar naquela aventura, agourava-me para ela um certo sucesso...

O soldado alemão X acompanhava aqueles meus camaradas, aos quais prometeu comprar os bilhetes para Hamburgo.

A promessa de 50 marcos que êstes lhes haviam feito removera tôdas as dificuldades que, a princípio, aquele lhes apresentára.

—E se nós aproveitássemos antes esse soldado, dispensando os serviços do outro a quem já havíamos falado?— lembrou o capitão Carreira.

Embora me não parecesse bem, concordei com este alvitre, tanto mais que o nosso soldado me estava parecendo bastante acanhado.

Pedimos ao alferes Carrusca que falasse ao snr. X, passando-lhe logo o Carreira a importância dos nossos bilhetes para Hamburgo.

O snr. X recebeu a quantia de 15 marcos, importância aproximada da nossa viagem até àquela cidade, juntamente com a promessa de mais 50 marcos que lhe devíamos, a título de gratificação, depois de prestado o serviço que lhe pedimos.

Ao fim duns 45 minutos de viagem, alcançámos Ratzburg, estação já muito nossa conhecida e onde teríamos de mudar de comboio, depois de providos dos competentes bilhetes.

Era chegada a nossa primeira dificuldade, que a providencial intervenção do snr. X iria certamente remover.

No entanto, todos nós nos encontrávamos receiosos de que qualquer contratempo se nos pudesse deparar, ao passarmos perante as sentinelas que se encontravam à entrada das gares e às quais nós não poderíamos mostrar qualquer documento de licença que nos fôsse pedido.

Eu, sobretudo, encontrava-me excessivamente nervoso, adivinhando não sabia que obstáculo do qual a todos nós resultaria o sermos prontamente recambiados para o campo de Breesen, donde uma hora antes havíamos saído.

O major Montalvão com quem me encontrara em Claine Thurow, no seu regresso de Lubec, não agoirára bem da minha aventura, chegando a aconselhar-me que voltasse para trás.

Seria, pois, uma risota se me vissem regressar ao Campo, e decerto me chamariam tolo por me deixar atrair por um grupo de estouvados rapazes, da maioria dos quais eu poderia ser pai!

Demos, porém, entrada na estação, para onde todos seguimos, na peugada do snr. X, que logo se dirige à bilheteira, onde compra os bilhetes, com grande alegria para o meu coração que, perante uma tal facilidade, via aumentarem grandemente as probabilidades do sucesso da minha evasão.

O snr. X deixa a seguir a bilheteira, e todos nós corremos ao seu encontro, para recebermos os bilhetes que êle nos iria dar.

A distribuição começára pelos cinco alferes que aquêle soldado acompanhava, e... por aí ficou!... O snr. X não havia comprado mais que 6 bilhetes, ficando eu e os meus três companheiros a chuchar no dedo!

— Mas faltam bilhetes para mim e para estes três snrs. capitães!... observei ao alemão.

— *L'autre soldat* — respondeu o X, indicando o soldado alemão a quem primitivamente nos havíamos dirigido. E desandou logo para a gare, seguido pelos cinco alferes.

— Estávamos perdidos! — pensei, desde logo.

O outro soldado, a quem nos dirigimos dando-lhe mais 15 marcos, começou hesitando, a ponto de despertar as suspeitas dum terceiro

soldado que casualmente se encontrava junto de nós e o proibiu de nos comprar os bilhetes, porquanto nós decerto viajávamos sem licença.

E dirigindo-se, num sorriso de desconfiança, ao capitão Carreira que melhor do que qualquer de nós outros o compreendia:

—O passaporte? — perguntou.

—Levou-o para a gare um dos camaradas que nos precederam—respondeu o capitão

—Mas porque não compraram os bilhetes todos juntos?—observou.

—Engano, trapalhada do soldado alemão que nos acompanhava—explicámos.

O homem não queria, porém, convencer-se de que um soldado alemão, com mais de quarenta anos de idade, se pudesse haver enganado, a propósito dum caso tão simples, e continuava mantendo-se na sua teimosia de nos não querer deixar seguir viagem, para o que chegou a prevenir a encarregada da venda dos bilhetes de que nos não fornecesse transporte.

Imagine-se a nossa situação, perante o estúpido embaraço que nos criára o patife do snr. X!

Mas podia lá ser?—pensávamos—Ainda se a passagem fôsse embargada aos dois grupos, vá; mas seguir um deles viagem e ficar outro, era realmente o cúmulo da infelicidade.

E, num ímpeto de resolução, depois de havermos esgotado os nossos melhores argumentos para convencer o teimoso soldado, a que nos deixasse comprar bilhetes:

— Pois meu amigo — dissemos — vamos

mesmo sem êle—e encaminhámo-nos para a porta da gare.

Mas um outro soldado se achava postado, junto duma outra mulherzinha que deveria furar os bilhetes.

Este soldado era, porém, mais condescendente, havendo-o talvez convencido as nossas razões que êle nos tinha ouvido estar expondo, deixando-nos assim avançar, até que, em menos de dois segundos, nos encontrámos a contat com o snr. X que, encabado num grande charuto, fomos encontrar junto dos restantes nossos camaradas, tal qual como se nós outros nunca houvéramos existido, e não obstante possuir os 15 marcos que momentos antes lhe havíamos dado.

—Então o snr. deixa-nos ficar sem bilhetes?—disse-lhe eu, num grande assômo de indignação.

—Como assim?! Não lhos compraram?!—disse o X.

O comboio para Hamburgo ouvia-se já apitar ao longe, e não havia tempo a perder.

O snr. X, que certamente não supunha vêr-nos mais junto de si, e lembrando-se de que tinha recebido o nosso dinheiro, dicidiu-se então a ir, numa fugida, comprar os bilhetes, dando, a breve trecho, todos nós entráda no comboio que acabava de estacionar na nossa frente.

Dentro da carruagem foi o caso largamente comentado, sem que o homem conseguisse dar-nos uma explicação que pudesse satisfazer os nossos espiritos, e acalmar a nossa indignação.

Era, porém, necessário não criarmos dificuldades para o resto da viagem, pelo que, tanto eu como os capitães do meu grupo, nos dêmos por convencidos, e até por muito agradecidos, acabando por gratificar êsse homem com 25 marcos, quantia igual à que lhe deram também os cinco alferes.

Muito satisfeito, o snr. X chegou mesmo a aconselhar-nos que em Hamburgo não saíssemos todos juntos pela mesma porta da estação, para evitar suspeitas que poderiam recair sobre nós. Que não olhássemos para trás, e que, se por acaso nos dirigissem a palavra, andássemos sempre, respondendo a tudo com a palavra *ya*.

Mas nós sabíamos que num hotel de Hamburgo se encontravam hospedados há, dois dias, acompanhados por um interprete alemão, os nossos camaradas tenente-coronel Craveiro Lopes e capitão Maçãs Fernandes, que áquella cidade tinham ido tratar de assuntos relativos ao nosso repatriamento, no sentido de alcançarem do govêrno alemão um comboio que conduzisse os 200 officiaes portuguezes até à fronteira holandesa, onde os aguardaria o melhor acolhimento, por parte das autoridades daquele país.

Dirijimo-nos, pois, sem a menor dificuldade áquelle hotel, onde logo nos disseram não possuírem quartos. Tinham evidentemente receio de nos receber, porquanto logo perceberam, pelo desalinho das nossas miseráveis *toilettes*, que éramos simples prisioneiros.

—Mas nós temos aqui hospedados dois camaradas um dos quais é o presidente da

comissão de repatriamento dos prisioneiros portugueses, de que também fazemos parte.

Este expediente surtiu-nos logo o melhor efeito, porquanto, tendo sido chamados aqueles dois nossos camaradas, em breve nos eram fornecidos magníficos aposentos, estando assim vencida a principal dificuldade da nossa viagem.

O Craveiro Lopes que confirmára, perante o gerente do hotel, as indicações que nós havíamos dado, como recomendação para ali sermos recebidos, preveniu-nos logo de que podíamos estar absolutamente tranqüilos, não só no hotel como em toda a cidade, cujas ruas poderíamos passear confiadamente, na nossa qualidade de membros da comissão de repatriamento dos prisioneiros portugueses, da qual éle conseguira fazer-se passar em toda a parte como o presidente.

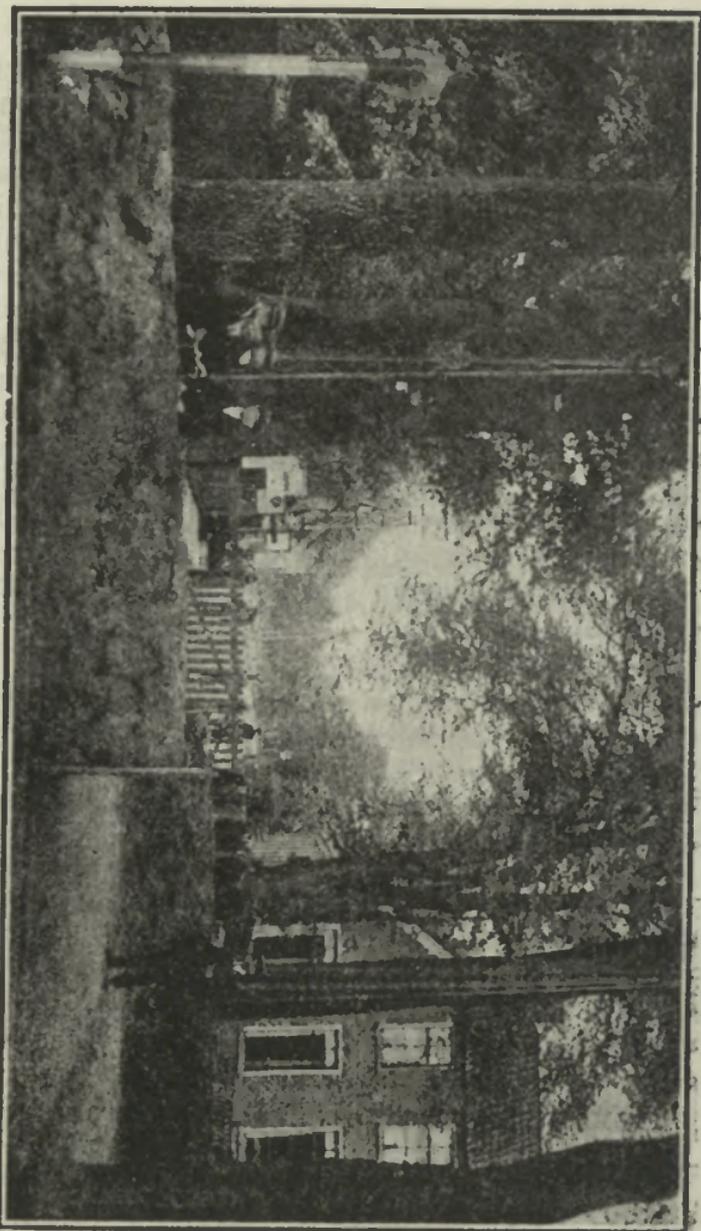
— Se alguém tentar impedir o vosso trânsito — prevenira o Craveiro Lopes — não tendes mais que declinar a vossa qualidade de comissionados, convidando quem quer que duvide das vossas declarações a vir ao hotel entender-se comigo.

O Craveiro Lopes que é um oficial inteligente e expedito, havia conseguido em todas as repartições oficiais de Hamburgo insinuar-se grandemente no ânimo de toda a gente, para quem a sua apresentação correcta e desembaraçada não podia, de fôrma alguma, ser indifferente.

Este official supriu fâcilmente, com a sua vontade e energia, todas as faltas a que nos iriam sujeitar as tradicionais imprevidências dos nossos governos.



Fronteira Holandeza



Para melhor êxito de todos os seus trabalhos, fizera-se este oficial acompanhar pelo capitão Maças Fernandes, rapaz igualmente muito inteligente, não menos desembaraçado do que aquele, e falando muito bem o inglês. Estas qualidades tornaram o Fernandes especialmente recomendável para êste importante serviço, em que os dois oficiais tiveram, mais que uma vez, de conferenciar com os nossos camaradas britânicos da comissão de repatriamento dos seus prisioneiros, a qual estava cumulativamente, encarregada de fazer o nosso.

Os dois oficiais completavam-se assim à maravilha, e era sobremodo agradável para nós outros, não só o vermos que os nossos representantes se desempenhavam à maravilha da missão de que os incumbíramos, como a boa figura que êles em toda a parte faziam, onde felizmente, davam uma esplêndida ideia do nível intelectual dos oficiais portugueses.

Estávamos, pois, eu e os meus oito companheiros, segura e magnificamente instalados até ao dia seguinte, em que procuraríamos prosseguir na nossa viagem para a Holanda.

O processo seguido já por um grupo que nos precedêra consistiu em obter passaportes individuais no consulado de Espanha, onde os oficiais portugueses não podiam ser melhor recebidos.

Iriamos, pois, também ali no dia seguinte pedir êsses passaportes, que nos serviriam de pouco, porquanto, embora possuíssem as nossas fotografias e vários carimbos do consulado, como não eram visados pela autoridade alemã

nem holandesa, estavam muito longe de constituir uns documentos legais (1).

O consul espanhol, a quem nos dirigimos, revelou-se logo duma extrema amabilidade para conosco, como de resto o havia já sido para com outro grupo de oficiais portugueses que neste expediente nos haviam precedido.

Estávamos, pois, na posse de documentos que nós reputávamos de alto valor, mas convinha, segundo tôdas as opiniões, que nos fizéssemos acompanhar também dum passaporte de licença, espécie de guia de marcha colectiva, que esclarecesse a missão de que andávamos incumbidos.

Era realmente preciso que constasse formarmos todos nós uma comissão de oficiais portugueses encarregada de tratar do repatriamento dos seus camaradas prisioneiros de guerra.

Nada, porém, mais simples do que redigir-se êsse documento, segundo as normas, por nós conhecidas, de tôdas as licenças que no campo costumavam ser-nos fornecidas, depois do armistício, para irmos em passeio à vizinha cidade de Ratzburg.

Este passaporte foi assinado não pelo suposto comandante do campo de prisioneiros como estivemos para fazer, mas pelo tenente-coronel Craveiro Lopes que, para todos os efeitos, era o presidente dessa imaginária comissão a que venho de referir-me.

---

(1) Em folha anexa pôde ser apreciado o *fac-simile* desses passaportes.

É que, assim, nós evitávamos o ter de recorrer à falsificação duma assinatura, que nos poderia trazer sérias complicações.

De resto, o Craveiro Lopes ficaria ainda no hotel, no momento do nosso embarque na estação de Hamburgo, onde, no caso de ser manifestada a menor suspeita a nosso respeito e se duvidar da autenticidade do nosso passaporte de licença, nós indicariamos imediatamente o lugar onde poderiam ir entender-se com o chefe de que dependíamos.

Estava, pois, tudo maravilhosamente disposto para podermos prosseguir sem receios de maior no restante da nossa viagem; o capitão Maçãs Fernandes, lembrou-se, porém, ainda de completar o nosso passaporte de licença, lançando-lhe à margem a verba em alemão com que naturalmente nós iríamos mistificar quaisquer *soviets* que pretendessem interceptar-nos a viagem.

O Maçãs Fernandes assinava essa verba, pedindo para nos deixarem seguir livremente, e punha-lhe por baixo a sua graduação escrita também em alemão.

Quem lêsse, convencer-se-ia, à primeira impressão, de que esta verba fôra lançada por um capitão alemão, chefe de qualquer repartição por onde houvessemos transitado.

O nosso documento, embora constituísse uma autêntica mistificação, não nos acarretava a menor responsabilidade, visto haver sido exclusivamente cozinhado por nós, não contando, de resto, a menor falsificação.

A própria verba lançada em alemão pelo Fernandes, tinha por fim tornar aquele docu-

mento mais compreensível, porquanto o restante se encontrava escrito em francês, por dever acompanhar-nos para Holanda, onde íamos em serviço.

E poderia alguém proibir o capitão Fernandes de escrever em alemão na Alemanha?

Estava, pois, tudo admiravelmente disposto, para, durante o restante da nossa viagem, não encontrarmos dificuldades de maior; mas, apesar de tudo, preocupava-nos um tanto o momento da compra dos nossos bilhetes na gare de Hamburgo, onde desejaríamos evitar a menor suspeita de que resultasse a necessidade da apresentação dos papeis que nos acompanhavam.

— Mas — estranhou o Carreira — para que servem então os nossos passaportes?

— Só na última extremidade se deveria puxar por elles — era a opinião geral.

Nós tínhamos, de facto, ali à mão qualquer criado do hotel que nos iria comprar os bilhetes, como sendo a cousa mais natural d'este mundo, e para o que bastaria dar-lhe uma qualquer gratificação. Assim se fez, pois.

## XIX

PROVIDOS dos nossos bilhetes e paga a conta no hotel, onde só dormimos (1) para evitar despesas, despedimo-nos dos nossos camaradas, dirigindo-nos excessivamente nervosos para a grande estação.

Logo à entrada, duas sentinelas de marinha nos dirigem qualquer incompreensível pergunta a que todos invariavelmente fomos respondendo com a palavra *ya*, andando sempre sem se olhar para trás.

Diversas escadas davam acesso à gare, devendo tomar-se por aquela que conduzisse à linha que nos conviria.

Dirigi-me logo desastradamente àquela que conduzia a Berlim, por vêr que para ali se

---

(1) Dormir não, porque, pelo que me disse respeito, de habituado como estava, há 9 meses, a ter apenas uma cama de cão, estranhei tanto o macio colchão de summa, o levíssimo édredon de penas e a fôfa almofada, que me foi de todo impossível o pregar ôlho até de madrugada.

encaminhava grande quantidade de passageiros.

Era esta a linha n.º 1, sendo-me logo indicada a n.º 5, para onde avancei seguido pelos meus companheiros, tendo descido sem obstáculo para a gare que se encontrava ainda quasi deserta junto dessa linha.

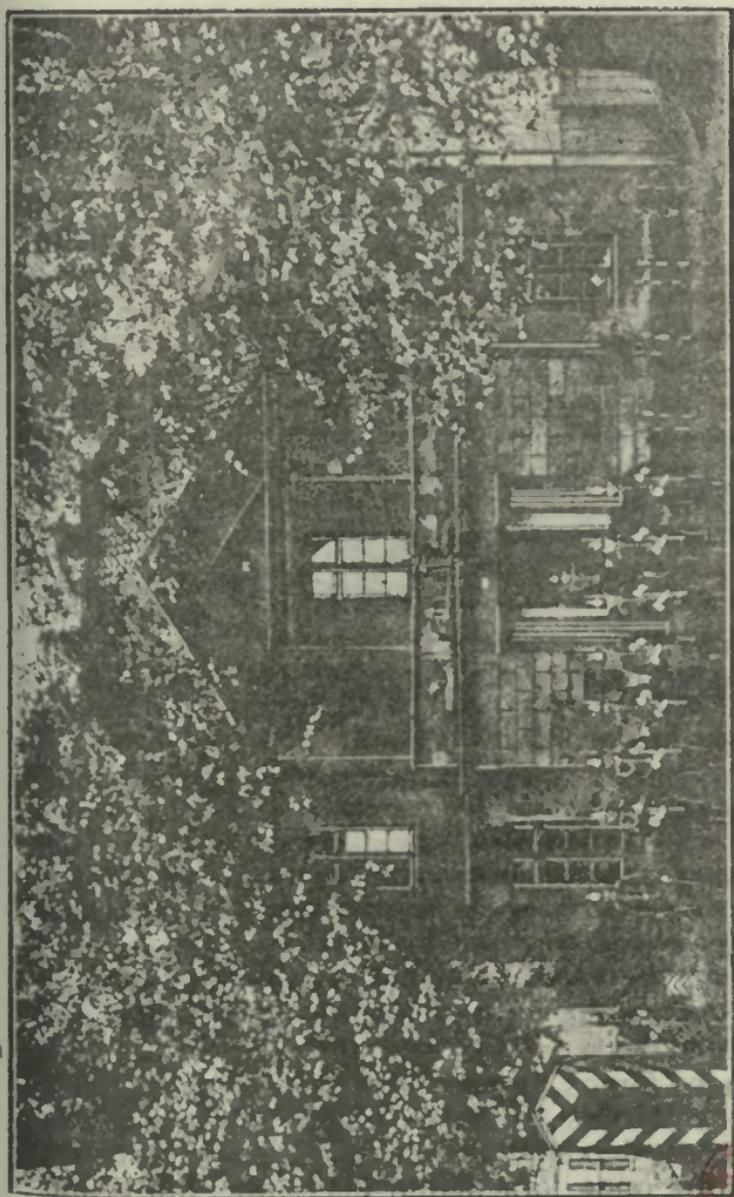
Faltavam ainda 35 minutos para a partida do comboio, que só à última hora chegaria do Norte.

Era preciso tomarmos ali dentro atitudes naturais que denotassem a tranquilidade de espírito própria de quem viaja dentro da lei.

Foi assente que eu passeasse só; ou, quando muito, com um dos do grupo. Dois outros passeariam também juntos; outros permaneceriam reunidos à beira das malas, conversando naturalmente; e o Carrusca, que muito bem se fazia compreender em alemão, pediria informações aos empregados.

Um dos soldados duma patrulha de marinha que policiava a gare, olhava-nos com uma certa insistência; vendo porém o *sans façon* das nossas atitudes, não se atreveu a dirigir-nos a menor pergunta, até que, tendo chegado o combóio, todos nós o assaltámos, enfiando-nos, calados como ratos e muito quietinhos, em dois compartimentos contiguos duma carruagem de 3.ª classe.

Pôsto em marcha o combóio, estava vencida mais uma *étape* difícil da nossa viagem, restando-nos apenas a mudança de combóio em Munster, e a passagem da fronteira holandesa, após o nosso desembarque na estação de Kronau.



Guarda do quartel de Caçadores 9 de Ratzburgo



Na carruagem em que eu entrára ia, porém, um sargento alemão, cujas boas graças convinha ir captando, com uns belos chocolates, na esperança de que o homenzinho nos pudesse remover qualquer possível dificuldade que se nos deparasse durante a viagem.

Confiámos, pois, ao alferes Carrusca a delicada incumbência de se entender com o sargento que, mordiscando regaladamente um grande pedaço de chocolate, dava ao nosso improvisado intérprete tôdas as informações que êle lhe pedia, acabando por declarar-lhe ter muita pena de ir numa viagem de serviço, porquanto era êsse o único obstáculo que o impedia de nos acompanhar até à fronteira.

A Munster chegou o nosso combóio pelas 4 da madrugada, hora esta a que a gare se encontrava quási absolutamente deserta. Ali tivemos de esperar até às 5  $\frac{1}{2}$  a partida do combóio para Kronau, o que fizemos, passeiando numa anciedade nervosa, ao longo da extensa gare.

Pelas 5 horas sentimos fome, o que nos determinou a recorrer à nossa reserva de viveres, sendo logo abertas algumas latas de *corned-beef* e uma de manteiga, com as quais e o pão que levávamos, preparámos as nossas sandwiches que muito bem nos souberam.

No final da refeição, como fôsem abertas as portinholas das carruagens do combóio que nos havia de levar, e que ali mesmo fôra organizado, fômos tomar os nossos lugares, para não estarmos por mais tempo em exposição na gare, deixando, momentos depois, Munster, estação onde fôra detido dias antes um grupo

que nos precedêra e do qual faziam parte o alferes Sacramento Monteiro e Charters de Azevedo, os quais, conduzidos a um campo de prisioneiros franceses, dele novamente conseguiram pôr-se a salvo.

Faltava, na opinião de alguns dos meus camaradas, o pior, querendo êles talvez justificar o conhecido provérbio de que *o rabo é sempre o pior de esfolar*.

Eu, porém, que, até Munster, viera sempre receiando um insucesso para a nossa evasão da Alemanha, desde que me apanhei nas proximidades da fronteira holandesa, comecei sentindo uma alma nova, não podendo sequer admitir já a possibilidade de ter de retroceder.

Evidentemente que até Kronau se não encontraria o menor obstáculo. Só à saída da estação e, posteriormente, no momento em que houvéssemos de transpôr a fronteira, nos poderiam fazer qualquer observação; mas nós apresentariamos logo todos os nossos documentos . . . estava bem de vêr.

Ficára, pois, resolvido que, caso no-los pedissem, mostraríamos, primeiro que tudo, os passaportes diplomáticos. . .

Sendo possível que estranhassem a falta dos vistos das autoridades alemã e holandesa, indispensáveis sempre, em casos normais, responderíamos que isso se tornava supérfluo para nós, visto sermos ex-prisioneiros, e nada termos que fazer na Alemanha, desde que a guerra estava finda.

Só depois recorreríamos ao outro documento que nos fôra assinado pelo Craveiro Lopes e, caso êste deixasse ainda quaisquer

dúvidas no espírito de quem quer que fôsse, que assim pretendesse obstar à nossa saída da Alemanha, procuraríamos fazer-lhe sentir as responsabilidades que assumia, interceptando a nossa marcha *legalissima*, e exigir-lhe-íamos declaração, escrita nos nossos documentos, em como os desacatava.

— Muito bem! — diziam todos — boa ideia.

— Mas êles, decerto, não se ralam com isso — observou alguém.

— Ora essa! — protestou-se — nós certamente só teremos que defrontar-nos com individuos pouco cultos, soldados, cabos, ou, quando muito, algum sargento da guarda-fiscal, que certamente fica logo assustado, perante a perspectiva de ter de assumir responsabilidades que nós avolumaremos. . .

— Escreva nessa guia! — diremos nós a quem quer que seja que tente opor ao trânsito de nove officiaes portuguezes, ex-prisioneiros de guerra que se dirijem ao seu país.

E acrescentaríamos, muito senhores de nós: — Os exércitos aliados chamarão à responsabilidade quem assim procede para com officiaes, depois de assinado o armistício.

— E se isso não péga? — perguntaram.

— Procuraremos ir de qualquer fórma através dos campos.

— Se nos não prenderem logo na estação...

— Quem fala nisso?!... Nós, depois de termos chegado até esta altura, com tanta felicidade — disse eu — não vamos, estou certo, encontrar o menor obstáculo; mas admitindo que alguém se lembrava de prender-nos, ainda tínhamos o recurso de comprar o nosso captor,

à custa dos marcos que pudéssemos reunir entre todos; e, quando isso não desse resultado, provocaríamos a violência para lhes avolumar as responsabilidades, dizendo sempre que só mortos nos impedirão de seguirmos ao nosso destino, etc. etc.

Chegámos, pelas 8 horas, a Kronau, ou seja, a dois passos da liberdade!

Descemos para uma passagem de nível subterrânea, semelhante a todas quantas existem nas diversas gares alemãs.

Covinha destacar-se para a frente o Carrusca que sabia alemão e o capitão Carreira que era ousado e igualmente arranhava um pouco desta lingua.

Assim se fez, pois; e decorridos minutos, todos nós avançamos para a porta de saída da estação, onde um sargento a quem demos um grande pedaço de sabão e outro de chocolate, nos franqueou a saída para a estrada que conduzia à fronteira, a 3 quilómetros dali.

A amabilidade deste homem chegou ao ponto de nos mandar acompanhar por um soldado seu subordinado!

Quanto às malas, seguiram connosco sobre um carrinho de mão que o mesmo sargento nos aconselhou que alugássemos.

Na fronteira passamos sem dificuldade o pôsto da guarda-fiscal cujo comandante apenas, pediu os nossos passaportes, sendo-lhe prontamente mostrados os que devíamos à extrema gentileza do consul espanhol em Hamburgo. E estávamos na Holanda!

E' difficil, senão impossivel, o descreverem-se os estados de alma que, no prazer ou na dôr,

marcaram, mais ou menos assinaladamente, certos acontecimentos notáveis da nossa vida.

Eu não poderei dar aos meus queridos leitores uma ideia exacta da inebriante alegria que a minha alma sentiu, no momento em que, á frente dos meus camaradas, transpus a estreita ponte que, através dum largo fôssco, estabelecia a ligação da Alemanha com a Holanda!

O longo periodo de sofrimento a que naquella manhã eu punha termo e as condições especiais em que o fazia; o êxito completo da minha aventura, iludindo, com tanta felicidade, a vigilância alemã; a visão mais nítida de todos os entes que me eram caros, por efeito de começar a conceber a possibilidade de, em breves dias, os ir abraçar; os sorrisos protectores dos guardas holandeses, a algazarra dos meus jôvens companheiros; e enfim, a liquidação dessa palavra *prisioneiro* que, há 9 meses, nos vinha acompanhando, tudo isso influiu poderosamente no meu espirito, ferindo, duma maneira estranha, a minha sensibilidade.

Aquele quarto de hora que marcou a nossa passagem na fronteira e entrada no pôsto fiscal holandês, do qual passámos a um espécie de *estaminet*, onde tomámos a nossa primeira refeição de pessoas livres, compensou-nos bem de todos os trabalhos por que antes havíamos passado.

Dali escrevemos ás nossas familias e pessoas amigas postais ilustrados, representando a fronteira, e seguimos, minutos depois, em carro eléctrico para Anshede, cidade vizinha, onde iríamos efectuar a nossa apresentação ás autoridades militares.

Um sargento da guarda-fiscal que nos acompanhava, conduziu-nos ao comando militar da localidade, onde teve lugar a nossa apresentação, com a indicação que logo fizemos da nossa nacionalidade e outras informações que nos fôram pedidas.

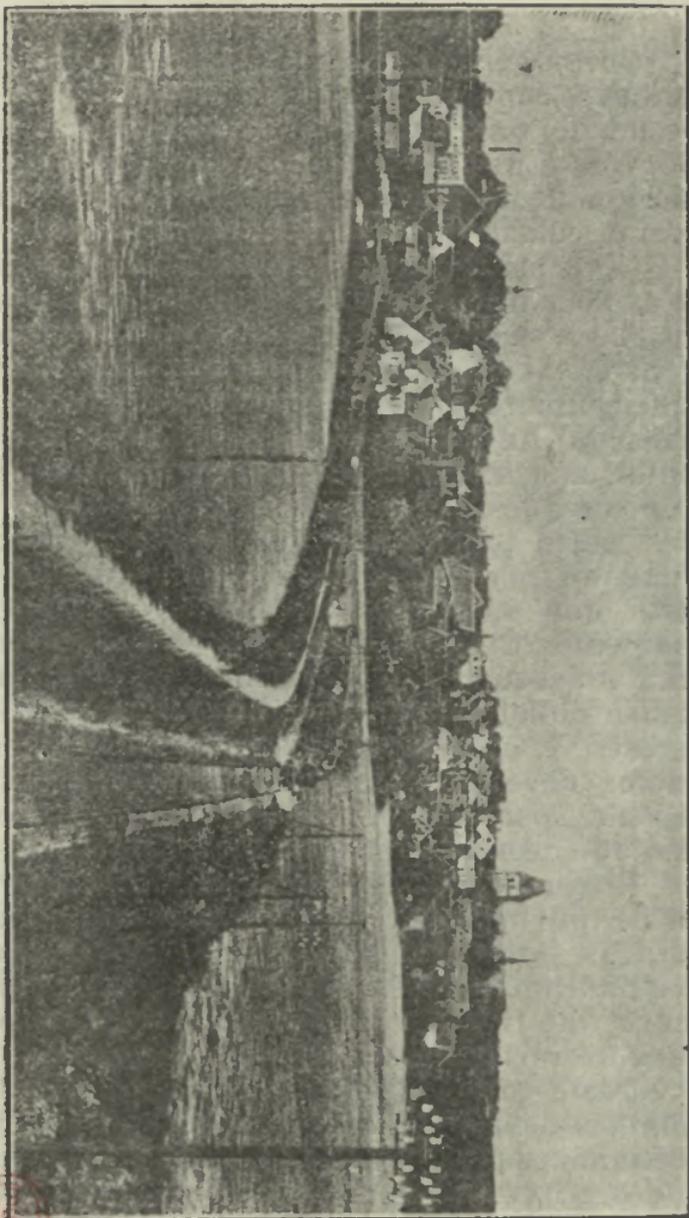
Nesta ocasião, tendo eu manifestado o desejo de expedir um telegrama para o nosso ministro em Haya, imediatamente isso me foi facultado. É uma tal concessão me permitiu informar aquele ilustre diplomata da chegada do meu grupo a Anshede, para o habilitar a poder tomar, a nosso respeito, as providências que Sua Ex.<sup>a</sup> entendesse.

Estava assim satisfeito o nosso primeiro empenho, porquanto era ao Snr. António Bandeira que todos nós devíamos o nosso repatriamento. É' que éste que, verdadeiramente, uma consequência do dissimulado convite que aquele diplomata nos enviou para o campo de Breesen. E não só êsse repatriamento lhe ficaríamos devendo, mas ainda tôdas as facilidades que, por sua influência, nós tivemos ocasião de encontrar em tôda a Holanda.

Preguntaram-nos ainda no comando militar se tínhamos necessidade de algum dinheiro para as nossas despesas particulares, ao que respondemos possuir os recursos bastantes para chegar até Haya, para onde certamente o nosso ministro nos mandaria seguir.

Dêste comando fômos conduzidos ao dum batalhão de infantaria, onde deveríamos ser inspeccionados por um médico militar, medida esta que o govêrno holandês estabelecêra relativamente a todos os prisioneiros de qualquer nacio-

Um novo aspecto de Ralzburg



nalidade que houvessem de transitar pelo seu país.

Preenchida esta formalidade, destinaram-nos ao grande salão dum importante hotel que, provido de palha e numerosos cobertores em estado de novos, se achava transformado num grande dormitório para oficiais.

Aqui encontramos cêrca de sessenta oficiais franceses que o govêrno alemão fizera repatriar e que, como nós outros, ali deveriam aguardar o momento do embarque para o seu país.

Acabava de nos ser fornecida uma bela sopa de ervilha que, juntamente com umas latas de conservas que ainda nos restavam, nos havia deixado menos mal jantados, quando uma ordenança me procura para me comunicar a ordem do comando militar, segundo a qual os 9 oficiais portugueses chegados naquele dia da Alemanha, deveriam partir naquela mesma noite para Haya.

Positivamente que estávamos numa perfeita maré de sorte, que só poderíamos atribuir aos bons officios do nosso ministro, o qual se tornou um verdadeiro anjo da guarda, para os prisioneiros portugueses.

A viagem para Haya, que fizemos à nossa custa, efectuou-se sem novidade digna de registo, sendo nós aguardados na estação por todos os camaradas que nos haviam precedido, os quais nos receberam com inequívocas demonstrações de alegria. O longo convívio do cativo irmanára-nos, de certo modo, tornando-nos a todos verdadeiros amigos.

Um empregado da legação, que nos foi apresentado, prevenia-nos de que S. Ex.<sup>a</sup> o

Ministro nos desejava entrevistar naquela mesma noite, ao que muito agradavelmente acedemos, juntamente com outro grupo de que fazia parte o capitão Américo Olavo, e que, tendo penetrado na fronteira por um ponto diferente do nosso, veio bater a Haya na mesma ocasião que nós outros.

Era relativamente próximo o palácio da legação a que nos dirigimos. E, ali, o Snr. António Bandeira, depois de nos apresentar os seus cumprimentos de boas-vindas, indica-nos diversos hotéis pelos quais fizera a nossa distribuição, brindando-nos finalmente com alguns massos de cigarros e uma caixa de magníficos charutos para cada grupo (1).

A seguir preveniu-nos S. Ex.<sup>a</sup> de que no dia seguinte seria distribuída a cada oficial a quantia de 25 florins, destinada a quaisquer pequenas despesas, porquanto outras de vestuário e calçado as pagaria êle a todos quantos declarassem necessitar de tais artigos.

Todos nós ficamos verdadeiramente penhorados com a gentileza do nosso ministro, que todos achámos um homem devêras simpático e amabilíssimo; e, tendo-lhe apresentado as nossas despedidas e agradecimentos, dirigimo-

---

(1) Cada caixa de charutos achava-se atada com fitas de seda das côres nacionais, tendo pendente um cartão com os seguintes dizeres, escritos pelo illustre diplomata.

«Em nome do governo português, A. de S. Santos Bandeira, Ministro de Portugal, saúda os prisioneiros de guerra portugueses, por ocasião do seu regresso à liberdade».

Haya, Dezembro de 1918.

nos logo para os hotéis que nos foram indicados. Neste momento, recebi eu, juntamente com o capitão Olavo, o convite para no dia seguinte almoçarmos com S. Ex.<sup>a</sup>, a título de sermos nós os mais graduados oficiais dos dois grupos de prisioneiros chegados naquele dia àquela capital.

Nos hotéis a que fomos destinados aguardava-nos o jantar a que, por vez primeira, depois de nove meses, eu poderia dar este nome, tendo-nos antes sido distribuídos magníficos aposentos, onde ficaríamos instalados, durante a nossa permanência naquela cidade.

O Sr. António Bandeira não se limitou a ordenar que nos fôsse fornecida a alimentação diária do hotel, autorizando ainda que a cada oficial fôsse também servida meia garrafa de vinho a cada refeição e uma chávena de café.

O almoço na legação, para o qual também fôra convidado o consul de Portugal em Amsterdam, proporcionára-me um magnífico passeio a um campo de prisioneiros, onde se encontravam cerca de 1500 soldados, cabos e sargentos portugueses, que eu e o capitão Olavo tínhamos mostrado grandes desejos de visitar.

Acompanhou-nos o Chanceler do consulado geral de Portugal nos Países Baixos, o sr. Johan Voetelink, genuíno holandês com uma grande admiração por Portugal, cuja língua, apesar de nunca ter visitado o nosso país, êle fala e escreve com uma grande correcção, tendo-se dedicado ao seu estudo apenas depois de haver começado a guerra.

Foi-nos devéras agradável a companhia do

sr. Voetelink, que nos deixou maravilhados com os conhecimentos que revelava da história e literatura portuguesa. O Snr. Voetelink tinha já lido o nosso Herculano e uma grande parte das obras de Camilo, Eça, Fialho, etc., não esquecendo os *Lusiadas*, cuja compreensão se lhe tornára, segundo disse, muito difícil, o que de resto acontece á grande maioria dos portugueses, como lhe disse, e muito bem, o meu camarada Américo Olavo.

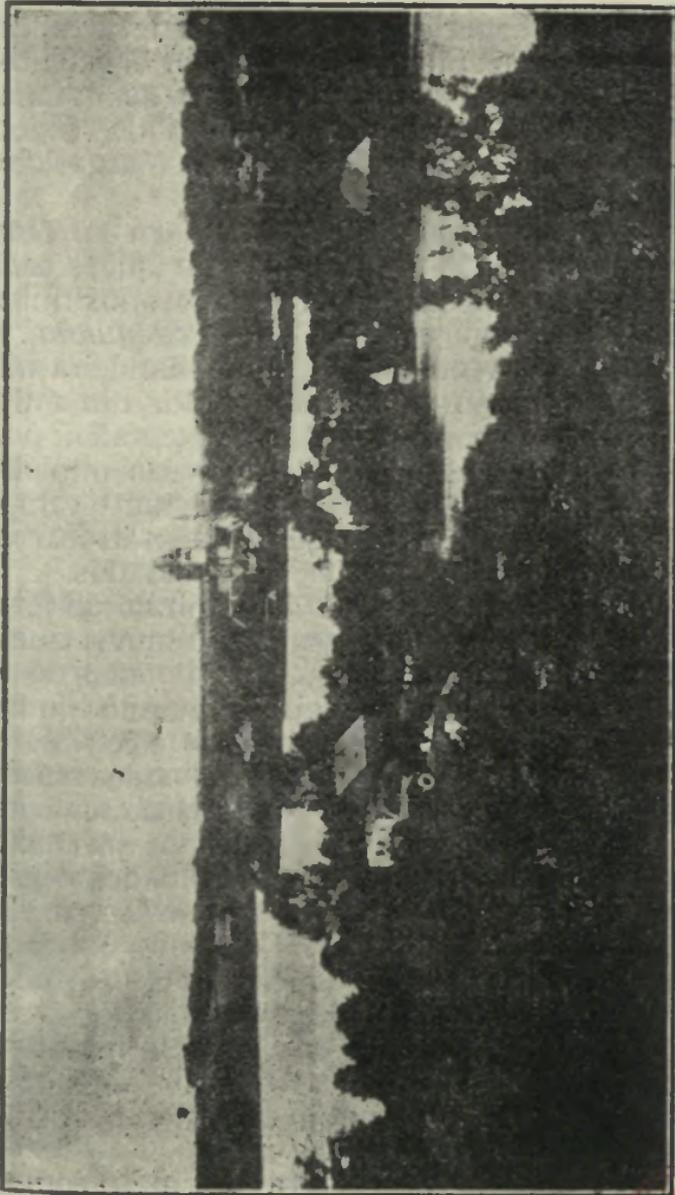
Conhecia grande número de aforismos portugueses que applicava com muita propriedade, e estudava com afincos a nossa gramática.

— Os senhores fazem de três maneiras o plural dos nomes terminados em ão—disse-nos êle, rindo— e eu, como acho difícil empregar qualquer das formas, a não ser pelo uso que me falta ainda, tenho arranjado menemónicas especiais, como esta de que me sirvo, cá para meu uso, pelo que diz respeito á formação do plural em ães :

Os alemães  
São cães  
E charlatães,  
Teem tabeliães  
E capitães,  
Mas não teem pães.

Eu e o Olavo rimos imenso com esta chistosa versalhada do nosso interessante companheiro, a qual, como os leitores estão vendo, mostra bem quanto interêsse lhe merecia o estudo da língua portuguesa.

— Tenho em minha casa muita música



Mais um aspecto de Katsburgo



portuguesa, especialmente fados que a minha espôsa toca no piano — disse o sr. Voetelink, acrescentando — Conheço a musica de algumas suas revistas, como por exemplo a «De capote e lenço», com a linda «Canção da Margarida», «Fado do Ciúme», etc.

E, documentando, trauteava, em surdina, outros números de música popular que, a cada canto, pelas ruas das nossas cidades, nós tínhamos por cá ouvido cantar: — *Vem cá mulata . . .*

Por ordem do snr. António Bandeira não nos deixou o snr. Voetelink gastar um único florim, nas despêsas daquela excursão, porquanto muito desejaria até o nosso ministro que mais alguns oficiais fôsem visitar o campo de prisioneiros, e pudessem assim trocar as suas impressões com os nossos soldados.

O trajecto da estação do caminho de ferro para o Campo fizémo-lo num automóvel que o nosso companheiro alugou para encurtar o percurso, duns 5 quilómetros, quando muito, que poderíamos ter feito em carro eléctrico.

O campo de internados, com diversos blócos, consistia num sistema de barracas de madeira, muito semelhantes àquelas que nós já conhecíamos dos campos alemães de soldados prisioneiros, em que, nos primeiros meses, fômos instalados.

Foi com imensa alegria que, entrando numa barraca, eu me vi logo cercado por várias praças do meu antigo batalhão de infantaria 18, com o qual vim para França, e por outras com quem travára conhecimento como 2.º comandante da 6.ª Brigada.

Outro tanto acontecêra ao meu compa-

nheiro Américo Olavo, que logo foi assaltado por grande número de homens do seu batalhão de infantaria 2, onde era muito apreciado.

Por entre êstes soldados fervilhava, com grande estranheza minha, uma grande quantidade de crianças de tôdas as idades, descalças quasi todas, e aparentando uma deficientíssima saúde.

Várias mulheres eu tive igualmente ocasião de vêr, sentadas dentro das barracas dos soldados, numa promiscuidade que me causou a mais extraordinária surpresa.

Tratava-se de numerosas refugiadas francesas e belgas que a onda alemã trouxera na sua frente, por ocasião da sua retirada, e que a Holanda acolheu caridosamente.

A familiaridade destas mulheres com os soldados excedia porém bastante os limites que a boa moralidade impunha, em semelhantes casos, segundo me foi detalhadamente referido por dois sargentos meus conhecidos. Como detalhe, acrescentaram estes não existir dentro daquele campo uma única rapariga de entre tantas, e algumas lindíssimas, que ali se acumulavam, cuja frente pudesse já ser coroada pelas tradicionais flôres de laranjeira . . .

Famílias completas, só de mulheres e crianças, para ali faziam, pois, uma vida comum com os soldados de tôdas as nacionalidades, tendo sido especialmente as crianças, atingidas por diversas enfermidades mórmente, pela tuberculose, que entre elas fazia um constante destrôço. Os hospitais achavam-se completamente cheios de doentes, de que a maior percentagem era feminina.

\*

\* \*

No final da nossa visita ao campo, aguardava-nos um sumário almôço no pôsto da Cruz Vermelha, para onde o snr. Voetelink nos levou.

Encontravam-se ali almoçando numerosas damas enfermeiras, de diversas nacionalidades, a quem devíamos a comodidade daquele almôço que só poderíamos obter a cinco quilómetros dali, na cidade onde passava o caminho de ferro.

Eram devéras gentis algumas destas damas que, no princípio do almôço, um pouco acanhadas, por efeito talvez da nossa presença ali, em breve estabeleciam connosco uma animada cavaqueira. Tirara-as a terreiro o meu camarada Américo Olavo, no seu francês elegante e desemperrado, que tanto se avantajava ao geralmente falado pelo nosso C. E. P., em terras da Flandres, nos vários *estaminets* da *Rectaguarda*.

Uma simpática belga, de cabelos louros e olhos azues, merecera as especiais atenções do capitão Olavo, que com ela estabelecêra um largo diálogo, no qual aquela revelára bastantes conhecimentos sôbre Arte, ao mesmo tempo que sôbre a literatura francesa, em que, como mulher, se poderia considerar profunda.

O capitão Olavo puxou, a certa altura, pela sua cigarreira, de que ofereceu o conteúdo às circunstantes. A belgazinha e uma sua irmã mais velha e menós formosa, aceitaram e fumaram naturalmente cada uma sua bela *cigarette égyptienne*; e como fôssem horas do nosso

regresso a Haya, dispúnhamo-nos a sair e a despedir-nos, portanto, das gentis damas, quando as duas irmãs se aprontam para nos acompanharem até à linha do eléctrico que iríamos aproveitar, no nosso regresso á estação do caminho de ferro.

Eu caminhava ao lado do snr. Voetelink e da mais velha das irmãs belgas; na nossa frente iam, como dois antigos namorados, o capitão Olavo e a outra irmã.

—O nosso capitão faz conquista...—observa-me o snr. Voetelink em português, e não podendo, portanto, ser compreendido pela dama que caminhava ao nosso lado.

O Olavo, de facto, trocára cartões com a sua interlocutora, acrescentando ainda quaisquer indicações relativas a uma futura correspondência, até que, tendo enfim chegado o eléctrico, nos despedimos das nossas companheiras, agradecendo-lhes a gentileza do almôço que nos haviam oferecido, e a da sua agradável companhia.

Tomando por um estreito atalho, cortado na espessura dum pequeno bosque, em breve desapareciam as duas enfermeirazinhas, depois de, por entre o arvoredado, a mais nova haver lançado, dissimuladamente, um rápido olhar para o morêno capitão, cujo olhar aveludado e atraentes palavras de certo modo haviam tocado o seu coração.

\*

\*

\*

O dia seguinte aproveitei-o para visitar os principais monumentos da cidade, com os seus



O Snr. Johan Voetelink,  
Consul de Portugal nos Paizes Baixos

museus, em que existem os famosos quadros de Rembrandt, o palácio da Paz, onde se encontram verdadeiras maravilhas de arte, provenientes de tôdas as nações cultas, e onde infelizmente Portugal se faz representar apenas por uma modestíssima cadeira, em cujo estôfo, por sinal, figuram ainda as antigas armas reais.

A nossa permanência de quatro dias em Haya permitiu-nos obter a confirmação da grande simpatia que tivemos a felicidade de merecer aos nossos camaradas franceses, os quais, encontrando-nos nas ruas, cafés e hotéis, se nos dirigiam imediatamente em termos da maior cordealidade, chamando-nos *ses petits alliés*.

E não eram apenas os oficiais já nossos conhecidos dos campos alemães, que nos abordavam, pois que muitos outros a quem nunca tínhamos visto, se nos dirigiam espontaneamente, assediando-nos com perguntas e enchendo-nos de amabilidades que nada os obrigava a dispensar-nos.

Em matéria de camaradagem os oficiais franceses fôram, em resumo, os nossos verdadeiros aliados.

Ao fim do quarto dia da minha permanência na linda capital holandesa, estando com os meus companheiros de hotel a terminar o nosso jantar daquele dia, sou chamado ao telefone para falar para a legação portuguesa.

Era o ministro que me comunicava a agradável notícia de terem transporte por mar, no dia seguinte, para Cheburgo e dali depois para Portugal, trinta dos oficiais portugueses que se encontravam naquela cidade.

O embarque teria lugar ao meio dia, em Rotterdam, num paquete francês exclusivamente destinado ao transporte de praças e oficiais prisioneiros franceses, tendo o nosso ministro conseguido do ministro da França a especial fineza de nos ceder os trinta lugares referidos, com prejuizo de outros tantos oficiais franceses.

Dezessete oficiais portuguezes deveriam ser alojados em cabines de 2.<sup>a</sup> classe, indo os restantes em 1.<sup>a</sup> — fôram estas as indicações recebidas.

Ninguém, porém, se preocupou com semelhante circunstância, porquanto era já um altissimo favor o concederem-nos o transporte em quaisquer condições; e o desejo ardente de nos aproximarmos da nossa querida Pátria não nos permitia pensar em ninharias de semelhante natureza.

Em Rotterdam fomos guiados pelo cônsul de Portugal naquela cidade, Snr. D. José da Câmara, sobrinho do saudoso auctor de *Os Velhos*, o qual nos dispensou gentilezas que nenhum de nós poderá jámais esquecer.

Feito o embarque fui, como official mais graduado, procurar à sua cabine um general francês que igualmente era o mais graduado dos prisioneiros franceses, a quem apresentei os meus cumprimentos em meu nome e no dos officiais portuguezes embarcados naquele paquete.

Muito bem recebido pelo general, homem dos seus 50 anos, muito simpático e amável, tendo sido comandante duma brigada de cavalaria aprisionada no Somme, foi-me dito

pelo mesmo que tinha dado ordem para que os oficiais portugueses ocupassem todos camarotes de 1.<sup>a</sup> classe.

Eis mais uma gentileza que agradei, des-cendo pouco depois para o almoço.

Na imensa sala de jantar, onde existiam numerosas mesas para quatro a seis passageiros, fôram os nossos oficiais dispersos e baralhados com os franceses, como se todos pertencessem à mesma nacionalidade.

Excelentes amigos os nossos camaradas franceses!

Desembarcados em Cherburgo, fomos-nos apresentar no comando da Base de Embarque do C. E. P., onde permanecemos apenas três dias para seguirmos enfim para Portugal no transporte «Pedro Nunes» ali chegada de regresso da Inglaterra.

Aquele barco era por nós considerado já como um pedaço da nossa terra, pelo que nos sentíamos ali relativamente felizes.

Para completar a nossa boa disposição, muito contribuíram as atenções que nos foram dispensadas pelos nossos excelentes camaradas da Armada que constituía a guarnição do navio, especialmente pelo comandante, distintíssimo capitão de fragata Aprá, a quem todos nós ficámos devendo as mais subidas finezas.

Pelo meio dia de 3 de Janeiro encosta enfim o «Pedro Nunes» ao cais da Areia em Lisbôa, onde, após a visita do senhor presidente da República, e ministro da guerra, fizemos o nosso desembarque.

A grande ânsia de abraçar os meus não me permitiu outra demora em Lisbôa que não

fôsse a destinada ás apresentações officiaes, seguindo para o Pôrto, onde na grande alegria que senti abraçando e beijando os meus filhinhos, eu encontrei uma bastante compensação para todos os sofrimentos e trabalhos que lá por fóra passei.

## NOTAS SUBSIDIÁRIAS

### O FUNERAL DO ALFERES JOAQUIM SIMÕES DIAS, DESCRITO PELO SNR. CORONEL DIOCLECIANO MARTINS

#### O DISCURSO DÊSTE Á BEIRA DA SEPULTURA DO MESMO ALFERES

Junho—Dia 3—1908

Aeabo de regressar do funeral do nosso infeliz camarada, falecido ontem no hospital. Fomos do bloco uma deputação de 30 officiaes.

Depois de nos dirigirmos ao hospital, entre escolta, acompanhados por um official alemão representante do coronel comandante do campo, ali demos entrada pelas 18 horas, achando-se já formada uma força de 30 praças de infantaria alemã, de grande uniforme, do comando dum subalterno, com as bandas de música e de corneteiros, levando os seus regentes á frente.

O féretro já se achava depositado numa espécie de padicla que foi transportada aos ombros por 4 soldados franceses prisioneiros que se revezavam com igual numero.

Depois de feita a encomendação segundo o rito católico pelo capelão dos campos de prisioneiros, pôs-se o

préstito em marcha, indo á frente por sua ordem os corneteiros, banda de música, força da guarda de honra, padre e acólito num trem, féretro, e por último o representante do comandante do campo e a nossa deputação.

O cemitério ficava longe do hospital. Talvez a mais de 3 quilómetros, num pequeno subúrbio da cidade de Rastatt.

Choveu durante todo o trajecto, achando-se a estrada e caminhos seguidos completamente encharcados e enlameados.

Chegados ao cemitério, fomos dirigidos para uma secção destinada sómente a prisioneiros. Muitas cruzes em sepulturas de prisioneiros russos, inglezes, romenos e italianos.

Feita nova encomendação pelo capelão, foi dado o cadaver á sepultura. A música tocou uma marcha fúnebre e a guarda de honra deu as 3 descargas do estilo.

A seguir o capelão discursou em franceés, ferindo a nota de que naquele campo todos eram iguais. Depois falei eu Num breve discurso dei por mim e por todos os officiais do campo o último adeus ao nosso infeliz camarada, alferes Joaquim Simões Dias.

Foi uma cerimonia simples, mas, ao mesmo tempo imponente, o funeral do nosso inditoso camarada.

No cemiterio agradei ao official representante do comandante do campo as atenções havidas para com o nosso infeliz camarada. No dia seguinte foi ratificado por eserito êste agradecimento directamente ao comandante do campo, fazendo-se a devida comunicacão á familia do morto e ao nosso govêrno.

Depois do funeral viemos para o campo sem escolta como também fomos durante o referido funeral, pois que, havendo assinado um compromisso de honra de que durante êste tempo não tentaríamos fugir, deixaram-nos vir apenas com um soldado desarmado para servir de guia.

\*

\*

\*

BREVE DISCURSO PROFERIDO PELO  
SNR. CORONEL DE INFANTARIA  
DIOCLECIANO AUGUSTO MARTINS

NO CEMITÉRIO DE RASTATT Á BEIRA DA CAMPA DO  
MALOGRADO ALFERES DE INFANTARIA N.º 1 JOAQUIM  
SIMÕES DIAS, FALECIDO NO HOSPITAL DO CAMPO  
DE PRISIONEIROS RUSSOS, EM 2-7-918

Na qualidade de oficial mais graduado presente no campo de prisioneiros russos, venho em meu nome, no da deputação dos oficiais que te acompanhou até este campo de eterno repouso e ainda no dos restantes a quem o comando alemão não permitiu outro tanto, dar-te o último adeus.

Pobre e infeliz camarada! Embora tivesse já em ti o morbo da terrível doença que te vitimou, os trabalhos sofridos no exaustivo e perigoso serviço de trincheiras, as emoções da batalha de 9 de Abril, este deprimente cativo, e sobretudo a deficiência e péssima qualidade da alimentação a que nos sujeita o severo regimen a que nos submetem, abreviaram atrozmente os dias da tua existência.

E porque?

Pelo mais sacrosanto dos deveres — os deveres da honra, os deveres para com a pátria.

Quantas vezes nestes últimos dias, no catre do hospital, mesmo na alucinação da febre, não sonharias a fa-gueira esperança de, em breves dias, vêres terminada esta tremenda guerra para poderes correr ao nosso lindo Portugal, restituindo-te aos carinhos da familia com a consciencia do dever cumprido?

O Destino não quiz que assim fôsse. Pelo contrario; preparou-te a continuação das agruras deste duro cativo que a ti pesou, como a todos nós pesa, pelo que física e moralmente sofremos.

Infelizmente, a penúria das circunstâncias não nos permite oferecer-te mais do que essa modesta corôa, preito de saúde dos teus irmãos de cativeiro. Nem a bandeira da nossa muito querida Pátria a cobrir-te os restos mortais, nem uns punhados de terra bemdita do nosso Portugal para te cobrir na derradeira morada.

Pobre camarada!

No entanto, fica certo de que ela, essa Pátria, saberá compensar o teu martirio, exaltando a tua memória, bem como a daqueles que sucumbem no seu pósto.

E nós, teus camaradas e irmãos de cativeiro, na mais estreita e íntima solidariedade, com a mais pungente das saudades, te damos o último adeus.

## RELATÓRIO LIDO EM ASSEMBLEIA GERAL DOS OFICIAIS PORTUGUESES

PELO TENENTE-CORONEL  
SNR. JOÃO CARLOS CRAVEIRO LOPES  
NO SEU REGRESSO DE BERLIM COM O CAPITÃO  
SNR. MACÃS FERNANDES,  
ONDE ESTÊS OFICIAIS HAVIAM IDO TRATAR DO  
ASSUNTO DO NOSSO REPATRIAMENTO, FACTO  
A QUE SE ALUDE A PAGINAS 389 DO TEXTO  
DÊSTE LIVRO:

*Snr. Presidente e meus senhores:*

Vou expôr-vos o resultado das nossas *démarches*, não só junto das autoridades alemãs mas também junto das comissões francesa e inglesa, que já se encontram em Berlim, para tratar do repatriamento dos prisioneiros de guerra de essás nações.

Não são infelizmente agradáveis as noticias que vos trazemos, mas habilitam-nos a julgar com segurança do modo como está sendo feito o repatriamento dos prisioneiros dalgumas nações.

Chegados a Berlim em 9 á noite, foi-nos impossível nêsse dia avistar-nos com qualquer pessoa que nos pudesse esclarecer sôbre a missão que ali nos levava.

Comtudo não foi o tempo completamente perdido nessa noite, pois adquiriamos a certeza de que o Poder em Berlim estava entregue ao conselho de operarios e soldados, e por isso por ali devíamos começar as nossas *démarches*.

No dia seguinte, dia 10, pelas 8 horas, dirigimo-nos ao Ministério da Guerra Alemão e ali nos informaram de que todos os esclarecimentos, no que dizia respeito a prisioneiros de guerra, nos poderiam ser dados na Cruz Vermelha.

Efectivamente, uma vez ali, foi-nos, pelo *bureau* de

operários e soldados, fornecida uma ordenança que nos acompanhou á repartição de informações. Nessa repartição não nos foi difficil saber onde funcionava a comissão inglesa de repatriamento, instalada na Embaixada de Inglaterra.

Quando para ali nos dirigiamos encontrámos um tenente de artilharia inglesa, secretario da comissão inglesa de repatriamento, a quem pedimos nos esclarecesse sôbre o modo como estava sendo feito o repatriamento dos prisioneiros aliados.

Informou-nos então que a comissão, de que fazia parte, apenas tratava do repatriamento dos ingleses e que a sua vinda a Berlim tinha sido motivada pelos alemães não darem cumprimento satisfatório á clausula do armistício, respeitante a prisioneiros de guerra.

Assim, contou-nos o mesmo official que, antes da organização da comissão inglesa, por terra só tinham regressado aqueles que se encontravam em campos situados na margem esquerda do Rheno e por mar, 50 a 60 cada semana, aproveitando o regresso dos barcos dinamarqueses, que á Alemanha vinham trazer gêneros destinados aos prisioneiros ingleses, tendo assim em quatro semanas sido repatriados cêrea de 300 officiaes ingleses.

Finalmente, disse-nos existir nos campos ingleses uma grande excitação, da parte dos prisioneiros, que anseiam pelo seu regresso á Pátria. E foi, como os camaradas bem podem calcular, completamente desanimados que resolvemos dirigir-nos á Embaixada Espanhola.

No trajecto para ali, encontrámos um dos médicos espanhois, que há tempos nos visitou neste campo e a quem dissemos que nos dirigiamos para a Embaixada, afim de apresentarmos os nossos cumprimentos e ao mesmo tempo procurar conhecer o modo como estava sendo feito o repatriamento dos prisioneiros.

Imediatamente nos disse acabar de ser recebido pelo sr. general francês Dupont, chegado na véspera a Berlim, a quem tinha falado nos officiaes portuguezes que se encontravam no campo de Breesen.

Tinha dado lugar a essa conversa o facto do general Dupont desejar conhecer o modo como estavam alojados e eram alimentados os prisioneiros nos campos e ser justamente o campo dos officiaes portuguezes um dos piores.

Com respeito a repatriamento, disse-nos serem falsas as notícias publicadas em alguns jornais alemães, os quais davam como tendo sido repatriados um grande número de prisioneiros ingleses.

Que todos os oficiais se encontravam bastante excitados nos campos, devido a um imperfeito conhecimento do modo como estava sendo executado o repatriamento, a ponto dos oficiais franceses dum dos campos o terem abandonado e os de outro se manterem num estado de completa revolta.

O general francês Dupont pediu à Embaixada Espanhola para enviar um dos seus membros a esse campo, afim de os acalmar.

Aconselhou-nos a que nos dirigissemos à comissão francesa, que decerto nos daria mais largas informações. E exprimindo-lhe quanto lhe estávamos reconhecidos por não nos ter esquecido, separámo-nos, indo imediatamente à comissão francesa que funcionava no edificio da Embaixada daquela nação.

Ali fomos recebidos por um capitão, ajudante do general, que nos informou ter o mesmo senhor ido para a Embaixada Espanhola, devendo regressar cerca das 16 horas, hora a que nos receberia.

Às 16 horas voltávamos à Embaixada Francesa. O general ainda não tinha regressado nem havia mesmo indicação da hora a que o faria.

Fomos recebidos pelo seu ajudante; e ao ser por nós informado do assunto que ali nos levava — qual o modo como estava sendo feito o repatriamento dos prisioneiros aliados — disse-nos quasi nada nos poder infelizmente dizer, sucedendo outro tanto a S. Ex.<sup>a</sup> o general. Tinha chegado a Berlim na véspera e o pouco que sabia tinha-lhe sido indicado pela comissão inglesa.

De positivo sabia que ainda não tinha começado o repatriamento dos oficiais franceses, e que as dificuldades que se apresentavam à sua execução eram enormes.

Por terra começaria, dentro em breve, através da Suíça e Holanda, não se podendo realizar na zona dos exércitos pelas razões expostas pelo tenente Dunst, oficial de ligação entre os quartéis gerais francês e alemão, na sua última nota enviada para os campos de prisioneiros e que teve ocasião de nos ler na última reunião.

Por mar, será por bastante tempo impossível realizar-se, devido ao enorme número de minas a rocegar,

embora seja grande o número de navios que nesse serviço são empregados.

Procurámos ver se era possível fixar com alguma precisão o período de tempo necessário a esse serviço; e ao ser por nós feita a pergunta sobre se era natural estar elle concluído antes do Natal, o referido official, com ar contristado, mas duma maneira categórica, afirmou ser isso completamente impossível.

Podeis bem calcular o nosso estado de ánimo ao receber estas noticias e quanto foi necessário reunir de forças para continuar as nossas *démarches*. Comtudo, não demos por terminada a nossa entrevista, sem o ter pôsto ao facto do modo como estavamos alojados e éramos alimentados, a falta de recepção de encomendas e correspondência, confirmando assim o que já antes lhe tinha sido dito pelo delegado da Embaixada Espanhola.

Dêstes factos tomou o referido official os seus apontamentos, afim de o comunicar ao general francez; fieou também com o meu nome, na qualidade de presidente da comissão de assistência, afim de me dirigir qualquer comunicação que visse poder-nos interessar.

Manifestou bem quanto sentia a situação em que nos encontrávamos, declarando não ser também boa a dos prisioneiros francezes nos seus campos, muito especialmente no que diz respeito à alimentação.

E ao terminar a nossa entrevista, disse-nos querelle parecer que mais amplas informações nos poderiam fornecer na comissão inglesa, já há mais tempo instalada na Embaixada Britânica, mas que voltássemos ali, caso as não obtivéssemos.

Para ali nos dirigimos; e sendo recebidos pelo secretario, tenente de artilharia, a quem já nos relemos, foi-nos por este dito que o presidente da comissão estava ausente sendo melhor voltar afi no dia immediato.

Lembrando-nos que era natural que no ministério da guerra funcionasse uma repartição, que centralizasse o serviço de repatriamento dos prisioneiros de guerra, e com a qual se mantivesse em ligação com o official portuguez que se encontra na Suíça, ali fomos, conseguindo, saber onde essa repartição se achava instalada e a hora a que no dia seguinte poderíamos ser recebidos pelo seu chefe.

Nesse dia, pelas 10 horas, éramos recebidos na Embaixada Inglesa pelo presidente da comissão de repatria-

mento dos ingleses, o qual nos confirmou que na véspera nos tinha sido dito pela tenente seu secretário.

O repatriamento dos ingleses estava sendo feito duma maneira lenta, aproximadamente 60 oficiais por semana. Quanto ao repatriamento dos portugueses, êle nada sabia, mas que se nós o desejássemos lhe era fácil sabê-lo, enviando da Legação Britânica de Copenhague, para onde ia nesse dia, um telegrama para o governo português pedindo-lhe dessem indicação sôbre o nosso repatriamento, o que depois nos faria conhecer.

Como êsse telegrama iria lembrar em Portugal a nossa situação e dar margem a que provavelmente fôsem activados os trabalhos que com o nosso repatriamento se ligam, aceitámos o oferecimento, tanto mais que, emquanto em Berlim a França, a Inglaterra e a Bélgica instalavam as suas comissões de repatriamento, nós infelizmente não tínhamos ali representante algum. O telegrama foi concebido nos seguintes termos:

«Peço por intermedio da Legação Britânica em Copenhague, me sejam fornecidos elementos sôbre *démarches* feitas ácerca repatriamento prisioneiros de guerra portugueses, afim de informar tenente-coronel Craveiro Lopes, presidente do comité de assistência dos portugueses prisioneiros de guerra.» — (Assinado) — Presidente da comissão inglesa de repatriamento.

Em seguida informou-nos quanto era irregular a recepção de encomendas nos campos de prisioneiros ingleses, queixando-se que os alemães roubavam imenso, podendo calcular-se, até ao presente, numa centena o número de vagons! Era êsse um dos motivos que o levava a Copenhague.

Dissemos-lhe que com os portugueses se dava o mesmo. Havia muito que não recebíamos nem encomendas nem correspondência, estando a alimentação do campo presentemente reduzida quási a metade; prometeu-nos que, caso fôsse possível, nos mandaria géneros dum campo inglêz que estivesse próximo. Com os nossos agradecimentos, deixámos a Embaixada Ingleza e dirigimo-nos ao edificio onde funciona a comissão espanhola de protecção aos prisioneiros de guerra dos aliados.

Aí recebeu-nos o Dr. Romero, chefe dessa comissão. Depois de lhe apresentarmos os nossos cumprimentos expuzemos-lhe a nossa situação no campo, no que diz respeito á alimentação, sendo, a nosso pedido, imediata-

mente expedido um telegrama para Bale, concebido nos seguintes termos:

«O presidente do comité de socorros aos portugueses do campo de Breesen informa que a situação ali é muito má. Necessidade urgente de viveres. Número de prisioneiros 250 oficiais e 50 soldados. Peço seja enviado socorro imediato.—Embaixada de Espanha—11 de Dezembro de 1918.»

Telegrama enérgico, é certo, mas que bem claramente traduzia as nossas precárias circunstâncias.

Pedindo nós que nos dissesse o modo como se efectuarla o nosso repatriamento, o Dr. Romero telefonou para a Embaixada Francesa pedindo ao major de artilharia hespanhola Sardá, que ali se encontrava em conferência com o general Dupont, o obséquio de nos vir pôr ao facto do que desejamos saber.

Deocorrida uma hora aproximadamente, éramos apresentados ao referido oficial, que nos declarou encontrar-se absolutamente ao nosso dispôr.

Informou-nos que não poderíamos ser recebidos na repartição alemã do ministério da guerra, dada a nossa qualidade de prisioneiros, mas que esse obstáculo ele removia facilmente, indo êle próprio telefonar para o chefe dessa repartição alemã, com quem tinha relações.

Informou-nos mais que às 16 horas seria recebido pelo Embaixador de Espanha, a quem pediria, no caso de nada se saber acerca do nosso repatriamento no ministério da guerra alemã, para ser enviado um telegrama à Legação Portuguesa em Berne pedindo esclarecimentos sôbre o nosso repatriamento. A resposta a esse telegrama, caso tivesse de ser expedido, ser-nos-ia enviada para o nosso campo.

Ele ia realizar pois as suas *démarches* no intuito de nos poder esclarecer, e ficou de nos enviar ao hotel, em carta, o seu resultado.

Antes de deixarmos o edificio, onde esta comissão funciona, o Dr. Turari mostrou-nos um interessante documento que bem mostra a excitação que lavra nos campos franceses e quão enérgicas medidas se viu obrigado a tomar o general Dupont.

Nesse documento, êle faz scientes os oficiais e praças francesas, de que o não acatamento das suas ordens, para que se mantenhiam calmos e disciplinados, lhes trará como consequência o regressarem mais tarde do

que aqueles que com paciência aguardem o dia do seu repatriamento.

E' pois geral, como vêem, a impaciencia dos prisioneiros de todas as nações.

E coisa curiosa, o Dr. Turari disse-nos que os francezes se queixavam não só dos alemães por os não repatriarem no prazo fixado, mas até se revoltavam contra o seu próprio general Dupont e govêrno, acusando êste de os ter abandonado.

Voltando ao gabinete do Dr. Romero para lhe apresentarmos as nossas despedidas, soubemos que acabava de lhe ser transmitido da Suíça um telegrama indieando que á sua ordem eram eoloeados 30.000 Mk. para oecorrer ás necessidades dos prisioneiros portugueses.

Não nos soube informar se era o govêrno portuguez que enviava essa quantia.

Eram cerea de 15 horas e 36 minutos quando deixamos o edificio onde funciona a comissão espanhola e cerea das 21 horas recebfamos no hotel a carta que vos passo a ler :

11 de Diciembre de 1918.

Sr. Don João Carlos Craveiro Lopez

Teniente Coronel del Ejército Portugués

Hotel Baltic—Berlin.

Muy distinguido Sr. mio.

Como continuacion a la conversacion que con V. he tenido esta mañana, tengo el gusto de comunicarle que el Ex.<sup>mo</sup> Sr. Embajador, al tener conocimiento de sus deseos ha dispuesto se pusiera a Berne un telegrama pidiendo instrucciones referentes a su repatriacion. Cuando la contestacion llegue, tendré mucho gusto en comunicarsela.

Si V. quisiera poner sobre el assunto, como representante de los demás oficiales, algun telegrama a dicho punto que no fuera muy largo, puede transmitirmelo por carta y se incluiría en uno de los nuestros.

Tiene el honor de saludarle afectuosamente su atto s.s.

Q. B. S. M.

B. Sardá.

Por esta carta se conclue que o embaixador de Espanha enviou o telegrama a que anteriormente me referi e isso em virtude de na repartição alemã, que trata dos prisioneiros de guerra, nada se saber acerca do nosso repatriamento.

Imediatamente respondemos a essa carta. Vou passar a ler-vos o texto da mesma :

11 de Dezembro de 1918.

Snr. Don B. Sarda — Major de artilharia do exército espanhol, attaché à Embaixada de Espanha em Berlim — Lutzstr 31 — Berlim W.

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Penhoradissimo, venho em nome dos prisioneiros portugueses agradecer o interesse que V. Ex.<sup>a</sup> tomou, no sentido de conseguirmos rapidamente eselarecimentos acerca do nosso repatriamento,

Lastimo muito não poder ir pessoalmente apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os meus agradecimentos, pois devo partir amanhã no comboio da manhã para Breesen, onde me esperam, ansiosos por notícias, os meus camaradas.

Igualmente agradeço reconhecido o oferecimento contido na última parte da carta de V. Ex.<sup>a</sup>, o qual aproveitarei, caso mais alguma dificuldade surja.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os meus cumprimentos e subserevo-me com muita consideração,

De V. Ex.<sup>a</sup>

Att.<sup>o</sup> V.dor Cr.<sup>o</sup> Mt.<sup>o</sup> Gt.<sup>o</sup>

(a) *Craveiro Lopes.*

Finalmente, quando pelas 23 horas recolhíamos ao hotel, chegavam dois officiaes italianos, dos quais um era general, encarregados do repatriamento dos prisioneiros do seu país.

A deserção que vos aeabo de fazer, o mais completa possível, das nossas *démarches*, levam-nos a concluir o seguinte :

1.º Que a França, Inglaterra, Bélgica e Itália, instalaram em Berlim comissões encarregadas do repatriamento dos prisioneiros dessas nações.

2.º Que, essas comissões estão ainda organizando os seus serviços, não tendo por enquanto começado, sob a sua direcção, o repatriamento dos prisioneiros.

3.º Que, até ao momento da sua instalação em Berlim, apenas tinham sido repatriados por terra os prisioneiros instalados em campos situados na margem esquerda do Reno e por mar cerca de 300 oficiais ingleses, transportados nos barcos dinamarqueses, que tendo vindo trazer géneros à Alemanha, regressavam à Dinamarca.

4.º Que dos campos dos prisioneiros franceses situados na margem direita do Reno ainda não foi nenhum prisioneiro repatriado.

5.º Que a falta de informações acerca do repatriamento não existe só para nós portugueses, mas sim para os prisioneiros de todas as nações, a ponto dos franceses acusarem o seu govêrno de os ter esquecido.

6.º Que são enormes as dificuldades que se apresentam ao repatriamento imediato. Por mar, por causa das minas que estão sendo rocegadas. Por terra, por só se poder efectuar pela Holanda e Suíça e não pela zona de guerra, como o determinou a general Foch.

7.º Que é impossível dizer desde já quando estará terminado o serviço de rocegagem das minas.

8.º Que a situação dos prisioneiros franceses e ingleses, no que diz respeito à alimentação no momento presente, pouco difere da nossa.

9.º Que actualmente não há na comissão inglesa encarregada do repatriamento, quaisquer instruções referentes ao repatriamento dos portugueses.

10.º Que também presentemente na comissão espanhola de protecção aos prisioneiros de guerra, nenhum conhecimento há sobre o modo como virá a efectuar-se o repatriamento dos portugueses.

Snr. presidente e meus camaradas :

As conclusões que acabei de vos apresentar e ás quais chegámos depois de ouvidas as diferentes entidades oficiais que também vos citei, trazendo-nos a certeza absoluta de que nada havia sido tratado até ao presente

para o nosso repatriamento, e que portanto por mais algum tempo continuaria o nosso cativoiro, levaram-nos a tomar as seguintes resoluções.

1.<sup>a</sup> Aceitar o oferecimento do presidente da comissão inglesa para enviar de Copenhague ao governo português um telegrama pedindo fosse a mesma comissão inglesa esclarecida sobre o que havia acerca do nosso repatriamento, a qual, por sua vez, nos comunicará o resultado.

2.<sup>a</sup> Pedir ao Dr. Romero, presidente da comissão espanhola, para enviar um telegrama para a Suíça pedindo que com urgência nos fossem enviados gêneros. O telegrama seguiu imediatamente.

3.<sup>a</sup> Aceitar o oferecimento do major de artilharia espanhola B. Sardá para ser enviado um telegrama da Embaixada Espanhola à legação portuguesa em Berne, pedindo para que a mesma Embaixada seja esclarecida sobre o que se encontra resolvido acerca do repatriamento dos portugueses. Da resposta ser-nos há dado conhecimento.

Oxalá os telegramas enviados, um pela comissão inglesa ao nosso governo e o outro pela Embaixada Espanhola ao nosso ministro em Berne, pedindo esclarecimentos acerca do repatriamento dos portugueses, indo lembrar-lhes a nossa situação, contribuam para que o nosso cativoiro seja o mais curto possível.

Oxalá também o telegrama enviado para Bale (Suíça) pelo presidente da comissão espanhola, nos traga muito em breve o auxilio em alimentação de que tanto carecemos para que os últimos tempos do nosso cativoiro não se tornem ainda mais amargurados.

Finalmente, que a promessa feita pelo presidente da comissão inglesa de nós enviar gêneros dum campo próximo, e a promessa feita pelo ajudante do general Dupont de que ia tratar de conseguir que a correspondência das nossas familias nos chegasse às mãos mais rapidamente, sejam coroadas de êxito—é todo o nosso desejo.

Os trabalhos da comissão constituída pelo tenente-coronel Craveiro Lopes e capitão Maçãs Fernandes prosseguiram até ao ponto de conseguirem o repatriamento de todos os prisioneiros portugueses.

## IMPRESSÕES DO TENENTE DELDUQUE DA COSTA

A PROPÓSITO DO DEPILATÓRIO A QUE  
SE ALUDE NO CAPÍTULO XI DÊSTE LIVRO

13 de Maio.

Esta tarde do dia 13 de maio decorria como as não sei já quantas outras que a antecedem no cativeiro, aborrecida e monotona.

O jantar tinha sido apróximadamente há duas horas, Fôra como sempre uma sópa, ou em mais expressivo português, uma papa de não sei que mistura de farinhas, cevadinha, batatas e cenouras, não daquelas pequenas e tenras que conhecemos das nossas mêsas, mas das outras que pela qualidade do desenvolvimento são destinadas a exclusivo alimento dos animais.

Em todo o caso merecera as honras do nosso agrado. Completavam o jantar dois pequenos pepinos de conserva em vinagre cujo cheiro mesmo de longe bastava para fazer ehorar. Lágrimas de fome, haverá quem pense? . . . Não. O vinagre é que era muito forte . . .

Fazíamos pois o «chilo» tão necessário depois desta succulenta refeição, uns deitados sobre a desconjuntada armação que nos serve de leito, outros entretendo-se nestas quasi infantis distracções com que matamos o tempo, quando um dos amanuenses do campo, um rapaz de vinte anos, louro e imberbe, cuja correcção no francês e nas maneiras denunciava sem hesitação uma larga permanência na França, nos vem anunciar um banho e uma desinfecção de todas as roupas de que fazemos uso.

Aquela hora?! Um acentuado «tout de suite» indica que a ordem tem execução immediata. Ent-eoollhamo-nos.

Que haveria que determinasse tão rápida medida, mais uma desinfecção?

Percebemos-lhe qualquer coisa de pediculose. E' incrível. Neste campo que foi de soldados, que nem para elles serve estão agora só officiaes que sabem bem o que devem ao aceio individual. Deve pois tratar-se mais duma violência que duma razão.

Estas nossas ligeiras considerações são uma consequência do hábito de tudo discutir e executar só em parte as ordens recebidas. São um hábito nacional.

A nossa situação, porém, não o admite. As nossas camas desfazem-se num instante e lá vamos todos sem perda de tempo sobraçando as roupas que lhe tiramos.

São : um lençol de linho escurecido e roto ; um sacco de riscado de quadrados azuis e brancos que esconde as duas miseráveis cobertas de farrapos que nos agasalham e uma fronha do mesmo riscado.

Tomámos não sei que aspecto de pedintes. Há nesta medida, como em geral em todas, qualquer coisa de vexatorio que bem podia deixar de se exercer. Bastava que olhassem as cabeças encarnecidas de tantos de nós e os galões que todos ostentávamos sobre os braços.

Mas não. O dominador, na sua altivez, nem olha nem repara. Manda, para que se execute, e manda por igual. Não somos de facto todos igualmente vencidos?

A casa de desinfecção é fóra e um pouco afastada do campo em que estamos. Lá espera-nos um autoritário e grosseiro soldado que todo se irrita porque não comprehendemos a língua que é só dele e de nenhum dos tantos outros que ali estamos.

Percebemos a custo que temos de nos despir e de entregar com as roupas da cama as do nosso uso individual, de sofrer mais um rigor de desinfecção e de tomar seguidamente banho. E' em conjunto !

Não há distincções, tão justificadas, tão razoáveis, tanto mais que entre nós as fazemos pelo respeito hierárquico que ainda não perdemos ! . . . Não há distincções, tão justificadas, tão razoáveis, tanto mais quanto o exigia esse rigor de desinfecção que a minha pena não pode descrever porque não há dentro das fórmulas que a conveniência permite maneira correcta de o dizer, tão ultrajante, tão repugnante que na nossa terra ninguém seria capaz de o empregar em conjunto contra soldados, por menos aceiados que os conhecessemos, por mais abandonados na sua hygiene corporal que os vissemos, por mais asquerosos ou nojentos que se nos mostrassem.

porque não sei mesmo se num caso destes uma depilação geral seria uma imperiosa obrigação ainda que executada em separado.

Respeitaríamos a sua qualidade de homens e não os exporíamos ao ridículo um dos outros, nem ao seu próprio sequer!

Questão de sentimentalidade? Questão de educação? Não sei: diga-o quem melhor souber, não eu como tantos outros vexado e esarnecido.

Riu o executante da estupidez do seu trabalho com uma grosseira brocha que enchapuçava a cada instante no leite verde da caldeira que tinha ao pé de si e riu talvez à mesma hora quem deu a ordem! Riram em conjunto. Eram dignos um do outro.

Riram, mas ambos se enganavam. Eu respeito-te, vencedor, na tua grandeza militar e no teu saber. Respeito-te como militar que me habituei a ter-te por mestre, respeito-te como homem cujas manifestações intelectuais sei serem superiores. Respeito-te como vencido. Saúdo nos teus oficiais, que me impões cumprimento por igual, a tua dominação; e saúdo-a correcto mas não reverente. Não confundas porém. No meu acatamento nem sempre há respeito. Há muitas vezes só compostura, só a nobreza de aspecto que é timbre dos que sabem com honra ser vencidos. Não confundas, não te enganes, supondo-me submisso quando exerees sobre mim violências e me vês resignadamente suportá-las.

Riste-te, mas enganaste-te!

Dentro em mim lavrava funda a revolta, violenta a indignação que, se no meu olhar não lèste, não foi porque elle tu não denunciasses, mas pelo receio que tens que elle te diga: «Vencedor, esta é a tua cultura?»

O QUE EM SIMPLES CONVERSA, FOI CONTADO AO AUTOR POR ALGUNS OFICIAIS DE INFANTARIA N.º 1, A PROPÓSITO DO ESQUECIMENTO A QUE FOI VOTADO ÊSTE BATALHÃO POR OCASIÃO DO *RAID* ALEMÃO QUE CONTRA ÊLE FOI DIRIGIDO NA PRIMEIRA NOITE DA SUA IDA PARA AS LINHAS QUANDO A 6.ª BRIGADA FOI SUBSTITUIR A 3.ª NO SECTOR DE FAUQUISSART

No dia 23 de Novembro de 1917, o batalhão de infantaria 1 ocupava o sub-sector Fauquissart. Ma madrugada dêste dia, os alemães fizeram um *raid* sôbre o centro do sub-sector que era ocupado pela 2.ª companhia, comandada pelo capitão Manoel Henriques Carreira, que tinha como subalternos os alferes Moniz e Brito.

As frôças inimigas atacaram no efectivo de 1 companhia, tendo iniciado antes um forte bombardeamento de artilharia sobre a 1.ª e 2.ª linhas, comando do batalhão e trincheiras de comunicação.

Devido a este bombardeamento ficou bastante danificada a 1.ª linha, tendo-se porém todos os postos que ali se encontravam conservado no seu lugar fazendo fogo. As praças, incitadas pelo capitão e subalternos ao cumprimento do seu dever militar, portaram-se com grande valor.

Dentre todos os postos distinguiu-se extraordinariamente um, composto de 1 cabo e 4 soldados. Este posto foi lonvado em ordem de batalhão pela muita bravura com que repelin o inimigo, matando um dos officiais comandantes da força e ferindo gravemente um dos soldados que o acompanhava, o qual foi feito prisioneiro.

Este posto, ao convite feito pelos alemães para se entregar, responden a tiro. Os alemães chegaram a agarrar estas praças, rasgando lhes os capotes, mas nada conseguiram. O *raid* foi repellido, tendo-se apreendido diverso

material de guerra, como pistolas, granadas de mão, um punhal, um bonet de oficial, etc. Este material foi enviado para a 3.ª Brigada.

As nossas baixas foram de : 6 mortos e 10 feridos da 2.ª companhia. Todos estes factos ficaram em completa obscuridade.

Por acaso encontrava-me em tirocinio na 3.ª Brigada quando esta foi rendida pela 6.ª, onde continuei até completar o referido tirocinio. Foi infantaria 1 o primeiro batalhão a entrar nas linhas, sendo logo na primeira noite violentamente atacada a sua 2.ª companhia. Lembra-me de ouvir os factos de verdadeiro heroísmo praticados pelas praças do posto a que acima se alude, como vi o material apreendido, bonet, etc. É possível que um simples lapso originado pelos trabalhos da rendição, desse logar a que as praças aludidas não fossem devidamente galardoadas, o que em boa justiça deverá ainda fazer-se. Este lapso foi remediado, depois da publicação deste livro, na sua 1.ª edição, com que muito folgo.



# DOCUMENTOS



Handwritten text at the top of the page, possibly a title or header, which is mostly illegible due to fading.

—o Nr. 6. —o

*Handwritten text in cursive script, likely the author's name and other details.*

für

Klas

Schuljahr



Capa dum dos folhetos em que o Autor escreveu as suas notas

comiceis que, tendo-me em companhia  
 de, me expiei egualmente entre  
 Pálex a hora e meia da madrugada, finalmente,  
 subitamente acordado pelos rebentamentos de  
 munitões, jogadas inimigas, cujo ciez, pro-  
 duziu abusivamente o respeito as virgindades mi-  
 lhares do meu quarto as redugiam prompta-  
 mente a estilhaços, indo depois cravar-se no es-  
 tique de paredes e de tecto, onde produziam  
 incommoventes buracos

Muito estabacadamente, consegui manter a uni-  
 ca roupa que ainda hoje tenho no corpo, e  
 saltei para o exterior onde fiz o chopem  
 de ferro e coloquei no fogueira convenientes  
 os meus oporculos antigas

A nossa villaria contrabotica já fortemente  
 a sua adversaria, o que levou, uma ordina-  
 ca, ainda um tanto estremunhada, a infer-

Fac-simile da folha de um dos cadernos  
 em que o Autor escrevia as suas notas, tendo já o carimbo  
 da censura alemã

Offiziersgefangenenlager Breesen  
in Mecklb.



Karte Nr. 686

für

*Matheiro, Alexandre José*  
*Fernanté Coravel*

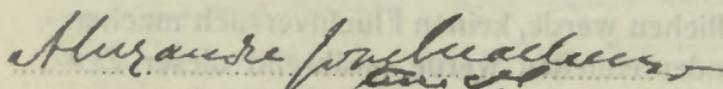
Ich gebe durch eigenhändige Unterschrift auf dieser Karte **mein Ehrenwort**, daß ich, falls ich das Lager mit Zustimmung der Kommandantur, für welchen Zweck es auch sei, verlasse, nicht entfliehen werde, keinen Fluchtversuch machen oder einleiten werde, während dieser Zeit keine Handlungen begehen werde, die gegen die Sicherheit des Staates, in dem ich mich befinde, gerichtet sind, und schließlich der Flucht oder dem Fluchtversuch Dritter keinen Vorschub leisten werde.

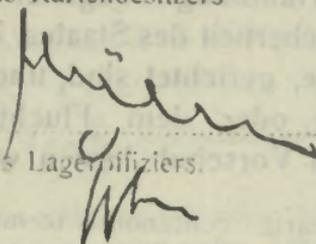
Frente do cartão contendo o termo de palavra d'honra  
dado pelos oficiais prisioneiros, por ocasião  
dos seus passeios para fora do campo.

Es ist mir bekannt:

1. dass ich diese Karte beim Verlassen des Lagers abzugeben habe und sie bei meiner Rückkehr wieder ausgehändigt erhalte;
2. dass die Benutzung der Karte eines Dritten als Ehrenwortbruch für diesen wie auch für mich selbst betrachtet wird;
3. dass der Verlust der Karte der Kommandantur sofort anzuzeigen ist;
4. dass bei endgültigem Verlassen des Lagers diese Karte der Kommandantur zurückzugeben ist.

Der Inhalt der Karte ist mir an Hand der offiziellen Übersetzung in meine Muttersprache durch den rangältesten Offizier meiner Nation im hiesigen Lager genau bekannt.

  
Unterschrift des Kartenbesitzers

23/7 18   
Unterschrift des Lageroffiziers.

Verso do cartão contendo o termo de palavra d'honra  
dada pelos oficiais prisioneiros, por ocasião  
dos seus passeios para fora do campo.



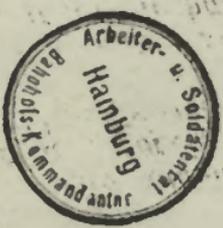
Ausweis

Den Inhabern dieses Ausweises: Oberstleutnant Cravetto Lopes  
und Hauptmann Magas Fernandes, wird hierdurch bescheinigt, dass  
ihrer Ausreise nach dem H a a g (Holland) Bedenken nicht ent-  
gegenstehen.



Der Soldatenrat  
H.A.: *M. K. K.*

I.A.  
H. *G. H.*  
Oberstleutnant und Inspektor



Passaporte de licença fornecido aos oficiais Cravetto Lopes e Magas Fernandes  
com o carimbo do conselho dos soldados.

Teatro

da

Paz

Hoje. 27 pelas 18.30.

Representa-se a comédia em

3 atos

O Amór na

Base do C.E.P.

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Alexandre Malheiro, dedicada aos seus  
Ex.<sup>mos</sup> Camaradas com os prisioneiros de guerra

Impressão em casa do autor - Rua da Paz - nº 10 - Lisboa - Portugal

Cartaz anunciando a representação  
da comedia do Autor, no campo de Breesen.





Notas de exclusiva circulação dentro do campo de Ruchsburg  
 (de 1 e 5 pfennigs, correspondentes a 2 e 10 centavos).



## UMA NOTA INTERESSANTE

Estava esta edição quasi impressa, quando a publicação da Ordem do Exercito n.º 7 (2.ª série) de 20 de Abril findo, me surpreende com a inserção do seguinte decreto que, decorridos 9 anos, se pode considerar deveras serôdio:

«Hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra, que seja condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª classe, o coronel, na situação de reserva Adolfo de Almeida Barbosa, pela maneira brilhante como procedeu, durante a Campanha em França, em 1917, quando comandou a 4.ª brigada do Corpo Expedicionário Português, evidenciando sempre a maior coragem, dedicação, espirito de disciplina e serenidade, sendo para os seus subordinados, um grande exemplo de qualidades militares».

Mas, sendo muito o que ali fica, não é, no entanto, tudo, porquanto a Ordem do Exercito n.º 14 (2.ª serie) de 17 de Julho findo, publica mais.o seguinte:

**Decreto n.º 11.860**

Atendendo aos altos serviços prestados pelo coronel de infantaria, actualmente na situação de reserva, Adolfo de Almeida Barbosa, no Corpo Expedicionário Português, onde exerceu, durante largo prazo, o comando interino de uma divisão, com comprovada competência, inteligência e muito zelo, fazendo sentir beneficentemente a sua acção disciplinadora nos subordinados, dando-lhes, por vezes, em circunstâncias bastante críticas, exemplos de coragem e abnegação, e não tendo sido devidamente recompensado, como a tantos outros tem sucedido:

Em nome da Nação, o Governo da República Portuguesa decreta para, valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É promovido a general, continuando na mesma situação, o coronel de infantaria, na situação de reserva, Adolfo de Almeida Barbosa.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Determina-se, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar, tão inteiramente como nêle se contem.

Os ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Governo da República, em 3 de Julho de 1926 — Manuel de Oliveira Gomes da Costa — António Claro — Manuel Rodrigues Junior — Filomeno da Câmara Melo

Cabral — Jaime Afreixo — António Oscar de Fragoso Carmona — Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa — Armando Humberto da Gama Ochôa — Artúr Ricardo Jorge — Felisberto Alves Pedrosa.

Os dois decretos que aí ficam transcritos são, como se verifica, provenientes de governos inteiramente distintos. Isto é: o tardio reconhecimento dos assinalados serviços prestados em campanha pelo sr. General Almeida Barbosa não foi uma consequência do movimento de salvação nacional, como, à primeira vista, poderia parecer.

O primeiro firmou-o ainda o Ex.<sup>mo</sup> sr. Tenente-coronel José de Mascarenhas, como ministro da Guerra de um governo presidido pelo chefe do partido democratico, o Ex.<sup>mo</sup> sr. António Maria da Silva, o que torna a concessão da alta mercê absolutamente insuspeita.

Quanto ao segundo, bastaria firma-lo o nome do Ex.<sup>mo</sup> Sr. general, Gomes da Costa, para se lhe atribuir toda a justiça por partir da primacial entidade do C. E. P.

Ora a verdade é que, para consolação minha, já em 9 de Abril de 1924, eu tive a honra de inserir nas colunas do «Primeiro de Janeiro» o seguinte artigo que, a penhorante pedido da redacção, muito gostosamente escrevi:

### ESFORÇO DA RAÇA

*Nenhuma data, melhor que a de 9 de Abril, poderia, na verdade, ser escolhida para comemo-*

*ração do esforço da raça, feito pelos soldados de Portugal na grande conflagração europeia.*

*Ela marca, de uma fôrma devêras eloquente, a nossa participação na guerra, por haver a acção inimiga incidido, neste dia, quasi exclusivamente sobre uma parte da frente da batalha cuja defesa, ao nosso Corpo Expedicionario, estava particularmente confiada.*

*Aos soldados de Portugal que, na sua grande insuficiência nuntérica, se haviam defrontado, briosamente, durante longos mezes, com o mais poderoso e habit inimigo de então, couberam, pois, como aos demais exércitos aliados, as honras de parar também uma poderosa ofensiva alemã.*

*E assim se desfizera a defectista lenda que, em Portugal, corria, com visos de dogma, da protecção amiga que, pelo boche, nos estava sendo dispensada.*

*Não. A acção que, contra as fôrças portuguezas, foi desencadeada, no dia 9 de Abril de 1918, assumiu, como é notorio, todas as proporções de um formidavel ataque, de antemão concebido e habilmente preparado. Sem duvida. Pela descomunat avalauctie de efectivos, empregados contra a nossa debil frente, tão desfalcada em homens e inaterial, pela impetuosidade verdadeiramente dinâmica com que actuaram, e pelo caracter de surpresa que uma tal operação revestiu, poderá, afoitamente, dizer-se que em quasi nada ela diferiu de tantas outras menioráveis acções que, desde Ostende aos Vosges, se fizeram, não raro também, com semelhantes resultados de insucesso, para os nossos valentes aliados.*

*As forças portuguesas mereceram, pois, as honras de uma autêntica ofensiva alemã:—els o que, para honra e gloria sua, hoje como sempre, convirá, com orgulho, recordar, pelo alto significado moral que um tal facto representa.*

*E' que, ao alto comando adverso, não vinha passando despercebida a valorosa conduta, até então mantida pelos nossos soldados, tendo, pelo contrario, bem presentes os audaciosos raids por elles levados a effeito, e a decidida firmeza e galhardia com que sempre repeliram os dos seus adversários.*

*Esfôrço da raça. Felicissima e rigorosa expressão esta que tão bem define a intervenção de Portugal na grande guerra!*

*Nação pequena e desprovida de recursos, prontamente ella ofereceu e destacou para bem longe do seu torrão natal, alguns milhares de soldados, arrancando-os á lavoura, ás fabricas e outros misteres, onde o seu braço ia fazer uma falta irreparavel.*

*E o nosso soldado, mal comprehendendo a necessidade de um semelhante esfôrço, como o que lhe ia ser pedido em terra alheia, cuja linguaagem nem sequer conhecia, em breve, mediante o conselho intelligente dos seus officiais, que ali passaram a ser, ao mesmo tempo que os seus guias, os seus melhores amigos, o nosso soldado, diziamos, em breve se revelava como em Aljubarrota, Montes Claros, na India, ou em Marraquene e Coeleta, o mais valente e soffredor soldado do mundo.*

*Artilheiros e infantas do nosso C. E. P., solidamente irmanados pela iminencia do perigo commum, combateram, pois, em terras da Flandres,*

*durante mais de um ano, coud á coud com os seus camaradas britannicos, a cujos altos comandos arrancaram, por vezes, os mais honrosos louvores, como outrora, na guerra da Peninsula, havia já, com outros, acontecido.*

*O esforço da raça é, pois, um somatorio de corajosas energias, dispendidas por um grande núcleo de portuguezes, muito honrosamente hoje denominados de «Combatentes da Grande Guerra». São de sobejo conhecidos aqueles que, como o valoroso general Gomes da Costa, para começarmos pela primacial figura do nosso C. E. P., se cobriram de gloria, em França e Moçambique.*

*Gomes da Costa, esse homem de bronze, cuja figura máscula, dominadora, nos evoca a de um autêntico guerreiro romano, esse militar, valente e destemido, com o qual as balas parece nada quererem, votando-lhe, pela sua parte, o illustre militar o mais absoluto desprezo, nada mais fez em França do que a confirmação, se precisa ela lhe era, das elevadas qualidades militares, que há muito o haviam assinalado na India e em Augola e Moçambique.*

*A sua acção, como comandante de uma divisão em primeira linha, pode, sem lisonja, porque ninguem o ignora, considerar-se como a mais nobre e exemplar de que um chefe de tropas pode dar provas, em face do inimigo.*

*Mas um outro não menos illustre militar passou tambem pelo nosso C. E. P.; e, sem desdouro para ninguém, deveria, pela sua acção inteligente e não menos valorosa, aliada a um conjunto de particulares circunstâncias, ser considerado como o mais perfeito e admirável exemplo da afirma-*

ção do esforço humano, posto ao serviço de uma causa.

Não hesitaremos mesmo em o considerar como sendo elle a mais bella personificação do esforço da raça que hoje se comemora; e fazemo-lo, certos de que ninguém ousará opôr-nos o mais leve desmentido. Queremos referir-nos ao prestigioso comandante da chamada Brigada do Minho, ou 4.<sup>a</sup> B. I. do nosso C. E. P., e, mais tarde, comandante interino do 2.<sup>a</sup> Divisão, em 1.<sup>a</sup> linha:—Coronel Adolfo de Almeida Barbosa.

Aqui deixamos estampado, com o mais profundo respeito e admiração, o seu nome honrado, que nenhum combatente da Flandres por certo, desconhece, antes, como nós, todos também devotadamente, respeitam e admiram.

Este homem, a quem uma pertinaz doença, de lá muito, vinha roubando a saude, contandava, em Viana do Castelo, o regimento de infantaria n.<sup>o</sup> 3, no momento em que o seu primeiro batalhão e o Estado Maior recebiam ordem de mobilização para embarcarem para França.

Qualquer junta médica julgaria, sem a menor hesitação, incapaz do serviço activo o coronel Almeida Barbosa, se este official lhe quizesse ser presente. Tal, porém, não aconteceu, porque a isso se opunha o brio profissional do futuro comandante da Brigada do Minho. O coronel Almeida Barbosa marchou, pois, doente para o front, começando assini a realisar um esforço que, sem a menor dúvida, lhe teria sido muito menos penoso, na integral posse de uma vigorosa saude.

Foi então que o conhecemos, quando elle, á testa da sua Brigada, toda ella constituida por patricios seus, occupava o sector de Ferme de Bois.

*A sua estatura, quasi mediana, contrastava, nas proporções, com a do general Gomes da Costa que, á sua beira, era quasi um gigante.*

*A sua face era palida, lembrando o marfim antigo de certas imagens de santos; e no seu olhar doce, e calmo, adivinhava-se logo toda a bondade da sua alma.*

*Comandante austero, sempre o guiaram os mais rígidos principios de justiça, de que era inteiro escravo.*

*No Q. G. da Brigada, todos os seus subordinados, que o adoravam, o conheciam pelo Pai; e pelo que dizia respeito ao sector do seu comando, não havia detalhe que lhe fôsse desconhecido.*

*la para ali, diariamente, como um activo lavrador minhoto poderia ir para a sua quinta, com o fim de verificar a soldagem da enxertia ou o crescimento dos renovos.*

*Desde o final do seu almoço, até ao escurecer, em que se avizinhavam as horas do jantar, só nas trincheiras poderia, invariavelmente, ser encontrado o coronel Barbosa.*

*E á sua quasi constante permanência ali se devia o modelar estado de conservação dos entrincheiramentos, onde o serviço de reparações e drenagem das águas era constante e meticolosamente por êle fiscalizado.*

*Os efeitos morais provenientes desta nobre conduta eram, como naturalmente se conclue, de veras salutaes, pelo exemplo que um chefe, tão altamente graduado, dava a todos os seus subordinados.*

*Permanecendo junto dos seus homens dias inteiros e sucessivos, compartilhando com êles os mesmos perigos, conquistára, juntamente*

*com a máxima autoridade, a estima e veneração de todos os seus soldados que melhor conheciam já o comandante da Brigada, do que alguns dos próprios oficiais dos seus batalhões.*

*Nas horas de tormenta, quando a metralha chovia e os grossos morteiros explodiam, com brutal fragor, ou junto de si sibilavam as balas dos snipers, a sua marcha proseguiu sempre firme e cadenciada, quando mesmo, numa natural e unica defesa, todos aqueles que se lhe avizinhavam se estendiam prontamente no chão, bem cosidos com o terreno.*

*A esta estranha atitude que, em similares conjunturas, apenas vimos assumir ao general Gomes da Costa, deveu o coronel Barbosa a honrosa alcunha que os oficiais da sua Brigada lhe puzeram de **Bufas que não se agacha**. Com o termo Bufas, queriam os mesmos oficiais significar as longas suissas que o bravo comandante usava, como distintivo convencional da brigada do Minho que a todos os demais militares da brigada era imposto.*

*Supômos bem que o coronel Almeida Barbosa, do qual, desde 1918, ninguém mais ouviu falar, ainda existe, depois de haver passado ao quadro da reserva, no posto que possuía.*

*A verdade, porém, é que, em França, teve êle a honra de comandar, por algum tempo, uma Divisão em 1.<sup>a</sup> linha, função esta das atribuições de general, e pela qual foi galardoado pelo Comando do 11.<sup>o</sup> Corpo de Exército Inglez, a que as nossas fôrças se achavam subordinadas.*

*Onde quer, porém, que o valoroso oficial se encontre, continuará êle sendo sempre o mesmo militar desartificial e sinples, a quem estas re-*

*ferências indiscretas vão certamente ferir na sua imperdoável modestia.*

*Que nos releve, pois, o illustre official a nossa indiscreção, se porventura estas sinceras e mal alinhavadas referências chegaram ao seu conhecimento, na voluntária obscuridade, a que tão tristemente se deixou conduzir.*

### Alexandre Malheiro

Coronel

Vê-se, pois, que, muito antes das tardias referências que agora são oficialmente feitas ao illustre comandante da Brigada do Minho, já a minha humilde voz, e só ela, se havia erguido, indignada, contra o estupendo facto que me abstenho de classificar, do silêncio que, durante tantos anos, se fizera em torno de uma primacial figura do nosso Corpo Expedicionário à França. Bem haja eu, pois.

De facto, não se tratava de um subalterno, a quem a morosidade burocratica de um processo de informações conservasse mais ou menos ignorado:—O general Almeida Barbosa, além de haver, com raro brilho, comandado a 4.<sup>a</sup> Brigada, exerceu, durante mezes, o comando da 2.<sup>a</sup> divisão, quando esta guarnecia o sector português.

Os termos encomiásticos em que são concebidos os decretos que antecedem, mostram eloqüentemente que a acção do illustre militar era de sobejo conhecida de todos os seus camaradas, e, conjuntamente, do alto comando das nossas fôrças, para que o reconhecimento official de tão relevantes serviços como os que aí ficam

registados, pudesse carecer de um tão longo periodo de incubação.

Que o antigo comandante da Brigada do Minho não tinha lampada em Meca, adivinhava-se isso do seu feitio essencialmente modesto. Como official provinciano, que é, a vida decorrerá-lhe sempre, pacatamente, de casa para o quartel e do quartel para casa, onde o esperava uma familia de simples costumes, a quem êle extremecia. E igualmente desprovido de coteries, parentes ou amigos que por cá lhe reclamassem os feitos (sem necessidade aliás de os inventarem) jazeu, pois, escandalosamente o sr. General Almeida Barbosa, durante nove longos anos, no mais lamentável esquecimento! Foi preciso que dois illustres officiais, animados por um nobre sentimento de justiça, se lembrassem, para prestigio do Exército, de remediar, em parte, a tremenda *gafe*, que tantos outros seus antecessores, como ministros, vinham deixando passar, na melhor das hipóteses, por um imperfeito conhecimento dos factos que a carência de reclame lançára no mais absoluto esquecimento, não obstante o largo bôdo de distinções que pelos nossos governos vinham sendo concedidas.



## SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS

---

	Pag.
Prefácio à 2. <sup>a</sup> edição . . . . .	9
"    à 1. <sup>a</sup> " . . . . .	11

### I PARTE

Capitulo I—Os boatos da grande ofensiva alemã na Primavera de 1917—Probalidades duma acção inimiga contra o sector português—A nomeação do autor para 2.<sup>o</sup> comandante da 6.<sup>a</sup> brigada de infantaria que foi guarnecer o sector de *Chapigny*—Bombardeamentos intensos pela artilharia portuguesa e retalições do inimigo, 21 a . . . . . 36

Cap. II—Um ataque de gases alemães pela artilharia contra a zona das nossas baterias e quartéis generais de brigada com a duração de 6 horas—2.<sup>a</sup> ofensiva alemã no Somme—Comentários e opiniões diversas, 37 a . . . . . 48

Cap. III—Como foi ocupado o sector português e suas transformações sucessivas—Necessidade de rendição das nossas forças—Carencia absoluta de reforços vindos de Portugal—A 6.<sup>a</sup> brigada vai ocupar o sector de *Neuve Chapelle*, 49 a . . . . . 63

Cap IV—Impressões recebidas—O movimento anormal observado pelos batalhões no campo inimigo—Frequentes rajadas da nossa artilharia—Um general inglês aparece inesperadamente na tarde de 8 Abril, no quartel general da 6.<sup>a</sup> brigada para estudar o plano de defesa do sector que no dia seguinte iria ocupar com uma brigada in-

- glesa. Todo o C. E. P. ia enfim ser rendido por forças britânicas, 64 a . . . . . 88
- Cap. V—O algarismo 9—A madrugada de 9 de Abril—A grande batalha de la Lys—O nosso quartel general em ehamas, por efeito duma grana-da inimiga—Os grossos projecteis alemães der-ruem quasi toda a *ferme* em que residiamos, pou-pando apenas a parte onde nos encontrávamos—O aprisionamento do autor eom o restante quartel general da sua brigada, 89 a . . . . . 113
- Cap. VI—Através das linha inimigas—A nossa passagem pelas numerosas colunas inimigas de todas as armas—Fortes impressões recebidas—A fadiga e a fome—Interrogatórios sumários—*Ne-nhumas tropas teriam resistido melhor do que as por-tuguesas, dada a desproporção em que se bateram, di-lo um general alemão*—Uma noite passada sobre as táboas enxovalhadas duma barraca, 114 a . . . 135
- Cap. VII—Marcha de 25 quilómetros efe-ctuada pelos prisioneiros portugueses para Lille no dia 10 de Abril, sem lhes distribuirem em todo o dia a menor refeição—Chegada a Lille e traves-sia da cidade—Carinhosas manifestações por par-te da população—Tentativas de nos socorrerem eom fatias de pão e outros géneros, contrariadas brutalmente pelos soldados alemães, 136 a . . . 157
- Cap. VIII—A cidade de Lille onde nos encer-raram—O nosso encontro com muitos officiais e praças portuguesas e britânicas—Fome e fome—Só na noite de 10 para 11 distribuem alguns peque-nos pedaços de pão negro com uma droga doce eontida em baldes a que ehamavam marmelada, 158 a . . . . . 171
- Cap. IX—Á proeura do meu impedido, a quem nunca mais consegui ver—Dia 11 de Abril—Uma sopa horrivel—Viagem para a Alemanha—Impressões várias—Quatro dias encerrados numa carruagem de 3.<sup>a</sup> classe com sentinelas ás porti-nholas—Sopas nos sucesivos postos da Cruz Ver-melha existentes nas estações—Operárias da linha férrea em traje masculino—Uma interessante rapariga, 172 a . . . . . 194

## II PARTE

- Cap. X—Em 15 de Abril, último dia de viagem, é-nos permitido pelo comandante da escolta mandar vir sandwiches, vinhos e cerveja do *bufet* duma estação—Canções e fados portugueses cantados pelos meus camaradas, com grande satisfação e apreço dos guardas que nos acompanhavam—Chegada a Rastatt—Marcha a pé para o Campo Russo—Impressões recebidas—Banho e desinfecções—*Friedrichsfeste*—Um ataque de gripe—A miserável alimentação 195 a . . . . . 223
- Cap. XI—Regresso ao Campo Russo—Fome e fome—Desinfecção e depilatório—Nossa indignação—As minhas notas, 224 a . . . . . 239
- Cap. XII—Um grupo de 40 oficiais portugueses parte em 29 de Abril de Rastatt com ignorado destino—Em 12 de Maio outro grupo com o mesmo número de oficiais parte igualmente com ignorado destino—Em 15 deste mesmo mês parte ainda um 3.º grupo de que faz parte o autor—Levamos para a linda cidade de Karlsruhe—O hotel misterioso—Transferencia para o campo de Karlsruhe—Impressões da formosa cidade—Festas do Espírito Santo—Grande movimento, 240 a . . . . . 265
- Cap. XIII—A entrada no campo—Revista e entrega do dinheiro—Continuam as festas do Espírito Santo—Grande movimento de carros eléctricos e locomotivas—Recordação do Senhor de Matozinhos—Muitas saudades do Porto—Mais fome—As esmolas de pão e bolachias—Soberba arborização—Assobios do melro, muitos pintasilgos, 266 a . . . . . 275
- Cap. XIV—Partida em 21 para o Hanover—Nova revista, antes de partirmos—Viajando em 2.ª classe—Através das pitorescas regiões de Baden e Essen—Formosíssimas cidades de elegantes construções, espreitando por entre florestas—Impressionantes paisagens—Francfort—Duas belas refeições—Pequeno almoço em Cassel—Almoço na gare do Hanover—Final da magnífica viagem, 276 a . . . . . 306
- Cap. XV—Um imenso pantano a meio do qual fica o nosso novo campo—Marcha a pé de 7

quilómetros, a caminho do campo de Fuchsberg — Dolorosa impressão — Nem um simples arbusto — Chegada ao campo, escorrendo em água e cobertos de poeira negra — Água que muda a cor dos cabelos! — Novas revistas brutalmente passadas — Comandante fêra — Fome, fome e fome — Colchões cheios de urze grossa — Os oficiais francezes existentes no campo recebem bolachas mandadas pelo seu governo — A sua comovedora gentileza, repartindo irinãmente com os seus camaradas portuguezes este valioso auxilio, 307 a . . .

334

Cap. XVI — Deixamos enfim Fuchsberg — A nossa alegria por este facto — E caminho de Hamburgo — O Wesser — A cidade de Bremen — Um pequeno almôço na sua estação de caminho de ferro — Hamburgo — Impressões desta cidade — Festa na gare do caminho de ferro, por efeito da partida dum contingente de soldados que marcharam para o *front* — Música, vivas e decorações — Inscrições patrióticas — O posto da Cruz Vermelha, onde fomos recebidos — A refeição que tivemos de ir receber à cozinha, regressando cada official de tigela na mão — Magnificas toalhas de rosto, feitas de papel — Embarque para Mecklenburg — O Campo de Bressen — Região de centeio — Officiais polacos existentes neste campo — A nossa instalação nas harracas — Deficientissima alimentação — Muita fome — Socorro dos Comitês — Alguns dias bem passados — Extravio de encomendas particulares, contendo géneros, 335 a . . . . .

382

Cap. XVIII — Procurando distrações — Aluga-se um piano e bilhar — A construção dum teatrinho — Ensaio e representação duma comédia do autor, «O amor na base do C. E. P.» — As noticias dos primeiros insucessos alemães — As propostas de paz da Alemanha — O armistício — Alegria delirante — Liberdades que nos são concedidas pelo comandante do Campo — Os nossos passeios e abusos — Compra de batata por sabão, camisas e calçado, para matar a fome — No campo já não havia que nos dar — O receio de não sermos repatriados senão depois de todos os prisioneiros francezes — É enviada uma commissão a Berlim — Suas conferências com as comissões britânica, franceza

e embaixador espanhol — Informações desanimadoras trazidas pela nossa comissão — Um telegrama do nosso ministro em Haya convidando-nos dissimuladamente a fugir da Alemanha para Hollanda — Começam evadindo-se alguns grupos com relativa facilidade — O autor acompanha também um desses grupos, 383 a . . . . . 406

Cap. XIX — Como teve lugar esta evasão — Receios do seu insucesso — Chegada á fronteira alemã — Grande satisfação — Anshiede, cidade da fronteira onde fizemos as nossas apresentações — Viagem para Haya — Apresentação na Legação portuguesa — As gentilezas do snr Antonio Bandeira — Os hoteis onde fomos hospedados — Visita aos museus e Palacio da Paz — Visita a um campo de soldados internados, onde estão 1:500 portugueses — Encontro de conhecidos que nos rodeiam — Um almoço na Cruz Vermelha — Embarque para Cherbargo — Apresentação no C. E. P. — Novo embarque para Portugal — A viagem — O nosso desembarque em Lisboa, 407 a . . . . . 430

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

O funeral do alferes Joaquim Simões Dias, descrito pelo snr. coronel Dioeceliano Martins. O discurso dêste á beira da sepultura do mesmo alferes, 431 a . . . . . 434

Relatório lido em assembleia geral dos officiaes portugueses, pelo tenente-coronel snr. João Carlos Craveiro Lopes, no seu regresso de Berlim com o capitão snr. Maçãs Fernandes, onde êstes officiaes haviam ido tratar do assunto do nosso repatriamento, facto a que se alude a páginas 389 do texto dêste livro, 435 a . . . . . 444

Impressões do tenente Delduque da Costa a propósito do depilatório a que se alude no capitulo XI dêste livro, 445 a . . . . . 447

O que, em simples conversa, foi contado ao autor por alguns officiaes de infantaria n.º 1, a propósito do esquecimento a que foi votado êste batalhão, por ocasião do *raid* alemão que contra êle foi dirigido na primeira noite da sua ida para as linhas, quando a 6.ª brigada foi substituir a 3.ª no sector de Fauquissart, 448 a . . . . . 449

## DOCUMENTOS

Capa dum dos folhetos em que o autor escreveu as suas notas . . . . .	453
Fac-simile da folha de um dos cadernos em que o autor escrevia as suas notas, tendo já o carimbo da censura alemã . . . . .	454
Frente do cartão contendo o termo de palavra de honra dado pelos officiais prisioneiros, por ocasião dos seus passeios para fóra do campo . . . . .	455
Verso do cartão . . . . .	456
O passaporte diplomatico do autor, passado pelo consul espanhol em Hamburgo . . . . .	457
Passaporte de licença fornecido aos officiais Craveiro Lopes e Maças Fernandes com o carimbo do conselho dos soldados . . . . .	458
Cartaz annunciando a representação da comédia do autor, no campo de Breesen . . . . .	459
Notas de exclusiva circulação dentro do campo de Fuchsberg (1 e 5 piennigs, correspondente a 2 e 10 centavos) . . . . .	460
Uma nota interessante, 461 a . . . . .	471



L  
41941

